

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

VALDINAR CUSTÓDIO FILHO

**MÚLTIPLOS FATORES, DISTINTAS INTERAÇÕES: ESMIUÇANDO O
CARÁTER HETEROGÊNEO DA REFERENCIAÇÃO**

FORTALEZA

2011

VALDINAR CUSTÓDIO FILHO

**MÚLTIPLOS FATORES, DISTINTAS INTERAÇÕES: ESMIUÇANDO O
CARÁTER HETEROGÊNEO DA REFERENCIAÇÃO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do grau de Doutor em Linguística.

Área de Concentração: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Orientadora: Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante

FORTALEZA

2011

VALDINAR CUSTÓDIO FILHO

MÚLTIPLOS FATORES, DISTINTAS INTERAÇÕES: ESMIUCANDO O CARÁTER
HETEROGÊNEO DA REFERENCIAÇÃO

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para a obtenção do grau de Doutor em Linguística. Área de concentração: Práticas Discursivas e Estratégias de Textualização.

Aprovada em 31/03/2011.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Silvana Maria Calixto Lima (1ª Examinadora)
Universidade Federal do Piauí - UFPI

Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa (2ª Examinadora)
Universidade Estadual do Ceará - UECE

Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias (3ª Examinadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura (4ª Examinadora)
Universidade Federal do Ceará - UFC

Profa. Dra. Edwiges Maria Morato (Suplente Externo)
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes Sousa (Suplente Interno)
Universidade Federal do Ceará – UFC

A meus pais, Valdinar e Lélia, que sempre me estimularam a gostar de aprender.

A minha esposa, Richeyla, com quem mais aprendi a partilhar.

A meu filho mais velho, Valdinar Neto, que cresceu junto com esta tese.

Às duas outras teses que desenvolvi nestes quatro anos: Danilo e Igor, meus segundo e terceiro filhos.

AGRADECIMENTOS

A minha esposa, Richeyla, por personificar a confiança na união, na perseverança e no esforço. Por partilhar sonhos, ouvir as angústias e comemorar as vitórias. Por saber o que priorizar. Por me fazer rir. Por me amar mais do que mereço.

Aos meus filhos, Valdinar Neto, Danilo e Igor, por preencherem a minha vida, ensinando-me a ser menos egoísta e lembrando-me do que verdadeiramente importa.

A meus pais, Valdinar (*in memoriam*) e Lélia, pela educação conscientemente cristã que propiciaram a mim e a meus irmãos. Pela liberdade a que acostumaram todos os filhos. Pelos incontáveis exemplos de generosidade, compromisso, honestidade e alegria.

A minha grande família estendida – irmãos (Adriano, Felipe e Mariana), cunhados, avó, sogros, tios e tias, primos e primas, sobrinhos e sobrinhas –, pelos necessários momentos de convivência e pelo interesse em meu crescimento.

A minha orientadora, professora doutora Mônica Magalhães Cavalcante, pela generosidade de todas as horas. Pelos conselhos acadêmicos e pessoais. Pelo genuíno interesse no crescimento de todos os orientandos. Pela prioridade maternal que nos dispensa. Pela crítica precisa e lúcida. Pela confiança na ousadia. Pela mistura de bom humor e responsabilidade. Pelo brilhantismo discreto. Pela harmonia de um “casamento acadêmico” que já dura sete anos e que ainda dará muitos frutos.

Aos professores amigos Nukácia Araújo, Aurea Zavam, Ana Célia Moura, Bôsko Luna e Aurora Costa, pelas inúmeras oportunidades que permitiram meu crescimento profissional. Pela aguçada atenção que dispensam à relação entre teoria e prática. Pela confiança em minha competência. Pela amizade fraterna erigida em torno dos trabalhos.

Aos colegas do Grupo Protexito (em especial, às amigas Mariza e Suelene), pelos produtivos diálogos e pela divertida convivência.

Às professoras que participaram das etapas de aprovação desta tese – Profa. Dra. Emília Maria Peixoto Farias, Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa, Profa. Dra. Ana Célia Clementino Moura e Profa. Dra. Silvana Maria Calixto Lima –, pelas relevantes contribuições para a qualidade da reflexão aqui empreendida.

À direção do Colégio Nossa Senhora das Graças, pela liberação (em muitos momentos) para que eu pudesse me dedicar à produção desta tese.

Às amigas do Colégio Nossa Senhora das Graças e do Colégio Master, pela dedicação na construção de um ambiente de trabalho sadio, pelas partilhas profissionais e pelo interesse no crescimento do grupo.

Aos tios Fernando e Mônica, pelo oferecimento para imprimir as cópias da tese.

Aos professores e colegas do curso de doutorado, por compartilharem conhecimentos e experiências.

À coordenação e aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFC, pela atenção com que tratam os alunos e pela eficiência com que resolvem nossas pendências acadêmicas.

Aos alunos do Curso de Graduação em Letras da UFC, por participarem do estudo-piloto desta tese, durante a disciplina de Estágio de Docência em Linguística II.

À comissão organizadora do Encontro Internacional de Texto e Cultura, pelo aprendizado administrativo proporcionado.

À colega Lívia Mesquita, pela ajuda na tradução dos textos em italiano.

À Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa (Funcap), pela bolsa de estudos fornecida durante os dois primeiros anos do meu curso de Doutorado.

*Eu quase que nada não sei. Mas
desconfio de muita coisa.*
(Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever a integração de múltiplos fatores para a construção da referência. Partindo da concepção de que a referenciação contempla o trabalho sociocognitivo empreendido pelos sujeitos para a construção dos objetos de discurso, defendemos que tal ação é realizada por meio de estratégias complexas, as quais não se limitam à presença ou ao valor dos sintagmas nominais que fazem parte da superfície textual. Como pressuposto teórico fundamental, elegemos o Sociocognitivismo, a partir do qual propomos um redimensionamento acerca das análises efetivadas em Linguística Textual. De um lado, sustentamos que os outros modos de enunciação, além do verbal, por fazerem parte da materialidade do texto, podem efetivar as mesmas estratégias normalmente descritas apenas com foco nas construções linguísticas. De outro, sugerimos que a reflexão sobre textos diferentes dos normalmente analisados pode fornecer novas propostas descritivas dos processos referenciais. Optamos por analisar, nesta tese, um conto completo e quatro episódios de um seriado de televisão, a fim de verificarmos como os elementos da materialidade, conjugados ao aparato contextual, promovem a apresentação e a reformulação dos objetos textualmente acionados. Partimos das ideias de que 1) o conteúdo verbal que participa da ação de referir não se limita às relações anafóricas entre expressões referenciais; 2) a materialidade textual analisada deve considerar o modo de enunciação visual, quando este fizer parte do texto; e 3) o processo de transformação dos referentes é mais discursivo que formal, por isso é constitutivamente não linear. A partir desses princípios aplicados à análise de nossa amostra, definimos quatro etapas gerais do processo de um referente: apresentação, acréscimo, correção e confirmação.

Palavras-chave: Referenciação. Sociocognitivismo. Multimodalidade. Recategorização. Texto.

ABSTRACT

This work aims to describe the integration of multiple factors for the construction of reference. We consider that referentiation is built by the social-cognitive work undertaken by individuals in order to establish objects of discourse. Thus, we argue that such action is carried out through complex strategies, which are not limited to the presence or value of nominal expressions that take part on textual surface. The fundamental theoretical background is the social-cognitive paradigm, from which we propose a new view on analysis taken by Text Linguistics researchers. On one hand, we sustain that other semiosis, besides the verbal one, once they are part of textual materiality, can accomplish the same strategies normally described with an exclusive focus on linguistic constructions. On the other hand, we suggest that observation of texts different from those usually analyzed could provide new proposals about the description of referential processes. We analyze, in this thesis, a complete short tale and four episodes of a TV series, in order to investigate how material elements, linked to context, promote the introduction and reformulation of objects built in texts. For such analysis, we elect three main assumptions: 1) the verbal content which takes part in referential processes is not limited to anaphoric relations between referential expressions; 2) image, when it is part of the text, must be considered as textual materiality to be analyzed; 3) the referent transformation is a process more discursive than formal; thus it is inherently not linear. Through the application of these principles to the analysis of our sample, we define four general steps of referentiation: presentation, addition, correction and confirmation.

Keywords: Referentiation. Sociocognitivism. Multimodality. Recategorization. Text.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 A PROPOSTA SOCIOCOGNITIVISTA	20
1.1 Conceitos fundamentais do Cognitismo tradicional	20
1.2 Teses defendidas pelo Sociocognitismo	24
<i>1.2.1 A corporificação da mente</i>	25
<i>1.2.2 A cognição em interação</i>	29
<i>1.2.3 A instabilidade do real</i>	33
1.3 Desafios colocados ao Sociocognitismo	43
1.4 Relações entre linguagem e sociocognição	47
2 O TEXTO SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVISTA	56
2.1 O objeto texto na atualidade	57
2.2 Os limites do (conceito de) texto: destaque para o não verbal	64
<i>2.2.1 A Gramática do Design Visual</i>	70
<i>2.2.2 A matriz da linguagem visual</i>	81
<i>2.2.3 Abordagem sociocognitiva da imagem no texto</i>	96
2.3 A operacionalização das análises em Linguística Textual: em favor da diversificação das situações de interação analisáveis	100
3 O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO: CONSENSOS E AVANÇOS	110
3.1 Os consensos: postulados da referenciação	110
<i>3.1.1 A instabilidade do real</i>	111
<i>3.1.2 O caráter dinâmico</i>	114
<i>3.1.3 A construção negociada</i>	115
<i>3.1.4 A natureza sociocognitiva</i>	119
<i>3.1.5 Os fatores de estabilização</i>	121
3.2 Os avanços: duas tendências em referenciação	125
<i>3.2.1 A primeira tendência</i>	125
<i>3.2.2 A segunda tendência</i>	139
3.2.2.1 A recategorização metafórica como resultante da conjunção de várias porções cotextuais	140
3.2.2.2 Expressões referenciais que retomam objetos de outro cotexto ---	144
3.2.2.3 Construção de referentes sem menção referencial	147

3.2.2.4 Práticas referenciais e multimodalidade -----	149
4 O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO: PRÓXIMOS PASSOS -----	153
4.1 Sobre a não-linearidade -----	153
4.2 Sobre a recategorização sem menção referencial -----	164
4.3 Sobre a multimodalidade -----	175
4.4 Sobre os tipos de interação -----	178
4.5 O caminho da pesquisa: orientação da análise a partir dos próximos passos -----	181
5 INTEGRAÇÃO DE MÚLTIPLOS FATORES PARA A CONSTRUÇÃO DA REFERÊNCIA: REDIMENSIONANDO O VERBAL E ACRESCENTANDO O IMAGÉTICO -----	186
5.1 Aspectos metodológicos -----	186
5.1.1 <i>Universo e amostra</i> -----	186
5.1.2 <i>Procedimentos de coleta</i> -----	189
5.1.3 <i>Categorias de análise</i> -----	190
5.1.4 <i>Procedimentos de análise</i> -----	193
5.1.5 <i>Tratamento dos dados</i> -----	193
5.2 Análise/discussão dos resultados -----	194
5.2.1 <i>Análise/discussão do conto</i> -----	196
5.2.2 <i>Análise/discussão do seriado</i> -----	219
CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	261
REFERÊNCIAS -----	267
APÊNDICES -----	276
Apêndice A: análise do conto -----	276
Apêndice B: análise do seriado -----	293

LISTA DE FIGURAS, GRÁFICOS E QUADROS

Figura 1 – Ilustração do fenômeno da “sombra colorida” -----	26
Figura 2 – César de acordo com a metáfora representacionista -----	39
Gráfico 1 – Relação entre percepção e referente -----	52
Gráfico 2 – A interação realidade / referente / língua / práxis -----	53
Gráfico 3 – Relações entre os referentes do trecho inicial do romance <i>The lost language of cranes</i> , de D. Leavitt, por Bonomi -----	174
Quadro 1 – Representação esquemática da classificação de Cavalcante (2003) para as expressões referenciais -----	133
Quadro 2 – Categorias de análise -----	191
Quadro 3 – Código das categorias utilizadas na análise do conto -----	197
Quadro 4 – Código das categorias utilizadas na análise do seriado -----	221

INTRODUÇÃO

A questão da referência sempre foi de grande relevância para as perspectivas teóricas (ressalte-se que não apenas dentro da Linguística) que se preocupam com a produção do sentido em suas relações com o signo linguístico e, muitas vezes, com o co(n)texto. Não poderia, portanto, ser diferente para a Linguística Textual (LT), disciplina que, grosso modo, investiga os sentidos como resultantes da produção e compreensão de textos. A temática da referência, de fato, fez-se presente desde os primórdios da disciplina, quando as análises transfrásticas procuravam dar conta, dentre outros aspectos, da relação anafórica correferencial.

Mesmo tendo sido relevante desde sempre para a LT (veja-se, por exemplo, a importância que a temática adquiriu para a explicação de fenômenos e regras atinentes à coerência e à coesão), a partir da última década do século XX o status da referência como objeto de pesquisa passou a ser ainda mais saliente, em virtude da explicitação do caráter cognitivo-discursivo do referente textualmente acionado. Tomando-se por base uma tomada de posição contrária à concepção representacional da linguagem (na qual a função da língua seria nada mais que exprimir objetivamente uma realidade posta), passa-se a postular que língua e realidade são instâncias constitutivamente instáveis, sendo a atividade de interação linguística um momento de construção de versões do real, mais que de representação fidedigna desse suposto real.

Assinalando-se o caráter “construtivista” da atividade de referir, é natural compreender tal construção como dependente de diversos fatores envolvidos na produção linguageira, dentre os quais podemos citar os papéis, as expectativas e os valores dos interlocutores. Logo, a atribuição de referência é um procedimento eminentemente discursivo-social, pois não se dá alheia à situação de comunicação, cujas características determinam os pontos de vista que incidirão sobre os objetos referidos. Tal pressuposto, que coloca definitivamente a referência como ligada à esfera social, possibilitou que a LT teorizasse com bastante propriedade sobre a natureza discursiva do ato de referir, o que não foi feito de maneira sistemática por outras perspectivas que se abrigam sob o paradigma da enunciação.

Os esforços para encarar a referência sob esse novo enfoque necessitaram de uma nomenclatura que contemplasse as mudanças sugeridas. Por isso é que hoje se fala em *referenciação* (MONDADA & DUBOIS, [1995] 2003), termo que procura denotar o caráter dinâmico embutido no processo de referir. Destaca-se, assim, a ideia de que os sujeitos se

envolvem ativamente em interações linguísticas para apresentar (re)elaborações de suas percepções do mundo, ou seja, os sujeitos estão indiscutivelmente envolvidos na ação de referir.

Se tal ação é inerentemente social, não podemos desconsiderar que a atividade é também cognitiva, visto que a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar intelectivamente os textos que produzem e compreendem. Pode-se dizer, assim, que o processamento referencial é estratégico, no sentido de que os interlocutores selecionam formas de atuar dentro da dinâmica textual-discursiva, utilizando para tanto o conhecimento (em algum nível) proveniente de sua “bagagem” mental.

Portanto, não é nada inusitado que os estudos sobre a referência tenham destaque em LT, já que a ênfase na natureza sociocognitiva do fenômeno o relaciona ao momento atual da disciplina, de forte tendência sociocognitivista (KOCH, 2003, 2004). É dentro desta área de estudos que encontramos mais pesquisas voltadas para o propósito de explicar com mais profundidade a produção de sentidos via atividade referencial.

No estágio inicial dos estudos sobre referenciação, alguns trabalhos procuraram fornecer um quadro discriminatório dos diferentes tipos de expressões referenciais, principalmente no que toca ao seu papel na continuidade e na progressão textual. Nessa fase, a elaboração de propostas classificatórias para as diversas formas e estratégias de referenciação, além de propor quadros descritivos, tinha a intenção de orientar a operacionalização para o tratamento metodológico de outras pesquisas na área. Além dessas pesquisas de cunho mais geral, há aquelas que se preocupam em analisar um tipo específico de construção referencial, como a anáfora indireta, a anáfora recategorizadora, o encapsulamento (incluindo a rotulação metadiscursiva) e o dêitico referencial. Em muitos desses estudos, também se vê a preocupação em propor tipologias.

Creemos ser possível identificar, nesses trabalhos, dois objetivos de ordem geral: 1) descrever as estratégias referenciais a partir de um aparato explicativo que dê conta do caráter sociocognitivo da produção de objetos de discurso, do que surgem as propostas classificatórias (necessárias para a sistematização do conhecimento produzido); e 2) confirmar, empiricamente, o pressuposto de que as expressões referenciais são resultantes de escolhas, motivadas, dos enunciadores; em outras palavras, trata-se de esclarecer as motivações, pertinentes para o produtor de textos, que concorrem para a escolha de expressões que representem os referentes textuais pretendidos.

Em trabalhos dessa natureza, o que percebemos, e não poderia ser diferente, é que o material analisado focaliza a expressão referencial e sua relação com o continente verbal

circundante, ou seja, a relação entre uma determinada expressão referencial (acionada a partir de uma certa estratégia referencial) e outra(s) porção(ões) do texto (oral ou escrito) em que tal expressão se encontra. É lógico que, nestes estudos, a relação a que aludimos não se limita meramente a uma ligação correferencial cotextual; ela pode, ainda, dar conta da ligação entre uma anáfora indireta e suas âncoras, da ligação entre um termo encapsulador e a porção encapsulada, da natureza dêitico-textual de certas expressões, das possibilidades de introdução referencial dependentes do grau de acessibilidade do objeto de discurso a ser referido... Além disso, entra na relação todo o conjunto de informações cognitivamente acionadas pelo texto para que os sentidos sejam construídos.

Percebemos, no entanto, que, recentemente, há uma preocupação em se demonstrar a atividade referencial como decorrente de aspectos que vão além dos envolvidos na relação (mais pontual) expressão referencial/continente verbal que a engloba. Algumas ponderações interessantes advindas de tais estudos são as seguintes:

- Muitas ocorrências de recategorizações metafóricas não podem ser explicadas adequadamente apenas a partir de uma estrita correlação entre termo antecedente e termo recategorizado (LEITE, 2007a, 2007b; LIMA, 2007). Nestes casos, é preciso levar em conta, para a efetiva interpretação da expressão recategorizadora, várias porções textuais, que desencadeiam um conjunto de informações conceituais não-verbalizadas na superfície cotextual. Saliente-se que a natureza dessas informações vai além de associações dentro de um campo semântico ou mesmo de relações estabelecidas por conhecimento de *scripts*, *frames* ou cenários;
- Em contextos de interação entre membros de uma lista de discussão da internet, percebe-se a ocorrência de expressões referenciais que retomam elementos linguísticos exteriores ao cotexto em que se localizam (COSTA, 2007). Tal fenômeno parece indicar que a retomada é uma estratégia textual que não se aplica apenas aos casos de anáfora;
- A construção da referência não se manifesta apenas a partir do material linguístico do texto, mas também por meio de outros elementos de superfície que podem fazer parte da interação linguística, como os gestos, as expressões faciais, as manifestações pictóricas (MONDADA, 2005). Definitivamente, a ação de referir não pode ser encarada apenas no espectro da relação entre expressão referencial e elementos linguísticos cotextuais; ela pode se efetivar, em muitas situações, por meio de práticas multimodais.

Longe de querer negar a pertinência dos trabalhos anteriores, as inovações apontadas nos dizem que o universo teórico aberto pela proposta da referenciação é bem mais amplo do que se pensava inicialmente. E tal constatação pode ser considerada como um desdobramento esperado das investigações na área. Uma vez que referir é, também, dar sentido, fatalmente teríamos de ser levados a reconhecer que a constituição do sentido envolve “muitas coisas”. Essas muitas coisas entraram indubitavelmente na agenda dos estudos sobre referenciação e, embora não exclusivamente, já dão a tônica de como serão as investigações futuras.

Os trabalhos mencionados até aqui, mesmo os mais recentes, assumem/reafirmam a necessidade de a construção referencial se pautar pelo uso de expressões nominais. Contudo, começa a ganhar força a tese de que a referência pode ser estabelecida sem que haja necessariamente a menção referencial (CAVALCANTE, no prelo). Defende-se que os pressupostos atualmente assumidos pela Linguística Textual, os quais se fundamentam a partir de perspectivas diversas – tais como as teorias do discurso, a Pragmática e as teorias da cognição –, falam em favor do texto como um objeto dinâmico e multifacetado. Assumir essa dimensão requer que se assumam, também, a complexidade das estratégias textual-discursivas; logo, é preciso encarar a referenciação como um fenômeno sociocognitivo-discursivo – extremamente complexo e passível de manifestações múltiplas. Isso implica compreender que a emergência de um referente no texto pode ser estabelecida a partir de relações interpretativas que prescindem da expressão referencial.

O panorama que delineamos mostra que a proposta teórica da referenciação vem progredindo com vistas a tornar cada vez mais coerente e produtiva a relação entre pressupostos assumidos e fenômenos analisados (ou analisáveis). Esse movimento epistemológico propõe explicações que levem em conta as inúmeras relações estabelecidas entre os diversos estratos do texto. As investigações vêm, então, possibilitando a construção de um terreno bastante propício para se investir em estudos que redimensionem o arcabouço teórico da referenciação, para fortalecer, cada vez mais, o caráter constitutivamente heterogêneo do fenômeno.

É com esse espírito em mente que destacamos algumas lacunas, as quais nos dispusemos a explorar, com o intuito de suscitar reflexões e sugerir reformulações teóricas que possam contribuir para o avanço nas pesquisas. Enfatizamos as seguintes questões:

- 1) Já mencionamos que a construção da referência pode ocorrer sem a menção referencial. Paralelamente, hoje ganha cada vez mais espaço o conceito de texto como algo não exclusivamente verbal. Esse conceito, contudo, ainda não foi levado para o estudo da

referenciação. Há, então, a necessidade de uma investigação que relacione práticas multimodais e processos referenciais.

Creemos que a inclusão da multimodalidade nos estudos sobre referenciação está fortemente relacionada à ideia de referência sem menção referencial, já que esse postulado se garante pelo peso que confere aos fatores extralinguísticos das interações. Percebemos o ineditismo da temática na medida em que, nas considerações feitas sobre a participação desses fatores na construção dos referentes, ainda não se refletiu aprofundadamente acerca da interferência dos modos de enunciação não verbais em tal processo.

2) Até o momento, os estudos em referenciação, de maneira geral, tomam como base análises que levam em conta apenas uma determinada situação de interação e um determinado tamanho de texto: a leitura (ou, em menor número, a escuta) de textos “curtos” que se encerra “de uma vez só”. As situações consideradas para investigação são aquelas em que o contato do interlocutor com o texto se inicia e se completa num intervalo de tempo ininterrupto, normalmente curto. Dessa forma, os textos costumeiramente analisados são os pertencentes aos gêneros notícia, artigo de opinião, anúncio publicitário, carta pessoal e outros cuja configuração (e tamanho) possibilite um contato que comece e termine sem que haja interrupções. As considerações sobre as estratégias referenciais vistas sob a ótica do paradigma sociocognitivista, que alça a interação a um lugar de destaque, são feitas quase que exclusivamente com base em situações desse tipo.

Para uma disciplina que assume a dinamicidade e a heterogeneidade das situações de interação, pouco se faz (pelo menos no que tange à investigação dos processos referenciais) para analisar situações diferentes das acima mencionadas. Não se considera o estudo das estratégias referenciais acionadas quando se tem contato com textos mais longos. Não se investiga, por exemplo, que expedientes são acionados para se construir os referentes de um artigo acadêmico ou de um filme. Igualmente, não se analisam textos (escritos ou orais) que solicitam uma interação “interrompida” (por exemplo, a leitura de um romance ou de uma tese acadêmica, o acompanhamento de uma telenovela ou de um seriado de televisão). As situações descritas, que poderíamos nomear, genericamente, de situações de interação longa e/ou interrupta, deveriam ganhar destaque nas pesquisas, haja vista responderem por um número considerável de interações do cotidiano dos indivíduos.

É possível supor que, em tais situações, os procedimentos de construção da referência podem ser diferentes porque a experiência do interlocutor com tais textos é definitivamente diferente. Tanto o tamanho do texto quanto a maneira como se interage com ele devem promover um trabalho cognitivo que, por exemplo, não se firme na garantia de que todas as

menções prévias a um referente sejam plenamente identificadas para o estabelecimento de recategorizações. Para saber se e como isso ocorre, é preciso investigar situações de interação diferentes.

Desenvolvemos nossa pesquisa de doutorado a partir, principalmente, das duas lacunas apontadas. Nossa contribuição se garante na medida em que o quadro investigativo por nós estabelecido coloca em evidência os procedimentos necessários para a construção de referentes cuja manifestação seja “difusa” no espaço e no tempo. A descrição de tais procedimentos, confrontada com as descrições de estratégias fartamente discutidas na literatura especializada, sugere avanços sobre o entendimento das diversas possibilidades de construção referencial.

O objetivo geral desta tese é o de investigar a participação de múltiplos fatores, linguísticos e extralinguísticos, na elaboração cognitivo-discursiva dos objetos de discurso. Nossa hipótese básica é a de que a transformação por que passa um referente ao longo do texto é um processo complexo de integração entre elementos da superfície textual (tanto os linguísticos quanto os pertencentes a outros modos de enunciação) e destes com elementos de outras esferas da interação, relacionados ao contexto circunstancial e discursivo e ao processamento cognitivo.

Tal hipótese básica subsidia duas importantes considerações: 1) a complexidade do processamento referencial fala em favor de um trabalho que ultrapasse a exclusividade de recursos verbais específicos, suficientes e necessários para a construção do referente (nesse sentido, é possível investir na produtividade da descrição do fenômeno referencial como não atrelado, necessariamente, ao uso de sintagmas nominais); 2) a atenção às diferentes formas de integração dos elementos participantes da referenciação permite o reconhecimento de estratégias discursivo-cognitivas pouco esclarecidas ou até então desconsideradas nas análises, as quais pretendemos começar a descrever; embutida nessa descrição, encontra-se a necessidade de uma discussão sobre os princípios norteadores de propostas classificatórias.

Os objetivos específicos de nossa tese incidem sobre as questões mais pormenorizadas dos aspectos presentes nas lacunas apontadas. Em relação aos elementos não verbais dos textos multimodais, pretendemos analisar o papel das imagens na construção da referência; nossa hipótese é a de que os recursos imagéticos de um texto podem ocupar o mesmo papel que o normalmente imputado às expressões referenciais, de maneira que eles também seriam responsáveis pela instauração de um referente, bem como por eventuais recategorizações desse referente.

No que toca às situações de interação, pretendemos investigar as particularidades da referenciação quando os textos analisados são mais longos e/ou são “experimentados” interruptamente. A hipótese é a de que esse tipo de interação configura uma integração entre as partes do texto (incluindo, quando for o caso, a imagem), a partir do que se obtém um “conteúdo cognitivamente elaborado”, caracterizado por estabelecer etapas da elaboração referencial responsáveis pela progressão textual. As evidências em favor de tal sugestão relativizam a importância da explicitação da expressão referencial na construção da referência, o que vai de encontro ao que a literatura especializada tem reiterado, com suas investigações sobre as situações de interação comumente consideradas.

Nossa investigação toma por base a análise dos procedimentos para a construção de referentes em um texto escrito (um conto longo) e em textos audiovisuais (quatro episódios de um seriado de televisão). Os textos foram analisados por nós, tendo como foco a descrição das estratégias envolvidas no processo e a reflexão sobre os procedimentos operacionais que aventamos como essenciais. Promovemos um tratamento qualitativo com base em categorias que contemplem tanto o plano verbal quanto (quando for o caso) o plano imagético dos textos, indicando como esses modos de enunciação estão imbricadas na construção da referência.

O trabalho está dividido em cinco capítulos. Os três primeiros, com os pressupostos teóricos, foram organizados a partir da ideia de que a proposta da referenciação só pode ser plenamente compreendida se incluída num panorama mais amplo, em que se percebam as relações entre este fenômeno, o(s) conceito(s) de texto e o paradigma sociocognitivista. Estas três esferas estão intimamente ligadas, de modo que uma depende da outra para se definir.

O capítulo 1 versa sobre o Sociocognitivismo; procuramos definir essa proposta teórica afunilando a discussão para a necessidade de a Linguística Textual lidar com a cognição e refletindo sobre os motivos que levam a disciplina a escolher o Sociocognitivismo como pressuposto basilar.

O capítulo 2 trata dos conceitos de texto; apresentamos as características de texto decorrentes do “olhar” sociocognitivista, com o intuito maior de destacar a necessidade de rediscutir as concepções frente à evidência de fenômenos textual-discursivos que não podem ser devidamente explicados se constrangidos ao quadro analítico esboçado na atualidade.

O capítulo 3 é dedicado ao que se tem estabelecido sobre a referenciação; expomos os postulados da proposta e, em seguida, propomos a distinção entre duas tendências dos estudos, com base no foco que cada uma elege.

Nos capítulos 4 e 5, apresentamos nossas contribuições ao fenômeno em estudo. No quarto capítulo, propomos, como acréscimo aos postulados da referenciação, alguns complementos relacionados às tarefas que pretendemos realizar, no que diz respeito tanto ao que foi destacado no capítulo 2 (a saber: a emergência da multimodalidade como aspecto da textualidade e a questão dos tipos de interação investigáveis, em suas relações com a anáfora) quanto a traços da recategorização (apresentados no capítulo 3), que carecem de uma descrição mais acurada (a saber: o caráter não linear e a não necessidade das menções referenciais).

No quinto capítulo, descrevemos os aspectos metodológicos utilizados em nossa investigação, seguidos da análise das estratégias referenciais ativadas para a construção de referentes dos textos analisados, as quais são discutidas à luz do que advogamos como característico da segunda tendência dos estudos em referenciação.

Desejamos que, ao final da trajetória, tenhamos fornecido contribuições preciosas para o entendimento do texto como um construto cultural a partir do qual se dão os sentidos. Trata-se de uma reflexão absolutamente necessária para consolidar o caráter extremamente relevante que a Linguística Textual assume dentro das perspectivas teóricas enunciativas, bem como dentro da teoria linguística como um todo.

1 A PROPOSTA SOCIOCOGNITIVISTA

*Uma coisa é pôr ideias arranjadas,
outra é lidar com país de pessoas, de
carne e sangue, de mil-e-tantas misérias*
(Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*)

Neste capítulo, discorreremos sobre o Sociocognitivismo. Iniciamos com uma breve exposição do Cognitivismo tradicional, para que se compreenda a emergência do Sociocognitivismo como uma das tentativas de fornecer outros caminhos para o estudo do processamento mental. Em seguida, apresentamos as características principais dessa proposta: integração entre mente e corpo, destaque para a interação, relativização da realidade. Continuamos nossa exposição enfocando os desafios enfrentados pelo Sociocognitivismo para que se mantenha como proposta viável de elucidação das relações entre mente e sociedade, o que se relaciona à discussão sobre a necessidade de adequar tal proposta aos moldes de outros que estudam os mesmos fenômenos. Ao final, discutimos a relação entre teorias cognitivas e teorias da linguagem, destacando as razões para que a Linguística Textual eleja o Sociocognitivismo como princípio central.

1.1 Conceitos fundamentais do Cognitivismo tradicional

As ciências cognitivas têm como objeto de estudo o conhecimento e conteúdos correlatos, tais como aprendizagem, inteligência, memória e pensamento. *Grosso modo*, pode-se dizer que a preocupação maior das pesquisas reside na natureza do conhecimento – o que é e quais são seus tipos – e no “caminho” do conhecimento – como ele é adquirido, como é armazenado, como é ativado quando necessário.

A ideia que aqui será detalhada é a de que o Sociocognitivismo se coloca como uma proposta, ainda não solidificada, que compreende o tratamento do conhecimento de forma peculiar. Para entender as especificidades da proposta, é necessário conhecer, pelo menos em linhas gerais, as características do que se convencionou chamar Cognitivismo clássico, a fim de que fique claro o contraste entre essas duas formas de conceber o processo do conhecer.

Frawley (2000, p. 42) diz que a questão fundamental sobre os estudos da mente seria o conhecido problema de Platão: “De que forma sabemos tanto a partir de tão pouco? O que faz com que o *lado interno* de nossas mentes seja tão pleno e sistemático enquanto nossos *lados*

externos são tão heterogêneos?” (grifos do autor). O autor mostra que, embora haja outras possibilidades de resposta para o problema de Platão¹, a ciência cognitiva (clássica) trabalha com a resposta dada pelo filósofo grego: “nós somos equipados com um sistema interno de verdades universais implantadas em nossa razão a partir da exposição ao mundo de formas puras e ideais” (FRAWLEY, 2000, p. 42). O caminho traçado pelo Cognitismo clássico, a partir da tese de Platão, considera, então, que “A mente é uma máquina virtual geneticamente disposta” e que “Pensar é a manipulação algorítmica de objetos formais sobre os preceitos da lógica” (FRAWLEY, 2000, p. 43).

Essas duas ideias centrais formulam a base do paradigma cognitivista clássico, cujo arcabouço operacional pode ser resumido (a partir de KOCH & CUNHA-LIMA, 2005) da seguinte maneira: o conhecimento armazenado na mente é representado por símbolos manipuláveis a partir de operações lógico-rationais; essas operações podem ser formalizadas, o que implica a possibilidade de elaboração de modelos razoavelmente precisos sobre como o conhecimento é processado; de posse desses modelos, é possível simular as mesmas operações em uma máquina; então, é “possível reproduzir o comportamento inteligente humano a partir da especificação e reprodução de cada uma de suas etapas em máquinas” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005, p. 266).

A possibilidade de uma máquina reproduzir a inteligência humana pode parecer ingênua para quem assume a complexidade dos atos (e, conseqüentemente, da inteligência necessária para a realização de tais atos) em que os seres humanos estão envolvidos. Essa é, de fato, uma constatação tão relevante que serviu como crítica fundamental para o declínio² do Cognitismo clássico como proposta hegemônica. O fracasso em fazer com que máquinas

¹ As respostas seriam contestações ao problema original: poder-se-ia alegar que, na verdade, nós não sabemos tanto assim; ou, ainda, que os dados a partir dos quais nós adquirimos conhecimento não são tão poucos como diz Platão.

² A leitura dos trabalhos que se opõem ao Cognitismo clássico mostra que, como nas demais situações em que uma proposta pretende suplantar outra, há um movimento retórico de desvalorização que decreta a “morte” da proposta a ser vencida. Isso é evidente, por exemplo, em Lakoff (1987a, p. xvi) e nos trabalhos de Maturana (e colaboradores) citados posteriormente neste capítulo. Embora concordemos com os posicionamentos assumidos pelos defensores de uma proposta de cognição menos amarrada ao objetivismo racionalista, reconhecemos que esse objetivismo ainda goza de prestígio (ver FRAWLEY, 2000, e FRANÇOSOS & ALBANO, 2005) e que alguns resultados das pesquisas trouxeram notáveis benefícios (por exemplo, os avanços na automação de algumas tarefas oriundos das pesquisas em Inteligência Artificial – ver KOCH & CUNHA-LIMA, 2005, p. 269). Talvez um movimento de síntese entre as duas posições (o qual FRAWLEY, 2000, propõe) tenha muito a contribuir para nosso entendimento futuro sobre a temática.

executassem ações humanas inteligentes básicas, como, por exemplo, interpretar uma frase, provocou fortes abalos na teoria³.

Na verdade, a ingenuidade a que aludimos é apenas suposta, já que a teoria cognitivista clássica, como vimos, foi erigida sob princípios filosóficos sólidos. Considerando-se, no que toca à explicação do conhecimento, que a ciência cognitiva surgiu como proposta concorrente ao Behaviorismo, a necessidade de refutar o determinismo do meio sobre o comportamento exigiu uma perspectiva de exclusão dos aspectos sociais. Nesse contexto, uma decisão teórica necessária para o desenvolvimento dos modelos foi a radical separação entre mente e corpo.

Em Koch & Cunha-Lima (2005), vemos que a separação entre mente e corpo foi o artifício necessário para que a ciência moderna justificasse a possibilidade de o pensamento racional permitir o desvendamento da verdade. Em princípio, frente à natureza multifragmentada da realidade, frente à enorme quantidade de estímulos contraditórios entre si, não haveria como a mente organizar o conhecimento (confiável e verdadeiro) se ela não operasse num plano diferente do corpo. Haveria, então, na mente, um conjunto de procedimentos lógico-matemáticos que garantiriam/facilitariam a necessária regularidade para armazenar o conhecimento. No dizer das autoras (2005, p. 259),

O homem seria, então, acima de tudo, um animal racional, e o que temos de mais precioso é a razão, chave para desvendar o mundo, a despeito das imperfeições dos sentidos e da interferência de elementos mais “baixos” de nossa natureza, que seriam “interferências da matéria”, como emoções e instintos.

No panorama delineado, vê-se, então, que a organização lógico-racional da mente capacita os seres humanos a apreender a objetividade do mundo que os cerca, de forma que a percepção individual (sujeita a muitas variações e por isso mesmo imperfeita) não atrapalha o processo. Isso é possível a partir da crença de que a mente “formaliza”, por meio de símbolos, o conhecimento, ou seja, a mente efetiva um tratamento representacional bastante eficaz, que filtraria o que realmente importa saber a fim de aprender.

³ França & Albano (2005) mostram como o Cognitivism clássico vem tentando adequar sua agenda de pesquisas às críticas que recebe. Segundo os autores, essas adequações advêm tanto de enxertos ao núcleo duro do programa (como a inserção de valores estatísticos associados aos símbolos) quanto de alterações de suas teses basilares (como a consideração da abordagem conexionista do símbolo). Os autores acreditam que uma marca permanece em todas as versões da teoria: o formalismo, que “inculcou um rigor sem precedente nessas ciências [cognitivistas], estabelecendo padrões que os programas rivais devem procurar alcançar” (p. 308).

Um exemplo básico (e clássico) de como se efetua a formalização em linguagem pode ser obtido a partir da análise de silogismos. Oliveira (2006, p. 20) utiliza o muito citado exemplo de Aristóteles:

- (1) Todo homem é mortal.
 João é homem.
 Logo, João é mortal.

Da relação acima, depreende-se uma lei (que funciona independentemente do significado de “homem” e “mortal”): “se A é um conjunto qualquer que está contido em outro conjunto qualquer, o conjunto B , e se c é um elemento do conjunto A , então, c é um elemento do conjunto B ” (OLIVEIRA, 2006, p. 20). Esse raciocínio pode ser formalizado a partir da representação em (2).

- (2) A está contido em B .
 c pertence a A .
 Logo, c pertence a B .

Essa seria, portanto, uma forma lógica de representar o conhecimento a partir da linguagem. A tese cognitivista clássica defende que são regras desse tipo (evidentemente, muitas delas mais complexas que o exemplo apresentado) que coordenam o pensamento voltado para o conhecer. A mente, portanto, seria uma máquina eficiente em representar o conhecimento a partir de regras lógicas aplicadas sobre o substrato linguístico.

Ora, se a mente trabalha computando dados⁴, e se o desenvolvimento tecnológico do século XX avançou de tal maneira que permitiu a criação de máquinas bastante eficazes em computar, nada mais óbvio que simular o funcionamento da mente humana em computadores⁵. Esse foi (e ainda é) o grande projeto dos que assumiram o paradigma cognitivista tradicional. A simulação da inteligência humana em máquinas, ao mesmo tempo em que olha para trás – pois confirma a hipótese de trabalho de que a mente opera simbolicamente, solidificando a pertinência da abordagem adotada –, olha também para frente – pois fornece dados preciosos para se entender o processamento do conhecimento, do que advêm aplicações relevantes, por exemplo, para as áreas que lidam com a aprendizagem.

⁴ “a computação toma a matéria real (sinais) que representa coisas (tipos verdadeiros/falsos), arranja e rearranja essa matéria real de maneira eficaz com base apenas em considerações estruturais e produz uma matéria real que também representa coisas” (FRAWLEY, 2000, p. 79).

⁵ Lakoff (1987b, p. 8) chama essa ideia de metáfora da “mente como computador” (“mind-as-computer”), a qual, segundo o autor, goza de prestígio não apenas na ciência da Computação e na Psicologia Cognitiva, mas também na cultura em geral.

A visão perfeita advinda de tal quadro tem um alcance diminuído quando se conhecem as críticas feitas ao paradigma cognitivista clássico. Além das críticas mais “amenas”, que giram em torno da “qualidade” da simbolização operada na mente, há as críticas realmente contundentes, as quais incidem sobre os pressupostos básicos da proposta. Essas críticas mais “profundas” indicam, muitas vezes implicitamente, a inadequação do projeto clássico e propõem novas formas de conceber a teorização sobre o conhecimento. Dentre estas, vem ganhando destaque, cada vez mais, o Sociocognitivismo. Passemos, então, à próxima seção, para conhecermos as principais teses dessa proposta.

1.2 Teses defendidas pelo Sociocognitivismo

Podemos resumir as críticas ao Cognitivismo clássico em três negações gerais:

- 1) mente e corpo não estão separados;
- 2) o funcionamento da mente não ocorre isolado do meio;
- 3) a realidade a ser conhecida não é objetiva ou homogênea.

Cada uma dessas negações exige afirmações que a substituam (todas, aliás, fortemente inter-relacionadas e responsáveis pela “criação” umas das outras), a saber:

- 1) mente e corpo atuam num *continuum*, de modo que “os aspectos motores e perceptuais bem como as formas de raciocínio abstrato são todos de natureza semelhante e profundamente inter-relacionados” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005, p. 275);
- 2) as atividades cognitivas ocorrem em forte interação com o meio, já que “nada ocorre em um ser vivo se não se dá com ele uma história de interações na qual este se realize em uma epigênese⁶ particular” (MATURANA & GARCÍA, 1998, p. 53);
- 3) a realidade é constitutivamente instável, “fabricada”, no dizer de Blikstein (2003), para quem “a nossa percepção não é ‘ingênua’ ou ‘pura’, mas está condicionada a um sistema de crenças e estratégias perceptuais” (p. 50-51).

⁶ “a epigênese de um organismo é um processo de contínua mudança estrutural que segue um curso em contínua congruência com as mudanças estruturais do meio [...] isto ocorre de maneira que as mudanças condutuais do organismo surgem como resultado de sua história de interações associadas a tal mudança estrutural” (MATURANA, 1998a, p. 41-42).

Esses pressupostos demandam novas perguntas e geram novas tentativas de respostas para as questões envolvendo conhecimento, realidade e linguagem. Facilmente se percebe que tudo o que era indesejado no paradigma cognitivista clássico, porque gerava confusão, passa a ser, na visão sociocognitivista (e também em outras propostas contrárias ao cognitivismo clássico), constitutivo dos fenômenos, em virtude de a “confusão” ser passível de explicações coerentes, merecedoras de crédito⁷. Aliás, a dita “confusão” não só é tratável cientificamente⁸ como é absolutamente relevante para a compreensão mais produtiva dos fenômenos da cognição⁹.

Vejam, então, como cada uma dessas teses se estabeleceu como proposta plausível para preencher os espaços que demandaram para si.

1.2.1 A corporificação da mente

O isolamento da mente e do corpo, como vimos, foi um recorte necessário para que o Cognitivismo clássico pudesse operacionalizar suas pesquisas, que focalizam o caráter simbólico da inteligência humana. Contudo, a argumentação dos pesquisadores dispostos a negar o paradigma clássico mostra numerosos exemplos que contrariam a premissa da separação em favor da noção de que mente e corpo, no que toca à aquisição e ao processamento do conhecimento (e também a outras esferas), são inerentemente ligados em um *continuum*.

Se assim o é, então, “os sistemas perceptuais e motores [da alçada do corpo] são fundamentais para o desenvolvimento de vários tipos de conceitos e de toda vida cognitiva em geral [da alçada da mente]” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005, p. 275). Os acréscimos nossos à citação deixam claro que falar em não separação entre mente e corpo não implica aceitar que essas duas instâncias sejam equivalentes (a não ser, talvez, numa versão mais radical da

⁷ A tese da “imperfeição dos dados” seria, segundo Frawley (2000), um dos pontos passíveis de revisão no Cognitivismo clássico, se os teóricos dessa perspectiva conhecessem a proposta de “internalização dos aspectos sociais”, defendida por Vygotsky.

⁸ Lakoff (1987b, p. 11), em defesa da Semântica Cognitiva, diz que, nos estudos empíricos sobre categorização humana, “O resultado não é o caos, mas uma perspectiva expandida da razão humana, a qual, de maneira alguma, requer imprecisão ou vagueza na pesquisa científica” / “The result is not chaos, but an expanded perspective on human reason, one which by no means requires imprecision or vagueness in scientific inquiry”.

⁹ Nesse sentido, é exemplar o comentário de Salomão (1999, p. 66) ao criticar o fazer científico do Estruturalismo e do Gerativismo, que, por motivos diferentes, excluem da teorização sobre a linguagem o aparato social: “aquilo que parece excepcional (a contribuição da informação extralinguística) instala-se no próprio coração do processo de interpretação da linguagem”.

tese). Mente e corpo respondem por processos diferentes, que, no entanto, estão absolutamente interligados.

Entre os exemplos mais conhecidos a respeito da interferência dos sistemas perceptuais no processamento cognitivo, destacam-se as pesquisas sobre como as cores são conceituadas. A ideia central é a de que a visão (sistema perceptual relacionado ao corpo) participa de diferentes formas de interação que interferem na maneira como a mente passa a conhecer as cores. Num nível bastante elementar, confirmam essa hipótese o conhecimento que temos de que as diferentes espécies animais têm sistemas diferentes para distinguir as cores, e a situação corriqueira de discussão, entre duas ou mais pessoas, sobre a cor de um determinado objeto (o mar, por exemplo, seria azul ou verde?). Dessa forma,

Não se pode dizer que a cor verdadeira de um objeto é aquela que o ser humano percebe quando a vê, nem que a cor verdadeira é a que o inseto, por exemplo, é capaz de perceber. Os objetos não têm uma cor verdadeira, as cores não estão lá, no objeto, resultam da sua relação com os organismos que os percebem (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005, p. 276).

Maturana & Varela (1998), no início da obra que é “um tipo de convite para refrear o hábito de cair na tentação da certeza”¹⁰ (p. 18), tratam da percepção das cores como um dos exemplos mais característicos para confirmar a (inter)subjetividade da atividade cognitiva. Para isso, eles partem de duas constatações bem simples. A primeira delas reside no fenômeno das “sombras coloridas”, conforme se vê na figura 1.

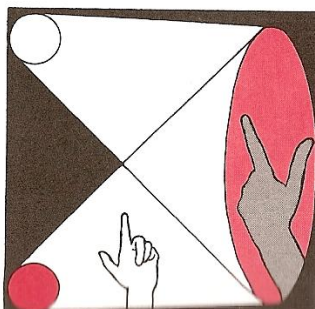


Figura 1 – Ilustração do fenômeno da “sombra colorida” (MATURANA & VARELA, 1998, p. 21).

Colocam-se duas fontes de luz numa dada posição, de modo que elas incidam numa superfície – uma parede, por exemplo; uma das fontes contém um papel celofane vermelho na

¹⁰ Tradução livre para “a sort of invitation to refrain from the habit of falling into the temptation of certainty”. Optamos, nesta tese, por apresentar as citações de obras estrangeiras traduzidas no corpo do texto, reproduzindo o trecho original em notas de rodapé. Registramos que, nas próximas notas, quando não houver menção do tradutor, a tradução é de nossa responsabilidade.

saída; posicionando-se um objeto à frente da fonte “vermelha”, observa-se que a sombra refletida na parede apresenta uma cor verde-azulada¹¹.

O interessante dessa situação é que a cor verde-azulada aparece sem que haja um motivo “coerente” para tal: a expectativa seria de que aparecessem cores relacionadas ao espectro de mistura que vai do vermelho ao branco. A primeira tentativa de explicar a ocorrência da cor “estranha” residiria em buscar uma causa externa: “Nós somos acostumados a pensar que a cor é uma qualidade dos objetos e da luz que eles refletem. Então, se eu vejo verde, deve ser porque uma luz verde está atingindo meu olho, isto é, uma luz com um certo comprimento de onda”¹² (MATURANA & VARELA, 1998, p. 21). A explicação é improcedente na medida em que não se evidencia qualquer predominância de comprimentos de onda verde ou azul na sombra projetada, mas apenas os comprimentos próprios da luz branca.

A segunda constatação apresentada pelos autores, para confirmar que a percepção de cores é independente do comprimento de onda da luz que incide sobre um objeto, parte de uma situação ainda mais corriqueira que a das sombras coloridas. Uma laranja, por exemplo, vista dentro de uma sala iluminada por uma lâmpada fluorescente e vista a céu aberto iluminada pelo sol, continua sendo percebida com a mesma cor, embora os comprimentos de onda, nos dois ambientes, sejam diferentes (azuis para a lâmpada e vermelhos para o sol).

Os fenômenos descritos sugerem, então, que há, no reconhecimento das cores, algo que vai além da luz manifestada pelos objetos. Podemos dizer que esse algo reside exatamente na interação entre nosso corpo e nossa mente, entre o que (e como) experimentamos e o que processamos. Especificamente sobre o fenômeno das cores, Maturana & Varela (1998) explicam que a diferenciação (ligada ao processamento) é intimamente relacionada à atividade neuronal (ligada à percepção/experimentação).

Segundo os autores (1998, p. 22), a atividade neuronal disparada pelas diferentes perturbações¹³ “é determinada em cada pessoa pela sua estrutura individual, e não pelos traços do agente perturbador”¹⁴. Aqui nós somos informados de que tanto a maneira como o mundo

¹¹ A rigor, a cor da sombra deveria ser verde, e não cinza.

¹² “We are used to thinking that color is a quality of objects and the light they reflect. Thus, if I see green, it must be because a green light is reaching my eye, that is, a light of a certain wavelength”.

¹³ As perturbações consistem nas recorrentes interações entre o indivíduo e o ambiente. A recorrência seria, conforme Maturana & Varela (1998), a responsável pelo acoplamento estrutural – mudanças adaptativas dos indivíduos disparadas (e apenas disparadas) pelo ambiente, o qual não especifica nem direciona tais mudanças.

¹⁴ “is determined in each person by his or her individual structure and not by the features of the perturbing agent”.

nos afeta quanto o processamento que realizamos para conhecer o mundo são valorados de acordo com nossa presença nesse mundo. Vê-se, então, que, além da tese da relação constitutiva entre mente e corpo, a proposta sociocognitivista também defende uma visão de realidade submetida aos processos de significação dos indivíduos, o que justifica a afirmação de que as teses discriminadas anteriormente estão, de fato, profundamente interligadas.

Como vemos, a concepção de mente como artefato especial e isolado no processamento cognitivo não se sustenta à luz da perspectiva de mente corporificada. Também perde força a noção de que a mente opera simbolicamente, a partir de operações lógico-matemáticas denotadoras do espírito racional. Na visão de Maturana (1998b, c, d), o aparato racional do ser humano só pode ser explicado se submetido a algo mais elementar: o emocional. Esse redimensionamento do racional também é explicado dentro da tese de mente corporificada. Senão vejamos.

Segundo Maturana (1998b, p. 72), “O mecanismo fundamental de interação dos sistemas sociais humanos é a linguagem”. A linguagem é um aspecto cognitivo tão fundamental que, nas palavras do autor, é exatamente ela quem dá origem ao humano. Merece destaque, na reflexão sobre a linguagem, o ato de conversar, já que “o humano se constitui [...] na conservação de um modo particular de viver o entrosamento emocional e o racional que aparece expressado em nossa habilidade de *resolver nossas diferenças emocionais e racionais conversando*” (MATURANA, 1998c, p. 80, grifo nosso).

Ao dissertar sobre a ontologia do conversar, Maturana (1998c, p. 82) indica como se estabelecem as relações entre linguagem, razão e emoção. O autor define as emoções como “disposições corporais que especificam âmbitos de ações”. O emocionar, portanto, diz respeito a uma mudança de estado tal do indivíduo que o leva a realizar uma tal ação. O exemplo do autor é o da barata que se esconde em um lugar escuro quando percebe mudança brusca da luz e/ou escuta um barulho que lhe pode ser ameaçador; neste caso, a barata, que antes se deslocava normalmente, sem sobressaltos, passou da tranquilidade ao medo, e isso a predispôs a realizar uma ação.

O exemplo da barata serve como ponto de partida para Maturana dizer que todos os animais (os seres humanos incluídos) operam a partir do emocional, pois este aspecto é parte constitutiva de nossa presença corporal no mundo. Contudo, mais que afirmar a relevância do emocional para os seres vivos, importa para o autor acrescentar que os dois aspectos específicos dos humanos, a linguagem e o raciocínio, só se realizam a partir do emocional.

Já vimos que a ação deriva da emoção, a partir do que é fácil concluir que estados emocionais recorrentes geram ações recorrentes. A recorrência de ações faz emergir um

sistema de domínios de ações consensuais, construídas de acordo com especificidades culturais. Sob essa ótica, entende-se o aparato racional do ser humano não como um sistema transcendente, mas sim como um sistema operacional construído no(a) e pelo(a) discurso/cultura.

Maturana (1998c, p. 81-82) explica a natureza circunstancial do raciocínio da seguinte maneira:

Todo sistema racional surge como um sistema de coordenações condutuais consensuais a partir da aplicação recorrente e recursiva de algum conjunto particular de coordenações condutuais consensuais, que operam, de fato, como suas premissas fundamentais. Ao mesmo tempo, diferentes sistemas racionais se diferenciam por serem construídos a partir de diferentes conjuntos de premissas fundamentais.

Pode-se dizer que as coordenações condutuais consensuais são exatamente as ações dos indivíduos face às emoções que as determinam. Essas ações são consensuais na medida em que são consideradas válidas dentro do seio cultural em que ocorrem. As premissas fundamentais, que sustentam um sistema racional, só têm valor porque são referendadas culturalmente, e não porque exprimem uma forma universal de operacionalizar o conhecimento. Dessa forma, o que Maturana defende é que o raciocínio deriva, em última instância, do conjunto de ações recorrentes dos indivíduos numa determinada cultura (por isso é que há, como se diz na citação, sistemas racionais diferentes). Como essas ações se estabelecem a partir da emoção, então, o aparato racional é, também, resultante da intrínseca interação entre mente e corpo.

A corporificação do raciocínio ilustra adequadamente a tese da mente corporificada. Aceitando sua validade, admitimos que nosso pensar não funciona separadamente de nosso perceber. Neste caso, qualquer tentativa de explicar o processamento do conhecimento que não dê o devido destaque ao agir do corpo no mundo estaria fadada à incompletude. Esse agir só acontece, efetivamente, nas interações sociais das quais os sujeitos tomam parte. Vejamos, então, o segundo pressuposto que orienta os estudos sociocognitivistas.

1.2.2 A cognição em interação

Do que já falamos na seção anterior, fica patente que a cognição só se constrói e se manifesta a partir do agir do indivíduo no mundo, da sua interação, seja com o meio que o

cerca, seja com outros indivíduos. Assim, o agir do sujeito contribui para o pensar desse sujeito.

Um dos exemplos mais ilustrativos do papel da interação no processamento cognitivo é o da construção de categorias de níveis básicos, conforme se vê em Rosch (1978). Estudando a forma como os humanos elaboram suas categorias (principalmente no que diz respeito a objetos concretos), a autora argumenta que os objetos de nível básico¹⁵ e os protótipos¹⁶ só representam um papel especial nos sistemas taxonômicos em virtude de estarem associados a eventos. Em outras palavras, as formas como se concebe um objeto só se estabelecem mediante a compreensão de como esse objeto faz parte de alguma situação de interação¹⁷.

Considerando a relevância da interação para as operações cognitivas de categorização, depreende-se, então, que o processo é altamente dependente do contexto cultural em que o indivíduo está inserido. Para Rosch (1978, p. 18), o contexto afeta tanto o nível de abstração com que um objeto é considerado quanto a maneira como os itens são nomeados, aprendidos, listados ou esperados em uma categoria.

Quanto ao nível de abstração, a autora exemplifica a importância do contexto a partir do objeto “cadeira”. A depender da situação, pode ser necessário um conhecimento mais ou menos específico sobre os atributos desse objeto. Quando se trata, por exemplo, de usar uma cadeira, ou de explicar o que seria uma cadeira, o conhecimento necessário seria o usual; contudo, quando se trata de comprar uma cadeira numa loja de móveis, o conhecimento básico pode não ser suficiente: seria preciso considerar atributos mais específicos, dependentes do objetivo imediato do indivíduo.

Quanto à interferência do contexto na maneira como os itens são nomeados, aprendidos, listados ou esperados (ou seja, na maneira como se constroem e se percebem os protótipos), Rosch exemplifica com as diferenças encontradas quando os africanos são

¹⁵ Um objeto de nível básico corresponde ao objeto concreto para o qual se percebe um nível de abstração no qual o corte categorial mais básico pode ser feito. Esse corte é estabelecido por quatro definições operacionais convergentes: atributos comuns, movimentos motores, similaridade de forma, identificação de formas comuns. O objeto “cadeira”, por exemplo, seria um objeto de nível básico, porque é categorizado a partir das quatro definições operacionais, o que não é possível, por exemplo, para o membro superordenado “móvel”.

¹⁶ O protótipo implica os casos mais claros de pertencimento a uma categoria, definidos operacionalmente pelo julgamento das pessoas a respeito da qualidade de pertencimento na categoria. Por exemplo, para a categoria “móvel”, “cadeira” seria mais prototípico que “fogão”, em virtude de possuir mais atributos em comum com outros membros da categoria e menos atributos em comum com membros de categorias contrastantes.

¹⁷ Nelson (1998) evidencia a mesma tese no campo da aquisição da linguagem. Segundo a autora, os conceitos formados são os que têm consequência para a vida da criança, o que demonstra a interligação entre influências do contexto social e predisposições biológicas.

solicitados a nomear o seu animal mais típico em contraposição ao animal mais típico nomeado pelos norte-americanos. Claramente, o componente cultural determinará nítidas diferenças na forma como os protótipos são construídos¹⁸.

Esse clássico trabalho de Rosch representa o germe inicial de uma proposta investigativa que privilegiou o olhar mais “social” sobre o processo mental de tratamento do conhecimento. A pesquisadora (1978, p. 19) alega que o estudo da categorização como atrelada à interação provê respostas sobre como se efetiva a interface entre cultura, estrutura social e psicologia individual. O peso do contexto interacional no processo cognitivo é tão grande, informa-nos Rosch, que mesmo os experimentos que na época eram elaborados para minimizar os efeitos circunstanciais nas respostas dos sujeitos acabavam sendo atravessados pelo viés sociocultural:

quando um contexto não é especificado num experimento, as pessoas devem contribuir com o seu próprio contexto. Aparentemente, elas não fazem isso aleatoriamente. De fato, parece que, na ausência de um contexto especificado, os sujeitos assumem o que eles consideram o contexto ou a situação normal para a ocorrência daquele objeto. *Fazer tais declarações sobre as categorias parece demandar uma análise dos eventos reais da vida cotidiana nos quais os objetos aparecem*¹⁹ (ROSCH, 1978, p. 18, grifo nosso).

A sugestão de uma “análise dos eventos reais da vida cotidiana” demanda uma perspectiva pragmática sobre o fenômeno da cognição. Assumir tal perspectiva implica compromissos sérios por parte dos estudiosos. No que toca especificamente aos estudos da linguagem (e, conforme veremos mais adiante, essa é uma discussão que precisa ser feita no âmbito das pesquisas em referenciação), o fazer teórico que incorpora os usos às explicações dos fenômenos reclama a necessidade de se considerarem variáveis que, no mais das vezes, não se submetem a um tratamento linear, quantitativo ou formalizável. Nesse panorama, a consequente imprecisão dos limites entre o que é ou não linguístico, cada vez mais, passa a ser a tônica, e o pesquisador precisa se preparar para lidar com o caráter constitutivamente

¹⁸ Outro clássico exemplo que ilustra a mesma tese é o das diferentes denominações de neve para os esquimós. Tal abundância não teria outra razão além de suprir as necessidades advindas da interação. Segundo Schaff (*apud* BLIKSTEIN, 2003, p. 57), “os esquimós veem trinta espécies de neve, e não a neve ‘em geral’, não porque o queiram ou assim tenham convencionado, mas porque já não podem perceber a realidade de outro modo. [...] Para os membros dessa comunidade, tal distinção de espécies e de modalidades de neve seria uma questão de vida ou morte”.

¹⁹ “when a context is not specified in an experiment, people must contribute with their own context. Presumably, they do not do so randomly. Indeed, it seems likely that, in the absence of a specified context, subjects assume what they consider the normal context or situation for occurrence of that object. To make such claims about categories appears to demand an analysis of the actual events in daily life in which objects occur”.

heterogêneo dos fenômenos, pois a análise da interação impõe uma postura analítico-investigativa que, se válida para os que nela acreditam e investem, não permite uma volta ao terreno mais confortável das verdades mais aparentemente confiáveis.

As “imprecisões” do terreno também se refletem num outro ponto que passa a ser revisitado quando se leva a interação para o quadro dos estudos em cognição: a ideia da interferência do ambiente sobre o agir e o pensar dos indivíduos. É preciso discutir sobre qual seria o “grau” dessa interferência, sob pena de haver uma indesejável sugestão de associação entre o Sociocognitivismo e as propostas deterministas acerca do comportamento (como, por exemplo, a proposta behaviorista).

A proposta sociocognitivista, no que toca à relação entre o sujeito (e seu conhecimento) e o meio, distancia-se do paradigma determinista, que advoga em favor do papel absolutamente determinante do meio sobre o indivíduo. Ambas as propostas, de fato, tocam na questão de que o sujeito e o meio se “encontram”, mas a natureza desse encontro é descrita de forma diferente num e noutro caso. No determinismo, há *imposição* (do meio sobre o sujeito); no Sociocognitivismo, há *interação* entre sujeito e meio – ambos se relacionam, mas este não se sobrepõe àquele. Além disso, quando, na proposta sociocognitivista, se fala em interação com o meio, considera-se, diferentemente do foco determinista, que os outros sujeitos também incorporam o meio²⁰. Logo, as relações estudadas sob a ótica sociocognitivista pretendem ser mais ricas e complexas.

Uma explicação sobre a interdependência entre sujeitos e o meio em que vivem é dada por Maturana e colaboradores. Segundo o autor (1998a, p. 67), “cada ser vivo é, em cada instante, o resultado do caminho de mudança estrutural que o mesmo [sic] seguiu *a partir de sua estrutura inicial*, como consequência de suas interações no meio no qual teve que viver” (grifo nosso). Desta definição, importa destacar que as mudanças, decorrentes das interações nos mais diversos níveis, seriam sempre dependentes da estrutura inicial. Por isso é que “os seres vivos são sistemas nos quais as interações com o meio não determinam o que lhes acontece; somente disparam neles mudanças estruturais determinadas pela sua própria estrutura” (MATURANA & GARCÍA, 1998, p. 51).

Isso quer dizer que, nas interações, especialmente quando há recorrência, o papel dos agentes externos seria o de permitir adequações estruturais já pertencentes aos seres vivos. Se fosse o contrário, ou seja, se os seres vivos fossem totalmente dependentes da interferência do meio, se não tivessem mecanismos próprios para responder “inteligentemente” às

²⁰ Conferir, sobre isso, Maturana & Varela (1998, p. 74-75).

perturbações da interação, as chances de sobrevivência seriam escassas. Essa linha de raciocínio defende que não há, portanto, determinismo, mas, no dizer de Maturana & Varela (1998), acoplamento estrutural: modificação da organização (virtualmente prevista) em decorrência da interação.

No que diz respeito à cognição humana, podemos dizer que seu funcionamento seria resultante dos diversos movimentos de acoplamento estrutural: a interação com o meio (incluindo-se aí os outros seres humanos) dispara mudanças no organismo, entendidas, no plano cognitivo, como a aquisição e mobilização de conhecimentos. O meio, conforme Maturana, apenas dispara e, de certa forma, orienta tais mudanças; o resto do trabalho – decisões sobre o papel da mudança na manutenção da organização estrutural – seria da alçada dos sujeitos.

A explicação proposta por Maturana e colaboradores vai ao encontro da necessidade de priorizar a interação como construto dinâmico e complexo, tão fundamental na vida dos seres vivos que somente a partir dela são construídas as relações que levam à aquisição e à reformulação dos conhecimentos. Atestar a relevância da interação, no que diz respeito à cognição humana, significa valorizar o papel da cultura, do entorno histórico e do contexto circunstancial na construção do conhecimento. No dizer de Koch & Cunha-Lima (2005, p. 279), temos que “as mentes individuais não aprendem uma computação abstrata, mas estão aprendendo a compreender um processo historicamente situado. Processos que são, ao mesmo tempo, compreendidos e transformados pelos indivíduos ao longo das suas histórias de vida”.

A compreensão e a transformação dos processos, pelos indivíduos, permitem estabelecermos um gancho entre esse pressuposto e o próximo a ser discutido, o da instabilidade do real. Se a interação pressupõe ação dos sujeitos (e não apenas submissão), então, a percepção dos objetos e dos eventos do mundo se efetiva mediante reelaborações, dependentes dos interactantes e do contexto em que se encontram. Passemos para a próxima seção, em que tal ideia será detalhada.

1.2.3 A instabilidade do real

Como vimos, a noção de mente independente do corpo é uma ferramenta necessária para o Cognitivismo clássico explicar como o pensamento racional processa adequadamente o conhecimento. A simbolização advinda do trabalho cognitivo operaria de forma tal que as

imprecisões e indefinições do “mundo das coisas” não afetariam a qualidade da representação. Parafraseando a conhecida máxima da multiplicação, pode-se dizer que, nessa concepção, a natureza dos fatores não altera o produto.

Uma vez que, com a proposta sociocognitivista, a separação entre mente e corpo passa a ser rejeitada, as novas explicações precisam incluir em suas perguntas e respostas a questão da natureza da percepção. É necessário teorizar sobre como o mundo é percebido, como os objetos, os eventos, as relações entre objetos, entre eventos e entre objetos e eventos ganham significação no processo de aquisição de conhecimentos. A rejeição ao antigo paradigma demanda, obrigatoriamente, uma séria reflexão sobre o estatuto do real.

Podemos dizer que a temática do real, no que toca à cognição, passa por duas bifurcações. A primeira delas diz respeito a decidir se as coisas do mundo são constitutivas ou não do processo cognitivo. O caminho escolhido pelo Sociocognitismo (ou talvez seja melhor dizer pelos que negam o Cognitismo clássico) foi o da necessária inclusão do real no aparato teórico, a partir de onde surge o interesse pela cognição em interação. Escolhido o primeiro caminho, surge a segunda bifurcação, cujas estradas apontam ou para a estabilidade do mundo ou para a instabilidade do mundo²¹. Obviamente que a linguagem é o aspecto cognitivo mais produtivo para se tratar a questão.

Sobre as relações entre linguagem e realidade, Mondada & Dubois (2003) afirmam que a maior parte dos teóricos (especialmente, mas não só, os ligados à Linguística) opta por salientar uma relação de equivalência entre as palavras e as coisas, de onde vem a concepção de língua como representação adequada da realidade. Elas lembram, ainda, que o senso comum partilha de tal visão, pois a crença em um mundo exterior estabilizado permite um acesso mais fácil à compreensão da realidade cotidiana.

As autoras abordarão a questão da relação entre língua e realidade num panorama bem diferente do exposto, do que surgirá a proposta teórica da referenciação, a qual apresentaremos em detalhes posteriormente. A questão que pretendemos destacar, no momento, é a da natureza constitutivamente instável do mundo real, pois foi esse o caminho escolhido pelo Sociocognitismo.

²¹ Para além da alçada exclusivamente cognitiva, os estudos linguísticos também se veem diante das mesmas bifurcações. Martins (2005, p. 440), por exemplo, aponta o mentalismo, o realismo e o pragmatismo como “três dos mais influentes paradigmas hoje disponíveis para o entendimento da linguagem”. De fato, a construção das grandes correntes teóricas em Linguística se movimenta em torno da exclusão da referência, da inclusão da referência como elemento apreendido do mundo e da compreensão da referência como elaboração do mundo percebido.

A crença de que as coisas do mundo são instáveis sugere que o trabalho cognitivo não se limita a apreender a pretensa objetividade de um mundo que precisa ser conhecido tal como se manifesta. O que de fato ocorre é um trabalho de constantes elaborações e reelaborações em que percepção e processamento se encontram completamente imbricados. Os mecanismos que determinam a forma como essa imbricação ocorre precisam ser esclarecidos, a fim de que o pressuposto da instabilidade do real seja respaldado.

Não se trata de uma tarefa fácil perceber ou explicitar a pertinência do pressuposto em virtude de nossa presença no mundo nos propiciar, o tempo todo, evidências passíveis de serem interpretadas como decorrentes de uma realidade visível que precisa ser apreendida, e o fato de que essa apreensão estabelece consensos, muitas vezes, razoavelmente universais é algo de que não podemos fugir. Um exemplo de como a instabilidade poderia não dar conta da empreitada que pretende enfrentar pode ser obtido a partir da apreensão do humor do texto a seguir:

(3) Eu pensava que era pobre. Aí, disseram que eu não era pobre, eu era necessitado. Aí, disseram que era autodefesa eu me considerar necessitado, eu era deficiente. Aí, disseram que deficiente era uma péssima imagem, eu era carente. Aí, disseram que carente era um termo inadequado. Eu era desprivilegiado. Até hoje eu não tenho um tostão, mas já tenho um grande vocabulário.

(Texto de um cartoon de Jules Feiffer. Retirado de SOARES, M. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 17. ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 52.)

Dentre outras razões, o humor do texto é apreendido quando se percebe que, não importa como se categorize o indivíduo, ele continua sendo pobre. Se rimos da piada, significa que, inicialmente, pelo menos em parte, aceitamos que as diferentes formas como uma realidade é percebida de pouco adiantam para a apreensão do que verdadeiramente importa. Há um fator – no caso do texto, a pobreza – que, embora categorizado de maneiras diferentes, continua se manifestando no real e gerando os mesmos efeitos no meio, independentemente de como seja percebido.

Face a essa evidência, como sustentar que a forma como a realidade é percebida interfere no processamento do conhecimento sobre o mundo? Como advogar em favor da necessidade de incluir a instabilidade nas teorias sobre o conhecimento?

A mesma questão é tratada em Maturana & Varela (1998). Ao rejeitarem a noção de que a mente, por meio do trabalho do sistema nervoso, opera a partir de representações do mundo externo a fim de obter informações que geram condutas, os autores alegam que a proposta alternativa seria negar a realidade circundante.

As pesquisas em cognição, então, encontram-se num terreno que leva a duas armadilhas. A primeira seria aceitar a noção de representação como o processo pelo qual os

seres humanos percebem o mundo já formado. Trata-se de uma armadilha porque, segundo os autores, essa visão contradiz o que se sabe sobre como efetivamente os seres vivos agem no mundo.

A fim de exemplificar a impropriedade dessa concepção, Maturana & Varela citam o experimento de alteração do ângulo de visão de um girino em 180°; quando este cresce e vira um sapo, sua língua, ao tentar capturar uma presa que esteja, por exemplo, a sua direita e para cima, dirige-se à sua esquerda e para baixo. O experimento aponta que “a dinâmica dos estados do sistema nervoso depende da sua [dos organismos] estrutura”²² (1998, p. 127), e não da natureza dos estímulos recebidos.

Os autores também citam o exemplo do carneiro que, separado por poucas horas da mãe ao nascer, não “brinca”, posteriormente, de correr e bater a cabeça em outros carneiros. A provável resposta para o comportamento desse carneiro, dizem Maturana & Varela, residiria na ausência da experiência de receber da mãe, logo nas primeiras horas de vida, lambidas constantes por todo o corpo. Isso implica que a natureza das interações é decisiva para as transformações estruturais do sistema nervoso.

Num e noutro caso, não se pode falar que as condutas (movimento da língua e interação com outros carneiros) sejam resultantes de um mapeamento fidedigno do meio circundante. Elas resultam de características intrínsecas aos indivíduos envolvidos, estabelecidas a partir da forma como eles puderam perceber o mundo.

A segunda armadilha resulta, então, de, uma vez aceito que não há mapeamento/representação (ressalte-se, nos moldes da apreensão da objetividade do meio), “negar o meio circundante na premissa de que o sistema nervoso funciona completamente num vácuo, onde tudo é válido e tudo é possível”²³ (MATURANA & VARELA, 1998, p. 133-134). O perigo, aqui, reside em fechar os olhos para o fato de que os seres humanos e os animais têm uma enorme capacidade para apreender e manipular o mundo. Se não há o mínimo de objetividade, como esse “controle” é possível?

Para Maturana & Varela, desfazer esse paradoxo demanda uma reflexão epistemológica, relacionada ao papel do observador na descrição de condutas. As condutas são definidas como “as mudanças de posição ou atitude de um ser vivente as quais um

²² “the dynamics of states of the nervous system depend on its structure”.

²³ “denying the surrounding environment on the assumption that the nervous system functions completely in a vacuum, where everything is valid and everything is possible”.

observador descreve como movimentos ou ações em relação a um certo meio”²⁴ (1998, p. 136). É a partir da observação de condutas que um estudioso pode teorizar sobre a forma como os seres vivos agem cognitivamente. Os autores são enfáticos ao afirmar que a conduta emerge do trabalho do observador, exclusivamente. Isso é relevante para corroborar a noção de que não há representação por parte dos seres vivos, na medida em que a dinâmica interna dos organismos seria “alheia” ao que ocorre fora dele.

Explicam os autores que ao observador é dada a possibilidade de analisar uma unidade em diferentes domínios. Um desses domínios seria exatamente o das relações internas, o do funcionamento do organismo em termos de mudanças estruturais que nele acontecem. Nessa dimensão, o meio é irrelevante. Estudar, por exemplo, o funcionamento do sistema nervoso, a mecânica interna que faz com que esse sistema trabalhe e, se for o caso, se modifique, independe da natureza dos estímulos que o meio exerce sobre o organismo.

Um outro domínio da observação seria o da descrição da história de interação entre uma unidade e o meio em que vive. Nesse nível, o observador é capaz de relacionar os traços do meio e a conduta da unidade. Então, a dinâmica interna, para esse domínio de observação, não interessa.

A descrição dos dois domínios, a partir da compreensão que o observador atinge ao relacioná-los, possibilita que se chegue à conclusão de que “a estrutura do sistema determina suas interações, especificando que configurações do meio poderão disparar mudanças estruturais”²⁵ (MATURANA & VARELA, 1998, p. 135). Em virtude dessa compreensão, o observador constata, também, “que o meio não especifica ou direciona as mudanças estruturais de um sistema”²⁶ (MATURANA & VARELA, 1998, p. 135). O que importa destacar, agora, é que o fato de o observador compreender as relações entre a estrutura interna de um organismo e a interação desse organismo com o meio resulta, apenas, de um trabalho de explicação desse observador, que se encontra na posição privilegiada para confrontar os domínios observados num domínio mais amplo.

Em outras palavras, podemos dizer que é apenas nesse domínio mais amplo que as relações entre o funcionamento interno do organismo e suas interações com o meio são constatadas. Apenas para o observador isso é visível. Quando se perde essa dimensão,

²⁴ “the changes of a living being’s position or attitude, which an observer describes as movements or actions in relation to a certain environment”.

²⁵ “the structure of the system determines its interactions by specifying which configurations of the environment can trigger structural changes in it”.

²⁶ “that the environment does not specify or direct the structural changes of a system”.

incorre-se em erros metodológicos que levam, exatamente, aos extremos da representação objetiva e da total subjetividade:

O problema começa quando nós, inadvertidamente, vamos de um domínio para o outro e dizemos que as correspondências que nós estabelecemos entre os dois domínios (porque nós vemos os domínios simultaneamente) é, de fato, uma parte do trabalho da unidade – nesse caso, do organismo e do sistema nervoso. Se nós formos capazes de manter nosso cálculo lógico em ordem, as complicações desaparecem. Nós nos tornamos conscientes das duas perspectivas e as relacionamos num domínio maior, que nós estabelecemos. Dessa maneira, nós não precisamos recuar para as representações ou negar que o sistema opera num meio que é familiar devido a sua história de acoplamento estrutural²⁷ (MATURANA & VARELA, 1998, p. 135-136).

Toda a argumentação a respeito do papel do observador tem como finalidade primeira explicitar que, de fato, as mudanças de atitude e movimento dos seres vivos (suas condutas) não resultam de uma representação da realidade a partir do trabalho de sua estrutura interna. Dizer que o organismo é capaz de representar significaria defender que há, por parte do sistema operacional do organismo, uma consciência da conduta como uma ação de adequação ao mundo. Conforme os autores, essa dimensão de julgamento da adequação do agir está além do trabalho interno do organismo. Não há, então, por parte do organismo, um movimento com o intuito de apresentar uma conduta adequada à forma como o mundo lhe é apresentado.

Podemos retomar o exemplo do carneiro que não brinca com seus companheiros para ilustrar a situação descrita. A ideia de representação do mundo percebido se sustenta na base de que aos organismos caberia a missão de captar informações e processá-las para gerar comportamentos adequados/esperados. O que ocorre nesse caso é que a conduta do carneiro – não brincar – não é resultante da maneira como o seu sistema nervoso representa o ambiente. Ela é resultado da história de interações desse carneiro, da forma como sua presença no mundo – que se caracterizou, particularmente, por ter sido separado da mãe por poucas horas logo depois de nascer – acabou por gerar mudanças estruturais que determinam seu agir. O carneiro não representa o mundo a sua volta simplesmente porque a ele não cabe perceber que sua conduta é inadequada; resta-lhe apenas agir de acordo com sua história naquele momento, jogando com as cartas que lhe foram dadas.

²⁷ “The problem begins when we unknowingly go from one realm to the other and demand that the correspondences we establish between them (because we see these two realms simultaneously) be in fact a part of the operation of the unity – in this case, the organism and nervous system. If we are able to keep our logical accounting in order, this complication vanishes; we become aware of these two perspectives and relate them in a broader realm that we establish. In this way we do not need to fall back on representations or deny that the system operates in an environment that is familiar owing to its history of structural coupling”.

A reflexão de Maturana & Varela sobre a ausência do mecanismo cognitivo de representação fidedigna do mundo é necessária para deixar clara a urgência em se estabelecer uma proposta teórico-investigativa que ressalte a natureza constitutivamente instável do mundo percebido. A fim de que a proposta dos autores se solidifique, é interessante pensar em contra-argumentações possíveis a sua tese. Salientamos três pontos que demandam um refinamento ao que foi apresentado até aqui.

A primeira questão que se coloca vem de uma afirmação dos autores sobre como se explicam as condutas “diferentes”, como a do “sapo de olho virado” e a do carneiro que não brinca com seus companheiros. Se se quer manter a noção de mapeamento fidedigno do mundo, é possível alegar que, em tais casos, o que houve foi uma “falha” na obtenção da informação. Por conta de uma intervenção externa, os organismos acabaram por desenvolver desvios que os impossibilitaram de extrair as informações necessárias para proceder corretamente. Além de reafirmar a pertinência de se tratar a questão do conhecimento como resultado de uma representação objetiva, essa linha de raciocínio ainda confirma a noção de que é o meio (no caso dos exemplos, representado pelas intervenções do pesquisador) que determina a conduta dos seres.

Os exemplos dados, então, ilustrariam, na verdade, formas desviantes em relação ao que normalmente ocorre com os organismos. Em condições normais, estariam os seres vivos preparados biologicamente para perceber adequadamente o mundo à sua volta, o que é feito, em algumas espécies, a partir do trabalho do sistema nervoso, como mostra a figura a seguir.

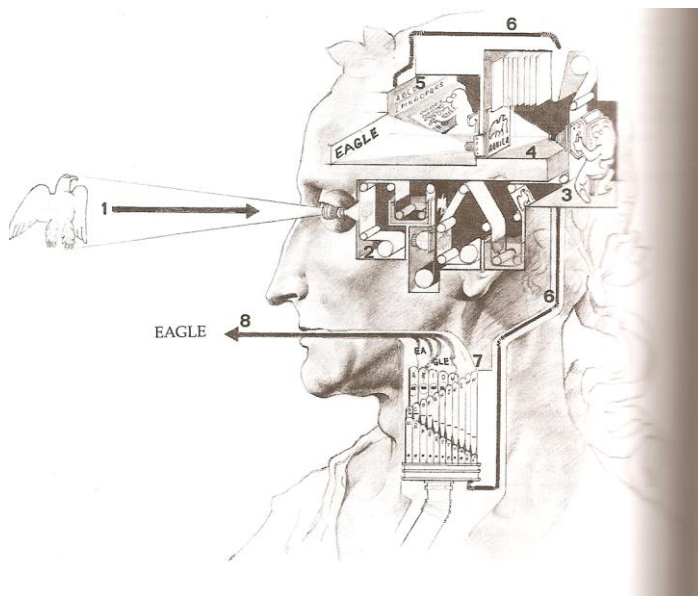


Figura 2 – César de acordo com a metáfora representacionista (MATURANA & VARELA, 1998, p. 132).

Essa contra-argumentação perde força na medida em que, conforme dizem Maturana & Varela (1998, p. 133), essa forma de agir cognitivamente “contradiz tudo o que sabemos sobre os seres viventes”²⁸. O que se mostrou, agora, como desvio de um curso normal é na verdade a regra, a tônica que rege o agir dos seres no mundo. Com os exemplos do sapo e do carneiro²⁹, Maturana & Varela pretenderam mostrar, apenas, que a percepção resulta da estrutura dos organismos; o fato de, nestes exemplos, ter havido uma intervenção externa não invalida a ideia de que a estrutura dos organismos é constantemente modificada em virtude das inúmeras interações de que participam.

Esse é um ponto que precisa ser destacado: ao contrário do que os exemplos podem sugerir, a percepção dos seres vivos não é, via de regra, estabelecida por um único acontecimento crucial em sua história; ela é resultado das muitas e diferentes interações de que os organismos constantemente participam. E cada nova modificação, resultante do interagir, se dá com base em como o organismo se encontra naquele momento. Ou seja, cada nova perturbação é percebida levando em conta toda a bagagem acumulada até então.

Isso quer dizer que, em princípio, cada indivíduo, ao se deparar com o mundo, dimensiona-o de um modo singular, em decorrência de sua epigênese particular³⁰. Por isso é que, dentro de uma proposta que prioriza o papel da interação no processamento cognitivo, não é possível falar em representação como retenção de uma informação objetiva desejável. Se há representação, essa só pode ser entendida como construção constitutivamente dependente da estrutura (no caso dos seres humanos) psicobiológica.

Julgamos que está suficientemente justificada a tese de que a realidade é percebida de forma diferente em virtude das diferentes experiências (no dizer de Maturana, dos diferentes acoplamentos estruturais) pelas quais os organismos passam. Se o enunciador do texto apresentado em (3) (p. 35) – o sujeito que até hoje não tem um tostão no bolso, mas já tem um grande vocabulário – percebe como mera e inútil “retórica” as diferentes denominações de sua situação social, isso é resultado de sua história particular; não quer dizer que, por isso, todos os que passam por situações semelhantes não se sintam confortados ao receberem outras denominações para a situação de pobreza.

²⁸ “contradicts everything we know about living beings”.

²⁹ Há outros exemplos, citados pelos autores, para ilustrar o mesmo tema. Um deles é o da história das meninas-lobo – duas irmãs que, até certa idade, viveram com uma família de lobos, isoladas do contato humano; quando passaram a conviver com outras pessoas, não resistiram por muito tempo. Caso semelhante é o de Kaspar Hause, sobre o qual comentaremos quando apresentarmos a visão de Blikstein (2003) sobre o fenômeno da percepção.

³⁰ Ver nota 6.

A segunda das três questões que emergem, a fim de refinar a reflexão sobre o papel dos sujeitos na percepção da realidade, gira em torno do conceito de conduta estabelecido por Maturana & Varela. Ao afirmarem que a conduta resulta da descrição do observador a respeito das mudanças de um organismo em relação a um meio, os autores pretendem enfatizar que as operações internas do organismo ocorrem alheias à dimensão de adequação das mudanças promovidas. Nesse caso, o sistema nervoso, por exemplo, trabalha, em princípio, sem se preocupar diretamente com o que ocorre fora dele.

Se a definição de conduta, de um lado, tem a função de explicitar o caráter “independente” do organismo em relação ao meio, de outro, sugere que ao indivíduo não é possibilitada a faculdade de julgar a adequação de suas ações no mundo. Ora, isso é falso no que diz respeito aos seres humanos (e provavelmente no que se refere a outros animais com sistema nervoso mais sofisticado); chamamos a atenção, então, para o fato de que o estudo da cognição humana não pode se limitar ao entendimento de como opera o sistema nervoso. Há algo a mais envolvido na equação, e, se não sabemos exatamente dizer o que seria esse algo a mais, interessa reconhecer que ele possibilita aos humanos julgarem suas condutas como adequadas ou não.

O julgamento, portanto, não é da alçada exclusiva de um observador externo, mas faz parte da forma como o sujeito em interação percebe as perturbações que sofre. Isso, de forma alguma, nega o pressuposto de que cada indivíduo é o resultado de seus vários acoplamentos estruturais, que acontecem a cada momento, sendo que o momento anterior é sempre determinante dos seguintes. Admitir que os seres podem agir com base no julgamento de suas condutas, inclusive, fortalece o argumento de que o meio apenas “dispara” e não determina a mudança, porque a ação de cada indivíduo será relevante em cada momento de interação. A interação, portanto, é a chave para se compreender o fenômeno da cognição, bem como é a grande resposta às teses contrárias ao Sociocognitivismo, porque ela implica um momento único de encontro entre seres e entre seres e o meio.

A última questão diz respeito a uma resposta que não é dada explicitamente por Maturana & Varela, necessária para a seguinte pergunta: como se explica que, frente à instabilidade das coisas, os seres vivos sejam capazes de manipulá-las com grande mestria, como se houvesse o domínio de conhecimentos altamente estabilizados? A resposta pode ser buscada dentro da perspectiva estabelecida: os diversos acoplamentos estruturais por que passam os organismos geram aprendizados que são levados para as próximas experiências, o que, em última instância, garante a sobrevivência.

Mesmo que se considere cada interação como momento único, o fato é que a bagagem prévia do indivíduo permite-lhe que ele interprete algumas situações como recorrentes, e isso o leva a construir, sobre essas experiências, um conjunto de conhecimentos que, no caso dos seres humanos, fundamentados pelo julgamento da adequação de condutas, passa a ser incorporado como um sistema de coordenadas relativamente estabilizado. Pode-se dizer, então, que há um jogo constante de apreensão da novidade, sem que se perca o que já se sabe.

É, portanto, no plano de “coordenações condutuais consensuais” (MATURANA, 1998c, p. 81) que se estabelecem os conhecimentos compartilhados, os quais, embora aparentemente objetivos e universais, resultam de operações sobre a instabilidade das coisas, especificadas a depender das circunstâncias da interação. Voltando ao texto (3) (p. 35), podemos encerrar a discussão comentando que, se muitos acreditam que há uma verdade profunda por trás da aparente variabilidade de estímulos e fenômenos – como a ideia de que a situação de pobreza independe da forma como se resolve nomeá-la –, trata-se de um conhecimento que se resolveu eleger como pertinente para a sobrevivência de determinados grupos ou indivíduos, em um determinado momento. E o fato de que muitos assumem tal conhecimento não significa que se trate de algo válido para todos, sempre e em qualquer lugar.

Assim, após refletirmos sobre o trabalho de Maturana & Varela, inclusive no que diz respeito às prováveis réplicas, podemos dizer que, até agora, a discussão deste item procurou firmar a ideia de que a forma como os indivíduos percebem, a cada momento, a realidade que os circunda é um elemento constitutivo do processamento cognitivo. Uma teoria sociocognitivista precisa, então, explicar como ocorrem as inter-relações entre processamento e percepção.

Com isso, finalizamos a apresentação das teses assumidas pela proposta sociocognitivista, cujos pressupostos foram sustentados, aqui, em grande parte, pelas reflexões de Maturana e colaboradores. Completamos com um último comentário sobre a natureza do conhecimento. Se, num paradigma cognitivo mais tradicional, o conhecimento poderia ser equivalente à informação – a qual seria obtida a partir de conceitos e/ou categorias – no viés sociocognitivista, o conhecimento, além da informação, diz respeito a uma gama de outros fatores, incluídos, por exemplo, na habilidade procedural (conhecimento sobre como realizar ações), na afetividade e na perspectiva crítico-analítica sobre os objetos e fenômenos passíveis de interpretação. Tal miríade de manifestações do conhecimento condiz com a eleição da interação como objeto investigativo: uma vez que múltiplas são as formas de interagir (e, conseqüentemente, múltiplos são os textos e suas funções), diferentes

“(re)ativações” cognitivas podem ser realizadas, a depender dos fatores sócio-históricos elencados como relevantes em cada situação.

Procuramos organizar as informações desta seção de tal forma que pudesse ser esboçado um conjunto de princípios coerentes entre si, o que é necessário para firmar o preceito de que o projeto sociocognitivista é capaz de implementar investigações científicas bem sucedidas. Contudo, é preciso reconhecer que nossa suposta organização não pode mascarar o fato de que há desafios a serem enfrentados para que haja uma solidificação da proposta. É chegada a hora de assumir os limites da proposta, reconhecer os caminhos alternativos e, ainda assim, defender sua pertinência para as investigações em torno do texto/discurso.

1.3 Desafios colocados ao Sociocognitivismo

Em trabalho que procura explicar o Sociocognitivismo aos não iniciados, Koch & Cunha-Lima (2005, p. 251), logo na introdução, fazem uma advertência fundamental sobre o estatuto teórico dessa proposta:

Ao nos depararmos com um capítulo sobre sociocognitivismo, somos levados a imaginar que se trata de um programa de pesquisa linguística bem definido e maduro, como, por exemplo, o gerativismo. [...] O que temos para relatar é mais um conjunto de preocupações e uma agenda investigativa em ascensão na Linguística atual do que os resultados de um programa fechado de pesquisa.

A ressalva feita pelas pesquisadoras deixa claro o caráter de “novidade” da proposta, de modo que é possível, até, questionar se, de fato, “um conjunto de preocupações e uma agenda investigativa em ascensão” seriam suficientes para garantir ao Sociocognitivismo o estatuto de proposta teórica³¹. Claro que, se, até agora, nós nos ocupamos de explicar o Sociocognitivismo, é porque defendemos o estatuto teórico para ele. Contudo, isso não nos impede de reconhecer que há elementos que precisam ser mencionados quando se trata de indicar, com maior precisão, os contornos dessa “teoria”. Entre estes, dois que nos chamam a

³¹ Reforça essa ideia a observação de que, a rigor, a nomenclatura em torno de “sociocognição” parece ser utilizada quase que exclusivamente pelos pesquisadores da Linguística Textual (especialmente, os que abordam a referenciação).

atenção são a construção de modelos e a proposição de esquemas explicativos “grandiosos”. Discutamos cada um.

A construção de modelos cognitivos pode ser considerada um desafio aos pesquisadores da área na medida em que se esperaria, de uma proposta que explica o funcionamento da mente, uma formalização que mostrasse as várias etapas do processamento e que pudesse ser operacionalizada em investigações empíricas. Todavia, mais que um desafio, julgamos tratar-se de um problema, considerando a inviabilidade (e possível contradição) de, por exemplo, utilizar modelos prévios, oriundos de outras propostas contrárias ao Cognitivismo tradicional³², que sirvam de base para a construção de um novo modelo. Esses modelos prévios, a depender das bases que assumem, de pouco servirão como norte, se forem formulados dentro de uma lógica que um eventual modelo sociocognitivista não pode suportar.

O que se evidencia, até então, nos modelos de tratamento cognitivo da linguagem é a necessidade de um controle acerca das variáveis disponibilizadas, decorrente, provavelmente, do desejado “rigor sem precedentes” que o formalismo garantiu aos estudos da cognição³³. Contudo, o ganho de controle implica perda de flexibilidade, e essa dimensão não poderá jamais faltar em um modelo sociocognitivista de processamento do conhecimento.

A formulação de modelos sociocognitivos, portanto, deveria contemplar a flexibilidade como princípio básico. De tal decisão, pode decorrer que o modelo a formular seja sempre muito geral, sem entradas específicas que o engessem. O problema é que talvez esse eventual modelo, de tão genérico, seja pouco operacionalizável.

A questão fica em aberto, mas deve-se ressaltar que é importante discuti-la, também, num nível ainda mais fundamental: a necessidade de que tais modelos de fato existam. A proposta sociocognitivista possibilita a construção de um terreno propício para se pensar o fazer científico como mais abrangente que os limites impostos (e ainda hoje seguidos) pela herança positivista. Nesse contexto, é salutar discutir até que ponto a ausência de modelos é prejudicial para a solidificação de um programa de pesquisa investigativo. Coloca-se em xeque, ainda, a postura “subserviente” por trás da atitude de se buscar um modelo como forma de validar a proposta assemelhando-a ao que normalmente é feito.

Quanto à construção de esquemas grandiosos, há ressalvas feitas por Frawley (2000) que merecem atenção. Esse pesquisador tem como objetivo propor uma visão de ciência

³² Por exemplo, a Semântica Cognitiva.

³³ Ver nota 3.

cognitiva que integre elementos do cognitivismo tradicional (que ele reconhece nas visões representacionista e conexionista) e elementos da teoria sociocultural vygotskiana. Essa integração faz emergir uma proposta *sociocomputacionalista*, a qual defende que “algumas partes da linguagem social são computacionalmente eficazes” (FRAWLEY, 2000, p. 13).

Frawley propõe uma versão integradora porque, entre outros motivos, quer corrigir os equívocos que a tradição cognitivista norte-americana imputou aos achados de Vygotsky. Para ele, a psicolinguística externalista (portanto, social) de Vygotsky precisa ser entendida em sua totalidade, pois esse entendimento propicia avanços inegáveis aos estudos sobre cognição. O pesquisador investe na ideia de internalização do cultural, formulada por Vygotsky e colaboradores, para sugerir uma forma de “computação social”.

Não discutimos os detalhes da proposta de Frawley, mas destacamos que, ao insistir na computação (ou seja, no trabalho simbólico da mente), Frawley diverge, frontalmente, de propostas do calibre do Sociocognitivismo. De fato, o autor se insurge contra o que chama de “esquemas grandiosos” (2000, p. 245), aqueles que, por considerarem inúmeros (e, diríamos, desnecessários, na visão do autor) substratos intervenientes no processo cognitivo, acabam por não oferecer explicações plausíveis, empiricamente validadas. Em outras palavras, Frawley adverte que escancarar as portas da cognição pode não ser o caminho mais salutar para criticar o Cognitivismo clássico. Para ele, há um limite, que deve ser colocado pelo que seria efetivamente passível de computar. Assim, “a ciência cognitiva é, portanto, o estudo da engenharia da representação” (FRAWLEY, 2000, p. 245).

Propostas muito “largas”, então, não serviriam, conforme Frawley, para explicar a contento o fenômeno cognitivo. Podemos contestar a postura do autor com o mesmo argumento usado acerca da elaboração de modelos teóricos: a visão de que o conhecimento científico só é válido se estiver sujeito a parâmetros formalizáveis é uma entre outras possibilidades (as quais, nem por isso, são menos rigorosas em seus achados). Ainda que, a rigor, as reflexões sobre as relações entre sociedade e cognição, nos moldes do que é feito na proposta sociocognitivista, não informem sobre a engenharia mental, elas não são menos importantes ou menos válidas para que saibamos mais sobre como nos “relacionamos” com o conhecimento.

Os dois tópicos apontados nesta seção nos mostram que muitas das críticas ao Sociocognitivismo são feitas com base no modelo de ciência que valoriza a formalização e a sistematização excessiva. Cabe, então, aos pesquisadores que optam por um caminho contrário a esse mostrar a relevância de seus achados, bem como estarem sempre prontos para dialogar com outras propostas, a fim de avançar no entendimento dos fenômenos.

Sobre as possibilidades de diálogo, a menção à obra de Frawley é salutar, na medida em que se reconhece, nesse trabalho, um interesse genuíno por uma integração entre propostas mentalistas e propostas externalistas. Suas reflexões nos chamam atenção para o fato de que o Sociocognitivismo apresenta uma grande lacuna: a desconsideração dos trabalhos de Vygotsky. Isso é ainda mais patente nos estudos em Linguística Textual: fala-se muito em sociocognição, mas pouco se menciona Vygotsky e seus colaboradores, e é óbvio que a importância desses estudiosos é incontestável, haja vista sua presença em estudos de aquisição da linguagem, bem como na proposta de estudo dos gêneros textuais desenvolvida pela escola de Genebra.

Em suma, nós podemos até discordar da posição de Frawley quanto às limitações sobre o que seria do escopo da ciência cognitiva, mas devemos reconhecer o mérito do autor ao explicitar a importância seminal dos vygotkianos para os estudos da (socio)cognição. Trata-se de uma tarefa a que os sociocognitivistas deveriam, sem dúvida, se dedicar com mais afinco. Vislumbramos que o resultado de tal processo propicia o esclarecimento da dinâmica entre relações internas e externas que, como nos dizem Koch & Cunha-Lima (2005, p. 255), constitui o cerne da compreensão da linguagem e do homem:

compreender a linguagem é entender como os falantes se coordenam para fazer alguma coisa juntos, utilizando simultaneamente recursos internos, individuais, cognitivos, e recursos sociais. Uma boa explicação sobre a natureza da linguagem tenderá a superar essas dicotomias e explicar as ações verbais como resultantes tanto de uma vida psicológica individual quanto de ações públicas e históricas.

Temos, no momento, que, apesar das ressalvas e da necessidade de um movimento de síntese em torno das propostas de explicação dos fenômenos mentais, o Sociocognitivismo desponta como uma alternativa produtiva, que já conquistou lugar respeitável dentro dos estudos da cognição. Seus pressupostos (que aqui englobamos em três grandes ideias: corporificação da mente, cognição em interação e instabilidade do real dado a conhecer) permitem a exploração dos fenômenos de forma coerente, inovadora e eficaz no que toca a explicar a complexidade das ações para conhecer e pensar. Além disso, os postulados determinam (ou reformulam) critérios e categorias de análise consistentes, o que ficará claro quando tratarmos do fenômeno específico de nosso trabalho, a referenciação.

A apropriação deste viés como elemento central na Linguística Textual da atualidade se explica pela possibilidade de refletir, integradamente, sobre trabalho individual e trabalho social. Conforme veremos na próxima etapa de nossa reflexão, essa integração é essencial

para explicar o objeto texto. É chegada a hora, portanto, de discutirmos as relações específicas entre sociocognição e linguagem.

1.4 Relações entre linguagem e sociocognição

A rigor, há duas questões a tratar no que tange às relações entre linguagem e (socio)cognição: 1) qual a importância da linguagem para os estudos da cognição; 2) qual a importância da cognição para os estudos da linguagem.

O primeiro tópico pode ser tratado a partir da consideração de que a linguagem é um dos aspectos cognitivos mais “evidentes”, mais fáceis de se perceber³⁴; por conta disso, os fenômenos que envolvem a linguagem se revestem de momentos particularmente interessantes para que se explicitem algumas teses sobre, por exemplo, conhecimento e memória.

O vigor da linguagem dentro dos estudos da cognição pode ser percebido no plano argumentativo que utilizamos na seção anterior. O tempo todo, nós aludimos a questões de linguagem para exemplificar os conceitos e fenômenos tratados. Isso é atestado pela remissão às regras de formalização, à pesquisa de Rosch sobre as categorizações e à reflexão de Maturana sobre a natureza da ontologia do conversar.

O aparato linguístico é relevante tanto para o Cognitivismo tradicional quanto para o Sociocognitivismo. No primeiro, temos que a crença de que é possível simular o pensamento humano em máquinas parte de uma concepção de linguagem e pode se manifestar, experimentalmente, a partir de formulações linguísticas. No segundo, vemos que a decisão metodológica de se considerarem as relações entre aspectos sociais e cognitivos para explicar o conhecimento só pode ser compreendida assumindo-se o papel fundamental da linguagem nos processos.

Temos, então, que o aspecto linguístico (inclusive a consideração do texto como unidade de linguagem³⁵) é fundamental para que a teoria cognitiva estabeleça seus princípios.

³⁴ Por isso Frawley (2000, p. 73-89) exemplifica os elementos básicos da ciência cognitiva (tradicional) com estudos sobre a linguagem, como os que discutem a organização sintática do inglês.

³⁵ Segundo Koch & Cunha-Lima (2005), a teoria cognitiva tradicional procurou explicar o processamento textual atinente a tarefas como “identificar o tópico central de um texto, identificar seus temas principais, resumi-lo, fazer as inferências que geram a coesão e a coerência globais” (p. 290). As autoras informam, ainda, que “As tentativas de desenvolver métodos automáticos para o processamento de textos foi uma das fontes mais importantes para mostrar a inadequação da perspectiva cognitiva clássica” (p. 290-291).

Caminhando na outra via da mesma estrada, vamos ver que o estudo do aspecto cognitivo é necessário para o desenvolvimento dos estudos da linguagem (ressaltando-se, contudo, que isso é válido mais para umas perspectivas do que para outras³⁶).

Das áreas que assumem a tarefa de tratar as relações entre linguagem e cognição, a mais evidente seria a Psicolinguística. Em princípio, esta seria a disciplina por excelência a incorporar os aspectos cognitivos na explicação do fenômeno da linguagem³⁷. Contudo, quando se trata de discutir como a proposta sociocognitivista entra na agenda dos estudos linguísticos – e esse é o objetivo central desta seção –, é impossível não mencionar o papel fundamental da Linguística Textual (LT) em tal processo. É o texto como objeto de análise que permite a construção de um quadro investigativo privilegiado para que se percebam as profundas e constitutivas relações entre linguagem, conhecimento e cultura.

De fato, o desenvolvimento inicial da LT tem como motor gerador o Cognitivismo (clássico). Conforme nos ensinam os textos introdutórios sobre o percurso histórico da disciplina (KOCH, 2004; BENTES, 2001), o breve período inicial das análises transfrásticas desembocou na necessidade de considerar que os fenômenos de concatenação eram regidos por regras que só seriam contempladas por análises em que se ultrapassassem os limites da sentença. Embalados pelo entusiasmo em torno das propostas de Chomsky, no seio da teoria gerativa, as quais inauguravam a necessidade de se tratar a linguagem como um fenômeno mental, os estudiosos passaram a tratar o texto como produto da cognição, regido por princípios mentais formalizáveis que dariam conta da capacidade humana de produzir e compreender enunciados adequados.

O período de tratamento excessivamente cognitivo do texto gerou lacunas que possibilitaram a emergência de um novo entendimento sobre o objeto, o que ativou a atenção dos pesquisadores não mais apenas para o produto, mas, principalmente, para os diversos

³⁶ Um exemplo seria o Estruturalismo saussuriano, cujo aparato explicativo prescinde de qualquer menção à “mente do falante”. A mesma decisão metodológica é percebida em perspectivas mais atuais, como a AD francesa e a Teoria da Argumentação na Língua. Embora se assuma (pelo menos no caso da AD francesa) que a linguagem só pode existir mediante um sistema cognitivo, não se considera essa ideia quando se trata de fazer as análises. Não lançamos mão dessa informação para criticar o fazer científico destas áreas. Apenas julgamos necessário destacar que, dentro dos estudos da linguagem, existem áreas cujos necessários recortes metodológicos descartam considerações mais pormenorizadas sobre a questão da cognição.

³⁷ Conforme Balieiro Júnior (2006), com a emergência da teoria gerativa da linguagem – a qual destacou os substratos mentais da linguagem (transformação de estruturas profundas em estruturas superficiais, existência de uma gramática universal, distinção entre competência e performance) – a Psicolinguística ganhou “autonomia”, embasada, como se vê, pela assunção teórica de que cognição e linguagem são duas instâncias intrinsecamente relacionadas.

aspectos envolvidos no processo de produção e compreensão. A tendência pragmática, que passa a tomar conta dos estudos, pode ser ilustrada com as palavras de Salomão (1999, p. 65):

A rigor, para que existiria a linguagem? Certamente não para gerar sequências arbitrárias de símbolos nem para disponibilizar repertórios de unidades sistemáticas. Na verdade, a linguagem existe para que as pessoas possam relatar a estória de suas vidas, eventualmente mentir sobre elas, expressar seus desejos e temores, tentar resolver problemas, avaliar situações, influenciar seus interlocutores, predizer o futuro, planejar ações.

Essa perspectiva de investigação, por trazer o sujeito e seu contexto para o centro do processo, demanda uma nova abordagem da dimensão cognitiva. O processo de aquisição e ativação do conhecimento, agora regido sob o aparato sociocultural, é questão essencial para a compreensão do objeto texto. Segundo Koch & Cunha-Lima (2005, p. 292), uma das principais teses da LT, formulada nesse estágio, foi a de que

nenhum texto é ou poderia ser completamente explícito, já que [...] os processos de produção e de compreensão de textos dependem, em grande parte, de informações que são apenas sugeridas, apontadas nos/pelos textos e que devem ser mobilizadas pelo ouvinte/leitor para que consiga estabelecer adequadamente o(s) sentido(s) global(is) de um texto.

É nesse momento que texto e sociocognição passam a se encontrar. A natureza inerentemente “incompleta” dos textos implica a necessidade de buscar a completude fora da materialidade linguística, o que demanda a mobilização de conhecimentos. Acontece que, no panorama que passou a se esboçar, o conhecimento não é mais tratado como o resultado de operações de representação mental baseadas no raciocínio lógico-matemático³⁸; o conhecimento é o resultado de operações dos sujeitos em interação, e por isso mesmo é seletivo e passível de mudança, a depender de cada situação.

Temos, então, que os vários fenômenos envolvidos na estruturação textual apresentam uma natureza multifacetada, em virtude de estarem sujeitos à pressão de diversas forças (conhecimentos), armazenadas, de forma dinâmica, em nosso cérebro. O texto é, pois, a unidade fundamental da interação; por isso, “é natural que os estudos de texto tenham um papel central na encruzilhada onde se encontram preocupações com a cognição e com a vida social” (KOCH & CUNHA-LIMA, 2005, p. 294).

Podemos considerar que o assumir o Sociocognitivismo como proposta teórica basilar é quase uma reivindicação natural dos estudos em LT. A disciplina só tem a fisionomia atual

³⁸ Defendemos que há, sim, representações, mas essas não necessariamente se conformam ao aparato racional. Voltamos a essa discussão no capítulo 3, quando discutimos os postulados fundamentais da referência.

porque se sustenta sobre essa base. Os princípios da primazia da interação e da noção de realidade como construto preme de significação, já discutidos aqui, são os mesmos que embasam o fazer atual da LT.

Em contrapartida, pode-se dizer que o Sociocognitivismo surge como proposta alternativa ao Cognitivismo clássico, em parte, por conta das reflexões sobre o texto. Koch & Cunha-Lima (2005, p. 291) mostram que a evidenciação das rachaduras do paradigma tradicional se centralizaram na questão da produção do sentido. Segundo as autoras,

Tentar explicar o funcionamento de palavras isoladas ou de regras sintáticas restritas ao âmbito da frase por meio de métodos desenvolvidos no interior dessa perspectiva [Cognitivismo clássico] revelou-se uma tarefa bastante difícil; entender como ativamos e mantemos as informações necessárias para o processamento textual e como realizamos as inferências implicadas nos textos mais corriqueiros tem se revelado impossível.

A questão da interpretação textual configurou-se, portanto, numa barreira aos avanços da tese da representação racional. Vemos, assim, que a sociocognição e a LT se amparam mutuamente; uma é absolutamente necessária para o sustento da outra. É preciso salientar, contudo, que, do lado da LT, observa-se uma ênfase na consideração do aspecto discursivo-ideológico envolvido no aparato social da linguagem.

Grosso modo, podemos dizer que a consideração da interação como elemento central decorre principalmente de uma postura pragmática. O argumento de que cada interação é um momento único – que, sem sombra de dúvidas, ganha mais força quando relacionado ao conceito de acoplamento estrutural de Maturana e colaboradores – prioriza a natureza circunstancial do fenômeno cognitivo, o que fala em favor de considerar os aspectos situacionais como intervenientes importantes do processo de conhecer. Trazendo a questão para a seara da linguagem, poderíamos dizer, verdadeiramente, que a produção e a compreensão de textos dependem dos papéis assumidos pelos sujeitos, sendo que tais papéis são flutuantes, dependentes de cada interação.

Para além da questão circunstancial, é preciso considerar que o caráter social da linguagem contempla os aspectos ideológicos atinentes à comunicação. Os papéis assumidos pelos participantes de uma interação não são determinados exclusivamente pelas características da situação, mas pela constituição dos sujeitos atravessados pela ideologia³⁹.

³⁹ Discutindo sobre as concepções de sujeito, Koch (2003) afirma que a concepção majoritariamente aceita em LT, na atualidade, advoga em favor de um sujeito que é, ao mesmo tempo, reproduzidor (porque se encontra atravessado pela ideologia) e produtor (porque participa ativamente na definição da situação na qual se acha engajado) da conjuntura social. Dentro dessa visão, segundo a autora, “Chega-se [...] a um equilíbrio entre sujeito e sistema, entre a ‘socialização’ e a produção do social” (p. 16).

Daí a LT assumir, hoje, como elementos fundamentais para uma teoria do texto, conceitos como os de heterogeneidade e de polifonia.

Particularmente para a LT, a sociocognição é vinculada ao discurso. O conhecimento, no que diz respeito à produção e ao processamento, está vinculado a mecanismos institucionais de controle que, além de regularem as situações comunicativas em termos do que pode ser dito por quem, afetam diretamente a bagagem cognitiva dos sujeitos. Por isso é que, na atualidade, a inclusão dos aspectos sociais nos estudos em cognição não se limita ao tratamento pragmático dos fenômenos; mais adequado é falar num tratamento pragmático-discursivo, mesmo que, para alguns, esse não seja um caminho produtivo ou possível⁴⁰.

Com essa perspectiva, a LT contribui para a solidificação de uma proposta, de alcance multidisciplinar, que advoga em favor da intrínseca relação entre pensamento, linguagem, cultura, situação de comunicação e discurso. A relação entre esses elementos é, de fato, inextricável a tal ponto que, como nos diz Salomão (1999, p. 71), há

uma continuidade essencial entre linguagem, conhecimento e realidade que não as reduz entre si, mas as redefine em sua fragmentária identidade (como realidade, ou como conhecimento, ou como linguagem), segundo as necessidades locais da interação humana.

Assim, a “realidade” pode ser focalizada como “conhecimento” (obviamente, não há conhecimento que recubra, ou substitua, a realidade). Do mesmo modo, o “conhecimento” pode assomar como “linguagem”.

O que Salomão indica é que, embora essas três instâncias não sejam exatamente equivalentes, uma é absolutamente essencial para que a outra se manifeste, de modo que saber exatamente onde termina a realidade e começa o conhecimento, e onde este termina e começa a linguagem, é tarefa impossível.

Um esquema que nos permite visualizar a interpenetração entre as diversas instâncias que determinam a configuração dos sentidos é o proposto por Blikstein (2003). Procurando continuar a extensa investigação linguístico-semiológica acerca da natureza e do lugar do acontecimento semântico (“Como e quando eclode a significação? Em que momento da cognição irrompe o significado?” – 2003, p. 23), o autor delega à questão do referente um papel fundamental numa teorização que avance em relação à incompleta abordagem que extradita a realidade extralingüística (o referente) de suas formulações.

⁴⁰ Ver, sobre isso, a posição de Possenti (2005, p. 363), para quem “A Pragmática [...] *disputa* com a AD [Análise do Discurso] o mesmo espaço – o do sentido ‘não-literal’” (grifo nosso).

A captura do referente, segundo Blikstein, é necessária para que as ciências preocupadas com a busca pelo sentido expliquem coerentemente os fenômenos que pretendem abordar. Essa captura passa, obrigatoriamente, pela consideração de fatores que vão além do sistema linguístico. Entra em cena a cognição:

O fato de o referente ser *extralinguístico* não significa que deva ficar *fora* da linguística; ele simplesmente está situado *atrás* ou *antes* da linguagem, como um evento cognitivo, produto de nossa percepção. Qualquer que seja o nome de tal “produto”, seja *referente*, *objeto mental* ou *unidade cultural*, fica reconhecida a necessidade do recurso a uma dimensão anterior à própria experiência verbal para a detecção da gênese do significado. Tal dimensão [...] é a *percepção-cognição*” (BLIKSTEIN, 2003, p. 39, grifos do autor).

Considerando, então, a dimensão cognitiva como participante do acontecimento semântico, Blikstein dedica-se a explicar qual seria o papel dela na produção dos sentidos. Inicialmente, ele critica as famosas abordagens que encaram as relações instauradas na linguagem como triádicas, que definem as categorias de significante, significado e referente, quase sempre com a preocupação de extraditar o referente das considerações mais pertinentes. A primeira grande contribuição do autor é mostrar que o referente não é igual à coisa extralinguística, à coisa do mundo; o referente é, antes, uma fabricação, que se relaciona com a realidade por intermédio da percepção, conforme o esquema a seguir.

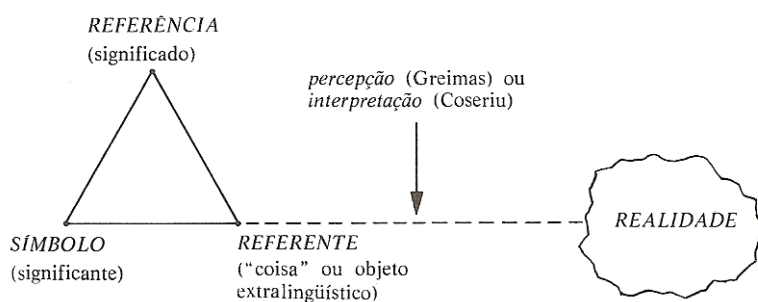


Gráfico 1 – Relação entre percepção e referente⁴¹ (BLIKSTEIN, 2003, p. 46).

Blikstein vai complexificando o seu esquema inicial de modo a mostrar como a dimensão perceptual coordena a relação entre realidade e referente, enfatizando a influência

⁴¹ Os nomes de Greimas e Coseriu aparecem no gráfico porque, em sua exposição do estado da arte no que toca aos estudos sobre o referente, Blikstein procura mostrar que termos diferentes usados por diferentes teóricos teriam alguma equivalência.

dos aspectos sociais na percepção, bem como a natureza cíclica dos elementos envolvidos no processo. O resultado final de suas reflexões desemboca no esquema a seguir:

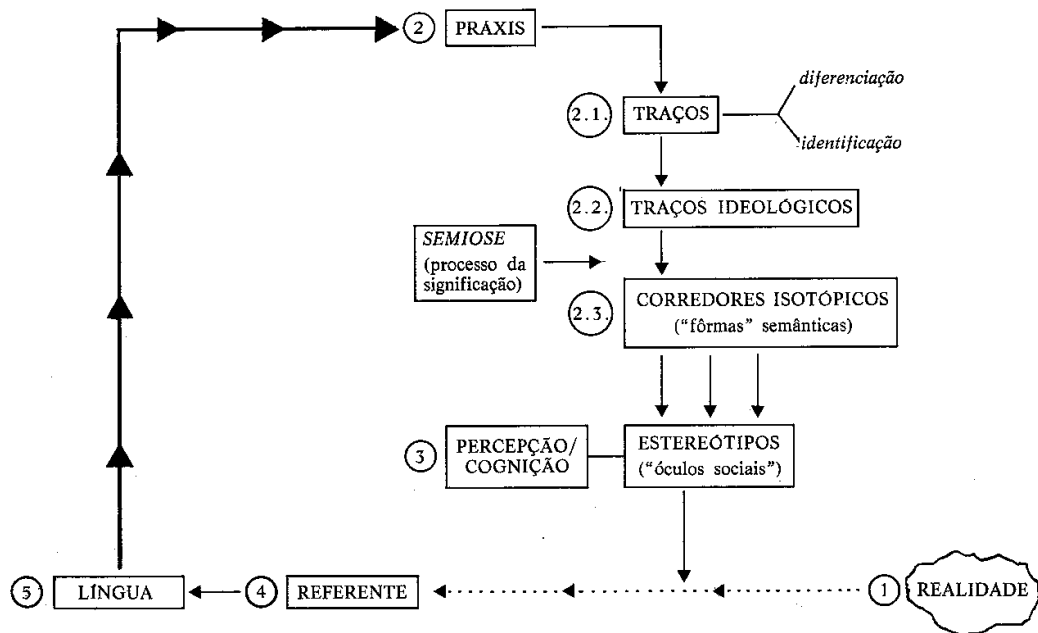


Gráfico 2 – A interação realidade / referente / língua / práxis (BLIKSTEIN, 2003, p. 81).

Pelo esquema proposto, percebe-se que a práxis⁴² “modela” a percepção/cognição e gera a significação da realidade. No processo, são relevantes as operações de identificação e diferenciação, que respondem à necessidade humana de discriminação, separação e agrupamento, de onde surge o reconhecimento de categorias e eventos, necessário à sobrevivência. Os traços resultantes das operações de identificação e diferenciação ganham valores, positivos ou negativos, impingidos socialmente, que garantem, em última instância, o seu caráter ideológico. Os traços ideológicos condicionam as linhas básicas da significação, pois eles determinam corredores semânticos, enquadres conceituais responsáveis pela construção dos estereótipos, ou “óculos sociais”. Com estes óculos é que percebemos o mundo⁴³; é através dessas lentes que fabricamos a realidade e construímos os referentes.

O esquema destaca, ainda, o papel da linguagem no processo da significação. Embora enfatize reiteradamente a necessidade de se valorizar a existência de uma dimensão de significação não verbal, Blikstein reconhece que a linguagem atua também no processo de

⁴² Blikstein (2003, p. 54) utiliza o conceito marxista de práxis: “conjunto de atividades humanas que engendram não só as condições de produção, mas, de um modo geral, as condições de existência de uma sociedade”.

⁴³ Como dizem Kress & van Leeuwen (2006, p. 158), “a realidade pode estar no olho do observador, mas o olho tem um treino cultural, e é localizado numa moldura social e numa história” / “reality may be in the eye of the beholder, but the eye has had a cultural training, and is located in a social setting and a history”.

significação, na medida em que materializa os estereótipos e reitera a práxis. Segundo o autor (2003, p. 79-80),

a impossibilidade de capturar a semiose não verbal, que se desencadeia na dimensão oculta entre a práxis e o referente, compele o indivíduo a recorrer ao sistema verbal para materializar e compreender a significação escondida. [...] estabelece-se uma interação entre língua e práxis, a tal ponto que, quanto mais avançamos no processo de socialização, mas difícil se torna separar as fronteiras entre ambas. Agindo sobre a práxis, a língua também pode modelar o referente e “fabricar” a realidade.

Blikstein corrobora a pertinência de seu esquema com a história de Kaspar Hause. Até os 18 anos, quando chega numa cidade alemã, o jovem não havia tido nenhum contato humano de que se lembrasse. Ele é acolhido por um morador da cidade e começa a participar da comunidade. Mesmo passando a ser instruído no código linguístico, Kaspar Hause não consegue se adaptar à nova vida, em virtude de não conseguir esboçar um comportamento social adequado. Não poderia ser diferente, já que o rapaz não tinha como fabricar os referentes necessários a sua conduta, pois lhe faltavam os óculos sociais.

O exemplo de Kaspar Hause mostra que, de um lado, é necessário considerar outros aspectos, além do linguístico, quando se trata de investigar o acontecimento semântico; de outro lado, percebe-se a importância fundamental da linguagem na regulação e controle das significações percebidas.

Com esse e outros exemplos, Blikstein confirma a pertinência de uma perspectiva que enxergue a relação cíclica entre linguagem, atividade humana e cognição, e é exatamente por isso que o trabalho do autor figura em nossa discussão sobre o Sociocognitivismo. Embora não seja um teórico que normalmente seja considerado como filiado ao Sociocognitivismo ou à Linguística Textual, a consonância de suas ideias com as defendidas nessas duas áreas⁴⁴ é motivo mais que suficiente para lhe garantir lugar de destaque nas reflexões.

Além disso, a proposta de Blikstein deixa patente a relevância do referente para a construção de teorias linguísticas (e também sociocognitivistas). De modo geral, percebemos que toda proposta de teorização da linguagem demanda uma decisão sobre qual o papel da referência no seu quadro teórico. Ao contrário das teorias que decidem pela exclusão ou minimização do papel do referente, o pesquisador coloca a questão como central, alocando o referente como a unidade que permite as inter-relações entre língua, práxis e cognição, o que o aproxima da proposta da referenciação. Isso comprova que qualquer trabalho em

⁴⁴ Veja-se, por exemplo, como a questão do discurso, presente na obra de Blikstein a partir das considerações sobre o caráter ideológico dos estereótipos, já antecipa as reflexões atuais da Linguística Textual.

profundidade sobre esse assunto necessita de uma séria reflexão sobre o aparato sociocognitivo inerente ao fenômeno.

Com isso, nós encerramos este capítulo. Procuramos, aqui, explicitar as principais características do Sociocognitivismo, inclusive no que toca às suas relações com a linguagem. Defendemos que os conceitos apresentados até então são fundamentais para a compreensão tanto do conceito de texto assumido pela Linguística Textual na atualidade quanto do fenômeno da referenciação como estratégia textual-discursivo-cognitiva. Mais que isso, pensamos que o viés sociocognitivista exige dos pesquisadores algumas posturas investigativas que, se levadas a cabo, possibilitam a emergência de novos achados sobre os fenômenos textuais. Isso ficará mais evidente quando, na seção 3.2, falarmos das novas tendências em referenciação.

Por ora, passamos a discutir sobre o conceito de texto, outra etapa fundamental no caminho de localização teórica do processo da referenciação.

2 O TEXTO SOB UMA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVISTA

*Tem um ponto de marca, que dele não se
pode mais voltar para trás.*

(Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*)

Embora árdua, a tarefa de se propor um ou mais conceitos de *texto* se faz necessária para que se determine (ou, pelo menos, para que se perceba mais evidentemente) a operacionalização das pesquisas; o conceito é o ponto focal que indica, ao mesmo tempo, de onde se parte e o que respalda as constatações a que se quer chegar. É a partir das definições sobre um objeto de investigação que se encontram (explícita ou implicitamente) os pressupostos basilares de uma teoria ou corrente científica, bem como se vislumbram os fenômenos ou os critérios analíticos pertinentes para um determinado paradigma.

Se, por um lado, é praticamente impossível estabelecer uma única definição de texto que seja suficientemente completa, por outro lado, é possível perceber recorrências nas definições que apontam para consensos importantes a respeito do panorama atual dos estudos sobre a matéria. Termos como “interação”, “prática”, “propósito”/“intenção”, “coerência”, “conhecimento” e “contexto” são convidados frequentemente a fazer parte das definições. Todos desembocam no reconhecimento de que uma “forte tendência sociocognitivista” (KOCH, 2003), interacionista e sociodiscursiva governa as pesquisas. Estudar cientificamente o texto, portanto, pressupõe o compromisso de levar a sério a temática das relações entre usos efetivos, aparato interdiscursivo e cognição interacionalmente situada.

Além de sinalizarem o local teórico em que se abrigam, os conceitos propiciam uma reflexão sobre os limites e as possibilidades de avanço nos estudos dos fenômenos. No caso da LT em seu estágio atual, o paradigma sociocognitivista reclama uma série de considerações sobre o conceito de texto (e sua aplicação a investigações) para revelar que o fazer científico do analista do texto ainda não contempla alguns pressupostos que admite.

Já vimos, no capítulo anterior, que o olhar sociocognitivo sobre a linguagem possibilitou à LT formulações teóricas mais consistentes sobre o texto como construto dinâmico, que se manifesta em íntima relação com os conhecimentos dos indivíduos. Também mencionamos que a dimensão discursiva, atualmente, ganha destaque nas conceituações sobre texto. Neste capítulo, retomamos essas noções, aliadas a outras, com dois objetivos em mente:

- 1) reavaliar o conceito de texto à luz das relações entre conteúdo verbal e outros modos de enunciação, particularmente, o conteúdo imagético das práticas multimodais; com isso, defendemos que a conceituação de texto, tal como comumente se vê em LT, precisa avançar no que diz respeito ao reconhecimento dos componentes da materialidade textual;
- 2) refletir sobre a necessidade de a LT assumir um papel ainda mais efetivo na explicitação precisa dos mecanismos atinentes à produção e à compreensão de textos; com isso, sustentamos que as análises em Linguística Textual precisam se pautar, cada vez mais, pelos pressupostos sociocognitivos insistentemente alegados (e nem sempre efetivamente considerados).

Esse movimento argumentativo termina por preparar o terreno para os próximos capítulos, em que mostramos como todos os pressupostos apresentados até então são úteis para entender os desdobramentos vislumbrados para a referenciação.

2.1 O objeto texto na atualidade

A afirmação óbvia de que o objeto de estudo da Linguística é a linguagem pode esconder a informação mais importante de que, na verdade, a investigação sobre a linguagem tem por meta tratar da temática dos sentidos. A busca por desvendar as relações entre as formas, as funções e os sentidos (considerando-se, em alguns casos, o trabalho mental e os aspectos contextuais) está na raiz de quase todas as teorias linguísticas. Por isso que estas só se sustentam se embasadas por pressupostos filosóficos (mesmo que não explicitados), e por isso que há um constante diálogo entre a Linguística e outras ciências que cuidam dos sentidos, como a Semiótica.

Muitos são os olhares a respeito da “constituição linguística” dos sentidos, do que surgem diferentes propostas de investigação. Interessa-nos, aqui, destacar o tratamento escolhido pelos que se incluem no grande paradigma da Enunciação. *Grosso modo*, pode-se dizer que as diferentes áreas abrigadas sob o rótulo de *Enunciação* partem do pressuposto de que a linguagem, ou, melhor dizendo, a produção de sentidos pela linguagem, deve ser investigada nos/pelos usos efetivos que os sujeitos fazem dela. A proposta do estudo da língua em uso chama a atenção para a importância do contexto situacional e histórico na

configuração de um enunciado efetivamente produzido. Essa tônica é uma das mais importantes formulações a orientar os conceitos de texto na atualidade.

Ressalte-se que a noção de enunciação não é mesma para as diferentes correntes teóricas. Segundo Charaudeau & Maingueneau (2004, p. 193), “A concepção que se tem de enunciação oscila entre uma concepção discursiva e uma concepção linguística. Se insistirmos na ideia da enunciação como acontecimento em um tipo de contexto apreendido na multiplicidade de suas dimensões sociais e psicológicas, operamos primordialmente na dimensão do discurso. Mas a enunciação pode também ser considerada, em um âmbito estritamente linguístico, como um conjunto de operações constitutivas de um enunciado”. Essa concepção mais estreita de enunciação só alcança o contexto comunicativo imediato e é herdeira dos ensinamentos de Benveniste (1988) e de partidários da Linguística da Enunciação atual. Não interessa tanto a teóricos dessa linha, por exemplo, chegar a explicações sobre as condições de produção de um enunciado, nem sobre posicionamentos discursivos, ideológicos, dos enunciadores e coenunciadores.

Neste trabalho, para fins de reflexão sobre a natureza do objeto texto, adotamos uma posição intermediária entre essas duas vertentes, de vez que não nos atemos exclusivamente à comunicação imediata, mas também não nos obrigamos a ter como finalidade última fornecer explicações sociológicas para todos os fenômenos linguísticos investigados. Esta é a razão pela qual optamos por conceber o texto sempre como inseparável das relações eminentemente discursivas, as quais, obviamente, são determinantes para a construção dos sentidos.

A tese de que os sentidos são determinados pela linguagem em uso foi abraçada pela Linguística Textual, o que proporcionou a “virada pragmática” (KOCH, 2004) da disciplina. De uma concepção de texto como sistema autônomo passível de formulação por uma “gramática” – tributária da noção de que o texto seria a unidade linguística mais alta em relação à frase, à palavra, ao morfema e ao fonema –, passou-se à consideração de texto como unidade funcional nos processos comunicativos de uma sociedade concreta.

A primazia da interação alçou o texto a uma condição especial: o objeto mesmo a partir do qual os sentidos emergem⁴⁵, e também o objeto a partir do qual mudanças sociais

⁴⁵ Podemos atestar a importância dessa visão de texto a partir da necessidade de outras disciplinas levarem em consideração as formulações discutidas no seio da LT. Perspectivas como a Gramática Funcional e a Análise do Discurso francesa, por exemplo, quando não assumem completamente a ideia do texto como lugar da interação, procuram definir a pertinência desse objeto em seus esquemas investigativos, destacando o seu papel na “determinação” dos sentidos.

podem ser empreendidas⁴⁶. Considera-se, então, que o texto pode ser entendido como um evento no qual os sujeitos são vistos como agentes sociais que levam em consideração o contexto sociocomunicativo, histórico e cultural para a construção de sentidos. Nas palavras de Koch (2004, p. 32-33),

na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal. (grifos da autora)

O conceito de Koch, além de enfatizar o caráter social embutido nas práticas de comunicação via texto, salienta, ao mencionar a “mobilização de um vasto conjunto de saberes”, o caráter sociocognitivo como constitutivo das interações. Incluir a cognição no conceito de texto seria quase que uma obrigação para a LT, uma vez que a disciplina sempre se preocupou com as questões envolvidas no processamento mental do texto, tanto na produção quanto na recepção, desde os estudos de Beaugrande & Dressler (1981) e de van Dijk, principalmente. Todo um frutífero caminho sobre os aspectos cognitivos da prática de linguagem já havia sido percorrido e não poderia ser desconsiderado apenas porque o componente pragmático passou a ganhar relevo⁴⁷.

Mais do que dizer que o texto é o resultado de uma ação social e de uma ação cognitiva (como se se tratasse de duas instâncias independentes), a perspectiva assumida pela LT, na atualidade, considera que cultura e processamento mental são duas instâncias constitutivamente interligadas, o que está em consonância com a proposta sociocognitivista. Na mecânica textual, portanto, emergem as relações entre trabalho intelectual e restrições/possibilidades sociais, de modo que não há nítidos limites entre o que é

⁴⁶ Este último é um pressuposto caro à Análise Crítica do Discurso. Mas, diferentemente de alguns analistas do discurso, não consideramos que o texto seja uma mera materialização do discurso, ainda que admitamos os mesmos pressupostos de que o discurso é uma forma de agir sobre o mundo e sobre as pessoas, ou uma forma de representação do próprio mundo e das pessoas no mundo.

⁴⁷ Na verdade, a própria emergência do aspecto pragmático em LT foi decorrente, em parte, dos estudos cognitivos sobre o texto, conforme se depreende, por exemplo, a partir de Charolles (1988), que credita aos estudos da gramática de texto, de forma geral, o rompimento de fronteiras nítidas entre a semântica e a pragmática. Essa observação é suficiente para o autor aconselhar um uso estratégico, não mecânico, das suas conhecidas metarregras.

essencialmente individual e o que é essencialmente coletivo, nem entre o que interno e o que é externo ao organismo humano.

Assumir um paradigma sociocognitivista estabelece, para a LT, a necessidade de uma investigação que esteja atenta aos sistemas de conhecimento acionados/construídos quando da produção e interpretação, bem como ao contexto sócio-histórico envolvido em cada situação de comunicação. Em virtude da conjunção de tantos fatores, vê-se que a tarefa de se comunicar é revestida de uma complexidade que demanda a atuação de sujeitos participativos, os quais, ao mesmo tempo em que se constroem na interação, a partir da alteridade⁴⁸, transformam as situações, pois trazem para a comunicação suas experiências particulares.

Vemos, então, que a perspectiva assumida na atualidade investe no entendimento do texto como um artefato dinâmico, daí ser apropriado tratá-lo como um evento (altamente complexo, como já sugerimos). Essa natureza dinâmica possibilitou uma rediscussão sobre os aspectos envolvidos na dinâmica textual. Koch (2004), por exemplo, salienta que a coerência textual – inicialmente entendida como um princípio de interpretação semântica derivado das relações estabelecidas na superfície textual – passa a ser considerada como o resultado “de uma construção dos usuários do texto, numa dada situação comunicativa” (p. 43), elaborada “por meio de processos cognitivos operantes na mente dos usuários, desencadeados pelo texto e seu contexto” (p. 46)⁴⁹. Isso implica que a complexidade do objeto texto demanda uma noção mais elástica de coerência (e de textualidade), que privilegie a importância de cada interação e do trabalho dos sujeitos na procura pela “unidade” de sentido.

Como se encontra em Cavalcante (a sair), se a coerência continua sendo uma unidade de sentidos de um texto, é preciso acrescentar que cada sujeito pode elaborá-la de um determinado modo, de acordo com seus conhecimentos linguístico-textuais, com seus saberes específicos que compartilha com os coenunciadores e com seus conhecimentos de mundo. Para a (re)construção da coerência textual, todos os indícios cotextuais e as inferências engatilhadas por eles se articulam, tornam-se coesos, e ajudam a compor um todo significativo para dada situação sociodiscursiva. Assim, o texto

não representa a materialidade do cotexto, nem é somente o conjunto de elementos que se organizam numa superfície material suportada pelo

⁴⁸ A alteridade é percebida em dois planos: o da consideração do interlocutor e o da consideração de outros textos/discursos prévios e futuros.

⁴⁹ Em que pesem as críticas sobre o real valor de renovação dos conceitos de coerência e textualidade, pois os princípios de dinamismo e atualização já estariam embutidos nas teorizações da década de oitenta (ver COSTA VAL, 2001), o fato é que a ideia de coerência *on-line* passou a ganhar destaque efetivo (inclusive como conceito operacional) mais modernamente.

discurso; o texto é uma construção que cada um faz a partir da relação que se estabelece entre enunciador, sentido/referência e coenunciador, num dado contexto sociocultural. Por isso está inevitavelmente atrelado a uma enunciação discursiva (CAVALCANTE, a sair, p. 9).

De acordo com a autora, essa noção de texto como fenômeno comunicativo tem de necessariamente supor “uma visão de coerência/coesão e de textualidade que não depende exclusivamente de propriedades inerentes à organização dos elementos no contexto, mas, sim, de um contexto sociocultural mais amplo, o que inclui uma série de atividades interpretativas dos coenunciadores” (CAVALCANTE, a sair, p. 9).

O mesmo caráter dinâmico – fortalecido, como vimos, pelo olhar sociocognitivista sobre o texto – acaba por determinar o direcionamento das investigações dos fenômenos. Os gêneros textuais e as estratégias textual-discursivas (referenciação, articulação tópica, intertextualidade, metadiscursividade, dentre outras) são estudados com base no pressuposto de que a interação é a instância de concretização das relações sociocognitivas, e por isso mesmo deve ser a unidade analítica por excelência. Os usos linguísticos, portanto, são a chave para se desvendarem os fenômenos.

Os usos em interação, no panorama atual da LT, como já vimos, se revestem de uma dimensão discursiva. Em qualquer quadro que delineie o estatuto do texto na atualidade, é preciso considerar a sua interdependência em relação ao discurso. Uma tendência cada vez mais dominante, então, é a da não separação total entre essas duas instâncias da linguagem em uso.

Se defendemos, já há um tempo, que o objeto texto não se circunscreve a sua parte material, é necessário considerar que pelo menos uma parte do que é considerado como não material se encontra (ou se confunde) no plano discursivo da linguagem. Esse encontro é celebrado se levarmos em conta tanto a concepção menos conhecida (no Brasil) de *discurso* – que engloba, *grosso modo*, os aspectos sociais, das mais diversas ordens, envolvidos na atividade de interação pela linguagem⁵⁰ – quanto a concepção mais conhecida – que diz respeito, mais especificamente, ao papel ideológico determinante do caráter institucional que perpassa os usos linguísticos⁵¹. Conceitos caros às teorias do discurso, como dialogismo e

⁵⁰ Essa concepção é vista, por exemplo, em Brown & Yule (1983); igualmente, é essa dimensão menos “famosa” em nosso país de discurso que está presente quando os funcionalistas tratam desse assunto.

⁵¹ Essa concepção é mais especificamente estudada pela Análise do Discurso francesa e pela Análise Crítica do Discurso, assim como pela Semiótica Discursiva.

polifonia, entre outros, são incorporados à LT, ganhando destaque nas teorizações e/ou nas análises.

Dessa forma, é cada vez mais frequente, em LT, desconsiderar as fronteiras muito bem delimitadas entre texto e discurso e investir no entendimento de que essas duas instâncias se imbricam e, por vezes, se confundem⁵², sem que isso signifique a necessidade de que as disciplinas em torno das duas matérias estudem as mesmas coisas ou se juntem para formar uma única área de investigação. Os programas investigativos de cada uma garantem naturalmente as especificidades, de modo que o diálogo entre elas não implica perda de identidades, mas, sim, ganho explicativo e avanço teórico-metodológico.

Aliás, o diálogo com outras perspectivas de estudo das significações é uma prática particularmente característica da LT e absolutamente necessária para a construção dos conceitos de texto. Devido à natureza complexa do objeto investigado, torna-se necessário um olhar multidisciplinar, que contribua para o avanço no entendimento dos fenômenos. Por isso, a LT não se furta de buscar iluminações em correntes teóricas como as análises do discurso, as semióticas, as teorias de leitura, a Semântica Argumentativa, a Estilística, a Sociolinguística Interacional, a Análise da Conversação, entre outras. Do mesmo modo, é relevante o diálogo com outras áreas do saber, como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia e a Filosofia. Em vez de esconder as contribuições, a LT assume abertamente a inclusão de outras vozes, ao mesmo tempo em que deixa claro o nicho que pretende ocupar, a saber: o estudo das manifestações (por vezes, mais marcadamente linguísticas) do texto e de suas estratégias, efetuado com base numa proposta global de abordagem das significações. A LT é, portanto, uma disciplina constitutivamente aberta ao diálogo, assentada na crença epistemológica de que é exatamente nesse diálogo que as coisas se aprimoram.

Temos, então, que o caráter do texto, no estágio atual dos estudos em LT, fala em favor de um objeto funcional, dinâmico, multifacetado, resultante de uma atividade linguístico-sociocognitiva orientada por parâmetros discursivos. A partir dos usos em interação, as propostas explicativas são construídas, as incompletudes são sinalizadas e as novas configurações teóricas são solicitadas.

Essa necessidade de novas explicações nos instiga a propor uma reflexão que coloque em evidência alguns aspectos, relacionados à conceituação de texto e às análises das estratégias textual-discursivas, que não vêm sendo devidamente considerados nas reflexões em LT. Cremos ser possível levantar questões que encaminhem as análises para, de fato,

⁵² A questão é muito bem colocada por Ciulla e Silva (2008, p. 21): dentro de alguns quadros teóricos, “*texto e discurso* parecem linhas em paralelo, quando, para nós, são linhas entrecruzadas” (grifo da autora).

confirmarem a pertinência dos pressupostos de dinamicidade que assumem. Especialmente no que diz respeito aos estudos em referência, julgamos essa iniciativa bastante salutar para que se considerem algumas reformulações à proposta.

De um lado, temos que o estatuto do texto na atualidade nos revela um longo caminho teórico percorrido para mostrar que o estudo dos sentidos tem de ultrapassar os limites materiais da superfície textual. A ideia central é a de que o cotexto, embora fundamental como ponto de partida, não garante a completude dos sentidos. Pode-se dizer que a inclusão de parâmetros pragmáticos, cognitivos e discursivos tem como propósito privilegiar o extralinguístico, uma vez que, de fato, o fenômeno da produção de sentidos a partir das interações só pode ser plenamente entendido se considerado em toda a sua complexidade.

Por outro lado, entendemos que, na consideração do extralinguístico, faltam dois componentes importantes aos avanços obtidos. O primeiro pode ser observado a partir da compreensão errônea de que “extralinguístico” seria sinônimo de “extramaterial”. Levando-se em conta as diferentes possibilidades semióticas (verbo, som e imagem) a partir das quais os textos podem se constituir, temos de admitir que a consideração do extralinguístico não implica, necessariamente, a alusão a aspectos externos à materialidade; o próprio cotexto pode não ser completamente linguístico, de modo que o tratamento dessa outra materialidade precisa entrar nas discussões teóricas. Tratamos disso na seção 2.2 deste capítulo.

O segundo componente diz respeito a uma certa “contradição” entre os pressupostos assumidos e as análises efetivadas. Na maioria das vezes, como as análises em LT são feitas com textos de curta extensão lidos/ouvidos de forma ininterrupta, assume-se que a participação das relações linguísticas nos fenômenos textual-discursivos é muito grande. Apesar de considerar aspectos contextuais, as análises se centralizam nos itens linguísticos, de modo que não se consideram estratégias de efetivação de sentidos (por exemplo, a construção de referentes) que prescindam do verbal ou que relativizem o peso dos itens linguísticos propriamente ditos. Temos, então, que a consideração do extralinguístico só é efetivamente operacionalizada se servir para explicar o próprio linguístico. A fim de propor alternativas a esse “entrave”, discutimos, na seção 2.3 deste capítulo, a possibilidade de se realizarem investigações com textos diferentes dos normalmente analisados, o que nos proporcionará material para defendermos a pertinência de se tratar o texto, efetivamente, como um evento.

As reflexões colocadas a partir daqui se embasam na convicção de que as abordagens propostas podem promover mudanças significativas tanto nos conceitos quanto nas metodologias. Isso ficará ainda mais evidenciado quando, nos capítulos 3 e 4, mostrarmos as relações entre os acréscimos que sugerimos aqui e o fenômeno da referência. Entendamos,

então, as próximas seções deste capítulo como explicações prévias, que retornarão posteriormente para solidificar as contribuições desta tese.

2.2 Os limites do (conceito de) texto: destaque para o não verbal

Todos os avanços observados na evolução do conceito de texto, comentados na seção anterior, não foram suficientes para questionar ou relativizar o “verbocentrismo” característico das pesquisas em LT. O que se vê, nessa disciplina, é que as perspectivas e os conceitos sobre o texto, quase sempre, definem esse objeto como exclusivamente linguístico, manifestado pela fala e/ou pela escrita, em suas mais diversas configurações. Mesmo quando não se assume o verbocentrismo explicitamente, as análises se encarregam de deixar bem claro que é disso que se trata⁵³.

A assunção de que os limites do texto se circunscrevem ao verbal deixaria de fora ocorrências como (4):

(4)



(*Cascão*. São Paulo: Globo, 2006, n. 459, p. 38.)

⁵³ A título de exemplificação, ver a obra de Koch & Elias (2006), repleta de tiras em quadrinhos e outros textos que mesclam linguagem verbal e não verbal, mas cujas análises se restringem à porção verbal dos textos.

A partir do entendimento de texto como objeto complexo e multifacetado, já se assume que, apesar de construído sob a égide do não verbal, é possível considerar (4) como um texto. Inicialmente, retomemos a definição de Koch (2004, p. 33), apresentada na seção anterior (p. 59), e façamos três alterações: 1) acrescentar que “linguagem” engloba a linguagem não verbal; 2) retirar o adjetivo “linguístico” depois de “elementos”; 3) retirar o adjetivo “verbal” depois de “interação”. O resultado é a seguinte paráfrase:

A produção de linguagem [verbal e não verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos [linguísticos] presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação ~~verbal~~.

Vemos como a definição, se aparadas as considerações sobre o verbal, casa perfeitamente com as características de (4); há, para esse texto, uma atividade de interação que gera a produção de sentidos. Esses sentidos são oriundos, entre outros aspectos, da forma como o texto é sequenciado e da mobilização de conhecimentos acerca dos personagens apresentados. Além disso, o fato de reconhecermos um gênero textual em (4) ou de o nomearmos genericamente por termos como “história” – o que atesta a presença de uma sequência textual – também fala em favor da aceitação do exemplo como um texto.

Podemos dizer, então, que a já aludida natureza multifacetada do texto comporta em sua constituição a possibilidade de a comunicação ser estabelecida não apenas pelo uso da linguagem verbal, mas pela utilização de outros recursos semióticos. Temos, então, que a materialidade textual (elemento que, embora não suficiente, é absolutamente necessário para que os sentidos se construam) pode se organizar sob diferentes combinações intersemióticas. Isso, para nós, constitui uma posição, ainda, desconsiderada pela LT, haja vista, por exemplo, a necessidade de reformular o conceito de Koch a fim de que os textos multimodais possam ser contemplados.

Na verdade, não há, a rigor, uma novidade em tal direcionamento. Martins (1994⁵⁴), em uma obra que apresenta aos iniciantes o conceito de leitura, já mostra a relevância de outras linguagens para a compreensão textual:

Seria preciso, então, considerar a leitura como *um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que*

⁵⁴ A primeira edição dessa obra data de 1982.

linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido (MARTINS, 1994, p. 30, grifo da autora).

O fato de Martins estar se referindo, especificamente, à leitura não pode mascarar a ideia mais fundamental de que, no final das contas, se está falando de *texto*. Tanto é que a própria autora completa: “a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens” (1994, p. 33). O que intentamos mostrar com essas observações é que a discussão sobre a pertinência de outras linguagens na configuração dos sentidos é uma tese já antiga. O que se pode considerar novo é o fato de a LT só mais recentemente estar começando a se preocupar com essa questão.

Trata-se, sem dúvida, de uma decisão “estranha” para uma ciência que, como afirmamos no início da seção anterior, tem como objetivo fundamental a investigação dos sentidos como decorrentes das manifestações comunicativas na interação. Parece-nos que a decisão por privilegiar o aparato linguístico da interação causou algumas limitações no que diz respeito a uma investigação mais plena acerca da produção de sentidos. As limitações passaram a ser reconhecidas e enfrentadas apenas recentemente⁵⁵, como se vê, por exemplo, na preocupação atual com o caráter multimodal das práticas discursivas, sobre o qual discutiremos ainda nesta seção.

Por ora, julgamos necessário reforçar a tese da importância da linguagem não verbal e sua relação com a configuração de sentidos. A partir das ideias apresentadas em Martins, temos que a natureza do ser humano lhe exige uma postura constante de “buscador de significações”. A autora (1994, p. 11) coloca a situação como algo presente desde o início da vida:

Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra tranquiliza. O som estridente ou um grito nos assustam, mas a canção de ninar embala nosso sono. Uma superfície áspera desagrada, no entanto o toque macio de mãos ou de um pano como que se integram à nossa pele. E o cheiro do peito, a pulsação de quem nos

⁵⁵ Sem dúvida, o advento do hipertexto chamou ainda mais a atenção para a prevalência de práticas multimodais constituintes da interação. Contudo, a “chegada” do hipertexto não deve ser considerada uma ruptura, pois a configuração de textos multimodais é tão antiga quanto o próprio ato de comunicar, e, principalmente no século XX, a utilização da tecnologia para a configuração de textos multimodais já era substancial antes mesmo do advento da internet ou das possibilidades de configuração decorrentes da linguagem digital. Como diz Santaella (2007, p. 286), “as transformações no mundo da linguagem a que estamos assistindo atualmente não foram repentinas. O terreno para o advento da hiper mídia e da mistura entre linguagens que nela se processa veio sendo preparado gradativamente, especialmente desde o surgimento da fotografia e do jornalismo”.

amamenta ou abraça podem ser convites à satisfação ou ao rechaço. *Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca* (grifo nosso).

Essa necessidade de atribuir sentidos vai se especializando e se refinando, de modo que o leitor (ou, adaptando para nossa discussão, o interlocutor) é capaz de reconhecer diversos textos, de diferentes tipos, no mundo que o cerca:

Quando começamos a organizar os conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõe e da nossa atuação nela; quando começamos a estabelecer relações entre as experiências e a tentar resolver os problemas que se nos apresentam – aí então estamos procedendo a leituras, as quais nos habilitam a basicamente ler tudo e qualquer coisa. (p. 17)

Temos, então, que o ser humano está cercado por textos para os quais propõe sentidos (ou leituras). Levando-se em consideração a possibilidade de tais sentidos serem manifestados a partir de diferentes modos de enunciação (verbal, visual, sonoro), podemos considerar, por exemplo, que, da mesma forma que a história em quadrinhos apresentada em (4), também as pinturas e os sinais de trânsito são textos, pois ambos entram no rol de eventos que se baseiam numa superfície ao mesmo tempo em que remetem a elementos sociocognitivos necessários à interpretação. Considerando-se que assim o seja, como efeito colateral temos a emergência de uma questão polêmica: decidir até que ponto o caminho aberto pela consideração do não verbal pode ir.

Aliada à tese de que há textos sem a presença do verbal, encontra-se a ideia de que o reconhecimento dos estímulos diversos que chegam a nossos órgãos sensoriais nos chama constantemente à atividade de interpretar para produzir sentidos⁵⁶. Nessa acepção bem ampla (que, reconheça-se, se alinha bem ao Sociocognitivismo), tudo seria texto. A interpretação que o jogador de vôlei faz sobre os movimentos da equipe adversária na hora do saque (chamada pelo locutor televisivo de “leitura do jogo”); o conjunto de gestos que fazem parte da “conversa” entre o limpador de parabrisas e o motorista quando o carro para no semáforo;

⁵⁶ Até o momento, a ênfase dessa ideia tem sido posta sobre o papel da visão, mais que dos outros aparatos sensoriais. No dizer de Kress & van Leeuwen (2006, p. 163), “Ver tem, em nossa cultura, se tornado sinônimo de entender. Nós ‘olhamos’ para um problema. Nós ‘vemos’ o ponto [onde queremos chegar]. Nós adotamos um ‘ponto de vista’. Nós ‘focalizamos’ uma questão. Nós ‘vemos coisas em perspectiva’. O mundo como ‘nós o vemos’ (mais que ‘como nós o conhecemos’, e certamente não ‘como nós o ouvimos’ ou ‘como nós o sentimos’) tem se tornado a medida do que é ‘real’ e ‘verdadeiro’” / “Seeing has, in our culture, become synonymous with understanding. We ‘look’ at a problem. We ‘see’ the point. We adopt a ‘viewpoint’. We ‘focus’ on an issue. We ‘see things in perspective’. The ‘world as we see it’ (rather than ‘as we know it’, and certainly not ‘as we hear it’ or as ‘we feel it’) has become the measure for what is ‘real’ and ‘true’”. Para Santaella (2005, p. 70-78), esse “privilegio cognitivo” da visão, em relação aos outros sistemas sensoriais, está relacionado à organização físico-biológica do corpo humano.

as considerações mentais sobre pobreza/caridade/economia que um indivíduo faz quando vê um desabrigado na rua⁵⁷; os movimentos e tudo o mais envolvido no ato sexual; a equação matemática... Tudo pode ser considerado texto, porque nos chama a participar ativamente de uma interação para a qual devemos dar sentido(s)⁵⁸.

Frente a essa abertura ilimitada, é necessário, então, tomar decisões sobre como estabelecer os conceitos de modo que fiquem claras as possibilidades de operacionalização das investigações. Nossa posição é a de que se deve assumir toda a complexidade do objeto texto e propor análises as quais deem conta dessa multiplicidade, considerando-se que, ainda que se configurem como não verbais, as diferentes manifestações semióticas ou os diferentes processos envolvidos em situações de interação sem o verbal passam por um tratamento interpretativo quando da interação, o qual, segundo algumas vertentes⁵⁹, parece se assemelhar ao tratamento que é dado ao linguístico; essa seria a decisão mais coerente com o panorama atualmente delineado nos estudos sobre o texto.

Nesta tese, pretendemos avaliar quatro episódios de um seriado de televisão; trata-se de uma prática multimodal, em que verbo, imagem e som se entrecruzam para possibilitar a emergência dos sentidos. Consideramos que a investigação dessas práticas por meio de um viés interpretativo de teor sociocognitivo ainda não foi feita, e pretendemos contribuir para o preenchimento dessa lacuna. Nesse sentido, as informações que apresentamos nesta seção são fundamentais, pois indicam o avanço – quanto à natureza material dos textos analisáveis – que pretendemos implementar. De fato, não chegamos a propor análises sobre as situações mais amplas citadas no parágrafo anterior, mas não fechamos os olhos para o fato de que elas são momentos de interação em que se instauram interpretações. Talvez não tenhamos, ainda,

⁵⁷ Ainda que, nesse caso, estejamos enfocando a reflexão mental sobre uma situação, é possível considerar a ocorrência de um texto, a depender do alcance que se manifesta a partir das relações entre texto e instâncias responsáveis pela textualidade (ver, a esse respeito, as considerações ao trabalho de Hanks (2008), na próxima seção).

⁵⁸ Na mesma linha, Martins (1994, p. 7) lança as seguintes perguntas: “Bastará porém decifrar palavras para acontecer a leitura? Como explicaríamos as expressões de uso corrente: ‘fazer a leitura de um gesto, de uma situação’; ‘ler a mão’, ‘ler o olhar de alguém’; ‘ler o tempo’, ‘ler o espaço’, indicando que o ato de ler vai além da escrita?”. Também Santaella (2005, p. 277), quando discute as diferentes nuances do conceito de texto – o que é relevante para a construção de sua matriz da linguagem e do pensamento, inspirada na lógica peirciana –, diz que “Num sentido mais amplo, texto se refere a mensagens em quaisquer códigos, de modo que podem ser chamados de textos os mais diversos fenômenos culturais: filmes, danças, *happenings*, peças musicais, cerimônias, pinturas e até espetáculos circenses”.

⁵⁹ Ver a discussão sobre a natureza da representação mental em Santaella & Nöth (2008, capítulos 1 e 2) e Holly (2009). Vale a observação de que, mesmo quando se considera a representação visual como diferente da representação linguística, ambas as semioses podem ser tratadas discursiva e/ou pragmaticamente: “a modificação de uma imagem pelo seu contexto se mostra [...] apenas como um caso especial do fenômeno semiótico mais geral da dependência contextual de qualquer mensagem” (SANTAELLA & NÖTH, 2008, p. 54).

aparato teórico-metodológico para investigar a contento o componente sociocognitivo de tais “situações-limite”, mas a sugestão de que elas sejam passíveis de observação cientificamente orientada serve como sugestão para trabalhos futuros.

Interessa, ainda, destacar que a escolha por descrever processos referenciais em quatro episódios de um seriado demanda uma reflexão sobre os limites de um texto a ser analisado. Os quatro episódios seriam considerados um texto só ou cada um delimita um texto? A mesma pergunta pode ser feita a respeito de outras situações de interação. Mas deixamos para efetivar essa discussão na próxima seção. No momento, há, ainda, uma importante reflexão sobre a ausência de uma proposta sociocognitiva de investigação da multimodalidade.

De fato, os linguistas (não apenas os do texto) vêm garantindo crescente papel ao estudo dos textos multimodais – “qualquer texto cujos significados são realizados por meio de mais de um código semiótico”⁶⁰ (KRESS & van LEEUWEN, 2006, p. 177). A multimodalidade, então, destaca-se como fenômeno passível de análise pelas correntes linguísticas, em conjunção (ou em contraposição) com a natureza linguístico-verbal dos enunciados.

Em nossa tese, realizamos uma análise do papel da multimodalidade – mais especificamente falando, da imagem – no processo da referenciação. Uma vez que, em LT, as pesquisas sobre o aparato multimodal dos textos ainda é relativamente recente e, a rigor (conforme salientamos posteriormente), focaliza quase que exclusivamente a caracterização dos gêneros textuais ou do hipertexto (o que é insuficiente para uma análise de estratégias textual-discursivas), julgamos necessário, para viabilizar a análise pretendida, reconhecer as contribuições sobre o estudo da imagem oriundas de outras perspectivas teóricas.

Confessamos que os estudos por nós realizados sobre a imagem em outras perspectivas teóricas tinham por meta inicial encontrar elementos (categorias de análise e passos metodológicos) que pudessem contribuir para a operacionalização de nossa investigação. Contudo, isso não foi possível, em virtude de essas perspectivas apresentarem direcionamentos que, a nosso ver, não condizem com o caráter sociocognitivo-discursivo característico da LT, o qual assumimos em nossa investigação. De qualquer forma, a reflexão sobre como outras áreas lidam com a questão da imagem, ainda que não tenha propiciado uma aplicação direta em nossa pesquisa, alarga nossa visão sobre o fenômeno e, na medida em que possibilita uma reflexão crítica, faz a ciência avançar.

⁶⁰ “any text whose meanings are realized through more than one semiotic mode”.

Apresentemos, então, um breve estado da arte dos estudos da imagem, o qual, em nosso recorte, contempla duas tendências:

- 1) a Gramática do Design Visual, proposta por Kress & van Leeuwen (2006) – a escolha dessa obra deve-se à ampla utilização desse aparato teórico por linguistas brasileiros que vêm estudando as relações entre linguagem verbal e linguagem visual, abrigados, principalmente, sob as orientações da Análise Crítica do Discurso; além disso, a proposta guarda íntima relação com os estudos linguísticos, uma vez que a proposição de categorias descritivas se inspira no Funcionalismo de Halliday;
- 2) a matriz da linguagem visual, conforme sugestão de Santaella (2005) e Santaella & Nöth (2008) – a apresentação dessa perspectiva tem por função reconhecer as principais características do estudo da imagem dentro do arcabouço teórico da Semiótica lógica de Peirce. Nesse caso, não se trata da exposição de uma obra que tenha impacto quantitativamente relevante nos estudos em Linguística sobre a linguagem visual; cremos, contudo, que uma pesquisa sobre as possibilidades de significação da imagem em textos não pode se furtar de conhecer como uma perspectiva semiótica teoricamente bem construída estabelece seus princípios e categorias.

Vejamos, então, como se caracterizam essas duas propostas, a fim de que possamos estabelecer os diálogos e as dissonâncias entre essas perspectivas e o fazer teórico da Linguística Textual.

2.2.1 A Gramática do Design Visual

Em Kress & van Leeuwen (2006), apresentam-se as justificativas para se estudar o caráter multimodal dos textos. Os autores (2006, p. 36) sustentam que uma constatação inicial é a de que o papel da linguagem verbal vem assumindo novos contornos nas sociedades modernas:

O lugar, uso, função e valoração da linguagem⁶¹ na comunicação pública está mudando. Ele está se movendo de seu papel inicial, imutável, como o modo de comunicação, para o papel de um modo entre outros, para a função, por exemplo, de ser um modo para comentar, para ratificar, ou para rotular, embora mais em alguns domínios que em outros, e mais rapidamente em umas áreas que em outras⁶² (grifo dos autores).

A partir de alguns exemplos de textos presentes nas interações cotidianas – livros infantis, capas de revistas, convites, material didático multimídia e mapas conceituais –, Kress & van Leeuwen mostram que a linguagem verbal, de fato, vem dividindo espaço com outros modos semióticos⁶³; algumas vezes, ela nem chega a ser a semiose mais destacada, como ocorre em propagandas semelhantes a (5).

(5)



⁶¹ *Grosso modo*, os autores, ao falarem da linguagem verbal, utilizam o termo *linguagem* – sem nenhum modificador. Por isso, nesta tese, quando citarmos trechos desse trabalho, tenha-se em mente que, na maioria das vezes, *linguagem* significa *linguagem exclusivamente verbal*.

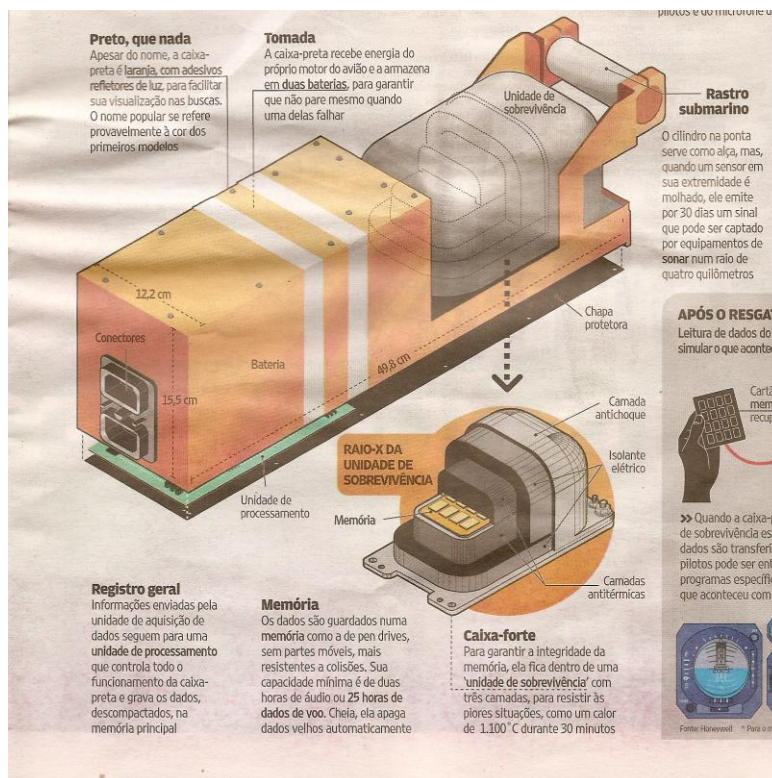
⁶² “The place, use, function and valuation of language in public communication is changing. It is moving from its former, unchallenged role as *the* mode of communication, to a role as one mode among others, to the function, for instance, of being a mode of comment, for ratification, or for labelling, albeit more so in some domain than in others, and more rapidly in some areas than in others”.

⁶³ Na mesma linha, Santaella (2007, p. 289) diz que, a partir do século XX, “a escrita continuou seu curso, mas perdeu certamente a sua dominância sobre a cultura, passando a conviver com a imagem, existindo ou de modo paralelo à imagem, como nos livros sem ilustrações, nos quais o texto impresso continuou dominando toda a cena, ou de modo complementar à imagem, como no jornal, nas revistas, na publicidade e nos livros ilustrados. [...] o século XX foi o século da coexistência, da convivência e também das misturas da escrita com a imagem”.

Neste exemplo, o poder atrativo do desodorante anunciado – representado pela “fuga” do índice denotador de banheiro feminino, o qual sai de seu lugar atraído pelo índice denotador de banheiro masculino – é estabelecido, primordialmente, pela imagem. No texto, cabe ao verbal um espaço mínimo (ainda que importante, pois garante a identificação da marca).

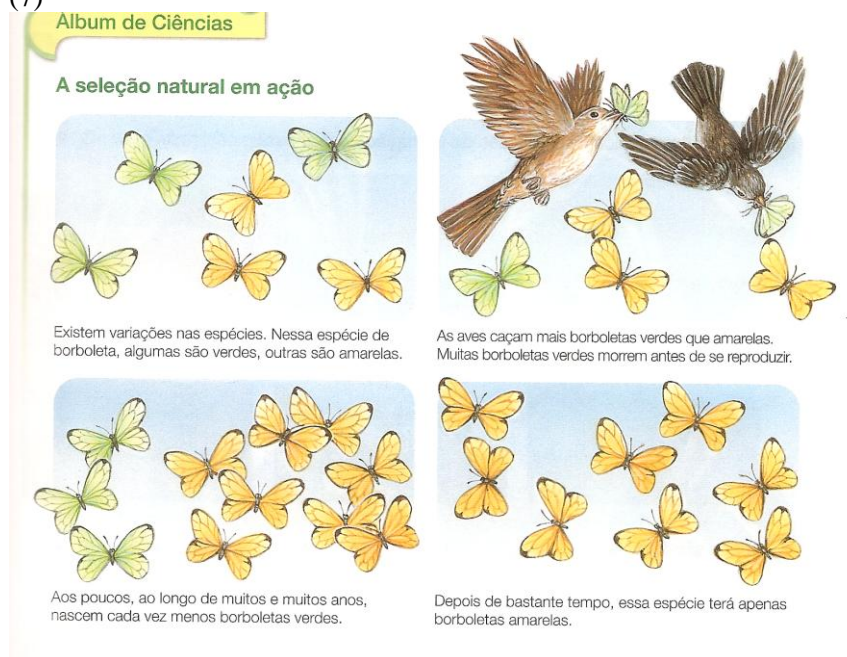
Saliente-se, contudo, que, a partir da obra de Kress & van Leeuwen, temos que a relevância das imagens na comunicação não se limita aos efeitos estilísticos encontrados, via de regra, nos textos publicitários. Em outros espaços sociais, as imagens também vêm dominando. No campo da “transmissão” de informações, a imagem vem ganhando espaço, o que se percebe, por exemplo, pela crescente utilização de infográficos em textos jornalísticos (como o exemplo (6)) e pela presença maciça da imagem nos livros didáticos (como o exemplo (7)).

(6) Componentes de uma caixa preta



(Folha de São Paulo, caderno Folhateen, 19 jun. 2009.)

(7)



(Projeto Buriiti: ciências. São Paulo: Moderna, 2007.)

Os autores sinalizam que, no estágio atual, o aumento da quantidade e a diferença na qualidade das informações são tão acentuados que se passou a exigir diferentes formas de contato com os textos, de modo que cabe o seguinte questionamento: “Será que a informação é hoje tão vasta, tão complexa, que talvez ela *tenha de* ser tratada visualmente, porque o verbal não é mais adequado?”⁶⁴ (KRESS & van LEEUWEN, 2006, p. 32, grifo dos autores). A resposta afirmativa à pergunta, por si, já reclama a emergência de um tratamento científico das práticas multimodais. Todavia, é necessário acrescentar, como fazem os pesquisadores, que a multimodalidade sempre foi constitutiva das práticas linguísticas. Em outras palavras, a multimodalidade é uma característica que sempre esteve presente nas práticas de interação, embora só recentemente tenha começado a passar por um tratamento científico-racional.

O estudo da multimodalidade, então, não se justifica com base, apenas, no objetivo mais instrumental de lidar com as manifestações textuais atuais. Ele diz respeito a uma necessária reflexão teórica sobre o estatuto intrínseco da linguagem e da interação, já que

a linguagem, seja na fala, seja na escrita, *sempre existiu como apenas um modo dentre uma amostra de modos* envolvidos na produção de textos, falados ou escritos. Um texto falado nunca é somente verbal, mas também visual, combinado com modos tais como expressão facial, gesto, postura e outras formas de autoapresentação. Um texto escrito, igualmente, envolve

⁶⁴ “Could it be the case that information is now so vast, so complex, that perhaps it *has* to be handled visually, because the verbal is no longer adequate?”

mais que a linguagem: ele é escrito em algo, em algum material [...] e ele é escrito com alguma coisa [...]; com letras formadas em tipos de fonte, influenciadas por considerações estéticas, psicológicas, pragmáticas, entre outras, e com um layout imposto pela substância material, seja na página, na tela do computador, na placa de metal polido⁶⁵ (KRESS & van LEEUWEN, 2006, p. 41, grifo nosso).

A partir das observações dos pesquisadores, julgamos que, na verdade, a atitude frente à grande “popularidade” da multimodalidade como fenômeno pesquisável pelas ciências da linguagem deveria ser menos de deslumbramento (“Como isso tudo é novidade!”) e mais de estranhamento (“Por que só agora isso começou a ser estudado?”). Dentro deste panorama, Kress & van Leeuwen (2006, p. 21) pretendem ocupar uma lacuna: “as culturas letradas têm sistematicamente suprimido meios de análises das formas visuais de representação, de modo que não há, no momento, um esquema teórico estabilizado dentro do qual a representação das formas visuais possa ser discutida”⁶⁶.

A construção desse quadro teórico estabilizado aparece como reivindicação decorrente das razões (tanto aplicadas quanto teóricas) citadas para se estudarem os outros modos semióticos que não o verbal (principalmente, a imagem). Com isso em mente, Kress & van Leeuwen sugerem como alternativa consistente de investigação a Gramática do Design Visual (GDV). A menção a esse construto teórico é fundamental nos estudos sobre multimodalidade, em virtude de ser esta a vertente que vem sendo mais utilizada, nas pesquisas sobre imagem realizadas por linguistas, em nosso país – tanto nos trabalhos diretamente relacionados à Análise Crítica do Discurso⁶⁷ quanto nos estudos sobre os gêneros textuais e sobre o hipertexto⁶⁸.

⁶⁵ “language, whether in speech or writing, has always existed as just one mode in the ensemble of modes involved in the production of texts, spoken or written. A spoken text is never just verbal, but also visual, combining with models such as facial expression, gesture, posture and other forms of self-presentation. A written text, similarly, involves more than language: it is written on something, on some material [...] and it is written with something [...]; with letters formed as types of font, influenced by aesthetic, psychological, pragmatic and other considerations; and with layout imposed on the material substance, whether on the page, the computer screen or a polished brass plaque”.

⁶⁶ “literate cultures have systematically suppressed means of analysis of the visual forms of representation, so that there is not, at the moment, an established theoretical framework within which visual forms of representation can be discussed”.

⁶⁷ Como veremos, a GDV nasce no seio da Análise Crítica do Discurso, tomando como base algumas categorias dessa corrente teórica. Podemos citar como trabalhos nessa linha os estudos de Petermann (2005) e Magalhães & Novodvorski (2008).

⁶⁸ Por exemplo, Dionísio (2006) e Xavier (2002). No âmbito das reflexões fora da Análise Crítica do Discurso, a influência de Kress & van Leeuwen é percebida mais na comunhão dos mesmos pressupostos que na utilização dos mesmos critérios analíticos. Também seguiremos a mesma abordagem, mas, como discutimos na próxima

A GDV baseia-se na convicção de que é possível elaborar uma “sintaxe” das imagens, a qual tem por objetivo descrever “a maneira como os elementos representados – pessoas, lugares e coisas – combinam-se nos ‘enunciados’ visuais de maior ou menor complexidade e extensão”⁶⁹ (KRESS & van LEEUWEN, 2006, p. 1). Toma-se como ponto de partida a mesma ideia central que guia os estudos funcionalistas: “as formas gramaticais [funcionam] como recursos para codificar interpretações da experiência e formas de (inter)ação social”⁷⁰ (KRESS & van LEEUWEN, 2006, p 1).

É possível destacar, na proposta dos autores para a formulação da GDV, duas preocupações investigativas, uma aplicada e outra teórica. A preocupação aplicada está relacionada à já mencionada necessidade de lidar com a presença maciça da multimodalidade nas interações hodiernas. Segundo os pesquisadores (2006, p. 20), “seu papel [dos textos multimodais] na vida de crianças e adultos é tão importante que nós não podemos simplesmente nos dar o luxo de deixar a habilidade de pensar e falar sobre elas (e, de fato, de produzi-las) a um grupo de especialistas”⁷¹. Com isso, eles sugerem que o reconhecimento das práticas multimodais é uma condição necessária para o exercício mais pleno da competência comunicativa, o que traz implicações para o ensino de línguas, que precisaria rever sua posição “escritocêntrica”⁷² de transmissão e produção do conhecimento.

A preocupação teórica da GDV reside na descrição dos usos das imagens e na reflexão sobre o papel ideológico dos textos multimodais. No que toca à descrição dos usos, a GDV segue, como já dissemos, os princípios assumidos pelo Funcionalismo, particularmente, os formulados pela gramática sistêmico-funcional de Halliday. Assim, a proposta considera a

seção, com consequências completamente distintas do que se vê em Análise de Gêneros e nos estudos sobre o hipertexto.

⁶⁹ “the way in which depicted elements – people, places and things – combine in visual ‘statements’ of greater or lesser complexity and extension”.

⁷⁰ “grammatical forms as resources for encoding interpretations of experience and forms of social (inter)action”.

⁷¹ “their role in the lives of children and adults is so important that we simply cannot afford to leave the ability to think and talk about them (and, indeed, to produce them) to a handful of specialists”.

⁷² Segundo os pesquisadores (2006, p. 16), no ensino, a escrita continua a figurar como o modo majoritário de produção e transmissão do conhecimento, mesmo que, “Fora da escola, [...] as imagens ganhem um papel cada vez maior, e não somente em textos para crianças” / “Outside school, [...] images play an ever-increasing role, and not just in texts for children”.

pertinência de tecer considerações sobre o sistema “visual”, da mesma forma que os funcionalistas teorizam sobre o sistema linguístico⁷³.

A possibilidade de um tratamento funcional da imagem em termos semelhantes ao tratamento reservado à linguagem verbal se garante pela assunção, reiterada várias vezes ao longo da obra em análise, de que o aparato visual da comunicação e a linguagem verbal, como modos semióticos, são regidos pelos mesmos princípios gerais. O mais fundamental destes princípios é o de que ambas os modos são participantes da construção de significados, os quais são culturalmente especificados. Considerando-se, então, que “as imagens [...] podem ‘dizer’ (algumas das) mesmas coisas que a linguagem”⁷⁴ (KRESS & van LEEUWEN, 2006, p. 50), é possível “tratar as formas de comunicação que empregam imagens tão seriamente quanto as formas linguísticas têm sido tratadas”⁷⁵ (KRESS & van LEEUWEN, 2006, p. 17).

Tomando como base este princípio geral, os elementos da GDV apresentam as mesmas funções globais que o Funcionalismo de Halliday atribui à linguagem verbal: ideacional, interpessoal e textual⁷⁶. Contudo, as categorias de análise são diferentes, em virtude de imagem e linguagem verbal, apesar de realizarem os mesmos sistemas fundamentais de significados culturalmente construídos, manifestarem formas específicas para a efetivação das funções. Enquanto, por exemplo, o processo narrativo (componente da função ideacional), para a linguagem verbal, pode ser descrito com base em categorias atinentes às “orações narrativas”⁷⁷, para a imagem, o mesmo componente apresenta categorias incluídas na “narrativa visual”⁷⁸.

⁷³ Tal sistema, conforme aprendemos nos textos introdutórios ao Funcionalismo linguístico (por exemplo, NEVES (2006) e PEZZATI (2005)), é diferente do sistema estruturalista, o qual aponta que das possibilidades da *langue* surge a *parole*; na verdade, é a partir do conjunto dos usos que surge o sistema.

⁷⁴ “images [...] can ‘say’ (some of) the same things as language”.

⁷⁵ “treat forms of communication employing images as seriously as linguistic forms have been”.

⁷⁶ Reiterando a tese de que a linguagem verbal é um dentre outros modos de significação, os autores (2006, p. 20) afirmam que a opção pelo modelo teórico de Halliday se dá “não porque o modelo funciona bem para a linguagem [...], mas porque ele funciona bem como uma fonte para pensar sobre todos os modos de representação” / “not because the model works well for language [...], but because it works well as a source for thinking about all modes of representation”.

⁷⁷ *Narrative clauses*, tais como “processo material com um participante”, “processo material com dois participantes”, “processo transacional passivo com deleção do agente” etc. (KRESS & van LEEUWEN, 2006, p. 78).

⁷⁸ *Visual narrative processes*, tais como “ação transacional unidirecional”, “ação transacional bidirecional”, “ação não-transacional” etc. (KRESS & van LEEUWEN, 2006, p. 78).

O aparato descritivo da GDV consiste, então, de categorias pertencentes às três funções globais da gramática sistêmico-funcional. A obra de Kress & van Leeuwen propõe um quadro detalhado das categorias de cada função, traçando, quase sempre, um paralelo entre essas categorias e as do sistema linguístico-verbal, com vistas a mostrar semelhanças e diferenças. Não nos interessa apresentar cada uma dessas categorias, porque não as utilizamos em nossas análises, o que ficará devidamente justificado a partir de nossa apreciação crítica sobre a GDV. Antes, porém, é preciso apresentar o outro tópico da reflexão teórica objetivada pela GDV: a discussão da natureza ideológica das imagens.

Ao afirmarem que a imagem é passível de uma análise tão produtiva quanto a que se reserva à linguagem, Kress & van Leeuwen destacam que isso é pertinente, inclusive, no que toca ao plano discursivo. Para os autores (2006, p. 5), o estudo da multimodalidade deve contemplar, também, “as condições históricas, sociais e culturais mais amplas que fazem e refazem a ‘linguagem’ visual”⁷⁹. Essa preocupação filia a GDV à Análise Crítica do Discurso, na medida em que exige uma reflexão sobre como as circunstâncias institucionais e organizacionais da interação interferem na produção e recepção de textos⁸⁰ (PEDROSA, on-line).

Nesse âmbito, a posição dos autores vai ao encontro das correntes que defendem a tese de que a significação só pode ser obtida na interação, quando se estabelecem os espaços discursivos determinantes das práticas. Naturalmente, a reflexão requer uma posição quanto ao papel da realidade nas práticas semiótico-discursivas, para o que os pesquisadores (2006, p. 47) defendem a seguinte tese:

A estruturação visual tem sido tratada ou como simplesmente reproduzindo as estruturas da realidade [...], mais que como proposições significativas criadas por meio de uma sintaxe visual, ou tem sido discutida em termos formais somente. [...] nenhuma dessas abordagens nos satisfaz. As estruturas visuais não reproduzem simplesmente as estruturas da “realidade”. Ao contrário, elas produzem imagens de realidade que são conectadas aos interesses das instituições sociais dentro das quais as imagens são produzidas, veiculadas e lidas. Elas são ideológicas. As estruturas visuais nunca são meramente formais: elas têm uma dimensão semântica profundamente importante⁸¹.

⁷⁹ “the broad historical, social and cultural conditions that make and remake the visual ‘language’”.

⁸⁰ A filiação da GDV à Análise Crítica do Discurso também é percebida na eleição da gramática sistêmico-funcional como paradigma de análise dos elementos linguísticos. Segundo Pedrosa (on-line), essa vertente teórica supre a parte “descritiva” da metodologia da Análise Crítica do Discurso.

⁸¹ “Visual structuring has either been treated as simply reproducing the structures of reality [...], rather than as creating meaningful propositions by means of visual syntax, or it has been discussed in formal terms only. [...] neither of these approaches satisfies us. Visual structures do not simply reproduce the structures of ‘reality’. On

Vê-se, claramente, que os autores assumem uma perspectiva de realidade como construção, dependente dos usos e das circunstâncias sociais (o que, aliás, relaciona-se com o que apresentamos sobre o paradigma sociocognitivista e com o que apresentaremos sobre a referenciação). Dessa forma, a imagem, como modo semiótico que é, também é ideologicamente determinada. Além disso, se confrontarmos a afirmação dos autores com o que dissemos, na seção anterior, sobre o estatuto do texto na atualidade, veremos que as ideias se alinham, ambas se atendo (apesar de seus objetivos específicos) à necessidade de uma reflexão mais completa acerca da natureza das significações (por isso Kress & van Leeuwen falam numa “dimensão semântica profundamente importante”).

Temos, então, que os postulados da GDV servem como apoio para as ideias de que 1) o estudo dos sentidos (motivo primeiro das pesquisas sobre linguagens) deve levar em conta a situação sociodiscursiva de interação, e 2) os processos de atribuição de significados não se limitam à utilização da linguagem verbal. Essas duas observações dão uma ideia precisa do recorte que estabelecemos para nossa breve apresentação da proposta da GDV. Resta-nos, ainda, determinar qual a importância dessa proposta para nossa pesquisa, o que será feito com base nas relações que podem ser estabelecidas entre o que descrevemos aqui e o que é feito na *Linguística Textual*⁸².

Para nosso trabalho, interessam-nos, principalmente, os postulados assumidos (e, de certa maneira, inaugurados) por Kress & van Leeuwen. A defesa de um posicionamento teórico que assume a “igualdade” dos modos semióticos é, sem dúvida, um achado, uma “novidade” relevante para a LT, na medida em que faz estremecerem os alicerces de uma disciplina que, como vimos, mesmo em seus estágios mais avançados do ponto de vista da capacidade explicativa, centralizou-se na primazia do verbal.

Além disso, a ideia de que as imagens de um texto podem assumir, nos processos de significação, as mesmas funções normalmente carreadas pela linguagem verbal respaldam nossa hipótese acerca das relações entre referenciação e multimodalidade. Conforme mostraremos no capítulo 5 (“Integração de múltiplos fatores para a construção da referência: redimensionando o verbal e acrescentando o imagético”), as imagens também são

the contrary, they produce images of reality which are bound up with the interests of the social institutions within which the images are produced, circulated and read. They are ideological. Visual structures are never merely formal: they have a deeply important semantic dimension”.

⁸² Com essa estratégia, reiteramos, na prática, a perspectiva, já apresentada, de que a *Linguística Textual* elabora sua teorização a partir do diálogo com outras áreas.

responsáveis pela construção dos referentes acionados pelo texto, podendo ocupar o mesmo lugar de construções linguísticas designadas para tanto.

Estamos assumindo, então, consoante a proposta de Kress & van Leeuwen, que a natureza sociodiscursiva é uma característica da linguagem em sentido amplo, atinente a todos os modos semióticos (embora, no momento, a ênfase tenha sido posta sobre a linguagem verbal e a visual). Dessa forma, reiteramos a observação de que tudo o que nos chama para compreender o mundo participa dos processos de significação, incluindo, nesses processos, a construção da referência.

Ao mesmo tempo em que assumimos os pressupostos fundamentais da GDV, distanciamos-nos dos critérios analíticos utilizados por essa proposta, não tanto pelas suas limitações⁸³, mas, sim, pelo direcionamento que a utilização de tais critérios conduz. Como vimos, os critérios de análise da GDV são erigidos em torno da gramática sistêmico-funcional. Embora uma retórica conciliatória insista que o Funcionalismo gramatical e a LT comunguem de alguns pressupostos⁸⁴, é preciso admitir que as disciplinas têm suas especificidades, e uma delas seria, exatamente, por parte da LT, o tratamento “não gramatical” dos aspectos discursivos.

Koch (2008, p. 11-12) explica a diferença entre as abordagens:

a LT, ao contrário da grande maioria dos modelos em Gramática Funcional, não adota uma postura modular, como a “teoria da cebola”, em que os diversos níveis ou camadas em que se faz a descrição linguística são vistos como superpostos ou acrescentados uns aos outros sucessivamente. Adota-se, isto sim, a posição de que o processamento textual acontece *on-line*, simultaneamente em todos os níveis.

A partir da explicação de Koch, temos que a Gramática Funcional, em algumas vertentes, trabalha com a noção de que os parâmetros pragmáticos – a primeira camada da “cebola” – determinam as funções semânticas (segunda camada), que por sua vez estruturam configurações linguísticas (ou, mais precisamente, sintáticas – a terceira camada). Temos,

⁸³ Destacamos duas limitações mais salientes: 1) a GDV, a rigor, não é uma gramática da imagem, mas, sim, uma gramática da imagem estática (ou da foto); a análise da imagem em movimento (como nos filmes) ou mesmo da sequenciação de imagens estáticas (como nas histórias em quadrinhos) pode suscitar considerações bem diferentes das que são feitas por Kress & van Leeuwen; 2) a ênfase nas distinções entre linguagem verbal e imagem pode prejudicar a proposta quando o objetivo final é mostrar como a imagem é muito mais versátil que a linguagem verbal (e essa parece ser uma tendência impregnada em muitos momentos da obra em destaque); com isso perde-se, inclusive, a noção de que pode haver subordinação da imagem ao texto verbal, algo frequente em alguns gêneros.

⁸⁴ Ver Neves (2006).

então, que é possível descrever os itens da língua em termos de tendências realizadoras de determinadas funções.

Embora reconheçamos as importantes contribuições que as análises desse molde proveem, pensamos que escapa a essa proposta a ideia (bastante cara à LT) de que as estratégias textual-discursivas não se manifestam apenas no plano da estruturação dos itens linguísticos⁸⁵. Um determinado viés argumentativo, por exemplo, não é percebido apenas pela utilização de construções linguísticas utilizadas para tal fim. Ele é resultado, também, de uma formulação percebida a partir da compreensão do texto como um todo. E, quando se fala de compreensão da unidade textual, não se está falando numa mera junção das frases que o compõem.

Não estamos dizendo que a catalogação das imagens em tendências recorrentes não seja uma tarefa importante ou não traga contribuições (inclusive pedagógicas). Além disso, admitimos que tais procedimentos devem ser intervenientes no processo de produção dos textos (inclusive multimodais), como indicadores de certos aspectos dos sentidos que se quer “transmitir”. Apenas salientamos que essa abordagem não é suficiente para explicar como se dá a produção de sentidos via texto, principalmente se levarmos em conta que algumas categorias seriam resultado muito mais da observação técnica do analista⁸⁶ do que do olhar de um sujeito “comum”.

Por isso, no quadro teórico estabelecido pela LT, não interessa analisar as imagens (nem a linguagem verbal) com vistas a encontrar uma relação (quantitativamente pertinente) entre forma da imagem e função semântica ou pragmática. Interessa, sim, ver como a imagem (ou a linguagem verbal) manifestada numa interação concreta se relaciona com outras partes (con)textuais para daí fazer emergir um construto dinâmico e polissêmico, sendo que tal análise visa a perceber/descrever/discutir as estratégias (textual-discursivas) que estão por trás das relações entre as partes.

Ao nos dispormos a investigar práticas multimodais em um seriado de televisão, não pretendemos propor uma gramática da imagem dinâmica (o que, aliás, ainda não foi feito pela GDV). Pretendemos, na verdade, mostrar como a referenciação é um fenômeno que se estabelece a partir de relações complexas entre diversos fatores (entre eles, a multimodalidade), sendo que o tratamento científico da integração de tais fatores é tarefa

⁸⁵ Somos da opinião de que a mesma limitação é percebida pela Análise Crítica do Discurso; por isso, essa corrente sustenta a necessidade de uma análise tridimensional (linguística, discursiva e social). Em tese, pelo menos a dimensão discursiva deveria reconhecer as estratégias textual-discursivas como emergentes a partir de uma unidade mais relevante que o conjunto das relações entre frases.

⁸⁶ Ver, por exemplo, a análise de Kress & van Leeuwen (2006, p. 140) que relaciona poder e ângulo vertical.

obrigatória exigida pelos princípios assumidos pelo pesquisador. Em nosso caso, estamos salientando que tais princípios só podem ser sustentados se levarmos em consideração o paradigma sociocognitivista e, conseqüentemente, as concepções mais flexíveis sobre o objeto texto.

Consideramos, então, que a proposta sedimentada por Kress & van Leeuwen apresenta pressupostos consistentes sobre o fenômeno da multimodalidade, os quais podem ser arregimentados para subsidiar outras perspectivas investigativas além da Gramática do Design Visual⁸⁷. Trata-se de um conjunto de princípios interessantes para a discussão em torno da ampliação da noção de texto. Isso é importante para garantir as relações que aqui estamos traçando entre princípios sociocognitivistas de produção dos sentidos e análises do objeto texto condizentes com tais princípios. Em 2.3, mostraremos que os avanços aqui discutidos não se restringem ao tratamento multimodal dos textos em LT, mas dizem respeito, também, às situações de interação normalmente analisadas nessa área. Por ora, passamos à apresentação da proposta semiótica (peirciana) de tratamento da imagem, conforme a teorização de Santaella (2005).

2.2.2 A matriz da linguagem visual

Na contracapa e orelhas anterior e posterior do livro dos semioticistas Santaella & Nöth ([1997] 2008), Arlindo Machado apresenta a obra, dizendo que “Fazia falta entre nós um volume como este, capaz de dar conta da problemática dos signos visuais ou audiovisuais em toda a sua extensão, profundidade, e variabilidade”. Machado credits aos autores o mérito de irem além da constatação simplista de que o tratamento teórico rigoroso da imagem é uma tarefa considerada árdua ou impossível, e conclui: “Agora, ninguém mais vai poder justificar atitudes de estupefação ou de impotência teórica diante de uma imagem”.

A retórica de Machado, por si, é motivo suficiente para incitar um pesquisador da Linguística Textual – interessado no poder de significação das imagens e sabedor de que o aparato analítico da LT ainda é insuficiente para investigar o fenômeno – a prestar bastante atenção na reflexão teórica de Santaella (nesta obra em coautoria e em outras nas quais o

⁸⁷ Na verdade, os pressupostos dos autores não são relevantes apenas para a questão específica da multimodalidade. Conforme veremos no próximo capítulo, a discussão que fazem sobre a noção de representação é interessante para uma reflexão mais ligada aos postulados gerais da referencialidade.

mesmo tema aparece). Se, além disso, esse pesquisador perceber uma íntima relação entre as perguntas colocadas pela Semiótica peirciana (“como se dá a apresentação e compreensão do mundo pelo ser humano? Como a multiplicidade e diversidade infinitas do universo sensível são convertidas em realidades inteligidas?” (SANTAELLA, 2005, p. 14-15)) e os questionamentos que a LT estabelece em relação ao papel dos textos na construção dos sentidos, ele será levado a crer que um diálogo entre as duas perspectivas pode ser bastante produtivo para um estudo mais completo sobre o papel das imagens nas práticas comunicativas.

Essas palavras iniciais revelam muito de nossa busca teórica: uma vez que nos desafiamos a estudar o papel da imagem na construção da referência, uma escolha natural seria procurar ajuda na Semiótica, já que esta é a ciência que estuda os processos de significação dos signos em geral (não apenas os linguísticos). Buscamos, principalmente, um aparato que nos ajudasse a encontrar categorias de análise compatíveis com os pressupostos assumidos pela LT. Contudo, a proposta semiótica de estudo das imagens criada por Santaella não satisfaz as demandas que uma investigação sociocognitivista dos processos referenciais requer. Para que isso fique claro, apresentamos, aqui, as linhas mestras da matriz da linguagem visual. Ao final, argumentamos que, quando se trata do estudo da imagem em textos (o que pressupõe considerar a interação), o trabalho de Santaella não é tão definitivo como sugere Arlindo Machado.

A compreensão da abordagem semiótica da imagem proposta por Santaella exige esclarecimentos em dois níveis: o primeiro diz respeito ao tratamento triádico do signo conforme as ideias de Charles Sanders Peirce (1995); o segundo relaciona-se à tese das três matrizes – som, imagem e verbo – do pensamento e da linguagem. É a partir dessas duas orientações fundamentais que a autora propõe uma classificação para as imagens. Façamos, então, um breve apanhado desses dois focos.

O signo é, *grosso modo*, o desencadeador de nossa compreensão sobre o mundo, pois é constitutivo de todo processo de mediação. Como diz Santaella (2007, p. 207-208), “Mediação é, sobretudo, um conceito epistemológico que envolve a grandeza humana que é também a nossa tragédia de só ter acesso ao mundo físico, afetivo, sensorio, perceptivo, cognitivo pela mediação dos signos”. Na gênese do humano – o buscador de sentidos –, está, portanto, a necessidade dos signos.

O signo é, para Peirce, uma entidade constitutivamente triádica, pois “as ideias de um, dois e três são-nos impostas pela lógica, e realmente não podem ser postas de lado. Deparamo-nos com elas não de vez em quando, mas, sim, a todo momento” (1995, p. 13).

Isso implica que todas as experiências passíveis de serem vividas pelos humanos se estabelecem a partir de três elementos formais e universais: *qualidade*, *relação* e *representação* (PEIRCE, 1995, p. 10-11). Esses três elementos fundamentais perpassam toda a conceituação da Semiótica peirciana, numa trama bastante complexa que demonstra a interpenetração entre eles nos mais variados níveis, como veremos adiante.

Expliquemos, antes, o que abrangeria cada um desses três elementos universais. Para tanto, lançamos mão, além do texto de Peirce, da apresentação de suas reflexões por Santaella (2005).

No âmbito da qualidade (ou primeiridade, ou mônada), encontra-se a sensação primeira, o contato inicial irrefletido (ou pouco refletido ou refletido sobre algo pouco “palpável”), ou até mesmo aquilo que existe antes desse contato; fazem parte dessa instância as noções de “acaso, indeterminação, vagueza, indefinição, possibilidade, originalidade irresponsável e livre, espontaneidade [...]” (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 2005, p. 36).

No âmbito da relação (ou secundidade ou díada), encontra-se o contato com o mundo, o ver e perceber as “coisas”; fazem parte dessa instância as noções de “polaridade, negação, matéria, realidade, [...], ação-reação, [...] aqui e agora, [...] efeito, ocorrência, fato, vividez [...]” (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 2005, p. 36).

No âmbito da representação (ou terceiridade ou tríade), encontra-se o refletir sobre, a convencionalização geradora de “leis”; fazem parte dessa instância as noções de “generalidade, continuidade, crescimento, mediação, [...], inteligência, lei, regularidade, aprendizagem [...]” (PEIRCE *apud* SANTAELLA, 2005, p. 36).

Cada um dos níveis, portanto, representa processos atinentes às experiências humanas, em dimensões, como vemos, diferentes. Por serem universais, os elementos são não excludentes, podendo, por isso, apresentar diversas relações de interpenetração e de gradação. Segundo Santaella & Nöth (2008, p. 142), a negligência à ideia de interpenetração gera, por parte de alguns estudiosos, certa incompreensão acerca da proposta, desembocando na tentativa de considerá-la em termos de oposições. Os autores comentam que a Semiótica de Peirce

não somente substitui o pensamento diádico ou binário do estruturalismo por um pensamento triádico, mas também substitui um pensamento em oposições e estruturas que se excluem reciprocamente por um pensamento de acordo com o qual as categorias descritivas devem ser entendidas como aspectos dos fenômenos, os quais podem estar presentes ao mesmo tempo em diferentes graus.

Para os semioticistas seguidores de Peirce, não procede analisar os signos para dividi-los em signos da qualidade, da relação e da representação, já que as três instâncias podem (e na maior parte dos casos é isso que realmente acontece) se presentificar àquele que interpreta. Esse é um raciocínio bastante caro, e fundamental, dentro da Semiótica pragmaticista, o qual orienta todo o desenrolar da reflexão e determina as categorias observáveis.

Há grande recursividade do sistema ternário nas definições da Semiótica peirciana, de modo que as divisões se dão em três grupos, e dentro desses três grupos há outras divisões triádicas que garantem graus distintos de primeiridade, secundidade e terceiridade às categorias e aos fenômenos. Vejamos um exemplo.

A proposta fala de três pontos de vista a partir dos quais as categorias da experiência podem ser estudadas: o ponto de vista da Qualidade (atrelado à primeiridade), o ponto de vista dos Objetos (atrelado à secundidade) e o ponto de vista da Mente (atrelado à terceiridade). Cada ponto de vista, por sua vez, apresenta categorias de três ordens, de modo que, por exemplo, no ponto de vista das Qualidades, há uma primeiridade propriamente dita (a qualidade “pura”), uma primeiridade “relacional” (por isso, ligada à secundidade) e uma primeiridade “representacional” (por isso, ligada à terceiridade).

A qualidade pura diz respeito ao “ser da possibilidade qualitativa positiva” (SANTAELLA, 2005, p. 35); como exemplo, a autora menciona “a mera possibilidade da qualidade em si mesma da vermelhidão, sem relação com nenhuma outra coisa, antes que qualquer coisa no mundo seja vermelha” (2005, p. 35).

Como exemplo de primeiridade relacional, Santaella (2005, p. 35) cita “qualquer ocorrência no seu aqui e agora, no seu puro acontecer, o fato em si desconsiderando-se qualquer causalidade ou lei que o possa determinar, como, por exemplo, uma pedra que rola na montanha”. Por se tratar de um fato, o exemplo entra no rol da secundidade; mas esse fato por si, em não havendo observação e reflexão acerca de seu acontecimento, garante o caráter de primeiridade.

A primeiridade representacional refere-se ao “ser de uma lei que irá governar fatos no futuro”, ou seja, “qualquer princípio geral ordenador e regulador que rege a ocorrência de um evento real, como, por exemplo, a lei da gravidade governando a queda da pedra que rola na montanha” (SANTAELLA, 2005, p. 35). Por se tratar de uma lei, encontramos aqui a terceiridade; contudo, como o “cumprimento” dessa lei, por si, independe da reflexão sobre os fatos com o objetivo de propor uma generalização, o aspecto mais importante, no caso, é a primeiridade.

A mesma subdivisão do ponto de vista da Qualidade pode ser feita para o ponto de vista dos Objetos e o da Mente, ou seja, pode haver primeiridade e terceiridade no ponto de vista dos Objetos, bem como pode haver primeiridade e secundidade no ponto de vista da Mente. Não interessa, aqui, descrevê-los exaustivamente. A descrição feita até o momento pretende, apenas, mostrar a configuração da proposta peirciana, para que entendamos como se manifestam as inter-relações entre os elementos garantidores das experiências humanas. Isso é importante, no final das contas, para compreendermos a natureza triádica do signo.

Os três elementos universais são responsáveis pela configuração das três instâncias do signo: ícone (para a primeiridade), índice (para a secundidade) e símbolo (para a terceiridade). A rigor, o signo, como elemento constitutivo da mediação, faz parte do trabalho intelectual dos sujeitos na sua busca pelos sentidos. Logo, o signo está arraigado à terceiridade – a dimensão do operar cognitivamente. Se assim o é, por que, então, considerar que pode haver signos que são ícones e signos que são índices, aspectos da primeiridade e da secundidade?

A resposta a essa pergunta já está insinuada na descrição anterior sobre as interpenetrações de diferentes gradações dos elementos fundamentais das experiências humanas. Sobre isso, façamos duas observações.

- 1) de um lado, temos que um símbolo apresenta traços de indicialidade e iconicidade, pois, como afirma Peirce (1995, p. 16-17), a terceiridade (o plano da reflexão consciente em busca da inteligibilidade) engloba uma primeiridade (uma reflexão “involuntária” de apreensão do imediato) e uma secundidade (uma reflexão de busca por semelhanças e diferenças do que se nos mostra); melhor dizendo, “sem o ícone, o símbolo seria impotente para significar e, sem o índice, perderia seu poder de referência” (SANTAELLA & NÖTH, 2008, p. 65).;
- 2) de outro lado, “Apesar de os signos pertencerem à categoria da terceiridade, [...] os aspectos da primeiridade e da secundidade podem, em certos casos, predominar, de maneiras distintas, nos signos” (SANTAELLA & NÖTH, 2008, p. 143).

A primeira observação nos leva a considerar que os símbolos (convenções organizadas coletivamente) são usados para que se reconheçam os objetos presentes no mundo e para que se manifestem as qualidades desse objeto. O signo “balão” só é realmente um símbolo porque é capaz de denotar (no caso da teoria, referir) objetos específicos que apresentam certas qualidades. Logo, as leis convencionais que organizam a mediação têm como funções, entre

outras, a possibilidade de denotar (secundidade) e a de embutir uma qualificação (primeiridade) sobre o que está sendo convencionalizado.

A segunda observação nos faz atinar para o reconhecimento de que, em algumas mediações, a reflexão generalizante que organiza as convenções (terceiridade) pode não ser o elemento mais importante na caracterização do signo, já que, como diz Santaella (2005, p. 192), “para funcionar como signo, algo não precisa ser inerentemente triádico”. Como exemplo de um signo predominantemente diádico (indicial), a autora menciona um caco de cerâmica a indicar um objeto quebrado de que esse caco é parte, “funcionando como signo tão logo alguém encontre esse fragmento de um todo” (p. 192). Como exemplo de signo predominantemente monádico (icônico), ela cita a cor amarela, se esta “produzir uma mera qualidade de sentimento da mente do intérprete” (p. 192).

Logo, os aspectos da qualidade, da relação e da representação estão presentes nos signos, podendo ser combinados de maneiras diversas. É a partir dessas combinações que se dá a miríade de possibilidades semióticas. Nas palavras de Santaella (2005, p. 192),

os diferenciados graus de semioses que aparecem nas diferentes classes de signos funcionam como ferramentas analíticas para o exame dos mais variados graus e tipos de representação que vão desde as representações mais próximas da tríada genuína [relações de convenção altamente abstratas] até à presentificação incerta e vaga que se dá no ícone puro [relações de sensação altamente imprecisas].

Essa é a ideia central que garante o potencial explicativo da Semiótica Peirciana, e é ela que possibilita o entendimento sobre o outro aspecto a esclarecer a respeito da proposta de Santaella: a tese das três matrizes da linguagem e do pensamento, cujas principais características descrevemos a seguir.

Um dos objetivos de Santaella é o de fornecer uma proposta de compreensão dos processos de significação que parta de considerações mais consistentes do que as normalmente feitas na sua área específica de atuação – a Comunicação Social. Segundo a autora, um problema das teorias da Comunicação é a ênfase no veículo em detrimento da mensagem:

A primeira coisa que se deixa de perceber, como uma espécie de ponto cego da retina, quando o olhar obsediante se fixa apenas nas mídias, são as linguagens, os processos sígnicos que muito justamente são transportados e transitam pela mídia.

[...] Ora, o veículo, meio ou mídia de comunicação é o meio mais superficial, no sentido de ser aquele que primeiro aparece no processo comunicativo.

Não obstante sua relevância para o estudo desse processo, veículos são meros canais, tecnologias que estariam esvaziadas de sentido não fossem as mensagens que neles se configuram. (SANTAELLA, 2005, p. 380)

Santaella exemplifica esse equívoco mencionando a organização dos currículos dos cursos de Comunicação, divididos por veículos – jornal, cinema, rádio e televisão – ou por serviços – relações públicas, turismo etc. Esse viés superficial pode levar à perda do que é primordial na prática da comunicação: a linguagem. A fim de recuperar essa dimensão, a autora se manifesta (2005, p. 28):

É mais do que tempo, portanto, de superarmos as visões atomizadas das linguagens, códigos e canais, baseadas apenas nos modos de aparição das mensagens, para buscarmos um tratamento mais econômico e integrador que nos permita compreender como os signos se formam e como as linguagens e os meios se combinam e se misturam.

A proposta integradora de Santaella (2005) parte da Semiótica peirciana e aproveita a sua configuração triádica. Sua tese principal (2005, p. 20) é a de que “há apenas três matrizes de linguagem e pensamento a partir das quais se originam todos os tipos de linguagem e processos sógnicos que os seres humanos, ao longo de toda a sua história, foram capazes de produzir”. Logo, “a multiplicidade variegada das linguagens é gerada a partir de combinações e misturas entre as três matrizes que estão na base dessa multiplicidade” (2005, p. 21).

Essas três matrizes comunicacionais – o som, a imagem e o verbo – estão associadas, respectivamente, às três instâncias da experiência humana – primeiridade, secundidade e terceiridade. O som, como possibilidade sugestiva, está calcado na primeiridade. A imagem, como presentificação, se alicerça na secundidade. O verbo, como convenção, funda-se na terceiridade.

O trabalho de Santaella busca, primeiro, uma determinação do tipo de realização mais pura com que uma matriz pode se manifestar, para, em seguida, reconhecer as mesclas entre as matrizes. Para a matriz visual (a que nos interessa nesta exposição), a autora considera como protótipo a imagem fixa (pintura, diagrama, fotografia etc.). As formas visuais em movimento – como se vê no cinema, vídeo, TV e computação gráfica – são linguagens híbridas entre o sonoro, o visual e o verbal, cujo entendimento pressupõe o reconhecimento das características básicas de cada matriz.

Além disso, a pesquisadora, mantendo a ideia de que há interpenetrações e gradações diferentes do caráter semiótico, estabelece as diferentes manifestações comunicativas dentro de cada matriz. Assim é que cada uma delas apresenta uma gradação que vai das formas mais

imprecisas e sugestivas, passando pelas formas mais perceptíveis, até chegar às formas mais convencionalizadas.

Descrever a matriz visual, portanto, implica, em primeiro lugar, admitir sua natureza essencialmente indicial (secundidade), representada prototipicamente pela imagem fixa e, em segundo lugar, propor, para as imagens fixas, uma classificação a qual

tenha seu núcleo nas formas indiciais genuínas para espaiar-se, de um lado, em formas que vão, cada vez mais, aproximando-se do ícone, [...] enquanto, de outro lado, a classificação vai, cada vez mais, aproximando-se das formas representativas em que a convencionalidade se acentua nas várias modalidades do simbólico. (SANTAELLA, 2005, p. 199)

Assim é que as imagens fixas são classificadas em formas não representativas (icônicas), formas figurativas (indiciais) e formas representativas (simbólicas).

As formas não representativas “dizem respeito à redução da declaração visual a elementos puros: tons, cores manchas, brilhos, contornos, [...] texturas, massas, proporção, dimensão, volume etc.” (SANTAELLA, 2005, p. 210). Devido ao seu alto poder de sugestão, as formas não representativas são consideradas icônicas. Essas imagens, chamadas normalmente, no universo da arte, de *abstratas*, não têm a pretensão de representar um objeto denotável, como se pode perceber a partir do exemplo (8).

8)



(KADINSKY. *Sketch for composition IV*. Em SANTAELLA, 2005, p. 212.)

As formas figurativas são as que “transpõem para o plano bidimensional ou criam no espaço tridimensional réplicas de objetos preexistentes e, o mais das vezes, visíveis no mundo real” (SANTAELLA, 2005, p 227). Essas são as formas indiciais por excelência⁸⁸, cujo protótipo é a fotografia⁸⁹, como o exemplo a seguir.

(9)



(NÖTH, Wilfred. *Feira de São Joaquim*, Salvador, Bahia, setembro de 1999. Em Santaella, 2005, p. 232.)

As formas representativas (ou simbólicas) “são aquelas que, mesmo quando reproduzem a aparência das coisas visíveis, essa aparência é utilizada apenas como meio para representar algo que não está visualmente acessível e que, via de regra, tem um caráter abstrato e geral” (SANTAELLA, 2005, p. 246). Em virtude do seu caráter convencional, o significado de uma forma representativa “só pode ser interpretado com a ajuda do código de convenções culturais” (2005, p. 246). Santaella dá como exemplo de forma representativa o quadro a seguir:

⁸⁸ Santaella considera, para a imagem, os termos “figurativo”, “indicial” e “referencial” como sinônimos. Não utilizamos o último a fim de evitar confusão em relação ao sentido que ele tem na proposta teórica da referenciação. No momento oportuno, assinalamos as distintas concepções de referência (para a Semiótica e para a LT).

⁸⁹ Isso não quer dizer que apenas as fotografias sejam figurativas (veja-se o caso das pinturas realistas, por exemplo) nem que as fotografias sejam apenas indiciais: como bem observa Santaella (2005, p. 236), fotografias artísticas podem ter alto grau sugestivo (o que as aproxima do ícone) e fotografias científicas ou fotografias de propaganda “podem caminhar na direção da generalidade própria do signo”.

(10)



(VAN EYCK, Jan. *O casamento de Giovanni Arnolfini e Giovanna Cenami*. Em SANTAELLA, 2005, p. 247.)

A autora comenta que a “leitura” desse quadro ultrapassa o reconhecimento (ou a suposição) de que se trata de uma cena do mundo. Woodford (*apud* Santaella) descreve os elementos da cena em suas relações com convenções culturais da época. Por exemplo, a vela acesa no candelabro não tem a função de iluminar o cômodo, visto que, pela claridade que vem da janela, somos informados de que a sala é iluminada pela luz do dia; a luz da vela representa (simboliza) Jesus Cristo, aquele que tudo vê e que está presente para abençoar o lar em que se consumará a união do casal. Essa é, obviamente, uma leitura simbólica da imagem.

Partindo dessas três grandes categorias das formas visuais, Santaella (2005) propõe subdivisões triádicas dentro de cada uma delas, de modo que detalha ainda mais o caráter heterogêneo dos signos. Em uma subcategoria como, por exemplo, “a qualidade como lei: a invariância”, temos o aspecto básico de qualquer figura, que é o índice; como essa categoria é subordinada às formas não representativas, ele apresenta traços icônicos; além disso, por estabelecer alguma regularidade de formas abstratas, contém algo de simbólico.

Ao final, para a descrição da matriz visual, o quadro apresenta três grandes categorias, cada uma apresentando três subcategorias, que, por sua vez, se desdobram, cada uma, em outras três “subsubcategorias”, as quais não exemplificaremos aqui. O resultado final de toda

essa subdivisão são 27 possibilidades de manifestação dos signos visuais puros. Como o som e o verbo, cada um, também possuem suas 27 modalidades puras, temos, ao todo, 81 manifestações sígnicas, passíveis de serem mescladas entre si. Para Santaella (2005), essa multiplicidade de configuração dos signos é o que garante a miríade de formas de comunicação.

Após apresentar cada uma das suas matrizes, Santaella sugere um cartograma das linguagens híbridas, cujas intenções são: 1) localizar manifestações concretas da linguagem quanto a sua natureza sígnica; 2) propor um panorama geral de entrecruzamentos que podem ser explorados mais profundamente por outros pesquisadores. Seu cartograma contempla as linguagens sonoro-verbais, sonoro-visuais, visual-sonoras, visual-verbais, verbo-sonoras, verbo-visuais e verbo-visual-sonoras. As linguagens híbridas apresentam relações de subordinação entre as matrizes que as configuram; em cada um dos subtipos mencionados, o primeiro elemento do adjetivo composto subordina o(s) elemento(s) seguinte(s).

Eis, então, as possibilidades de estudo da imagem sob a perspectiva semiótica de tendência peirciana. De um lado, é possível estudar as formas visuais enquanto signos “puros”, ou seja, as imagens fixas que não se mesclam a outras formas de linguagem; de outro, a proposta permite que se analise o papel da imagem em manifestações híbridas de linguagem, observando as relações de subordinação geradas com outros modos semióticos. Em todo caso, o que está em tela é o estudo da produção dos sentidos por meio do reconhecimento da natureza multifacetada dos signos.

A abordagem da imagem proposta por Santaella apresenta um quadro classificatório abrangente e bem discriminado, com uma coerência interna que pode, sem exageros, ser considerada exemplar. Se assim o é, seria esperado que essa proposta pudesse fornecer subsídios “robustos” para a compreensão do papel da imagem nos textos. Mas, a nosso ver, não é esse o caso, pelos motivos que expomos a seguir.

Já vimos que a Semiótica peirciana e a Linguística Textual abrigam, até certo ponto, perguntas comuns. A mais fundamental de todas é: “como os sentidos são produzidos?”. Enquanto a LT, durante a maior parte de sua trajetória, investigou o papel da semiose verbal na produção dos sentidos, a Semiótica preocupou-se com o papel dos diferentes modos semióticos em tal produção. Se a diferença de abrangência fosse a única entre as duas correntes, então a LT, ao se voltar para a investigação de outras semioses que não a verbal, poderia tomar de empréstimo o instrumental investigativo da Semiótica. Reiteramos que, a nosso ver, esse não é o caminho mais produtivo. Há distinções fundamentais entre os

postulados das duas propostas, o que, pelo menos para o tratamento da imagem, provoca um distanciamento maior que o desejado.

Antes de qualquer consideração mais contundente, retomemos a observação que o termo *referência*, para a LT e para a Semiótica, aborda aspectos distintos do fenômeno da significação⁹⁰, embora isso não implique a distinção fundamental, sobre a qual ainda argumentaremos. Esclareçamos, portanto, o que vem a ser *referência* em cada perspectiva, e como as duas, apesar da diferença terminológica, rejeitam a noção estrita de realidade concreta observável.

Na atualidade dos estudos em LT, a referência (ou referenciação) diz respeito ao processo dinâmico de construção negociada de objetos de discurso. Na Semiótica, a referência diz respeito à capacidade dos signos de denotar a “realidade”. A referência em Semiótica, portanto, “não depende de uma interpretação pessoal. Ela é uma propriedade objetiva do signo, uma propriedade que dá ao signo o poder de produzir um interpretante, quer esse interpretante seja, de fato, produzido ou não” (SANTAELLA, 2005, p. 191). Em outras palavras, a referência diz respeito não à interpretação que se faz sobre um objeto, e da qual resulta a comunicação, mas à possibilidade de um signo denotar o objeto. Isso equivale ao “poder referencial” do signo.

É importante destacar que, dentro da Semiótica Lógica, a referência é apenas uma dimensão do processo sígnico, a qual nem sempre chega a ser a mais importante. Por isso é que, por exemplo, Floch (*apud* SANTAELLA & NÖTH, 2008) propõe uma classificação da fotografia – a rigor, o modo semiótico em que a referencialidade é mais evidente – em que o subtipo referencial é um entre quatro; os outros três denotam características tanto mais icônicas quanto mais simbólicas.

Santaella & Nöth afastam-se dos limites impostos pela tendência da realidade objetiva, assegurando que “dentro da teoria dos signos de Peirce, [...] o objeto de uma representação pode ser qualquer coisa existente, perceptível, apenas imaginável, ou mesmo não suscetível de ser imaginada” (2008, p. 159). Logo, “não há nada na definição peirciana de representação que restrinja seu objeto dentro dos limites de um referente externo perceptível” (2008, p. 160). Nessas citações, vemos que a Semiótica considera como central não a referência, mas a representação: “Enquanto a relação referencial une um veículo do signo a uma coisa na sua totalidade, a relação representativa relaciona o construto intelectual a determinado aspecto da coisa” (SANTAELLA, 2005, p. 187).

⁹⁰ Ver nota 88 (p. 89).

Há, portanto duas dimensões: a primeira, a da referência, engloba a possibilidade de um signo poder ser utilizado para denotar um objeto (ou da realidade ou passível de existir na realidade); a segunda diz respeito ao processo intelectual (portanto, cognitivo) de atribuição de sentidos aos objetos (não apenas os da realidade). Como este processo é constitutivamente simbólico, ele é, no mais das vezes, dependente da situação em que se apreende o objeto. Então, vemos que, na verdade, tanto o signo da Semiótica quanto o referente da LT são instâncias cuja construção é marcada pelo caráter pragmático⁹¹. Não é isso, portanto, que marca uma ruptura entre as propostas.

O que marcaria, então? Se ambas têm como pressuposto fundamental a noção de que os processos intelectivos de significação têm uma base cultural, nada mais coerente que aproximar as duas propostas. No caso do estudo das imagens, isso implicaria, por exemplo, reconhecer como os referentes, no texto, são tecidos a partir das categorias não representativas, figurativas e representativas.

Ocorre que, a nosso ver, essa postura investigativa não contemplaria todas as nuances da dimensão sociocognitiva da linguagem. Com isso, estamos dizendo que a proposta semiótica, apesar das semelhanças com a LT, não tem, em sua teorização, nenhum construto que equivalha à noção de objeto de discurso, e isso decorre de tal proposta se afastar efetivamente da ideia de interação. Eis, aqui, portanto, a verdadeira ruptura.

Ao descrever suas matrizes da linguagem e do pensamento, Santaella (2005), mais de uma vez, explicita que sua proposta busca reconhecer as “características internas” de cada modo semiótico, que se opõem àquilo que pertenceria à alçada da recepção. Por exemplo, a autora informa que a matriz sonora foi a última a ser efetivamente estudada e descrita; ao explicar que o procedimento de caracterização deveria seguir o mesmo utilizado na descrição das outras matrizes (a verbal e a visual), ela afirma (2005, p. 23):

A classificação que tinha em mira deveria tomar como objeto a própria linguagem sonora e não o seu receptor. As classificações já realizadas do verbal e do visual não se reportavam a processos de recepção, mas a processos relativos a essas linguagens em si mesmas, quer dizer, a suas características internas. [...] Embora classificações concernentes à recepção dessas linguagens possam, certamente, existir, não era esse tipo de classificação que me interessava.

⁹¹ Não cabe entrar em detalhes, mas há uma grande diferença entre a pragmática proposta por Peirce (1995) e a Pragmática como área de investigação linguística (como se vê, por exemplo, em Levinson, 1983). Enquanto no primeiro o viés pragmático está intimamente vinculado à proposta positivista, no segundo, é o relativismo constitutivo das interações humanas que dita as regras.

Em outro momento, ao tratar especificamente da matriz visual, a pesquisadora diz que o exame das formas visuais é limitado “às condições objetivas dessas formas (relação signo-objeto), sem entrar na problemática da recepção, isto é, das interpretações efetivas” (2005, p. 209). Tal possibilidade de investigar os processos sîgnicos independentemente da situação de comunicação em que os sujeitos propõem suas interpretações só pode ser levada a cabo se se acreditar que “o signo, qualquer signo ou linguagem, tem um grau de objetividade que lhe é próprio e independe, até certo ponto, da existência de um sujeito percebedor” (SANTAELLA & NÖTH, 2008, p. 89).

As matrizes da linguagem, portanto, são revestidas de uma imanência que possibilita, segundo Santaella, o seu estudo independentemente dos interlocutores. Isso, por si, já demonstra uma incompatibilidade com a proposta da Linguística Textual, que, como vimos, se propõe a explicar os mecanismos de produção e compreensão dos textos; claro que, em algum momento, a consecução desse objetivo precisa tratar, séria e exaustivamente, da ação dos produtores e interlocutores.

Ainda haverá espaço, nesta tese, para discutirmos que a LT, de fato, não leva a cabo seu compromisso de avaliar à exaustão os processos de produção e compreensão textual, uma vez que, *grosso modo*, não tem se preocupado em investigar as ações efetivas de sujeitos em interação pela linguagem. Isso, contudo, não quer dizer que a LT se aproxime de uma investigação das supostas características internas (ou objetivas) dos textos (ou dos modos semióticos) porque, mesmo não tratando da complexa participação dos sujeitos reais no processo de interlocução, esta disciplina trata seu objeto como constitutivamente resultante da ação de alguém que produz algo, em determinada situação, que deve ser compreendido por outros. O objeto texto, as estratégias que subjazem a ele e suas categorias de análise são formulados a partir desse direcionamento central, o qual ele carrega em sua configuração elementar.

Isso é, a nosso ver, reconhecer o papel da interação, que engloba tudo o que chamamos de contexto de produção, na configuração dos sentidos. Com isso, não estamos dizendo que não haja uma dimensão objetiva do signo, nem que isso não seja relevante, em alguma etapa do processo, para a interpretação. Apontamos, apenas, que, quando se trata de responder à pergunta “Como a multiplicidade e diversidade infinitas do universo sensível são convertidas em realidades inteligidas?” (SANTAELLA, 2005, p. 14-15), a percepção das “características internas” dos elementos que utilizamos para estabelecer a mediação não parece ser suficiente.

Admitimos que, talvez, uma parte do processo de compreensão implique identificar a natureza mais icônica, mais indicial ou mais simbólica de um dado objeto. Também poderá

ser importante reconhecer como tais características se manifestam em cada modo semiótico (sonoro, visual e verbal) e como se manifestam em textos multissemióticos. De tudo isso, certamente surgem interpretações e significações relevantes. Contudo, isso é apenas uma parte da construção dos sentidos, e, mesmo quando se considera a faceta simbólica do signo (atrelada, como vimos, ao aspecto cultural), o que resulta de tal postura teórica é uma ênfase na identificação da natureza semiótica do signo. O que se vê, nesse panorama, é uma preocupação grande com a identificação do objeto e de sua natureza “inicial”, ou seja, em seu “ponto de partida”, como uma coisa que se encontra em um dado contexto utilitário.

Não se leva em conta que esses signos fazem parte, sempre, de textos⁹², e por isso passam, inerentemente, por um processo dinâmico de configuração. Essa dinamicidade é, para os adeptos da tendência sociocognitivista, ponto central, e se garante, exatamente, pela consideração daquilo que vai além do que as linguagens têm de “características internas”. Buscar sentidos, portanto, implica considerar a linguagem como sugere Salomão (1999, p. 64): “operadora da conceptualização *socialmente localizada* através da atuação de um sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significados como construções mentais, *a serem sancionadas no fluxo interativo*” (p. 64, grifos nossos). Ao mencionar a relevância do fluxo interativo como elemento validador dos sentidos propostos, a autora enfatiza que os objetos do texto estão sujeitos a um tratamento dinâmico, que depende tanto das chamadas características extralinguísticas⁹³ quanto do próprio “desenrolar” do texto.

Os signos no texto, portanto, passam por uma “multissignificação”, decorrente da capacidade de ganhar “traços interpretativos” que vão além dos traços mais propriamente lógicos da proposta peirciana. Essa multiplicidade de significação não é, apenas, a possibilidade de diferentes sujeitos produzirem sentidos diferentes. Mais que isso, estamos falando aqui da natureza intrínseca de um objeto textualmente acionado: ele passa por

⁹² A questão do texto é, frequentemente, pouco mencionada nos trabalhos de Semiótica, provavelmente em virtude da consideração de que o signo pode abranger instâncias diversas da comunicação: tanto uma palavra quanto uma proposição quanto um todo mais complexo (o texto) podem ser considerados um signo. Isso quer dizer que a análise lógica, a qual exclui a dinâmica das interações, subjaz a todas essas dimensões. Quando fala em texto a partir das reflexões em Linguística, Santaella (2007, p. 285) limita a defini-lo como “sequência relativamente coesa e coerente de signos linguísticos”, sem discutir o papel central da coerência para a construção de sentidos.

⁹³ Falar em características extralinguísticas remete à consideração do papel do contexto nas interpretações. Salomão (1999, p. 69) critica as perspectivas da Linguística (que, a nosso ver, pode ser estendido para a Semiótica lógica peirciana) as quais propõem a dicotomia entre o linguístico e o contextual, defendendo que “Mais útil será distinguir entre instruções verbais para construir configurações cognitivas e outras instruções semiológicas, variavelmente focadas, e que tanto podem corresponder a suposições integráveis ao senso comum ou informações específicas no chão da interação. Em todo caso, em uma e em outra situação, tratamos de instruções, pistas, sinais, que podem ou não ocupar o centro da atenção comunicativa”. A posição da autora é exemplar quanto ao olhar sociocognitivista sobre os fenômenos.

transformações e acréscimos que devem ser percebidos pelos sujeitos, pois, do contrário, não se pode dizer que há compreensão. É essa perspectiva – a da interação, que garante a plena manifestação do caráter multiplamente significativo dos objetos de discurso – que dá conta, mais apropriadamente, da dimensão sociocognitiva da linguagem.

Consideramos, então, que a proposta semiótica de tratamento da imagem (e também de outras semioses) apresenta uma explicação insuficiente porque, mesmo quando se trata de restringir as pesquisas a situações que não levem em conta a recepção dos sujeitos, considerar apenas aquilo que é inerente a cada linguagem não é o bastante para recobrir aspectos absolutamente fundamentais acerca de como se dá o processo de construção dos sentidos. Defendemos, assim, para o estudo da imagem em textos, um olhar mais apropriadamente sociocognitivo, que se estabeleça mediante a utilização de critérios textual-discursivos.

De fato, trata-se, como diz Santaella, de buscar o que é constitutivo das linguagens, mas essa busca, para a LT, não deve ser direcionada aos produtos, e, sim, aos processos. Na próxima seção, discutimos como a LT vem tratando a imagem, e começamos uma reflexão sobre quais caminhos ainda precisam ser traçados.

2.2.3 Abordagem sociocognitiva da imagem no texto

Quando falamos da Gramática do Design Visual, dissemos que a aplicação das categorias dessa proposta, num estudo sobre referenciação, é inviável, em virtude do caráter modular que, em nossa opinião, não condiz com a visão processual da proposta sociocognitivista. Já a matriz da linguagem visual de Santaella, com sua abordagem lógica em favor de uma certa imanência dos produtos da comunicação, se afasta de uma visão que privilegia a interação. Em ambas as perspectivas, temos, portanto, postulados que assumem uma dimensão pragmática e/ou ideológica da produção dos sentidos, mas que deixam de lado, a nosso ver, uma faceta fundamental – o reconhecimento de que a interação pela linguagem é um processo estratégico no qual os sentidos são produzidos de acordo com fatores complexos atinentes aos diversos elementos da situação de produção: bagagem sociocultural e ideológica dos sujeitos, aparato cognitivo, circunstâncias imediatas da comunicação etc.

É esse processo que interessa, primordialmente, à Linguística Textual. Embora reconheçamos que as investigações construídas a partir de outros vieses sejam pertinentes e consideremos que os achados não sejam excludentes em relação ao que a LT venha a teorizar,

o fato é que há algo a se fazer quando se trata de compreender como as imagens participam dos processos de busca dos sentidos no texto.

Que a LT está impelida a propor explicações sobre os textos multimediais é, como já vimos, ponto incontestável. Se a vocação dessa disciplina é, conforme tratamos no início deste capítulo, a investigação dos processos de significação, nada mais natural que, em determinado momento, houvesse o reconhecimento de que a análise do aparato exclusivamente verbal é insuficiente para dar conta de uma gama de manifestações textuais. Com isso, volta-se a atenção para as possibilidades de relações significativas entre os modos semióticos, que tem se detido, até o momento, na análise do entrecruzamento entre verbo e imagem.

No momento, esse alargamento das propostas investigativas desemboca na teorização sobre a constituição multimodal de alguns gêneros textuais. Dessa forma, estabelecem-se, com maior ou menor profundidade, as relações entre parte verbal e imagens de alguns gêneros (por exemplo, o anúncio publicitário⁹⁴). Além disso, tecem-se considerações sobre como até mesmo os gêneros pensados como exclusivamente verbais são atravessados por outros modos semióticos (veja-se, por exemplo, a recorrente utilização de fotografias em notícias, como menciona Koch, 2003), que interferem na produção/interpretação. Há, também, profícua reflexão sobre os recursos multimodais caracterizadores dos gêneros hipertextuais⁹⁵.

A nosso ver, ainda falta, em LT, uma investigação sobre o caráter multimodal a que podem se submeter as estratégias textual-discursivas. Sustentamos que as relações entre as partes verbal e não verbal do texto podem ser muito mais radicais do que o estudo da caracterização de gêneros textuais, na medida em que os diferentes modos semióticos podem ser responsáveis por estabelecer fenômenos que, até o momento, foram considerados como da alçada apenas do linguístico, mesmo em tempos de ampla investigação das práticas multimodais. Vejamos um exemplo dessa limitação, dentro dos estudos em referência. Em seu trabalho sobre as funções discursivas das expressões referenciais, Ciulla e Silva (2008, p. 75) analisa o seguinte texto:

(11) O impaciente francês

(Publicidade de um carro da Renault, apresentada em *outdoors* – citado por Koch, 2004, p.151.)

⁹⁴ Ver, como exemplo, Delphino (2001).

⁹⁵ Ver, por exemplo, Araújo (2006).

A autora apresenta esse texto como um exemplo de “introdução referencial que solicita e/ou supõe um conhecimento comum entre os falantes” (no caso, tal conhecimento advém do título de filme *O paciente inglês*). Acreditamos⁹⁶ que a expressão “O impaciente francês”, como parte de um *outdoor*, deve vir associada a uma imagem do carro que é tema da propaganda. Logo, uma análise dessa expressão, dentro de uma perspectiva de estudo dos textos em uso, não pode esquecer isso, de modo que a aludida expressão atua não como uma introdução referencial (no sentido mais clássico do termo, em que uma expressão é mencionada pela primeira vez no cotexto), mas como uma anáfora que recategoriza, linguisticamente, o carro apresentado na imagem. Essa observação já comprova como a consideração de aspectos multimodais pode desestabilizar a tradição da análise de processos referenciais.

O que nosso comentário ao exemplo acrescenta mostra que uma imagem pode fazer parte do processamento referencial, em junção com o conteúdo linguístico do texto. Isso indica que Kress & van Leeuwen (2006) têm razão quando investem numa abordagem que explique as características dos modos de comunicação, em detrimento de uma abordagem que ou focalize a linguagem verbal como o modo de comunicação ou trate a imagem em termos de representação da realidade. Na verdade, há aspectos dos fenômenos textual-discursivos que são mais “universais”, os quais não podem ser suficientemente explicados por uma suposta exclusividade da linguagem verbal.

A fim de deixar mais clara a posição que assumimos, vejamos o texto seguinte:

(12)

MUDE AGORA O COMBUSTÍVEL DO SEU CARRO!

SAIA DESTA SITUAÇÃO...

- ECONOMIA DE ATÉ 70%
- 24x PARA PAGAR
- 01 ANO DE GARANTIA
- ENTRADA PARA 60 DIAS

KIT'S A PARTIR DE R\$ 1.700,00*
À VISTA OU 24x R\$ 103,71**

VENHA HOJE PARA O GÁS NATURAL!

FONE (05) 3250-1000

⁹⁶ Não podemos afirmar com certeza, pois, tanto em Ciulla e Silva quanto em Koch, o exemplo contém apenas a parte verbal do anúncio.

Na propaganda (distribuída sob o suporte de panfleto), a expressão “desta situação” é visivelmente anafórica, visto que suscita a procura de um referente que “preencha” a informação “Que situação é esta?”. A busca, neste caso, leva não a uma estrutura linguística, mas à imagem de um marcador de combustível com o ponteiro no valor quase vazio. Claro que a imagem remete a uma possível reconstrução linguística, de forma que “esta situação” equivaleria a “ficar com pouco combustível no carro”. Mas a relação referencial foi inicialmente estabelecida num plano de ligação entre conteúdo verbal e imagem. Além disso, segundo Cavalcante (a sair), nem o referente nem sua âncora precisam ser necessariamente expressos por mecanismos linguísticos, haja vista ser a referenciação um processo intercognitivo e social, que estabelece relações diversas para além da materialidade verbal.

Isso mostra o quão produtivo pode ser o tratamento do fenômeno da referenciação a partir de um olhar sobre as práticas multimodais. Essa hipótese se baseia na crença de que tais práticas são frequentes demais para serem desconsideradas, ou para serem estudadas apenas como elementos constitutivos do estilo de determinados gêneros. Há, então, caminhos a serem percorridos, a fim de que as teorias possam explicar fenômenos correntes nas práticas sociais, os quais carecem de investigações mais apuradas.

Podemos resumir o que foi apresentado nesta seção dizendo que a concepção sociointeracionista de texto, que o define como um objeto constitutivamente multifacetado, impele à consideração e à análise de situações nas quais o verbal não é exclusivo ou predominante. Consideramos, então, que os avanços nas conceituações não devem se limitar a reconhecer que o texto vai além do material; trata-se, também, de assumir que esse material pode ser construído a partir de diferentes “produtos”, os quais participam da dinâmica textual-discursiva, muitas vezes, da mesma forma que os recursos verbais.

O desdobramento apontado solicita a revisão do uso de termos como “linguístico” e correlatos, quando se estiver tratando da materialidade textual, uma vez que o caminho aberto não mais se assenta na exclusividade do verbal. Aceitar esse alargamento não pode ser encarado como uma concessão, mas, sim, como o compromisso de discutir seriamente os desafios que os usos impõem, mesmo que isso signifique reconhecer a falta (provisória) de aparato teórico para discutir algumas situações.

Claro que o tratamento teórico rigoroso da imagem como elemento participante do processo da referenciação não pode se limitar às constatações feitas até aqui. Nosso objetivo, até agora, foi mostrar, de um lado, que as propostas teóricas sobre o estudo da imagem não têm ainda como fornecer explicações e descrições da “natureza textual” dessa semiose e, de outro, que a consideração da imagem como elemento caracterizador dos gêneros textuais não

é a única (nem a mais importante) possibilidade de estudo desse recurso no que diz respeito às reflexões abrigadas pela LT. Uma vez que tenhamos deixado clara a possibilidade aberta, resta traçar uma proposta de investigação que procure explicitar, à luz de pressupostos “fortes” e a partir de critérios analíticos decorrentes desses pressupostos, a real dimensão do aparato visual na produção dos sentidos via objetos de discurso. Isso ficará mais claro nos dois capítulos seguintes, quando discutimos em detalhes a proposta da referenciação (capítulo 3) e propomos uma análise que integre os diversos fatores participantes da construção dos referentes (capítulo 4).

No momento, voltamos nossa atenção para continuar a reflexão acerca do alargamento das noções (e análises) sobre o texto. Na próxima seção, relacionamos a concepção atual de texto com a operacionalização metodológica das análises em Linguística Textual.

2.3 A operacionalização das análises em Linguística Textual: em favor da diversificação das situações de interação analisáveis

Hanks (2008), ao discutir questões atinentes ao texto e à textualidade, diz que esses conceitos podem englobar substratos um tanto diversos a depender do alcance que se queira dar. O autor menciona algumas instâncias que podem ser consideradas⁹⁷:

- co-texto: “o fragmento discursivo que está associado a uma porção textual num dado texto” (p. 120);
- meta-texto: “qualquer discurso que descreva, estructure ou se refira à interpretação do texto” (p. 120);
- con-texto: “ambiente mais amplo (linguístico, social, psicológico) ao qual o texto responde e sobre o qual ele opera” (p. 120);
- pré-texto: “tudo o que prepara o terreno para o texto ou justifica sua produção ou interpretação” (p. 120);
- sub-texto: “todos os conhecimentos ou temas que formam o pano de fundo ou as dimensões tácitas de um texto, inferíveis mas não explicitamente afirmadas” (p. 120);
- pós-texto: “A miríade de resultados e de consequências da produção, distribuição ou recepção de um texto, se pretendidos e previstos ou não” (p. 120-121).

⁹⁷ Os hífen das expressões listadas fazem parte do original.

Esse levantamento mostra que “O matiz semântico preciso e a extensão do termo ‘texto’ mudam, dependendo de quais partes desta variedade de conceitos se escolhe compreender” (HANKS, 2008, p. 121). Isso é importante para termos uma ideia da flutuação terminológica em torno do estatuto do texto. Embora as definições atuais reiterem como característica principal a coocorrência de múltiplos fatores na tessitura textual, as diferenças na formulação das definições podem levar a conceitos distintos de texto no que toca ao alcance e ao limite do objeto.

Confrontemos duas definições correntes. Na seção 2.1 (“O objeto texto na atualidade”), definiu-se texto como um evento; já em muitas obras de Ingedore Koch (por exemplo, KOCH, 2004), é recorrente a metáfora de que “o texto é a ponta do iceberg”. Parece-nos que não se está falando, num e noutro caso, da mesma coisa. Enquanto a primeira definição parece englobar todas as instâncias mencionadas por Hanks, a segunda parece nos dizer que a ponta (o texto) seria o cotexto e talvez o metatexto; as demais instâncias configurariam o resto do iceberg.

Perceba-se que não estamos tratando de duas concepções pertencentes a correntes distintas; ambas bebem da mesma fonte, que propõe, como já dissemos, a necessidade de se buscar o sentido além da materialidade linguística. A diferença entre elas serve para nos mostrar o que já insinuamos na seção anterior: a tarefa de limitar o texto (o que é e o que não é, o que faz e o que não faz parte) pode ser mais difícil do que se imagina.

No momento atual nas pesquisas em LT, parece-nos que a metáfora do iceberg representa a visão dominante no que diz respeito a determinar o objeto texto que serve de análise. Em outras palavras, o que os analistas consideram efetivamente como texto é uma unidade material perceptível (uma ponta) e finita, a qual, para ser compreendida/explicada, é relacionada a outras instâncias “menos materiais” (o resto do iceberg). Há, portanto, uma unidade de análise perceptível.

Essa concepção permite que os analistas tenham um objeto visível ao qual se reportar, o que se demonstra pelo uso de construções do tipo “O texto sugere que...”, “No texto acima...”, “O texto analisado apresenta...”. Em todos os casos, a identificação é possível porque remete a uma materialidade perceptível. Nesse quadro, as situações apresentadas na seção anterior como textos (p. 67-68), levando-se em conta uma compreensão ampla do fenômeno, podem ser consideradas como extrapolações, talvez interessantes, mas pouco afeitas a uma análise sistemática.

Reiteramos, então, a necessidade de uma discussão acerca de como determinar os limites do que é um texto e do que deve ser estudado pela Linguística Textual. Já defendemos

que, levando-se em conta o paradigma sociocognitivista, é preciso assumir uma posição de entendimento abrangente do fenômeno, mesmo que para isso seja necessário pagar o preço das constantes desestabilizações e reformulações teóricas e seja necessário propor novas (e talvez difíceis) abordagens para a operacionalização metodológica das pesquisas. Cabe aos pesquisadores assumirmos nosso papel na eterna busca pelas explicações, incluindo-nos, sempre, no jogo intersubjetivo dos consensos e das rupturas.

Importa destacar, agora, que, mesmo dentro do paradigma razoável e aparentemente mais confortável do reconhecimento do texto em termos de limites da sua materialidade, há um problema a se enfrentar: a consideração da extensão/tamanho dessa materialidade e das diferentes possibilidades de contato com ela. Os usos parecem mostrar que, em algumas práticas, a análise da materialidade cotextual, mesmo que relacionada às outras instâncias submersas do iceberg, não é suficiente para explicar alguns fenômenos.

As imprecisões da materialidade podem ser exemplificadas por meio dos estudos sobre as retomadas anafóricas. *Grosso modo*, pode-se dizer que a retomada se manifesta numa superfície textual, levando em consideração relações diretas (correferenciais) ou indiretas (não correferenciais); mesmo nessas últimas, as relações são ativadas dentro de uma determinada materialidade analisada. Em (13), por exemplo, as anáforas direta e indireta manifestam-se, respectivamente, pelas expressões “o homem” e “no escritório”, entre outras.

(13) O marido e a mulher não se falavam há uns três dias... Entretanto, o homem se lembrou que no dia seguinte teria uma reunião muito cedo no escritório. Como precisava levantar cedo, resolveu pedir à mulher para acordá-lo. Mas para não dar o braço a torcer, escreveu num papel: “Me acorde às 6 horas da manhã”. No outro dia, ele levantou e quando olhou no relógio eram 9h30. O homem teve um ataque e pensou: “Que meeerdadaa! Mas que absurdo! Que falta de consideração, ela não me acordou...”. Nisto, olhou para a mesa de cabeceira e reparou num papel no qual estava escrito: “São seis horas, levanta!!!”.

Moral da história: não fique sem falar com as mulheres, elas ganham sempre, estão certas sempre e são simplesmente geniais na vingança!!!!!!

“O casamento é a relação entre duas pessoas, onde uma está sempre certa e a outra é o marido”.

(Disponível em: <http://100perdao.blogspot.com/2008/07/amenidades-o-marido-e-mulher-no-se.html>. Acesso em 22 abr. 2009.)

Para situações desse tipo, o aparato teórico-analítico normalmente utilizado seria suficiente para suprir as explicações necessárias. Por exemplo, na ocorrência “no escritório”, justifica-se o uso do definido (uma marca de anáfora indireta) pela relação que a expressão estabelece com “uma reunião” e “o homem”. Cognitivamente, a construção é interpretada como conhecida porque, no cotexto, já se tinha mencionado a existência de um homem, e foi informado que ele teria uma reunião (ou seja, já havia aparecido uma pista que direciona para

o trabalho desse homem); dessa forma, a expressão “o escritório”, por ser já esperada, aparece como conhecida. Uma análise nesses moldes provê, entre outras coisas, suporte para o entendimento de como as informações podem ser organizadas e apresentadas, partindo-se das habilidades sociocognitivas dos indivíduos (enunciador e seus interlocutores).

Há, contudo, situações mais complexas de retomada de um referente, que não são devidamente contempladas nos estudos normalmente feitos sobre as estratégias textual-discursivas. Ilustremos a questão com o trabalho de Costa (2007). A autora mostra casos de retomada referencial em que o referente já vinha sendo construído em outros (co)textos precedentes, como em (14):

(14) From: "T" <t@yahoo.com.br>
To: <CVL@yahogroups.com>
Sent: Tuesday, May 18, 2004 5:49 PM
Subject: [CVL] cotas para negros, índios

olha, estou gostando do debate. pela primeira vez, vejo as pessoas assumirem suas opiniões sem nenhum medo de serem censuradas. concordo com a colega d quando ela chama atenção para dois pontos importantes (...).

Não vamos entrar em detalhes sobre a análise da ocorrência acima, em virtude de termos reservado esse detalhamento para o próximo capítulo, quando abordamos a proposta teórica da referenciação. O que importa destacar para a discussão que ora encetamos é o fato de a expressão “o debate” retomar (e, ao mesmo tempo, recategorizar) todo um conjunto de informações presentes em textos distintos (lembrando que, aqui, estamos falando do texto nos moldes da “ponta do iceberg”).

Adiantamos, já aqui, que o paradigma dominante no estudo das relações referenciais, o qual investe na noção de uma materialidade facilmente perceptível, não explica as ocorrências semelhantes a (14) de forma satisfatória. A fim de explicá-las coerentemente, é preciso definir o que, na interação em questão, seria responsável pela unidade texto. Nas mensagens de lista de discussão analisadas por Costa, o texto seria cada mensagem ou o conjuntos de mensagens sobre um tópico? Além disso, ainda que cada mensagem seja um texto, é possível considerar que o conjunto delas pode ser percebido como uma unidade e que isso traz consequências para a experiência do leitor? Somos levados a pensar que, de fato, além da unidade texto (conforme esta é percebida nas análises na área), pode haver um outro tipo de unidade, em que a relação íntima entre textos possibilita estratégias de retomadas anafóricas que se dão de um texto para outro(s). Isso nos possibilita a continuar as investigações que falam em favor da

referenciação como um processo muito mais complexo, passível de realização a partir de diferentes manifestações.

Defendemos, então, como uma das contribuições de nossa pesquisa, exatamente, a investigação de situações de interação normalmente não analisadas quando se trata de descrever e discutir as estratégias de referenciação. Para que determinássemos a escolha dos exemplares que servirão para nossa análise (ver capítulo 5), foi necessário, no que diz respeito à natureza (in)interrupta e ao tempo de contato com os textos, propor uma distinção (simplificada, mas útil aos propósitos de nosso trabalho) para as situações de interação em três categorias, entre as quais se manifestaria um contínuo, e não uma discretização absoluta. Vejamos cada uma delas.

A) Interação ininterrupta com textos curtos

Esse grupo engloba as interações que se estabelecem pelo contato com textos semelhantes a (13). Poder-se-iam incluir aqui as interações feitas a partir de notícias, crônicas, artigos de opinião, receitas, piadas e outros gêneros que possibilitam o contato entre interlocutores em um curto espaço de tempo. A característica que se salienta em tal interação é a possibilidade de as unidades linguísticas do cotexto serem mais facilmente lembradas (principalmente para os textos escritos) e, por isso mesmo, mais frequentemente acionadas quando da necessidade de construir os sentidos do texto.

Isso pode ser verificado nas análises em referenciação sobre a retomada anafórica; a proposta majoritária dos trabalhos reside em entender a anáfora (direta ou indireta) como uma relação entre partes do cotexto. Para ilustrar tais relações, os pesquisadores mencionam os trechos mais salientes do cotexto responsáveis pela interpretação do termo anafórico. Como dissemos, quase toda a reflexão em torno das estratégias referenciais é estabelecida com base nesse tipo de interação⁹⁸, a partir do que se generalizam as explicações para as demais manifestações textuais. Tudo leva a crer que se assume, nesse esquema investigativo, que os sujeitos têm em sua memória uma representação bastante precisa (e extensa) do material cotextual, já que as unidades discretas da superfície linguística são elencadas para as explicações sobre as relações referenciais.

⁹⁸ Mesmo quando se trata de analisar textos mais longos, as explicações se pautam pelas relações cotextuais (ver, por exemplo, a análise das funções discursivas das expressões referenciais em Ciulla e Silva (2008), a partir de contos).

B) Interação ininterrupta com textos longos

As situações incluídas nessa categoria dizem respeito às interações que ocorrem de forma ininterrupta (ou seja, sem que haja uma interrupção da leitura/escuta para retomada posterior), com textos que estamos chamando de longos: os filmes, os contos, as reportagens, as aulas, os artigos acadêmicos, entre outros. Defendemos que, nestas situações, a construção referencial não depende tão amplamente do mapeamento preciso dos elementos linguísticos manifestados na superfície textual.

Fundamentamo-nos, principalmente, nas considerações encontradas em Koch (2008) acerca das inferências. Informando-nos que, “em diferentes pontos do texto, a informação cognitivamente disponível varia tanto em qualidade, quanto em quantidade” (p. 141) e que “a organização do texto tem um efeito sobre a disponibilidade da informação já processada” (p. 141), a autora explica que o processo de reconhecimento das inferências é seletivo:

Há muitas oportunidades de conectar uma informação textual que acaba de ser captada com a informação precedente do texto e assim construir inferências conectivas. Essas possibilidades, contudo, são utilizadas apenas *seletivamente, devido à disponibilidade desigual da informação textual já processada*: dependendo de quanta e de que parte da informação já processada está cognitivamente disponível no momento específico, o número de conexões potenciais entre a informação nova e aquela já processada que chega à atenção do leitor/ouvinte pode diferir, de modo que diferentes quantidades de inferências serão efetuadas (KOCH, 2008, p. 141, grifo nosso).

A seletividade aludida por Koch nos autoriza a pensar que, para a realização de operações inferenciais, não é necessário um conhecimento apurado de todo o cotexto precedente, já que o sujeito trabalharia, em princípio, com uma representação mental do texto lido/ouvido até então, a qual selecionaria elementos julgados como os mais importantes. Pensamos que essa seletividade é válida não apenas para o reconhecimento de inferências; trata-se, na verdade, de um expediente constitutivo da interpretação textual como um todo, necessário para que o sujeito alie à necessidade de realizar tarefas interpretativas complexas uma economia cognitiva que lhe permita operar sobre o que realmente importa. Cremos, portanto, que a seletividade da informação textual, que determina, inclusive, a forma como a informação é retida, é uma estratégia passível de acontecer em interações ininterruptas com textos longos.

C) Interação interrompida

Essa categoria inclui as interações efetivadas com textos que demandam uma leitura/escuta “interrompida”: por conta da natureza própria do gênero⁹⁹, é necessário fazer pausas no contato para posterior retomada. Aqui, também, temos os textos longos, mas, nesse caso, ainda mais longos que os anteriormente citados, daí a necessidade de se estabelecerem as interrupções no contato. Incluímos no rol de textos dessa categoria os romances, as telenovelas, os seriados, as séries em quadrinhos, as dissertações, as teses, entre outros.

No que diz respeito ao processamento textual, pensamos que, da mesma forma que na categoria anterior, deve haver um tratamento do material lido/ouvido no sentido de criar uma representação global do conteúdo textual, a partir do que se estabelecem as interpretações seguintes. Mais uma vez, o que está em foco é a necessidade de economia: fazer mais (ou seja, interpretar adequadamente) por menos (ou seja, com um conjunto prévio de conhecimentos obtidos no texto, condensado a fim de não sobrecarregar a capacidade de trabalho (socio)cognitivo).

Insistimos que os tipos de interação propostos não devem ser vistos como unidades discretas, mas sim como momentos de um contínuo. É óbvio que, dentro da enorme variedade de gêneros textuais (tendo em vista, ainda, as diferentes possibilidades de concretização de um mesmo gênero), haverá aqueles que não são tão curtos quanto os da categoria *A* nem tão longos quanto os da categoria *B*. E, ainda mais, pode haver gêneros que costumeiramente se prestam a um contato ininterrupto, mas que, devido a características específicas do interlocutor, sejam “experimentados” em uma situação interrompida. Finalmente, é possível que um gênero seja efetivado a partir de uma interação interrompida em que a materialidade do(s) cotexto(s) precedente(s) é(são) facilmente acessada em sua totalidade, o que provocaria a emergência de estratégias mais pontuais¹⁰⁰. Todavia, cremos que essas particularidades não precisam ser abordadas, considerando-se os objetivos de nossa proposta investigativa.

⁹⁹ A configuração genérica é, de fato, o principal critério escolhido por nós para definir as interações interrompidas. Estamos cientes de que, a rigor, qualquer interação pode ser interrompida: a leitura de uma notícia pode ser interrompida porque o sujeito perdeu o interesse; um aluno pode sair de uma sala de aula e interromper a interação que vinha acontecendo; alguém pode parar de assistir a um filme ou de ler um conto porque precisou fazer algo mais urgente. Não é esse tipo de interrupção, contudo, de que estamos falando. Com esse conceito procuramos tratar das situações de interação as quais, devido à própria configuração do texto (dependente do gênero a que pertence), exigem um contato espaçado.

¹⁰⁰ Isso é verdadeiro, por exemplo, para o gênero lista de discussão, conforme veremos em relação ao trabalho de Costa (2007) sobre o encapsulamento anafórico.

Uma das críticas que fizemos ao método investigativo da Linguística Textual reside na contradição entre os pressupostos assumidos e as análises investigadas. A LT afirma que elege como objeto de estudo o texto em interação e se compromete a explicar as diferentes situações de interação pela linguagem. Contudo, as análises se limitam, em sua esmagadora maioria, às situações de interação ininterrupta com textos curtos. Não há, em princípio, problema algum em fazer esse recorte. O problema é propor que as explicações geradas a partir do recorte seriam características da interação como um todo, e qualquer estudioso familiarizado com as pesquisas em LT sabe que essa prática é a dominante.

Uma grave consequência de todo esse processo é, a nosso ver, a colocação do aparato linguístico de um texto como única forma de realização das estratégias textual-discursivas. Reconhecemos que, de fato, as análises pressupõem que a produção dos sentidos só se efetiva mediante uma gama de aspectos contextuais e cognitivos, de maneira que as explicações informam como esses aspectos configuram o conteúdo verbal. De certa forma, essa é uma possibilidade coerente dentro do paradigma sociocognitivista em Linguística: assume-se a complexidade do objeto e se procura fornecer explicações relevantes sobre a linguagem.

A grande questão é que, nesse panorama, isola-se a possibilidade de um fenômeno textual-discursivo ser manifesto a partir de substratos e estratégias diferentes das universalmente descritas. No que toca aos substratos, já falamos sobre o papel das imagens como parte da materialidade textual. No caso das estratégias, defendemos que a investigação de situações de interação diferentes das usualmente consideradas mostra procedimentos distintos de tratamento da materialidade textual. No nosso caso, pensamos especificamente nas diversas possibilidades de descrever o fenômeno da recategorização referencial.

Para que efetivemos esse tipo de descrição, investigamos situações de interação com textos que aqui chamamos de longos (pertencentes aos itens *B* e *C* da divisão proposta). Ao explicarmos a construção referencial, nesses casos, como resultante de um trabalho sobre um “conteúdo cognitivamente elaborado”, redimensionamos a influência da materialidade linguística na produção dos objetos de discurso. A discussão propõe um novo entendimento sobre o fenômeno da referenciação e toca nas questões sobre a definição de “texto”, ao procurar levar para as análises a noção de que o texto seria um evento comunicativo. Acreditamos que investigar interações com textos longos pode ser um procedimento produtivo para se tratar, com certo detalhe, as dimensões do *meta-texto*, do *sub-texto* e do *pós-texto*, definidas por Hanks (2008).

Postulamos, portanto, a necessidade de investigações cuja discussão incida sobre a crítica à natureza dos textos normalmente analisados. Rejeitamos a postura de estender os

postulados assumidos a partir dessa prática para as situações de interação como um todo, desconsiderando-se as especificidades atinentes à natureza ou à extensão do texto. Para que tais postulados se sustentem, é preciso que sejam submetidos à prova. A análise do conto e do seriado nos mostrará que as estratégias utilizadas para a construção dos sentidos não são totalmente idênticas ao que se vem demonstrando na literatura.

Atestamos, assim, a necessidade, cada vez maior, de considerar o texto como um construto dinâmico, que vai além da materialidade linguística. Assumir essa perspectiva, incorporando-a às análises, significa admitir a primazia dos usos reais como elemento maior da investigação.

Há, para nós, uma tarefa igualmente ousada, no que concerne à operacionalização das análises: a inclusão do fazer do interlocutor. De modo geral, as reflexões em LT se concentram nas análises que os pesquisadores propõem para os textos (orais ou escritos) que coletam. O que se diz que acontece na interação se embasa na interação entre o texto e o pesquisador. Mais que isso, pensamos que, na verdade, as análises procuram explicar (ainda que não o digam explicitamente) as estratégias textual-discursivas como o resultado de um projeto discursivo do enunciador¹⁰¹; teríamos, então, uma análise que, embora considere a atividade textual como produção de diferentes sentidos, centra-se nos sentidos que podem ser percebidos a partir da orientação pretendida pelo enunciador. Quando, por exemplo, se fala no teor argumentativo de uma determinada expressão referencial, está se pensando na avaliação (manifesta ou inferível) pretendida pelo enunciador.

Tal *modus operandi* sofre limitações se lembrarmos que o texto, como objeto primeiro das investigações em LT, é tratado de modo a elucidar como ocorrem sua produção e compreensão nos usos concretos. Ora, para uma área que se propõe a estudar produção e compreensão de textos em uso, muito pouco é feito na direção de se investigarem os usos “realmente reais”, ou seja, de se investigar como os sujeitos atuam, de fato, para interagir via texto. Acreditamos que a operacionalização desse método pode contribuir para o avanço das reflexões, em acréscimo ao que já se faz costumeiramente em Linguística Textual. O reconhecimento da importância desse próximo passo, nesta tese, não avança mais que isso. Infelizmente, por questões de espaço, não temos como fazer uma investigação desses moldes,

¹⁰¹ Não nos interessa, aqui, esmiuçar a natureza desse projeto discursivo, como algo mais próximo ou da intencionalidade (BEAUGRANDE & DRESSLER, 1981) ou do posicionamento (MAINGUENEAU, 2000). Importa considerar que há um projeto discursivo, em termos de propósito, inerente a qualquer texto.

no momento. Não consideramos justo, contudo, deixar de mencionar essa lacuna, com a intenção de que, no futuro, possamos voltar a ela com mais propriedade e profundidade¹⁰².

Claro que a percepção de um “ainda por fazer” não deve desmerecer o que já está sendo feito. Defendemos que as análises realizadas apenas sob o foco do pesquisador têm efetiva contribuição a dar. O necessário aprofundamento das explicações teóricas só pode ser alcançado se essa dimensão do fazer científico for contemplada. Há, portanto, acréscimos a serem feitos ao aparato teórico da proposta da referenciação, e isso pode ser obtido com a reflexão do analista, interessado em construir novas ideias a partir das já estabelecidas.

Com isso, fechamos este capítulo de nossa tese. Lembramos que, nas duas últimas seções, demos destaque aos dois aspectos apontados na introdução como lacunas, a saber: a ausência de um tratamento multimodal das estratégias textual-discursivas; e a desconsideração de situações de interação diferentes das normalmente analisadas. O panorama que delineamos até aqui mostra que, na verdade, as questões elencadas como envolvidas nos múltiplos fatores de construção da referência estão conectadas ao tratamento que se resolver dar ao objeto texto. Este objeto, por sua vez, só pode ser entendido em sua totalidade se tomarmos como base o que nos apresenta o paradigma sociocognitivista. Dessa forma, confirma-se nossa ideia inicial de que sociocognição, texto e referenciação são três instâncias interdependentes.

Falta, ainda, discutir com pormenores a última dessas instâncias. Nos dois capítulos seguintes, tratamos da referenciação, quando deixamos claro qual o alcance da investigação que empreendemos.

¹⁰² Tentativas de investigação da participação dos sujeitos na produção dos referentes são encontradas em Bentes & Rio (2005) e em Custódio Filho & Brito (2009). Os dois trabalhos apresentam uma perspectiva ligeiramente diferente, pois o estudo de Bentes & Rio se filia à primeira tendência das pesquisas em referenciação, ao passo que o trabalho de Custódio Filho & Brito encontra-se ligado à segunda tendência. Sobre as duas tendências das pesquisas em referenciação, ver a seção 3.2 desta tese.

3 O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO: CONSENSOS E AVANÇOS

*Com que entendimento eu entendia, com
que olhos era que eu olhava?*

(Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*)

Neste capítulo e no próximo, tratamos especificamente da referenciação, tendo como objetivo maior apresentar o fenômeno que elegemos como tema central de nossa pesquisa. Embora tenhamos mencionado alguns aspectos desse fenômeno nos capítulos anteriores (com vistas a esclarecer alguns pontos a respeito da sociocognição e do conceito de texto), é a partir daqui que fazemos as considerações mais aprofundadas, bem como mostramos as especificidades relacionadas à análise que empreendemos.

Organizamos a exposição deste capítulo da seguinte maneira: inicialmente, apresentamos os pressupostos basilares da proposta, tomando como base a sua concepção inicial (conforme formulação de Mondada & Dubois, 2003) e os desdobramentos efetivados. Em seguida, levantamos a sugestão de se considerarem os estudos na área como pertencentes a duas tendências investigativas, cujas características específicas procuramos explicitar. Depois de nos filiar-mos à segunda tendência dos estudos, refletimos, no próximo capítulo, a respeito das lacunas sobre as quais pretendemos nos debruçar.

3.1 Os consensos: postulados da referenciação

Vimos insistindo, em outros momentos desta tese, em explicitar a relação fundamental que a Linguística assume com a “decifração” dos sentidos. Em última instância, produzir sentidos implica construir propostas de entendimento sobre algo; esse “algo” remete, indubitavelmente, ao mundo (visível ou invisível, concreto ou abstrato) que nos cerca. É por isso que a missão de investigar as relações entre linguagens¹⁰³ e sentidos passa pela questão da referência.

De fato, a referência é um ponto fulcral nas discussões em Linguística, bem como em Filosofia da Linguagem, em Semiótica e em Psicologia Cognitiva. Cada teoria (e, dentro

¹⁰³ Utilizamos o plural em consonância com nossa argumentação no capítulo anterior, quando nos filiamos aos que advogam a relevância de diferentes semioses para a configuração dos sentidos. Quando estivermos falando especificamente de trabalhos outros que não têm em seu bojo a preocupação com as diferentes semioses, utilizaremos o termo *linguagem* (ou *língua*) para remeter à *linguagem verbal*.

delas, cada corrente) precisa tomar decisões sobre que tratamento dar à relação entre as linguagens e os objetos/eventos/conexões dados a conhecer. Face às diversas propostas, temos que a referenciação foi a eleita pela LT para tratar do fenômeno da “representação”. A opção por essa abordagem implica aceitar, inicialmente, que a relação entre linguagens e mundo não é um constituinte periférico da teorização linguística (como bem demonstra Blikstein, 2003). Essa decisão exige, conseqüentemente, a aceitação de que a relação entre as linguagens e a realidade é mediada, em diversos níveis e de diversas maneiras.

Encontramos em Mondada & Dubois (2003) o quadro teórico inicial acerca dos postulados da referenciação. A partir deste trabalho, podemos destacar cinco ideias centrais, a saber:

- os objetos dados a referir são inerentemente instáveis, por isso a linguagem reelabora o real, e não apenas o expressa objetivamente;
- o caráter dinâmico da referenciação permite que um mesmo referente passe por modificações (recategorizações) ao longo da interação;
- a construção dos referentes no texto é negociada entre os participantes;
- a referenciação resulta de um trabalho sociocognitivo;
- a construção dos referentes passa por processos de estabilização.

A seguir, discorreremos sobre cada um desses pressupostos.

3.1.1 A instabilidade do real

Mondada & Dubois (2003) rejeitam as concepções que veem o processo de referir como uma relação especular língua-mundo, nas quais as “coisas” da realidade já existem, e a função dos sujeitos é apenas nomeá-las por intermédio da língua¹⁰⁴. Elas optam por contrapor a essa visão apriorística a possibilidade de “reconsiderar a questão partindo da instabilidade constitutiva das categorias, por sua vez cognitivas e linguísticas, assim como de seus processos de estabilização” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 19). Propõem, então, o termo *referenciação* para expressar a ideia de dinamismo que envolve o processo, no qual se dá

¹⁰⁴ Esta seria, por exemplo, a posição de Milner (2003, p. 85), confirmada nas seguintes passagens: “Costuma-se reconhecer que, sob certas condições, as sequências linguísticas podem ser associadas a certos segmentos da realidade, os quais elas supostamente designam e que são sua referência [...] Uma sequência nominal possui, então, uma referência, a qual é o segmento da realidade que lhe é associado”.

uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações, de concepções individuais e públicas do mundo. [...] Esta abordagem implica [...] um sujeito sociocognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20).

A proposta das autoras sedimenta a posição, marcadamente sociocognitivista, de que os usos linguísticos revelam não a realidade, mas, sim, uma percepção do real. Ou seja, a experiência que os sujeitos têm do real sofre obrigatoriamente elaborações e reelaborações cognitivas por parte desses sujeitos, que explicitam essas formulações por meio da linguagem.

Em suma, sob a visão de Mondada & Dubois a respeito da instabilidade constitutiva das entidades da língua e do mundo, conclui-se que uma mesma “realidade” pode ser expressa sob diversas maneiras, dependentes de vários fatores (intencionalidade, consideração da aceitabilidade, momento sócio-histórico etc.). A fim de ilustrar essa posição, vejamos os exemplos a seguir.

(15) O Departamento de Polícia Federal (DPF ou PF) é um órgão subordinado ao [Ministério da Justiça](#), cuja função é, de acordo com a [Constituição de 1988](#), exercer a segurança pública para a preservação da ordem pública e da incolumidade das [pessoas](#) e do [patrimônio](#).

A Polícia Federal, de acordo com o artigo 144, parágrafo 1º da [Constituição Brasileira](#), é instituída por lei como órgão permanente, organizado e mantido pela [União](#) e estruturado em carreira. Atua, assim, na clássica função institucional de [polícia](#). [...]

Após [2003](#), houve uma intensificação dos trabalhos da Polícia Federal a partir de uma reestruturação iniciada pelo Governo Federal, o que desencadeou uma onda de prisões de quadrilhas de criminosos especializados em fraudes eletrônicas na [internet](#) e em cartões de débito e crédito, de sonegadores ligados à corrupção e à [lavagem de dinheiro](#), entre outros, e esbarrou em políticos, tanto ligados ao Governo quanto em adversários. Alguns analistas chegam a afirmar que a pressão da Polícia Federal teria levado [Roberto Jefferson](#) a denunciar o [Mensalão](#).

(Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%ADcia_federal. Acesso em 1 jul. 2009.)

(16) O brasileiro já se acostumou a ligar o noticiário da TV para assistir ao desfile de carros da Polícia Federal, de onde saem homens parrudos de colete negro para algemar cidadãos apanhados de surpresa em suas casas e escritórios, além de carregar computadores e pilhas de documentos. Promovidas com previsível espalhafato, essas ações costumam receber nomes poéticos, como Operação Pasárgada, destinada a apurar fraudes em prefeituras, ou sensacionalistas, como a Operação Sanguessuga, que investigou desvios na compra de ambulâncias, ou mesmo de inspiração infantil, como Pinóquio, em torno de crimes ambientais.

(*Época*, 14 jul. 2008, p. 41.)

É possível perceber que os dois exemplos apresentam dois referentes em comum: a Polícia Federal (ou os seus membros) e os sujeitos investigados pela PF. O que chama a atenção, ao compararmos os dois textos, é que, embora tragam os mesmos referentes, a maneira como esses objetos são construídos é completamente diferente.

Em (15), a Polícia Federal é categorizada por um tom aparentemente neutro: ela é apresentada como o grupo que, entre outras características, exerce “a segurança pública para a preservação da ordem pública e da incolumidade das [pessoas](#) e do [patrimônio](#)”. No mesmo texto, os sujeitos alvos de investigação pela PF são categorizados como membros de quadrilhas (fraudadores do sistema financeiro ou sonegadores corruptos). A representação construída a partir de (15) é a de uma Polícia Federal cumpridora de seu dever e a de sujeitos criminosos, os quais devem ser investigados.

Já em (16), a representação, para os mesmos objetos, se modifica. A Polícia Federal passa a ser o órgão cujos agentes são “homens parrudos de colete negro”, os quais agem com “previsível espalhafato”, em operações que contam com “desfile de carros” e prisão, com algemas, de “cidadãos apanhados de surpresa”. Estes últimos, aliás, em (16), não mais são os criminosos, são “cidadãos”. Os valores, em (16), se invertem: a PF, composta por policiais temíveis, espetaculariza suas ações; os presos são cidadãos surpreendidos.

O que vemos, na confrontação dos dois exemplos, é exatamente a possibilidade de a “realidade” ser traduzida em diferentes versões, elaboradas de acordo com as necessidades dos interlocutores¹⁰⁵. Para a referenciação, a tese de que um fato/fenômeno/evento/sentimento etc. pode suscitar várias interpretações é muito preciosa. Na verdade, o processo de construção dos referentes implica que, no fundo, o papel das linguagens não é o de expressar fielmente uma realidade pronta e acabada, mas, sim, o de construir versões, elaborações dos eventos ocorridos, sabidos, experimentados.

É importante frisar que falar na reelaboração da realidade pelas linguagens não significa dizer que o papel dos recursos linguístico-semióticos é o de “ludibriar”, “disfarçar” a verdade. Não se trata disso porque, no fundo, quando se assume a perspectiva da instabilidade constitutiva, assume-se também que não há uma verdade absoluta, não há algo “normal”, “fiel” que precise ser escondido. Significa apenas que é uma função inerente às linguagens a (re)elaboração das práticas sociais, e, se isso é usado para fins mais ou menos lícitos, é algo que, pelo menos em princípio, escapa ao estudo das linguagens nessa perspectiva.

De acordo com a proposta de Mondada & Dubois (2003), temos que, pela expressão referencial, remete-se a uma entidade que é construída na atividade discursiva e é resultante da elaboração perceptual da realidade. Pode-se dizer, assim, que o referente, aquilo a que

¹⁰⁵ O contexto de produção de (16) pode ser bem elucidativo acerca das motivações por trás da elaboração construída. Trata-se do início de uma reportagem sobre a Operação Satiagraha, desencadeada em julho de 2008, que teve como um dos “pontos altos” a prisão do banqueiro Daniel Dantas. Segundo se comentou então, muitas instituições (entre elas alguns órgãos de imprensa) teriam interesse em defender Daniel Dantas, daí a necessidade de descaracterizar o *modus operandi* da PF.

remete uma expressão referencial¹⁰⁶, é na verdade um elemento do discurso; por isso, as autoras sugerem que o referente seja denominado de *objeto de discurso*¹⁰⁷.

3.1.2 O caráter dinâmico

Os objetos de discurso, como entidades construídas ao longo da interação discursiva, podem sofrer modificações. Koch (2003, p. 83-84) afirma que, dentro do esquema de ativação e reativação de referentes em um texto, os elementos textuais já existentes podem ser constantemente modificados ou expandidos. “Durante o processo de compreensão, desdobra-se uma unidade de representação extremamente complexa, pelo acréscimo sucessivo e intermitente de novas informações e/ou avaliações acerca do referente”. São os acréscimos postos aos referentes, explícitos ou não, que vão colaborar para a progressão referencial. É o que podemos perceber no exemplo a seguir, um artigo de opinião que tem como pano de fundo a situação de Ingrid Betancourt, quando esta ainda era prisioneira das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia).

(17) **Pela liberdade de uma mulher**

Olhos baixos, mãos cruzadas sobre o colo, cabelos muito compridos e rosto magro e afilado, a mulher transmite dor e desalento em sua imobilidade. Desde a selva, essa foi a “prova de vida” que mandaram a sua família. Vida, sim, mas vida que parece esvaír-se na tristeza e no desalento de quem se sente vencida pelo prolongado tempo de sofrimento dos últimos seis anos.

Na cidade, outra mulher todos os dias manda uma mensagem para a mulher triste que se encontra na selva. Às 5 horas da manhã, Yolanda Pulecio faz chegar pelas ondas do rádio a própria voz até sua filha Ingrid Betancourt. E na comunicação diária das duas a esperança consegue abrir um caminho, titubeante e frágil, mas o suficiente para manter acesa uma chama por seis longos anos.

[...] Só mesmo a fé que a faz celebrar missas pelo mundo afora e ir falar com governadores, presidentes e o próprio Papa pode manter Yolanda Pulecio em pé, lutando pela libertação da filha. A bela Miss Colômbia agora é a mãe coragem que anda com a foto de Ingrid pelos quatro cantos do planeta, a fim de que não a esqueçam e saia do cativeiro. A cada manhã, quando o dia amanhece e na selva são 5 horas, Yolanda fala à filha querida. Para que ela não se sinta abandonada, não desanime, se alimente, mantenha acesa a tênue e bruxuleante chama da esperança.

¹⁰⁶ Conforme já dissemos na introdução desta tese e comentamos posteriormente, a construção de um referente não está atrelada, necessariamente, à utilização de expressões referenciais. Contudo, trazemos aqui a informação por ela fazer parte dos princípios inaugurados por Mondada & Dubois e assumidos pela grande maioria dos pesquisadores. Em virtude disso, enquanto estivermos apresentando exemplos com base nessa tendência, promovemos análises semelhantes às que são normalmente feitas.

¹⁰⁷ Utilizamos, nesta tese, os termos *referente* e *objeto de discurso* como sinônimos, o que deixa clara a nossa vinculação à concepção de *referente* assumida nesse parágrafo, e, ao mesmo tempo, afasta-nos da concepção de *referente* como objeto da realidade denotado pela língua.

No Dia Internacional da Mulher é belo ver, na situação limite de um cruel sequestro que parece não ter fim, a força do amor materno maior que qualquer outra coisa. Duas mulheres, mãe e filha, do fundo de sua dor ainda encontram forças para amar e declarar seu amor.

Enquanto Yolanda diz a sua filha que se alimente, para que possa manter a saúde e voltar ao convívio da família, transcende sua dor para manter viva aquela que um dia trouxe em seu ventre e deu à luz. Por seu lado, Ingrid, em meio ao desalento e à exaustão em que se encontra, escreve longamente à mãe, única que sabe não poder viver sem ela.

Que toda essa dor não seja em vão. E que a violência não tenha a última palavra. Que o longo suplício dessas duas mulheres chegue ao fim e possa ser redenção para elas mesmas e para o povo pelo qual lutam.

(BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Disponível em

<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=32050>. Acesso em 15 jul. 2008.)

Se nos concentrarmos nas expressões sublinhadas, perceberemos as transformações (ou recategorizações) sofridas pelo referente erigido em torno de Yolanda Pulecio. Inicialmente, a expressão “outra mulher” categoriza o objeto em oposição a “uma mulher” (título) e “a mulher”, indicando (inclusive pela mudança de parágrafo) que essa outra mulher também será um referente central no texto. Em seguida, o substantivo próprio (“Yolanda Pulecio”) e o possessivo “sua” identificam (ou individualizam) o objeto como sendo a mãe de Ingrid Betancourt. Continuando o texto, vemos, outras expressões, além das repetições, que continuam a promover a transformação do referente: de “bela Miss Colômbia”, Yolanda Pulecio passou a ser “a mãe coragem...”, além de também ser, na perspectiva imputada pelo enunciador à Ingrid, a “única que sabe não poder viver sem ela [Ingrid]”. Vemos, então, como um mesmo objeto pode passar por diferentes recategorizações, estabelecidas na interação e manifestadas (no caso) por expressões referenciais (e, estritamente falando, predicativas, como “a mãe coragem...”).

3.1.3 A construção negociada

Além de ser uma atividade de (re)elaboração do real e de se efetivar por meio de uma progressão recategorizadora, a referenciação é um processo resultante da negociação entre sujeitos. Isso quer dizer que a construção dos referentes, enquanto atividade constitutivamente discursiva, decorre da ação de sujeitos em interação, que trabalham de forma colaborativa. Por isso, Salomão (1999, p. 72) afirma que “interpretar/representar é produzir conhecimento socialmente útil porque **validável na interação**, ou seja, consensualmente compartilhável num encontro determinado” (grifo da autora).

Essa cooperação é percebida no exemplo (18), retirado de Mondada & Dubois¹⁰⁸. O contexto de interação é o seguinte: num laboratório de pesquisas neurofisiológicas, dois estudiosos observam micrografias eletrônicas, a fim de verificar a presença de axônios terminais.

(18) J: isso é sujeira – oh, tem um bem ali! (2 segundos)

M: é isso?

J: bom, eu ‘num’ sei

M: não, isso não parece com vesículas

(0.3 segundos)

M: parece mais com uma espinha ou algo assim

(1 segundo)

J: hum bom isso só pode ser uma coisa entre duas hum eu acho que aqueles ali microtúbulos cortados e um ângulo e então (nós não iremos) circundá-los

Vê-se bem que, nessa interação, a decisão quanto à caracterização do “objeto de mundo” como sendo ou não um axônio é negociada entre os interlocutores (perceba-se a maneira como M intervém e acaba por modificar a atuação de J). Dessa negociação, resulta a iniciativa de não tratar o objeto em questão como um axônio. Assim, discursivamente, instaurou-se um objeto de discurso: um “não-axônio”, caracterizado, pelo menos pelo cotexto disponível, como “uma espinha ou algo assim”. A partir dessa e de outras ocorrências, oriundas de conversações comuns ou mesmo de situações, como (18), em que os locutores tentam controlar seus processos de construção de sentido, Mondada & Dubois (2003, p. 38) concluem que “as descrições são menos orientadas para a realidade em si mesma que para a realização negociada de uma versão pública e aceitável do mundo”.

O postulado da construção colaborativa casa muito bem com outro pressuposto, o da instabilidade constitutiva da língua e das coisas. Sendo língua e coisas instâncias inerentemente instáveis, tem-se que a produção do sentido só ocorre em cada texto, quando cada um é produzido. E, uma vez que as concepções de *emissor* e *receptor* (funções estancas e passivas) já foram há muito substituídas pelas de *enunciador*, *coenunciador* e *interlocutor(es)*, claro é que a produção de sentidos conta com a participação dos indivíduos envolvidos na produção comunicativa. Além disso, é possível comprovar empiricamente a

¹⁰⁸ As autoras retiram o exemplo de Lynch (*apud* MONDADA & DUBOIS, 2003).

colaboração intersubjetiva na interação, como demonstram Mondada & Dubois com o exemplo (18) e também Apothéloz¹⁰⁹ (2001), Mondada (2005) e Bentes & Rio (2005).

Um detalhe que não deve escapar das reflexões é o fato de que a construção colaborativa é constitutiva de qualquer situação comunicativa. Normalmente, a comprovação empírica do postulado é feita apenas em situações de comunicação síncrona, aquelas em que os interlocutores planejam e executam o texto durante a interação, fazendo intervenções durante seus turnos de voz¹¹⁰. É óbvio que a participação simultânea dos interlocutores permite interferências que indicam as negociações discursivas em busca de uma “versão pública e aceitável do mundo”. Quando pensamos em como pode ocorrer a construção colaborativa dos referentes em comunicações assíncronas, ou seja, em situações nas quais não é possível aos participantes agirem simultaneamente na construção do texto, temos de admitir que o procedimento se dá de forma diferente, porque são diferentes os objetivos por trás desse tipo de negociação.

No caso das comunicações síncronas, a negociação se estabelece a partir da necessidade de se construírem unidades consensuais acerca dos objetos de discurso salientes, a fim de que a comunicação avance. Nas comunicações assíncronas, essa unidade consensual não pode ser obtida no momento mesmo da interação do interlocutor com o texto, de modo que a negociação ocorre na forma de antecipação do enunciador em relação ao(s) eventual(is) interlocutor(es). Discutamos essa ideia a partir do exemplo a seguir.

(19) Como pensam os brasileiros

Um livro prova que, ao contrário do que pensam os esquerdistas, a elite nacional é o farol da modernidade

A julgar pelo que se lê nos jornais e se ouve nas salas de aula das universidades, o Brasil conta com uma elite retrógrada, de valores quase medievais, empenhada em obter toda sorte de privilégios do estado e em explorar a massa trabalhadora. Essa elite seria tão daninha que qualquer movimento de protesto originado nela, como o “Cansei”, já nasceria marcado pela ilegitimidade. Segundo os arautos desse ponto de vista, em posição antípoda estaria um povo de valores imaculados, dono de uma sabedoria e um senso de justiça naturais e pronto a redimir o país de séculos de iniquidade. Basta um pouco de distanciamento para ver que se trata de um maniqueísmo tolo, típico da rasa cachola esquerdista brasileira. Elite é muito mais que sinônimo de “rico”. Como registram os dicionários, é

¹⁰⁹ Apothéloz, nesse trabalho, já sugere que é possível referir sem que para tanto se utilizem expressões referenciais; o autor assim se posiciona ao discutir o possível caráter referencial de sintagmas verbais ativados em situações de “seqüências conversacionais autonímicas”.

¹¹⁰ No que toca aos estudos em referenciação, só temos conhecimento de pesquisas que tratam da construção colaborativa em interações na modalidade oral. Entretanto, não se pode dizer que as comunicações síncronas são vazadas apenas nessa modalidade, haja vista pode haver comunicações síncronas na modalidade hipertextual (vazada, em muitos casos, por meio da escrita), como ocorre no bate-papo via internet, por exemplo. Do mesmo modo, as comunicações assíncronas não são vazadas apenas por meio da escrita; veja-se, por exemplo, os filmes, novelas, seriados etc., comunicações orais que não se realizam em situação de sincronidade entre enunciador e coenunciadores.

uma palavra de origem francesa que significa “o que há de melhor numa sociedade ou grupo”. Dela fazem parte profissionais liberais, cientistas, atletas, empresários, políticos (não todos, infelizmente). Só uma nação que conta com uma elite com iniciativa, energia criadora, conhecimento avançado e valores democráticos tem chance de desenvolvimento. É por meio de suas ações e de seu exemplo que o conjunto da população termina ascendendo também, tanto no plano educacional e cultural como no profissional. Isto está longe de ser teoria romântica. É fato verificável no bloco dos países que hoje compõem o clube dos desenvolvidos.

(Veja, 22/08/2207, p. 86.)

Em (19), o referente central é a elite, categorizada por um tom positivo, depois de a parte inicial do texto abordar uma perspectiva negativa sobre este objeto, a fim de criticá-la duramente, por resultar de “um maniqueísmo tolo, típico da rasa cachola esquerdista brasileira”. A elite não é “retrógrada, de valores quase medievais”; é, de acordo com o texto, “o farol da humanidade”, “uma elite com iniciativa, energia criadora, conhecimento avançado e valores democráticos”.

Para estabelecer essa configuração, o enunciador constrói o referente “elite” dentro de uma rede de relações coerentes para que os leitores acreditem no que leem. As informações são apresentadas de maneira que o interlocutor, durante o processo de interpretação, as aceite como válidas. No caso de (19), é muito importante, por exemplo, primeiro apresentar uma visão “ingênua” de elite como algo ruim, para depois vir com uma visão diferente (essa, sim, a verdadeira, dentro da ótica do texto). Essa maneira de construir o texto (apresentar uma visão “equivocada” para em seguida trazer a “verdade iluminadora”) não é estabelecida aleatoriamente; o enunciador antecipa as atitudes dos interlocutores e, indiretamente, “negocia” com ele, adaptando o texto às previsões que faz.

Ilari (2005, p. 123) diz que “Todo locutor constrói sua fala [seu texto] a partir de uma avaliação da capacidade de interpretação do interlocutor, e da maneira como este reage às informações que são *transmitidas* pelo texto escrito ou falado” (grifo do autor). No caso específico da referenciação, podemos entender que as antecipações feitas pelo enunciador nas comunicações assíncronas – decorrentes da “avaliação da capacidade de interpretação do interlocutor” – visam ao estabelecimento de referentes sujeitos à aceitação dos interlocutores (reação “às informações que são transmitidas pelo texto”). Trata-se, portanto, de uma negociação indireta, que começa na antecipação que o enunciador faz e que se efetiva na (provável) cooperação¹¹¹ do(s) interlocutor(es) em aceitar entrar na interação e reconhecer a pertinência e a validade dos referentes construídos.

¹¹¹ Sobre cooperação, ver Grice (1982) e Beaugrande & Dressler (1981) – quando falam da aceitabilidade em sentido amplo. Ver, também, em nossa dissertação de mestrado (CUSTÓDIO FILHO, 2006), o comentário sobre as indevidas generalizações do princípio da cooperação.

3.1.4 A natureza sociocognitiva

Já vimos que a referenciação compreende um trabalho de elaboração da realidade, o que demanda uma negociação entre os participantes de uma interlocução, a fim de que essa elaboração atenda às necessidades de cada interação. Falta, ainda, discutirmos sobre os mecanismos textual-discursivos que nos permitem produzir/compreender os referentes de um texto; é preciso refletir sobre a natureza do conhecimento e das habilidades que nos possibilitam trabalhar para construir referentes.

Falar que a referenciação resulta de um trabalho sociocognitivo implica dizer que a construção dos objetos do texto, necessária à produção de sentidos, passa por alguma forma de processamento mental, considerando-se que tal trabalho se efetiva a partir de parâmetros sociodiscursivos previamente apreendidos e atualizáveis em cada situação de interação. Isso pode ser percebido a partir da análise da piada apresentada em (20)¹¹².

(20) E tem aquela do sujeito que chega em casa e encontra a filha agarradinha com o namorado. Aliás, bem agarradinha. O pai então dá o maior estrilo:

– Que pouca vergonha é essa?!

E o rapaz, todo sem jeito:

– Bem, o senhor sabe, eu estou apenas mostrando a minha afeição para a sua filha.

E o pai da moça:

– É! Tô vendo que sua afeição é grande! Mas bota ela pra dentro da calça!...

(SARRUMOR. *Ainda mais mil piadas do Brasil*. Retirado de LIMA, 2007.)

Nessa piada, a expressão referencial “afeição”, ao ser utilizada pelo pai da moça, está categorizando o referente “órgão sexual masculino”. Não há, no texto, uma confirmação explícita dessa relação entre a expressão e o referente, no entanto é possível percebê-la muito claramente. Somos capazes de fazer essa associação porque trabalhamos cognitivamente a partir das pistas co(n)textuais, ou seja, usamos nossa capacidade intelectual para estabelecer as relações textuais explícitas e implícitas. No caso do texto, algumas pistas nos ajudam a fazer essas conexões: o fato de a afeição do rapaz, segundo o pai da moça, ser grande e de ela estar fora da calça.

Já dissemos, no capítulo anterior, que o trabalho de interpretação dos sentidos vai além da materialidade linguística, em várias direções. Essas direções são determinadas, em grande

¹¹² As considerações aqui apresentadas baseiam-se em análises feitas inicialmente por Lima (2007) e Leite (2007a).

medida, a partir do esforço cognitivo que se empreende na interpretação. Isso quer dizer que a atividade referencial é cognitiva, pois a interação linguística só ocorre porque os sujeitos são capazes de processar os textos que produzem e compreendem.

Falar em atividade cognitiva, dentro da referenciação, não significa falar exclusivamente nos processos mentais, nas formas de raciocínio que são utilizadas para produzir e interpretar textos. Conforme mostramos anteriormente, dentro da proposta teórica que vem sendo adotada aqui, o aspecto cognitivo não pode ser desvinculado do aspecto social. O aparato de conhecimentos armazenados e de mecanismos de processamento textual é originado das experiências sociais dos indivíduos. Esses conhecimentos estão sempre sujeitos a mudanças e adaptações conforme essas experiências vão acontecendo. Podemos dizer, a partir dessas observações, que o processo de construção dos referentes é um fenômeno sociocognitivo.

Na piada que acabamos de ler, percebemos como o conhecimento social é relevante para a interpretação do referente: para o entendimento da relação entre a expressão “afeição” e o referente “órgão sexual masculino”, é necessário conhecer (ou porque se viveu ou porque se ouviu sobre) a experiência de namoro “bem agarradinho”, no qual a excitação sexual é bastante acentuada. De posse desse conhecimento social, podemos perceber como o termo “afeição” passa a ter duplo sentido, gerando o humor do texto.

Vemos, então, que o processo referencial é essencialmente sociocognitivo. De um lado, o aspecto social põe em relevo a necessidade de se analisarem os referentes linguísticos sob o foco dos vários fatores sociais que interferem na configuração textual e que se localizam além dos fatores estritamente linguísticos. De outro lado, o aspecto cognitivo enfatiza que o processamento referencial é cognitivamente motivado, estratégico, no sentido de que os interlocutores selecionam formas de atuar sobre a produção e recepção de textos, utilizando, para tanto, o conhecimento (em algum nível) proveniente de sua “bagagem” mental.

Temos, então, que a referenciação é um processo cuja explicação demanda uma perspectiva sociocognitivista. Essa ideia já vem sendo esboçada desde o primeiro capítulo desta tese; ao relacionarmos linguagem e sociocognição, mencionamos a importância que a questão do referente tem na delimitação dos princípios teórico-analíticos assumidos, como ocorre, por exemplo, em Blikstein (2003). De um lado, reforçamos, aqui, nosso propósito de mostrar que sociocognição, texto e referenciação são instâncias completamente interdependentes. De outro, enfatizamos que noções-chave, no âmbito da sociocognição – como a natureza multifacetada do conhecimento, a ênfase na integração entre percepção e

processamento e a emergência da interação como a unidade a ser investigada –, são assumidas como essenciais para a explicação dos processos referenciais.

Uma vez definidas as características basilares do fenômeno, podemos, então, conceituar o processo de referenciação como o conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s).

Até aqui, foi enfatizado o caráter dinâmico inerente à atividade discursiva de atribuir referência, decorrente da noção de instabilidade do real e da(s) linguagem(ns). Contudo, como vemos a seguir, uma outra faceta, a de uma estabilidade relativa, também faz parte da teorização.

3.1.5 Os fatores de estabilização

Mondada & Dubois (2003), ao mesmo tempo em que propõem a instabilidade constitutiva, reconhecem haver processos que buscam a estabilização dos referentes. Não fosse assim, a reelaboração mental necessária à construção dos objetos de discurso não teria uma base em que se assentar. Os três processos de estabilização de referentes comentados pelas autoras são os protótipos, as anáforas e as técnicas de inscrição.

Segundo as pesquisadoras (2003, p. 42), a criação de protótipos possibilita uma ancoragem às interpretações que fazemos do mundo. “A nomeação do protótipo torna possível seu compartilhamento entre muitos indivíduos através da comunicação linguística, e ele se torna, de fato, um objeto socialmente distribuído, estabilizado no seio de um grupo de sujeitos”.

Já as anáforas seriam responsáveis por uma estabilização *ad hoc*, uma vez que podem ter a função de “focalizar uma denominação particular, excluindo para isso outras possibilidades, mesmo se elas estiverem potencialmente no texto” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 43).

Sobre as técnicas de inscrição, as autoras comentam que a escrita possibilita uma descontextualização dos itens lexicais, o que permite pensar a língua como objeto de estudo em si mesmo, independente da atividade discursiva. Elas lembram ainda que o surgimento da imprensa possibilitou o sucesso da ciência moderna, que passou a fornecer enunciados visuais

produzíveis com exatidão e longevidade. “Uma vez assim estabilizados pelos textos e pelas inscrições visuais, os fatos resistirão às desestabilizações possíveis da controvérsia, terminando por se impor como sendo evidentes e por tornarem-se referentes estáveis da ciência” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 48).

Os fatores de estabilização, de caráter eminentemente social, promovem restrições aos interlocutores no que toca à atividade de referir. Portanto, conclui-se que o objeto de discurso, mesmo em se tratando de uma entidade criada mediante a elaboração cognitivo-discursiva, não é conseqüente à vontade individual do sujeito, que tem um pensamento e o elabora independentemente de quaisquer fatores. Isso revela uma concepção de uma atividade cognitiva isolada, completamente alheia a outros fatores que concorrem para a tarefa de produzir textos.

É preciso, pois, não extrapolar no que diz respeito ao papel da subjetividade dentro das negociações de sentido, (daí Mondada & Dubois falarem em *intersubjetividade*, salientando a ideia de subjetividade partilhada e dependente do interlocutor). Caso contrário, cair-se-ia no extremo oposto da noção de língua como espelho da realidade: a noção de língua como expressão do desejo e pensamento individual do falante¹¹³. Quanto a isso, concordamos com Marcuschi (2000, p. 82), para quem “a realidade empírica extramental existe, mas mais do que uma experiência estritamente sensorial e especularmente refletida pela linguagem é discretizada no processo de designação discursiva e dependente de um trabalho cognitivo realizado no discurso”¹¹⁴.

Ainda falando sobre a reelaboração dos dados sensoriais mediada pelos sujeitos, acrescenta o autor (2000, p. 82):

Nossa tese é a de que essa reelaboração se dá essencialmente no discurso. Não postulamos uma reelaboração subjetiva, individual, em que cada qual pode fazer o que quiser. A reelaboração deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua.

¹¹³ Mais uma vez, devemos caminhar no “fio da navalha”, como dizem Maturana & Varela (1998).

¹¹⁴ Cardoso (2003, p. 84), analisando a problemática da referência para três grandes perspectivas de análise linguística (Estruturalismo, Linguística da Enunciação e Filosofia da Linguagem) postula posição semelhante: “A realidade não existe em si e por si como um objeto dado, objeto de contemplação, esperando para ser compreendido e interpretado, mas *a realidade existe* e é inteligível somente com relação à ação humana” (grifo nosso). A mesma posição é compartilhada por Salomão (2005, p. 165-166): “Na perspectiva sociocognitiva não há cesura entre linguagem e mundo. O realismo cognitivista (não-metafísico) reconhece que o mundo existe e que a mente é inseparável do mundo em sua materialidade e em sua história: de fato, a mente é parte do mundo e, nesta condição, *não o representa, mas atua nele, e o transforma ao transformar-se* [...] a verdade, tanto quanto o mundo, existe e *se produz como entendimento*, construído em condições comunicativas densamente radicadas e vividamente experimentadas” (grifos da autora).

Portanto, o sujeito não cria sua realidade do nada, conforme seus desejos. Em primeiro lugar, deve-se levar em conta que, ainda que não seja igual ao “objeto do mundo”, o objeto de discurso é uma construção ancorada no mundo real ordinário¹¹⁵, já que ele resulta de uma elaboração do “real”, o que implica que a sua construção está sujeita a restrições concretas, dentre as quais o entorno sociocultural e o contexto imediato de interação. Em segundo lugar, já vimos que o espectro do componente cognitivo, acionado na produção e processamento dos referentes textuais, não está restrito apenas a conhecimentos individuais, imutáveis e independentes que um sujeito possa ter, mas, sim, à maneira, dinâmica, como esse conhecimento é arquivado, processado e ativado frente a pressões sociais.

O que podemos afirmar é que o objeto de discurso apresenta duas faces (concorrentes, não excludentes): de um lado, resulta de escolhas dos indivíduos; de outro, está restrito a constrições diversas¹¹⁶. Em outras palavras: as escolhas, embora múltiplas, não são infinitas. Conforme Costa (2007, p. 14), a partir de Blikstein (2003) e de Mondada & Dubois (2003), “o referente é instável, porque é construído e reconstruído continuamente; [...] é, por outro lado, estável, porque se submete às convenções da língua, construída ao longo do tempo, nas interações sociais”.

A título de exemplificação, tome-se a restrição que alguns gêneros não humorísticos vinculados ao discurso político apresentam em contraste com os gêneros humorísticos. Reportagens, notícias e editoriais de jornais e revistas, embora tenham um vasto leque de expressões (mais ou menos avaliativas) para construir referentes ancorados nas personalidades Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva, não podem, por exemplo, escolher as expressões “Don Doca FHC Boca de Sovaco” e “Luís Enrolácio Lula da Silva”¹¹⁷.

¹¹⁵ Veja-se o caso do exemplo (16) (p. 112), sobre as ações da Polícia Federal: os objetos de discurso construídos a partir das expressões “desfile de carros da Polícia Federal”, “homens parrudos de colete negro”, “cidadãos apanhados de surpresa” e “previsível espalhafato” têm como base elementos que pertencem a situações percebidas no mundo real ordinário.

¹¹⁶ Essas constrições incluem, também, as questões normativo-gramaticais, conforme salientamos em Custódio Filho (2005; 2006; 2007).

¹¹⁷ A primeira expressão era utilizada nas crônicas humorísticas de José Simão, à época em que Fernando Henrique era presidente; a segunda apareceu nos esquetes do programa humorístico *Casseta e Planeta Urgente*.

Na verdade, a lição aqui esboçada já se encontra nos primórdios da Linguística da Enunciação, quando Bakhtin (1997)¹¹⁸ subverte a concepção saussuriana de signo linguístico. Ao dizer que o signo é instável porque procede de alguém e se dirige a alguém (sendo que os sujeitos determinam sua participação a partir da situação específica e das condições sócio-históricas), o pensador não deixa de mencionar que a “língua” chega, na interação, impregnada de significações, as quais não são deixadas de lado completamente. Os sujeitos em interação se encontram, assim, eternamente desafiados a participar do equilíbrio entre o “velho” e o “novo”.

A discussão sobre instabilidade / estabilidade remete à consideração do caráter representacional das linguagens (e, por extensão, do referente). *Grosso modo*, há uma insistência das perspectivas relativistas (entre as quais se incluem as perspectivas enunciativas da linguagem) em negar o caráter representacional da(s) linguagem(ns), alegando-se que não é função primeira da língua representar objetivamente o mundo circundante. Já vimos, exaustivamente, que, de fato, não ocorre, nas trocas interacionais, uma representação fiel da realidade. Contudo, ocorre que, embora não seja possível falar em representação nos termos de apreensão objetiva do mundo, as linguagens exercem um papel de “transição” entre o real e a práxis (cf. BLIKSTEIN, 2003), que pode ser denominado como “representação”, se especificarmos a natureza (inter)subjetiva do processo. Podemos dizer, com isso, que haveria, sim, representação, salientando-se o caráter multifacetado de tal fenômeno, como fazem Kress & van Leeuwen (2006, p. 7):

nós vemos a representação como um processo no qual os produtores de signos, criança ou adulto, pretendem fazer a representação de algum objeto ou entidade, física ou semiótica, e no qual o seu interesse no objeto, no ponto de fazer a representação, é complexo, emergindo da sua história cultural, social e psicológica, e focalizado no contexto específico no qual o produtor de signos produz os signos¹¹⁹.

Os autores deixam claro que a representação “parte” da necessidade de falar do mundo, de algum “objeto ou entidade”, a qual só pode ser plenamente satisfeita pela concatenação de diferentes dimensões (sociocognitivas) constitutivas do processo. É possível,

¹¹⁸ Ciulla e Silva (2008, p. 14) destaca que “Embora Bakhtin enfatize os aspectos mais ideológicos da enunciação e nem utilize o termo *referência*, sua visão sobre a relação entre linguagem e mundo coincide com a que defendemos, na medida em que postula a significação também como dependente de uma enunciação numa situação concreta”.

¹¹⁹ “we see the representation as a process in which the makers of the signs, whether child or adult, seek to make a representation of some object or entity, whether physical or semiotic, and in which their interest in the object, at the point of making the representation, is a complex one, arising out of the cultural, social and psychological history of the sign-maker, and focused by the specific context in which the sign-maker produces the sign”.

então, considerar que a representação continua a fazer parte do esquema sociocognitivo de entendimento das linguagens, o que é particularmente importante para a referenciação. Cavalcante (a sair, p. 1) mostra bem o novo caráter da representação, quando diz que “É na interação, mediada pelo outro, e na integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências socioculturais que construímos uma representação – sempre instável – dessas entidades a que se denominam *referentes*”.

A partir do exposto sobre a estabilidade relativa das linguagens e sobre o caráter representacional dos referentes, podemos acrescentar que o processo da referenciação é constitutivamente dinâmico e ancorado nas experiências situadas no “real”. De posse desse quadro geral das características dos processos referenciais, passamos para o próximo passo de nossa argumentação, em que delineamos as duas tendências dos estudos atuais em referenciação.

3.2 Os avanços: duas tendências em referenciação

Os avanços teórico-explicativos da proposta da referenciação são inegáveis, o que se confirma pelo crescente interesse nas pesquisas sobre o assunto. Pensamos, contudo, que os pressupostos assumidos permitem avanços ainda mais interessantes. Há, então, diferentes possibilidades de análise abrigadas sob o manto da referenciação. Sugerimos que, no atual estágio das pesquisas, os estudos podem ser vinculados a duas tendências.

Afirmar que há duas formas de tratamento para um mesmo fenômeno pode indicar que tais propostas são inerentemente antagônicas. Queremos pensar que não seja esse o caso das pesquisas em referenciação. Como veremos posteriormente, longe de serem antagônicas, as duas tendências são complementares, principalmente porque abraçam os mesmos pressupostos. O que muda é o foco de análise (e a conseqüente ampliação da noção de texto/discurso), no que diz respeito à participação e integração dos elementos não linguísticos na construção da referência.

3.2.1 A primeira tendência

A primeira tendência, seguida pela grande maioria dos estudos em referenciação¹²⁰, tem como questão central a seguinte: de que maneira os usos referenciais (= expressões referenciais) elucidam/confirmam os postulados assumidos pela referenciação? Em linhas gerais, pode-se dizer que essa tendência parte das expressões referenciais acionadas em um texto para refletir sobre a natureza sociocognitivo-discursiva do fenômeno. Em virtude de uma saliência do caráter dinâmico atinente à construção dos objetos de discurso, foram abertas novas possibilidades investigativas, o que justificou a adoção da terminologia *referenciação*, em oposição a *referência*.

Tradicionalmente, os estudos sobre referência dentro da Linguística Textual se concentravam na investigação da anáfora como um fenômeno da superfície do texto. Essa proposta é percebida em Koch (1999). A autora, nesse trabalho pioneiro no país sobre a coesão textual, apresenta (reformulando a classificação original de Halliday & Hasan) os mecanismos participantes da coesão referencial: a substituição (por retomada lexical ou pronominal), a repetição e a elipse.

No cerne dessa proposta, está a explicação sobre como estabelecer cadeias coesivas – conjuntos de expressões nominais que contribuem para o estabelecimento de um referente no texto. Vejamos um exemplo de cadeia coesiva, a partir das expressões sublinhadas e das elipses (indicadas entre colchetes) no texto a seguir:

(21) Sou aficionado por quadrinhos – e, para ser mais específico, pelos X-Men – há cerca de 20 anos. Durante este tempo todo, ainda não vi ninguém tomar uma atitude quanto aos poderes da Vampira. Ultimamente, ela vem se tornando briguenta e carrancuda (não é para menos, a coitada não pode nem dar um beijinho no seu namorado sem sugar os poderes dele). Já que ninguém toma uma providência, resolvi eu tomá-la: o Fera e o Noturno não usavam indutores de imagem para poder sair à rua sem serem notados? Então, é só criar um inibidor de poder para Vampira! Quando ela quiser relaxar e dar uns amassos, é só [ø] ligar, e, quando for a hora do pau, [ø] desliga e [ø] cai na porrada! Se até hoje ninguém teve esta ideia na Marvel, manda minha ideia para eles e até quem sabe não rola um convite pra roteirista?

Ilídio Tavares de Azevedo Jr – Trindade (GO)

(Carta do leitor publicada na seção de correspondência da revista *X-Men Extra*, n. 29. Barueri (SP): Panini Comics, 2004, p. 97.)

No exemplo (21), o enunciador lançou mão de diferentes recursos para construir uma cadeia em torno do referente Vampira¹²¹: o próprio nome da personagem, o pronome “ela”, a expressão lexical “a coitada”, a repetição do nome da personagem e do pronome “ela”, e as

¹²⁰ Encontram-se exemplos de pesquisas dessa natureza na obra organizada por Koch, Morato & Bentes (2005) e na organizada por Cavalcante *et al* (2007).

¹²¹ Trata-se de uma personagem das histórias em quadrinhos dos X-Men, cujo poder é absorver, pelo contato com a pele, os poderes, as memórias e a força vital de outros mutantes.

elipses antes das formas verbais “ligar”, “desliga” e “cai”. Esse tipo de estudo procura investigar, principalmente, a maneira como a informação sobre uma entidade pode ser estabelecida e processada, de modo a se perceber como a continuidade textual é garantida.

Análises desse tipo focalizam principalmente as relações de equivalência entre um anafórico e seu antecedente (ou conseqüente), que se esgotam numa análise cotextual. Os estudos em referenciação vão além: investigam-se também as relações entre as expressões referenciais, mas essas relações são observadas a partir de um enfoque sociocognitivo-discursivo. O que está em jogo, agora, não é apenas o reconhecimento de relações de equivalência entre termos linguísticos, mas, sim, “a importância do papel desempenhado pelos atos de referenciação na construção do mundo de nossas experiências” (COSTA, 2007, p. 10), o que demanda um aparato explicativo mais fluido e mais complexo¹²².

Tem-se, assim, uma preocupação intensa com vistas ao entendimento do caráter “funcional” das expressões referenciais. Dessa forma, o referente deixa de ser apenas um objeto identificado no texto, para ser um objeto que, podendo exercer inúmeras funções (CIULLA e SILVA, 2008), é essencial para a configuração dos sentidos. Ganham destaque nesse quadro, por exemplo, as reflexões sobre o caráter argumentativo das expressões referenciais, como se vê em Koch (2005, entre outros) e Zavam (2007).

Os trabalhos associados à primeira tendência podem ser de dois tipos: os que tratam de uma estratégia de referenciação específica e os que apresentam propostas gerais de estratégias referenciais. Como pertencentes ao primeiro grupo, podemos citar os trabalhos sobre o encapsulamento (ou rótulo) (FRANCIS, 2003; CONTE, 2003), a rotulação metadiscursiva (JUBRAN, 2003, 2005), a dêixis (CAVALCANTE, 2000; CIULLA e SILVA, 2002), a anáfora recategorizadora (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, 1995; APOTHÉLOZ & CHANET, 2003; TAVARES, 2003; LIMA, 2007), e a anáfora indireta (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, 1999; MELO, 2001; GARY-PRIEUR & NOAILLY, 2003; MARCUSCHI, 2005;). A seguir, apresentamos exemplos dessas estratégias, com comentários mais específicos sobre a anáfora recategorizadora e a anáfora indireta, por serem estes, a nosso ver, os dois fenômenos mais estudados na primeira tendência.

¹²² Costa (2007), ao discutir a questão da acessibilidade, mostra como a adoção de modelos menos rígidos contribui para “o ‘não engessamento’ dos atos referenciais” (p. 13). O trabalho da autora é um bom exemplo de comparação entre as perspectivas mais “essencialistas” e as mais pragmático-discursivas, mostrando claramente a distinção entre os trabalhos antes e depois da referenciação. Ver, também, o trabalho de Koch & Cavalcante (2007).

Encapsulamento anafórico¹²³ – corresponde ao processo em que uma expressão referencial, retrospectiva ou prospectiva, remete a uma porção cotextual de caráter proposicional, que passa a ter o estatuto de referente a partir da utilização de tal expressão. É o que se vê em (22) e (23)¹²⁴ (respectivamente, encapsulamento retrospectivo e prospectivo):

(22) ... o sistema imunológico dos pacientes reconheceu os anticorpos do rato e os rejeitou. Isto significa que eles não permanecem no sistema por tempo suficiente para se tornarem completamente eficazes.

A segunda geração de anticorpos agora em desenvolvimento é uma tentativa de contornar este problema através da “humanização” dos anticorpos do rato, usando uma técnica desenvolvida por...

(23) Eu sei que aproximadamente 12 por cento da população é canhota. Por que, então, deve existir uma predominância tão grande de jogadores de golfe destros que, eu me informei, se estende também aos tacos? Em resposta a esta indagação, um colega meu, jogador de golfe, apresentou duas razões.

A primeira foi que os iniciantes normalmente começam com tacos que foram herdados de outras pessoas, que são, em geral, destros. A segunda foi que, por motivos técnicos, pessoas canhotas tornam-se bons jogadores de golfe com a mão direita.

Em (22), a expressão “este problema” remete ao conteúdo “eles não permanecem no sistema por tempo suficiente para se tornarem completamente eficazes”. Em (23), a expressão “duas razões” remete a todo o conteúdo apresentado no segundo parágrafo. Temos, então, que as informações textuais são “condensadas”, encapsuladas em uma expressão, a partir do que passam a ter um estatuto referencial.

Rotulação metadiscursiva¹²⁵ – compreende um tipo especial de encapsulamento, no qual os referentes rotulados focalizam a atividade enunciativa (JUBRAN, 2003). Um exemplo dessa estratégia ocorre em (24)¹²⁶.

(24) O premiê (Tony Blair) aproveitou para rejeitar “a imposição de novos escudos para controlar o movimento internacional de capitais ou o recuo no livre comércio”.

A frase é mais um exemplo de quanto se dissemina, entre os dirigentes dos partidos ricos, o temor de que os mercados emergentes recorram a medidas que fujam do receituário liberal. (Folha de São Paulo, 22/9/98.)

¹²³ Cavalcante (2003) considera que o encapsulamento seria um tipo híbrido de anáfora: meio direta, meio indireta. Seria direta porque retoma (ou antecipa) porções do cotexto; seria indireta porque o referente só é apresentado, efetivamente, quando há a menção por sintagma nominal.

¹²⁴ Exemplos retirados de Francis (2003).

¹²⁵ Cavalcante (a sair), partindo de uma concepção mais alargada de estratégia metadiscursiva – a qual denotaria escolha e reflexão por parte do enunciador –, considera que toda expressão referencial já revela, por si, o metadiscorso. A autora considera que os exemplos analisados por Jubran podem ser mais especificamente denominados de *rotulação metalinguística*.

¹²⁶ Exemplo retirado de Jubran (2003).

No exemplo, a expressão anafórica “a frase” explicita a modalidade de ato enunciativo, praticado nesse processamento; o objeto de discurso gerado não tem um antecedente específico, mas apresenta como fonte o próprio discurso.

Dêixis – diz respeito à localização e identificação de diversos aspectos (pessoas, objetos, eventos, processos) em relação a um contexto espaço-temporal, criado em uma situação de enunciação em que haja pelo menos um falante e um ouvinte. Nos casos de dêixis, o enunciador “aponta” para os elementos de acordo com a posição onde se encontra, e esse apontar é responsável pela construção de referentes, que só podem ser interpretados adequadamente se se levar em conta a posição inicial desse enunciador. As expressões destacadas nos exemplos (25) a (28)¹²⁷ correspondem a expressões dêiticas de pessoa, espaço, tempo e memória, respectivamente.

(25) Eu tenho tanto pra lhe falar
 Mas com palavras não sei dizer
 Como é grande o meu amor por você
 (Roberto Carlos. *Como é grande o meu amor por você.*)

(26) **A vaguidão específica**

“As mulheres têm uma maneira de falar que eu chamo de vago-específica.”
 (Richard Gehman)

— Maria, ponha isso lá fora em qualquer parte.
 — Junto com as outras?
 — Não ponha junto com as outras, não. Senão pode vir alguém e querer fazer coisa com elas. Ponha no lugar do outro dia.
 — Sim senhora. Olha, o homem está aí.
 — Aquele de quando choveu?
 — Não, o que a senhora foi lá e falou com ele no domingo.
 — Que é que você disse a ele?
 — Eu disse pra ele continuar.
 — Ele já começou?
 — Acho que já. Eu disse que podia principiar por onde quisesse.
 — É bom?
 — Mais ou menos. O outro parece mais capaz.
 — Você trouxe tudo pra cima?
 — Não senhora, só trouxe as coisas. O resto não trouxe porque a senhora recomendou para deixar até a véspera.
 — Mas traga, traga. Na ocasião nós descemos tudo de novo. É melhor, senão atravanca a entrada e ele reclama como na outra noite.
 — Está bem, vou ver como.

(Millôr Fernandes. Disponível em http://www.lainsignia.org/2005/febrero/cul_028.htm. Acesso em 18 fev. 2011.)

(27) Apresentada na última sexta-feira pela polícia como uma das autoras do assassinato de seus pais, ocorrido no mês passado, em São Paulo, Suzane Richthofen, de 19 anos, tem muito a ensinar sobre a atual geração de jovens de classe média.

¹²⁷ Os exemplos (26) e (28) foram retirados de Cavalcante (2003).

(Artigo de opinião, de Gilberto Dimenstein – *Folha de São Paulo*.)

(28) Tudo começou quando eu tinha uns 14 anos e um amigo chegou com aquele papo de “experimental, depois, quando você quiser, é só parar...” e eu fui na dele. Primeiro ele me ofereceu coisa leve, disse que era de ‘raiz’, ‘da terra’, que não fazia mal, e me deu um inofensivo disco do ‘Chitãozinho e Xororó’ e em seguida um do ‘Leandro e Leonardo’.

(Crônica *Drogas do submundo* – autor desconhecido.)

Em cada um dos exemplos apresentados, a interpretação mais “completa” do referente exige o preenchimento de informações sobre o contexto de comunicação, no que diz respeito a quem fala, onde fala e quando fala (respectivamente, exemplos (25), (26) e (27)). No caso de (25), por exemplo, o “eu” muda de acordo com as mudanças de coordenadas; pode ser o enunciador que se exprime quando Roberto Carlos canta em um show, mas pode ser, também, este pesquisador cantando para sua esposa.

A perspectiva dêitica também está por trás do humor do texto de Millôr Fernandes (exemplo (26)). A possibilidade de as personagens se entenderem facilmente o que dizem uma à outra decorre de ambas terem acesso ao mesmo campo dêitico, o que as permite determinar, adequadamente, os referentes de expressões como “lá fora” e “lá”.

Em (27), a localização de que sexta-feira e de que mês se está falando também carece de uma informação fornecida pelo campo dêitico: a data em que o texto foi divulgado.

Um caso mais “refinado” é a dêixis de memória; nesse caso, a localização não remete ao conhecimento compartilhado sobre coordenadas de espaço e tempo, mas a uma memória discursiva compartilhada. Conforme explica Cavalcante (2003, p. 108),

a seleção da expressão “aquele papo de experimental...” não é inocente no contexto: ela denuncia ao destinatário que o enunciador pressupõe que ele compartilhe o conhecimento do modo como as pessoas são incentivadas a mergulhar no mundo das “drogas”. O discurso se constrói em torno da analogia entre as drogas alucinógenas e a qualidade das músicas mais populares do Brasil de hoje. Para resgatar da memória do interlocutor a informação básica que engatilhará tal inferência, o enunciador se auxilia do demonstrativo de terceira pessoa *aquele*.

Recategorização anafórica – ocorre quando uma anáfora opera uma transformação no referente que vinha sendo construído até então. De certo modo, todas as análises propostas na seção anterior, sobre os postulados da referenciação, são representativas desse fenômeno. Vejamos mais uma.

(29) Aconteceu em Minas: uma mulher traída cortou o cabelo da amiga... Pois é, foi assim mesmo. Uma descobriu que a outra tava saindo com o marido da uma. Complicado? Na verdade não... se fosse só a clássica história de traição não teria nada demais. Mas a mulher traída era uma pessoa que queria

(e sabia como) se vingar. Sabendo que o ponto fraco feminino são as melenas, não contou tempo: cortou tudo! Isso mesmo, fez com que a “amiga” fosse pra casa careca. As mulheres sabem como se vingar... Mas a história não acaba aqui. A careca entrou na justiça e processou a “cabeleireira louca” em 4 mil e 800 reais. Sim, e mais 600 reais pela peruca... Pois é... coisas do universo feminino. (Disponível em http://www.psicologoneurotico.blogspot.com.br/2004_07_01_archive.html. Acesso em 19 ago. 2008.)

Em (29), um mesmo objeto de discurso, estabelecido pelas expressões sublinhadas, apresenta-se sob formas diferentes, o que configura um processo de recategorização lexical. Com o desenrolar da leitura, vão se acrescentando especificidades ao referente: além de uma mulher traída, somos informados de que ela era “uma pessoa que queria (e sabia como) se vingar”, o que a levou a ser considerada uma “cabeleireira louca”, sendo que essa última expressão tem a função de apresentar a posição do enunciador a respeito desse referente. Vê-se, assim, que um mesmo objeto de discurso recebe diferentes formas referenciais, que modificam (recategorizam) seu status ao longo do texto.

Uma análise nesses moldes, portanto, pode tratar, entre outras coisas, da maneira como as expressões estabelecem a progressão referencial ou da forma como se depreende o projeto argumentativo de um enunciador a partir de suas escolhas referenciais. Poder-se-ia, ainda, avaliar os elementos circunstanciais e discursivos que determinam a escolha dos determinantes (artigo definido, artigo indefinido ou pronome demonstrativo) das expressões referenciais.

Nos estudos iniciais sobre a recategorização (erigidos em torno do trabalho inaugural de Apothéloz & Reichler-Béguelin, 1995), considerava-se que esse fenômeno estaria circunscrito aos casos de correferencialidade (anáfora direta), ou seja, aos casos de manutenção de um referente previamente apresentado. Contudo, os desdobramentos das investigações levaram ao entendimento de que a recategorização anafórica pode ocorrer em casos de encapsulamento e de anáfora indireta (ver, por exemplo, TAVARES, 2003, e LIMA, 2007). As contribuições tendem a considerar a recategorização como um processo mais amplo, passível de acontecer em qualquer estratégia anafórica.

Anáfora indireta – trata-se de uma das estratégias que mais se desenvolveu, em termos de explicações mais aprofundadas, a partir da proposta teórica da referenciação. Consiste na apresentação de um novo referente como se este já fosse conhecido. Isso decorre do fato de o contexto estabelecido até um determinado momento permitir uma gama de referentes potencialmente ativáveis, os quais, quando aparecem, já são esperados. É o que pode ser observado no exemplo a seguir, retirado de Marcuschi (2005).

(30) Nos últimos dias de agosto... a menina Rita Seidel acorda num minúsculo quarto de hospital... A enfermeira chega até a cama...

Marcuschi comenta que a expressão “A enfermeira” não é correferencial a uma expressão anterior; entretanto, é apresentada como conhecida porque se trata de um elemento passível de ativação pelo esquema cognitivo que se instala com o item “quarto de hospital”. Segundo o autor, não se trata, nesse caso, de uma anáfora ancorada em relações semânticas estritas, como são as relações meronímicas (relações parte/todo) ou outras relações semânticas “inscritas nos SNs definidos” (MARCUSCHI, 2005, p. 62), possibilidades contempladas pelas propostas limitadas a relações mais restritas. Trata-se de uma interpretação que demanda o conhecimento de esquemas cognitivos construídos socialmente.

Os trabalhos sobre anáfora indireta têm como objetivo principal esclarecer os aspectos contextuais (incluindo-se o aparato cognitivo) que interferem no processamento dessas ocorrências. As possibilidades incluem uma discussão sobre um improvável papel indireto de demonstrativos (GARY-PRIEUR & NOAILLY, 2003), como se vê em (31)¹²⁸, e sobre a função dos pronomes como anafóricos indiretos ativadores de esquemas cognitivos, como em (32) e (33).

(31) Eu apoio minha testa contra os azulejos. Esta velha me irrita...

(32) Os alunos da primeira série aprenderam as vogais. Ela utilizou um método novo para ensiná-los.

(33) A equipe médica continua analisando o câncer do Governador Mário Covas. Segundo eles, o paciente não corre risco de vida¹²⁹.

Além dos trabalhos sobre estratégias específicas, há, como já dissemos, os estudos que propõem um quadro geral das estratégias referenciais, como os de Koch & Marcuschi (1998), Marcuschi (2000), Koch (2003) e Cavalcante (2003, 2004). Esses trabalhos têm, entre outros propósitos, o de mostrar propostas classificatórias das estratégias referenciais, para orientar as análises textuais. Dentre eles, o de Cavalcante (2003) é, para nós, o mais interessante, em virtude de ser o mais completo e o mais coerente em relação aos critérios adotados. Apresentamos, em linhas gerais, a proposta da autora.

¹²⁸ Exemplo retirado de Gary-Prieur & Noailly (2003).

¹²⁹ Os exemplos (32) e (33) são retirados de Marcuschi (2001). No caso de (33), contrariamente ao que diz o pesquisador (e também Koch, 2003 e Melo, 2001), consideramos que há, aí, uma anáfora correferencial pronominal com disjunção de gênero e número (CUSTÓDIO FILHO, 2006).

A partir de três critérios concernentes às expressões referenciais (função referencial, traços de significação e aspecto formal), a pesquisadora propõe as divisões que singularizam as categorias. Inicialmente, ela divide as expressões entre as que introduzem um referente (as introduções referenciais) e as que promovem a continuidade de referentes já estabelecidos no universo discursivo. No grupo das que promovem a continuidade, há as expressões que realizam a retomada de um referente (anáforas diretas) e as que não realizam a retomada referencial (anáforas indiretas). Essas três categorias maiores (introdução referencial, anáfora direta e anáfora indireta) comportam algumas subcategorias, a partir do que é possível construir o quadro a seguir:

<p>Grupo 1 – Introduções referenciais</p> <p>Introduções referenciais puras</p> <p>Introduções referenciais dêiticas (de pessoa, tempo, espaço e memória)</p> <p>Grupo 2 – Continuidades referenciais (anáforas)</p> <p>Anáforas com retomada:</p> <p> Anáfora correferencial:</p> <p> Anáfora correferencial cossignificativa</p> <p> Anáfora correferencial recategorizadora</p> <p> Anáfora não-cossignificativa e não-recategorizadora</p> <p> Anáfora parcial</p> <p>Anáforas sem retomada:</p> <p> Anáfora indireta:</p> <p> Anáfora indireta não-recategorizadora</p> <p> Anáfora indireta com recategorização lexical explícita</p> <p> Anáfora indireta com (re)categorização lexical implícita (AIEP)</p> <p> Anáfora encapsuladora (incluindo o encapsulamento com dêitico textual)</p>
--

Quadro 1 – Representação esquemática da classificação de Cavalcante (2003) para as expressões referenciais (em CUSTÓDIO FILHO, 2006, p. 36).

A classificação de Cavalcante, ao explicitar os critérios utilizados, permite-nos entender as relações entre os diferentes tipos de processos referenciais, bem como suas subdivisões. Além disso, o modelo proposto é adequado aos princípios teóricos da referenciação, visto que assume a necessidade de se levar em conta o contexto na hora de

analisar as expressões referenciais e defende a formulação de referentes como uma construção textual mediada pelo processo discursivo.

Além de dar uma ideia sobre como são os trabalhos da primeira tendência que se preocupam com o panorama geral das estratégias de referenciação, a menção ao trabalho de Cavalcante tem o propósito de nos mostrar como se constrói um quadro classificatório nessa perspectiva¹³⁰. Isso é importante na medida em que alguns trabalhos da segunda tendência propõem revisões a esse tipo de classificação. Costa (2007), por exemplo, critica a perspectiva que considera como diferentes a introdução referencial e a anáfora indireta. Ciulla e Silva (2008), por sua vez, sinaliza para o fato de que anáforas diretas e indiretas não seriam tão diferentes como se imagina. E também Cavalcante (a sair), na atualidade, tem deixado de lado a classificação proposta, para salientar outros aspectos do fenômeno da referenciação, mais afeitos, como veremos, à segunda tendência dos estudos.

Também nós fazemos uma discussão sobre a proposição de classificações. Uma vez que defendemos a participação de múltiplos fatores na construção referencial, é preciso rever como esses fatores podem ser sistematizados. A necessidade de tal discussão ficará mais clara no próximo capítulo, quando apresentarmos os próximos passos a serem considerados nas pesquisas sobre referenciação. E a discussão propriamente dita será efetivada no capítulo 5, quando realizamos nossas análises.

Ao eleger como material de análise os usos em interação, os pesquisadores são convidados a investigar o fenômeno referencial em sua totalidade ou, pelo menos, a olhar o fenômeno sob novos recortes, mais abrangentes que os considerados em outras perspectivas de estudo da referência. Isso os obriga a levar em consideração uma gama de possibilidades para que os enunciadores construam os referentes necessários aos seus projetos discursivos. A aceitação dessas inúmeras possibilidades implica deixar de lado alguns princípios e rediscutir a exclusividade de outros.

Um dos grandes postulados que teve de ser abandonado foi a ideia de que a única função da referência é a de identificação de uma entidade no cotexto. Essa limitação quanto ao papel das expressões referenciais é criticada, por exemplo, por Ilari (2005). O autor inicia sua reflexão discordando da tese da relação constitutiva entre anáfora e correferência¹³¹,

¹³⁰ Cavalcante, em notas de aula, sugere revisões sobre o quadro aqui apresentado. Uma delas é a retirada da categoria anáfora não-cossignificativa e não-recategorizadora (a qual contempla os pronomes de terceira pessoa que realizam anáfora direta). Essa categoria é, na verdade, um subtipo de anáfora correferencial cossignificativa.

¹³¹ Ilari, ao discordar da tese de exclusividade da correferência nos fenômenos anafóricos, traz algumas “novidades” sobre as estratégias não correferenciais, relacionadas, entre outras coisas, à anáfora indireta e ao

salientando que tal ideia se sustenta a partir de formulações grosseiras e outras mais cuidadosas. Vejamos o que ele diz acerca das formulações grosseiras¹³².

As formulações grosseiras são exemplificadas com uma citação de Paduceva: “A relação entre dois nomes de um dado texto que têm *denotata* idênticos deve ser chamada de relação anafórica”¹³³ (*apud* ILARI, 2005, p. 103). Ilari comenta que considerar essa posição como válida resulta numa “conclusão indesejável, que nos leva, por exemplo, a aceitar que, no romance *Dom Casmurro*, qualquer ocorrência do nome *Capitu* é anafórica de todas as outras ocorrências do mesmo nome, o que é contra-intuitivo” (p. 103-104). O autor não explica o que seria contra-intuitivo em tal procedimento, mas podemos dar nossa versão sobre em que consistiria a inadequação de tal abordagem.

Entendemos que considerar cada menção do nome *Capitu* como anafórica em relação às menções anteriores do mesmo nome seria insuficiente em virtude de os procedimentos concernentes à anáfora não se limitarem a promover, apenas, a identificação da entidade de que se está falando. O que está em jogo, para a interpretação da história, não é um mapeamento pontual de identificação dos personagens. Não interessa ao leitor saber reconhecer cada ocorrência do nome como identificadora do mesmo ser que já vinha sendo identificado. Interessa perceber como esse ser vai se construindo ao longo da narrativa, e que relações essa modificação guarda com a compreensão do todo da obra. Em uma análise do fenômeno da referenciação em *Dom Casmurro*, os estudos da primeira tendência salientariam, por exemplo, as possibilidades de significação geradas a partir das expressões lexicais utilizadas por Bentinho para nomear *Capitu*. A relação anafórica tem muito mais a informar do que o mapeamento de uma cadeia coesiva.

A identificabilidade, portanto, não é a única função das expressões referenciais. Posteriormente, voltamos a essa questão, para discutirmos sobre a onipotência da menção anafórica nos esquemas investigativos da primeira tendência. Por ora, acrescentamos que a contestação de que o papel identificatório da expressão referencial seria a única função desse elemento linguístico representou um avanço importante no tratamento da referência. A fim de

encapsulamento. Na verdade, as questões que o autor coloca como novas já vêm sendo discutidas em LT e em outras correntes teóricas (como a Pragmática e a Gramática Funcional, por exemplo).

¹³² No plano de formulações mais cuidadosas, Ilari coloca o trabalho de Bonomi (1994). Mencionamos esse trabalho em outra parte desta tese (mais precisamente, na seção 4.2 – “Sobre a recategorização sem menção referencial”), para que possamos realçar as possibilidades de análise decorrentes dos próximos passos.

¹³³ No texto de Ilari, a citação vem em inglês: “The relation between two names of a given text that have identical denotata may be called anaphoric relation”.

que percebamos isso com clareza, vejamos o trabalho de Cardoso (2003), que mostra como o desenvolvimento da temática da referência, na Filosofia da Linguagem anterior (ou paralela) à “reviravolta linguístico-pragmática”¹³⁴, se revestiu de polêmicas em torno do grau e da precisão sobre as entidades que deveriam ser identificadas.

A rigor, a teorização clássica sobre referência girava em torno da necessidade de determinar que expressões poderiam ter função referencial, o que significava reconhecer que expressões poderiam indicar, com precisão, de que indivíduo/objeto se ia falar e sobre o qual se iria predicar algo. Numa análise sobre as diferentes noções de referência associadas, em ordem cronológica, a Frege, Russel, Strawson, Donellan e Searle, Cardoso (2003) traça o caminho pelo qual passou a temática da natureza “identificatória” dos termos referenciais, que foi seguindo uma tendência de diminuição do “peso da realidade”, embora não se tenha anulado totalmente essa influência.

Inicialmente, só havia referência quando se reconhecia a existência de um único objeto do mundo real representado pela expressão linguística e sobre o qual se predicava uma informação verdadeira em termos de verificação no mundo. Por exemplo, a sentença “O rei da França é careca” não teria referência, em virtude de a entidade “rei da França” não corresponder a um sujeito do mundo real, sobre o qual poderia ser feito o julgamento “ser ou não careca”.

Com o tempo, a natureza da identificação foi passando por outros crivos. Donellan (*apud* CARDOSO, 2003) diz, por exemplo, que uma pressuposição falsa acerca do referente não é necessariamente mal sucedida se houver a possibilidade de identificação do objeto do mundo. Um dos clássicos exemplos é a análise da expressão “o assassino de Smith” para fazer remissão a Jones; mesmo sabendo-se que Smith se suicidou, a referência mencionada, apesar de contradizer os fatos do mundo, permanece bem sucedida se servir para identificar Jones. Searle (1979)¹³⁵ *apud* CARDOSO, 2003), por sua vez, faz uma distinção entre sentido da sentença e sentido do falante, de modo que o valor de identificação da referência não precisa

¹³⁴ Segundo Oliveira (1996, p. 13), a Filosofia passa por um total redimensionamento de suas perguntas fundamentais ao considerar a linguagem em uso: “a pergunta pelas condições de possibilidade do conhecimento confiável, que caracterizou toda a filosofia moderna, se transformou na pergunta pelas condições de possibilidades de sentenças intersubjetivamente válidas a respeito do mundo. [...] é impossível tratar qualquer questão filosófica sem esclarecer previamente a questão da linguagem”. Oliveira mostra que a reviravolta linguístico-pragmática da Filosofia tem como fundadores os filósofos Wittgenstein (em sua segunda fase), Austin e Searle.

¹³⁵ SEARLE, J. R. *Expression and meaning: studies in the theory of speech acts*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

se sustentar, necessariamente, no sentido da sentença (sentido literal), mas pode estar fundamentado no sentido do falante (intenção advinda de um ato ilocucional¹³⁶).

Nota-se que o aspecto pragmático foi entrando, aos poucos, nos critérios para a função “identificatória” dos termos referenciais, o que se percebe nas formulações que investem na participação dos sujeitos como fator determinante para a referência. O desfecho da história foi um consenso acerca de uma proposta pragmática da referência, que procura explicar as ocorrências com base em contextos (ainda artificiais, registre-se) de produção de enunciados. Cardoso (2003) assinala, contudo, que ainda faltava, para a Filosofia da Linguagem, uma proposta que desgarrasse a referência da necessidade de comprovação no mundo real. Faltava “derrubar” o caráter exclusivamente “identificatório” da referência, o que só foi possível, segundo a autora, dentro de um tratamento ideológico-discursivo dos fenômenos linguísticos.

O tratamento discursivo da questão permitiu que se pensasse no caráter multifuncional da referência, o qual é discutido com vigor nos estudos da referenciação. Considera-se, então, que, nos usos efetivos, a referência não responde apenas pela identificação de entidades, mas, principalmente, pela transformação discursiva dessas entidades. Essa transformação é vista atualmente como um dos fenômenos textual-discursivos mais relevantes para o entendimento das relações entre produção e compreensão textual, pois, além da função (talvez mais evidente) de identificação, incluem-se outras tão ou mais importantes – por exemplo, organização da informação, marcação da argumentação, instauração de efeito estilístico¹³⁷. Em termos pragmático-discursivos, portanto, os referentes permitem diversas possibilidades de produção dos sentidos, o que leva os analistas a ocuparem um patamar nas investigações que não pode recuar em relação aos avanços explicativos conquistados.

Consequentemente à aceitação das diversas possibilidades, perde força a necessidade de diferenciar, entre as expressões nominais, as que seriam referenciais daquelas que não o seriam, como, por exemplo, as expressões predicativas ou as expressões que determinam entidades genéricas. A rigor, dentro de uma concepção mais estreita de entendimento da referência, as expressões sublinhadas em (19) e (13) não seriam consideradas como referenciais:

¹³⁶ Em Searle (1983), temos que o ato ilocucional corresponde à pretensão do falante em produzir um efeito no ouvinte, o qual deve reconhecer tal efeito a partir da formulação linguística com que se depara. Tal pretensão resulta tanto da intenção (o que o falante quer) quanto da convenção (o que o falante pode).

¹³⁷ Ver Ciulla e Silva (2008) e Cavalcante (2009).

(19) Um livro prova que, ao contrário do que pensam os esquerdistas, a elite nacional é o farol da modernidade

(Trecho de exemplo já utilizado nesta tese – p. 117.)

(13) Moral da história: não fique sem falar com as mulheres, elas ganham sempre, estão certas sempre e são simplesmente geniais na vingança!!!!!!

“O casamento é a relação entre duas pessoas, onde uma está sempre certa e a outra é o marido”.

(Trecho de exemplo já utilizado nesta tese – capítulo 2, p. 102.)

Em (19), a expressão “o farol da modernidade” não “refere” (não identifica), mas predica (acrescenta uma informação sobre o termo identificado). Em (13) as expressões “as mulheres” e “o marido” não referem porque não remetem, respectivamente, a um grupo ou a um indivíduo específicos.

Considerações sobre a natureza não referencial de alguns sintagmas nominais perdem a força se passamos a considerar que tais sintagmas, independentemente da função sintático-semântica que ocupem, contribuem para acrescentar algo ao objeto de discurso¹³⁸. Essas expressões também são referenciais. Se há alguma diferença – entre elas e as “genuínas” expressões referenciais – que, por algum motivo, implique status cognitivos diferentes, pensamos que tal diferença não chega a interferir na compreensão de que a transformação por que passam os referentes é cognitivamente tratada num plano mais amplo que a estrutura sentencial-proposicional.

No processamento textual, portanto, no que toca à representação do objeto de discurso, pouco interessa saber se um sintagma nominal é classicamente referencial ou predicativo. Pouco interessa, também, usar o critério “específico” *versus* “genérico” para determinar o que seria referencial. Uma vez que esteja no discurso, qualquer entidade, não importando o seu grau de especificidade, é passível de representação e de transformação, o que, por si, já lhe garante o estatuto referencial. Qualquer quadro teórico que apresente limitações quanto a isso nos parece não inteiramente pragmático¹³⁹, o que implica não levar em conta os compromissos que uma perspectiva calcada nos usos exige de seus adeptos.

A partir do exposto nesta subseção, podemos dizer que a referenciação é uma proposta teórica que fortalece o “poder” da anáfora. Essa categoria não pode mais ser entendida nos limitados moldes da relação de identificação entre sintagmas presentes num texto. Ela é, na

¹³⁸ Isso é válido, também, para expressões apositivas, de modo que o trecho sublinado em “Cláudia Raia, atriz da Rede Globo, separou-se do marido no ano passado” também é considerado uma expressão referencial.

¹³⁹ Ver, por exemplo, a perspectiva da referência em Givón (1984; 2005), assumida também por Neves (2006). Em relação às críticas a essa perspectiva de tratamento da referência, ver Custódio Filho (2008) e Cavalcante (a sair).

verdade, a unidade poderosa que revela um complexo trabalho sociocognitivo-discursivo de abordagem da realidade, passível de retomar elementos os mais diversos e de realizar múltiplas funções. Há, portanto, diversas (frutíferas) possibilidades de análises dentro dessa perspectiva.

Assinalamos, contudo, que todas essas possibilidades são centralizadas na análise de expressões referenciais. Uma teoria que reforça o poder da anáfora (ou, mais precisamente, da menção anafórica) é, também, uma teoria da onipresença do sintagma nominal. Não se concebe, nesse panorama, que a construção dos referentes possa se estabelecer por estruturas e mecanismos não diretamente relacionados à menção referencial. Além disso, uma vez que a ênfase é posta sobre as expressões referenciais, ou sobre as relações entre essas expressões, há uma forte inclinação para que a recategorização seja encarada como um fenômeno linear, quer dizer, analisado a partir do estabelecimento de cadeias coesivas de um mesmo referente (como foi, por exemplo, a análise de (29) – p. 130-131). É a partir das limitações assinaladas que surge o que denominamos de segunda tendência dos estudos em referencialização, a qual apresentamos a seguir.

3.2.2 *A segunda tendência*

A abordagem que caracteriza a segunda tendência, na verdade, ainda vem sendo esboçada, principalmente, a partir de estudos realizados pelo grupo Protexto¹⁴⁰. O eixo das reflexões parte do seguinte questionamento: de que maneira os vários elementos que participam da configuração textual (superfície linguística, aparato cognitivo, aspectos sócio-históricos e circunstanciais) são acionados para a construção de referentes? Além de entender como as relações entre as expressões referenciais podem ser tratadas sob o viés sociocognitivo-discursivo, importa saber como os referentes, construtos fundamentais para a produção dos sentidos, são elaborados, levando-se em conta que tal construção é passível de ocorrer dentro de uma dinâmica muito mais ampla, que não se limita, exclusivamente, ao universo das expressões referenciais.

Para nós, a segunda tendência marca, pertinentemente, outro movimento de investigação. Não se trata de buscar nos textos a confirmação dos postulados. Em vez de

¹⁴⁰ Grupo de pesquisa vinculado à Universidade Federal do Ceará, coordenado pela professora doutora Mônica Magalhães Cavalcante.

buscar exemplos (= expressões referenciais) que confirmem a teoria, parte-se dos usos, assumindo-se uma complexidade que não pode ser restrita ao papel dos sintagmas nominais, para ver como uma proposta de integração entre múltiplos fatores pode explicá-los; simultaneamente, admite-se que a própria análise pode mudar a proposta, tornando-a mais forte no que diz respeito a sua capacidade de explicação.

As diferenças já começam a ser notadas e vêm passando por descrições coerentes. Em torno das mudanças, está a convicção de que os postulados assumidos pelos que abraçam o paradigma sociocognitivista, os quais orientam uma concepção de texto como construto multifacetado, exigem compromisso dos pesquisadores, no que tange a uma investigação que privilegie a interação. É esse o espírito que anima as pesquisas do grupo Protexto, algumas das quais detalhamos a seguir, a fim de que percebamos ainda mais claramente as contribuições pretendidas.

3.2.2.1 A recategorização metafórica como resultante da conjunção de várias porções cotextuais

A primeira característica mais pertinente à segunda tendência diz respeito à decisão de, na análise dos processos referenciais, considerar as relações entre várias porções cotextuais, para além das expressões nominais. Essa reflexão é feita, principalmente, com base no que Lima (2007; 2009) e Leite (2007a, 2007b) dizem sobre a recategorização metafórica. Vejamos, então, o que é a recategorização metafórica e qual a proposta dos autores para a interpretação dessa categoria.

Em Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995), embora não se fale explicitamente em *recategorização metafórica*, temos notícia de que o propósito argumentativo de uma recategorização pode tomar a forma de uma metáfora, como seria o caso da expressão “Esta nova anglicização da língua”, em (34):

(34) O reflexo conservador surpreendeu o vizinho gaulês. A adoção pelo Parlamento francês da lei Toubon contra o “franglês” é um exemplo bastante ridículo.

Esta nova anglicização da língua...¹⁴¹
(*L’Impartial*, 2/7/1994.)

¹⁴¹ Tradução livre de Mônica Magalhães Cavalcante para “Le réflexe conservateur a encore frappé en Gaule voisine. L’adoption jeudi soir par le Parlement français de la loi Toubon contre le ‘franglais’ en est un exemple assez chocase. / Cette nouvelle glaciation de la langue...” (APOTHÉLOZ & REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 246).

Tanto Lima (2007) quanto Leite (2007b) partem dessa constatação de Apothéloz & Reichler-Béguelin para fazer suas considerações acerca da recategorização metafórica. Leite, por exemplo, comenta que, a partir da proposta dos autores (seguida, de acordo com ele, por outros estudiosos, como Koch), têm-se três critérios para se classificar as recategorizações metafóricas: o ponto de vista argumentativo, a manifestação de uma relação entre expressões referenciais presentes na superfície textual e a correferencialidade. O autor discorda de uma classificação baseada nestes critérios, defendendo que, se forem mantidos, algumas recategorizações metafóricas acabam não sendo satisfatoriamente explicadas. Ele inicia suas críticas a partir do exemplo a seguir, retirado de Koch (*apud* LEITE, 2007b, p. 106):

(35) Há que se perguntar em que planeta vive o tucanato. Esse clã alienígena acha que as obviedades que o relator especial da ONU, sr. Jean Ziegler, constatou não são construtivas.

De acordo com Leite, Koch se detém na análise da expressão “clã alienígena” como uma anáfora que recategoriza, metaforicamente, “tucanato”, o que define a orientação argumentativa do discurso. Leite, no entanto, aponta que a consideração do caráter recategorizador metafórico de “clã alienígena” carece de uma explicação um pouco mais refinada que a sugerida por Koch. O autor apresenta, a título de ilustração, uma reflexão sobre a presença do modificador “alienígena”, que também é motivada pela influência das expressões “planeta” e “vive”. Vê-se, já aqui, que a estratégia de recategorização não se esgota na relação entre termo recategorizador e termo recategorizado.

Leite, inclusive, chega a pôr em xeque a relação anafórica apresentada (“tucanato” = “clã alienígena”) dizendo que, a se considerar como base apenas os três critérios determinantes de uma recategorização metafórica, “não fica claro qual expressão está sendo recategorizada — ‘vive’, ‘planeta’ ou ‘tucanato’ — já que os termos ‘vive’ e ‘planeta’ também parecem pistas textuais relevantes para a recategorização” (p. 107). O autor também critica a ausência de uma reflexão sobre a relação correferencial, estabelecida no plano cognitivo e sem manifestação cotextual, entre “partido político” (objeto de discurso ativado pela expressão “tucanato”) e “clã”.

Frente ao comentário, vemos que a posição de Leite (2007b), com a qual concordamos, é a de que um estudo satisfatório da recategorização metafórica não pode se limitar a analisar o material linguístico apenas em relação à correferencialidade ou à manifestação cotextual da ligação anafórica, já que tal postura leva a uma “descrição imprecisa e superficial dos aspectos linguístico-cognitivos envolvidos no processo” (p. 107).

O autor comenta, ainda, que a proposta de Apothéloz & Reichler-Béguelin é limitada, também, porque restringe a recategorização metafórica às ocorrências de anáfora direta, haja vista a eleição da correferencialidade como critério determinante do fenômeno. Sobre isso, Lima (2007) mostra que a recategorização metafórica pode ocorrer implicitamente, a partir de uma anáfora indireta. É o que se vê no exemplo (20) (LIMA, 2003, *apud* LEITE, 2007b, p. 108), o qual já apresentamos. Na ocasião, foi explicado que, nesse exemplo, há uma recategorização metafórica, que ocorre apenas cognitivamente, de “pênis” por “afeição”. Vejamos o exemplo novamente.

(20) E tem aquela do sujeito que chega em casa e encontra a filha agarradinha com o namorado. Aliás, bem agarradinha. O pai então dá o maior estrilo:

— Que pouca vergonha é essa?!

E o rapaz, todo sem jeito:

— Bem, o senhor sabe, eu estou apenas mostrando a minha afeição para a sua filha.

E o pai da moça:

— É! Tô vendo que sua afeição é grande! Mas bota ela pra dentro da calça!...

A recategorização mostrada caracteriza um processo anafórico indireto, o que já revela um acréscimo importante à proposta inicial de Apothéloz & Reichler-Béguelin. Ocorre que, mais do que apenas atestar que a recategorização metafórica pode ocorrer sob a forma de uma anáfora indireta, Leite (2007a, 2007b) faz uma crítica importante: em geral, as análises em referenciação são feitas com foco nas relações internominais; ou seja, focalizam-se apenas as relações entre anáfora e antecedente (para os casos de anáfora direta) ou entre anáfora e âncora (para os casos de anáfora indireta).

Os autor saem em defesa da efetivação de análises que procurem ir além do que é tradicionalmente feito. Por exemplo, para a piada apresentada em (20), Leite assinala que a reflexão é incompleta se não realçar a importância de pistas linguísticas várias – “é grande”, “bota ela pra dentro da calça” –, que, acrescentamos, facilmente se coadunam com o conhecimento partilhado sobre a situação de namoro evocada por “a filha agarradinha com o namorado”; a partir da consideração desse conjunto de dados, concretiza-se a metáfora, responsável maior pela instalação do efeito de humor.

Vemos, então, como pode ser enriquecida uma análise que parta do princípio de que pode haver relações diversas entre as partes do texto, com o intuito de se construírem objetos de discurso. Leite (2007b) mostra que o reconhecimento de tais relações demanda “estratégias inferenciais complexas” (p. 115), que levam, em última instância, a uma análise integrada dos elementos cotextuais e dos elementos que se situam além da superfície. Para o autor (p. 115),

o papel das pistas linguísticas cotextuais é de suma importância, uma vez que estas contribuem para a ativação de esquemas conceituais metafóricos estabilizados ou não na mente do leitor, e, conseqüentemente, para a construção do sentido textual. Sendo assim, a seleção dos traços conceituais necessários ou indispensáveis para se estabelecer a relação metafórica somente é possível pela integração simultânea, no ato interpretativo, de aspectos cognitivos, linguístico-textuais e conhecimento sócio-culturalmente partilhado.

Vejamos um exemplo de análise integrada apresentado por Leite (2007a, p. 189):

(36) pôr-do-sol

O romance de Luana Piovani e Ricardinho Mansur – que começou cercado de flashes há quase dois anos – terminou discretamente, sem alarde nem fotos, em Paris. A decisão partiu do jogador de polo, que foi até a França – onde a atriz passa temporada de estudos – para finalizar a história. O motivo nenhum dos dois comenta. De lá, Ricardinho seguiu para Aspen, nos Estados Unidos, para esqui com amigos. Já Luana preferiu ir até a Espanha... para dar aquela arejada.

(*Época*, 21/02/2005.)

De acordo com Leite, o título “pôr-do-sol”, gera, a princípio, uma “estranheza”, pois, embora não reflita a condensação das informações contidas no texto, parece cumprir um papel argumentativo. Uma possibilidade de abordagem é tratar o título como uma recategorização metafórica. Nesse caso, é preciso determinar, então, qual elemento está sendo recategorizado.

Aplicando sua análise com base nos dispositivos interpretativos da metaforização¹⁴², o pesquisador mostra que uma possibilidade de interpretação do título é considerá-lo como uma recategorização metafórica de “fim de romance”. Tal análise só é possível em virtude de se observarem algumas expressões da superfície linguística e os campos conceituais por ela ativadas. As características “desaparecimento lento no horizonte” e “ausência de luz”, atribuídas ao pôr-do-sol, são ativadas pelos elementos “terminou discretamente” e “sem alardes nem fotos”, estes últimos associados ao fim do romance noticiado. Ou seja, há um objeto de discurso sendo elaborado em torno da ideia de “fim” (de um romance, já que esse é o tópico discursivo do texto); tal fim pode ser caracterizado, em virtude das pistas linguísticas, como um “pôr-do-sol”. Comprova-se, assim, a relevância de se analisar elementos linguístico-textuais de natureza diversa para se chegar à elaboração de um referente textual.

Julgamos bastante pertinentes as observações de Leite em virtude de apontarem para uma investigação mais completa acerca da estratégia de recategorização metafórica, que leva

¹⁴² Os cinco dispositivos sugeridos por Leite (2007a, 2007b) são os seguintes: cooperação textual, figura do observador, raciocínio abduutivo, seleção de propriedades conceituais, isotopia.

em conta relações linguístico-cognitivas instauradas na interação. O fato de sua sugestão mostrar a possibilidade de integração de vários elementos do texto para a construção de objetos de discurso depõe em favor do conceito de texto como construto dinâmico, cujo propósito maior é a integração de suas partes para a configuração dos sentidos.

É importante salientar que, na verdade, o que Leite diz para a recategorização metafórica vale para o estudo das anáforas recategorizadoras como um todo. Conforme observamos anteriormente, um dos nossos objetivos será justamente analisar casos de recategorização (não apenas metafóricas) que só podem ser devidamente identificados se se investigar a questão como um fenômeno mais amplo do que a relação pontual entre anáfora e antecedente.

Vejamos outras possibilidades também produtivas para uma análise referencial mais completa. Consideremos o trabalho de Costa (2007) sobre as relações de retomada entre elementos de cotextos distintos.

3.2.2.2 Expressões referenciais que retomam objetos de outro cotexto

Costa (2007) investiga certos usos referenciais “insólitos” presentes em mensagens eletrônicas trocadas entre membros pertencentes à CVL (Comunidade Virtual da Linguagem), lista de discussão na internet. O objetivo da autora é o de promover uma análise dos processos referenciais a partir dos princípios de acessibilidade¹⁴³. Para tanto, a autora utiliza como recorte as mensagens da CVL, salientando que seu trabalho não se inclui numa caracterização deste gênero do discurso:

O que sempre pretendemos, tomando como objetos de observação essas formas híbridas de comunicação [...], foi compreender os fenômenos cognitivo-discursivos que parecem ser inerentes à comunicação em geral, mas que nos são mostrados, de forma mais evidente, nesses contextos específicos (COSTA, 2007, p. 12).

O fenômeno cognitivo-discursivo destacado por Costa é a referenciação, mais especificamente, o encapsulamento anafórico. A autora salienta que sua investigação pretende fornecer respostas sobre procedimentos “corriqueiros” e “insólitos”. Corriqueiros porque são

¹⁴³ Não entramos em detalhes, aqui, sobre a teoria da acessibilidade proposta por Ariel, modelo escolhido por Costa em suas análises. O que nos interessa mais de perto é o fenômeno específico que dá título a esse item de nossa tese, o qual nos permite pensar em formas de retomada referencial ainda não devidamente explicadas.

“inerentes à comunicação em geral”; insólitos porque, embora “comuns”, ainda não foram devidamente descritos na literatura em vigor. A escolha do gênero mensagem de grupo de discussão se dá pelo fato de tal gênero poder ilustrar mais apropriadamente algumas ocorrências, em virtude de suas características específicas:

Como é sabido, apesar de se verificar, nas listas de discussão, o distanciamento espacial e temporal (próprio da escrita) entre escritores e leitores, a redução drástica da distância temporal no funcionamento dos *e-mails* e a possibilidade de vários “debatedores” abrirem, em um determinado momento, uma mesma mensagem parecem criar, nos participantes, a “ilusão” de um espaço físico comum, onde as trocas se dariam em tempo real. Uma das consequências disso seria a presença de alguns usos que podem ser considerados insólitos, como o encapsulamento anafórico, não resumindo porções do cotexto, como é conhecido na literatura corrente, mas apontando para o conteúdo veiculado fora da mensagem atual. Pelo que se conhecia até então, na literatura sobre os processos referenciais, os encapsulamentos resumiriam trechos do cotexto (COSTA, 2007, p. 12).

Temos, então, que o trabalho de Costa também promove um redimensionamento dos processos referenciais, procurando alargar o entendimento do fenômeno para além do consenso na literatura. Dessa forma, esse trabalho também contribui para os princípios teórico-analíticos assumidos pela segunda tendência nos estudos.

Vejamos alguns exemplos apresentados e discutidos no trabalho de Costa¹⁴⁴ (2007).

(37) From: "A S" <as@terra.com.br>
 To: <CVL@yahoogroups.com>
 Sent: Tuesday, May 18, 2004 11:01 AM
 Subject: [CVL] Re: o assunto das cotas!!!!!!!!!!!!

Não se poderia dizê-lo melhor!

A. S.

(38) De: C C
 Para: CVL@yahoogroups.com
 Data: 10/11/2002 22:51
 Assunto: *CVL* - E os cursos de graduação em língua estrangeira?

Caros amigos,

¹⁴⁴ O último exemplo já foi apresentado em outra seção (2.3 - “A operacionalização das análises em Linguística Textual: em favor da diversificação das situações de interação analisáveis”), mantendo a numeração lá utilizada.

ao ver toda esta preocupação com a formação dos nossos futuros professores de língua portuguesa, refleti um pouco sobre os cursos de graduação em língua estrangeira. Gostaria de saber se há projetos ou estudos que falem da formação destes. Como os alunos estão recebendo diplomas, será que eles estão realmente capacitados para lecionar as quatro habilidades de uma língua estrangeira? Se não estão, como podemos fazer para tentar mudar esta situação? Agradeço pela atenção

C

(14) From: "T" <t@yahoo.com.br>
 To: <CVL@yahogroups.com>
 Sent: Tuesday, May 18, 2004 5:49 PM
 Subject: [CVL] cotas para negros, índios

olha, estou gostando do debate. pela primeira vez, vejo as pessoas assumirem suas opiniões sem nenhum medo de serem censuradas. concordo com a colega d quando ela chama atenção para dois pontos importantes (...).

Em todos os três casos, os elementos grifados podem ser classificados como termos encapsuladores. Entretanto, o conteúdo encapsulado não se encontra na superfície textual; é preciso, pois, para compreendê-los, recorrer a outras mensagens que antecederam as apresentadas nos exemplos.

Costa procura explicar as ocorrências a partir dos critérios que podem determinar o grau de acessibilidade de um determinado referente. Apoiando-se na proposta de Ariel (*apud* COSTA, 2007), a autora diz que tais retomadas são possíveis em virtude de dois aspectos que contam para a configuração da escala de acessibilidade: saliência tópica e frame do gênero lista de discussão (que tem como um dos elementos a expectativa da réplica). Em relação a esse último aspecto, vê-se confirmar a sugestão da pesquisadora a respeito de as características do gênero lista de discussão determinarem certas configurações referencial-discursivas ainda não devidamente tratadas.

Costa também sugere que os resultados apresentados indicam a necessidade de se repensarem algumas categorias-chave dos estudos referenciais, dentre as quais destacamos a anáfora. Perguntamos: uma vez que a relação anafórica (direta ou indireta, nos seus vários subtipos) se dá entre partes de um mesmo texto, seria necessário, então, estabelecer uma nova categoria que contemplasse uma relação entre partes de textos distintos? Seria necessário, assim, falar de “anáfora intertextual”, em oposição a “anáfora intratextual”? E como ficaria, nesse caso, o status das introduções referenciais? Em que medida muitas delas não seriam apenas retomadas como as de (37), (38) e (14)?

Quaisquer que sejam as futuras respostas a estas perguntas, temos de considerar, já agora, a suposição de que os parâmetros analíticos atuais não são suficientemente abrangentes para dar conta da complexidade dos fenômenos referenciais, mesmo quando tais parâmetros se inscrevem numa perspectiva de linguagem como um fenômeno discursivo sociocognitivo interacionista. Como dissemos na introdução deste trabalho, o desdobramento natural das pesquisas em referenciação mostrou que tal fenômeno é revestido de uma complexidade maior que a esperada. Não poderia, portanto, ser outro o caminho teórico que não o de propor investigações que assumam essa complexidade como uma instância a ser permanentemente descrita.

A discussão lançada por Costa, conforme já dissemos no capítulo anterior¹⁴⁵, toca, também, na questão dos limites formais do texto. Afinal de contas, é possível saber sempre onde começa e onde termina um texto (e, conseqüentemente, o cotexto)? Para as mensagens da lista de discussão da CVL, Costa (2007, p. 144) diz haver “certa indefinição no que tange aos limites da materialidade textual”. E essa própria indefinição suscitaria a possibilidade de ocorrências como (37), (38) e (14).

Como já vimos, trata-se de uma questão que se relaciona a como os fenômenos textual-discursivos são explicados a partir dos conceitos de texto assumidos, nesse caso, pelo paradigma sociocognitivista. No capítulo 5, em que apresentamos nossas análises, voltamos a discutir as questões do limite do texto, em relação à materialidade e à abstração dessa materialidade decorrente do trabalho dos interlocutores.

Por ora, observamos que, até aqui, as duas contribuições apontadas como geradoras de novas tendências nas análises (a conjunção de vários elementos cotextuais para o processamento da recategorização e a retomada de elementos presentes em cotextos distintos) centralizam-se, ainda, na necessidade de a expressão referencial fazer parte do processo (pelo menos, como manifestação final). Ou seja, as considerações feitas procuram fornecer explicações mais aprofundadas e completas sobre o processo referencial, mas assim o fazem para mostrar o papel dos sintagmas nominais referenciais presentes no cotexto. Como veremos a seguir, o encaminhamento das discussões nos permite considerar que é possível haver construção referencial sem que haja necessariamente a menção efetivada por sintagma nominal.

¹⁴⁵ Ver seção 2.3 - “A operacionalização das análises em Linguística Textual: em favor da diversificação das situações de interação analisáveis”.

3.2.2.3 Construção de referentes sem menção referencial

Quando tratamos da primeira tendência dos estudos em referenciação, vimos que um dos avanços mais significativos da proposta foi o de explicitar a funcionalidade discursiva da expressão referencial, de modo que ela não tem função exclusivamente identificatória, nem se restringe aos sintagmas nominais classicamente considerados como referenciais. No momento, outra grande contribuição começa a ganhar corpo: trata-se de uma reorientação quanto à necessidade intrínseca de a referência ser manifestada, textual e discursivamente, apenas por expressões referenciais. A posição que vamos assumir, a partir de Cavalcante (a sair), é contrária a essa, de modo que entendemos a atividade referencial como passível de ocorrer sem que haja um sintagma nominal específico para tal.

Tal possibilidade só passa a ser considerada quando se assumem, ou melhor, quando se levam em conta, nas análises, as consequências do princípio de que a construção do sentido é resultado da integração de múltiplos fatores (linguísticos e extralinguísticos). Na tendência majoritária, esse princípio é também considerado, mas ele (quando efetivamente aparece nas análises, o que nem sempre acontece) está sempre a serviço da elucidação da relação entre expressões referenciais. O que se está defendendo aqui é que a integração de múltiplos fatores indica possibilidades de estudos ainda não investigadas, mas que, se pararmos para pensar, podem ser consideradas como desdobramentos “naturalmente” esperados em relação ao que se vinha pesquisando.

A título de ilustração, vejamos o exemplo a seguir, comentado por Cavalcante (a sair).

(39) — Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa, o que o senhor fazia no emprego anterior?

— Eu era funcionário público!

— OK! O senhor pode contar até dez?

— É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás.

(50 *piadas*, de Donald Buchweitz.)

A autora nos diz que, em (39), o referente “entrevista de emprego” (cuja depreensão é essencial para que se perceba o humor do texto) é construído sem que haja uma menção a ele. Contudo, vários elementos denunciam a sua “presença”:

A fórmula de início da entrevista, “Antes de começarmos”; a alusão a um emprego anterior; a dêixis social [“o senhor”], indicando a forma de tratamento respeitosa, tudo isso se conjuga ao conhecimento comum que se adquiriu do ritual comunicativo de uma entrevista de emprego e favorece a instauração da referência (CAVALCANTE, a sair, p. 65).

A reflexão de Cavalcante, portanto, contempla uma ideia bastante cara ao que estamos chamando aqui de segunda tendência dos estudos em referenciação: as estratégias referenciais são mais complexas que o universo das expressões nominais. Segundo a autora (p. 66), “O referente, ou objeto de discurso, é uma entidade que emerge da própria interação e nem sempre se explicita por uma expressão referencial, quer se introduzindo no discurso, quer apenas se mantendo nele sem muitas alterações, ou quer se mantendo, mas se recategorizando”.

A aceitação dessa tese não significa desconsiderar as contribuições anteriores. Como bem esclarece a pesquisadora (a sair, p. 66),

Não estamos negando, com esse pensamento, que, por outro lado, existam mecanismos de estabilização da referência, nem que o uso de uma expressão de introdução referencial ou de uma anáfora correferencial deva ser subvalorizado na reconstrução da coerência de um texto. Pelo contrário: sabemos que, no momento em que um referente é denominado por uma expressão referencial, sua lexicalização já contribui para estabelecer uma categoria em que ele foi enquadrado pelo enunciador (ver KOCH, 2002a), e este será sempre um fabuloso recurso utilizado pelo falante para orientar o interlocutor quanto ao modo como se espera que ele desenhe o quadro referencial, a partir dos pontos de vista conduzidos no texto.

O comentário de Cavalcante salienta a não oposição entre as duas tendências. Como já dissemos, as duas propostas não precisam, necessariamente, se digladiar. As novas considerações não apagam ou desconsideram as estratégias referenciais mais “tradicionais”, haja vista elas também se efetivarem a partir dos mesmos pressupostos. Entendemos que as novas reflexões, na verdade, só vêm fortalecer o paradigma pragmático-cognitivo-discursivo sobre a linguagem. Assumi-lo implica estar disposto a promover análises e reflexões que os levem efetivamente a cabo.

As contribuições da segunda tendência apresentadas até aqui são, como dissemos, oriundas das reflexões dos pesquisadores do grupo Protexto¹⁴⁶. Para além das reflexões do grupo, julgamos que uma outra contribuição interessante, e afinada com o projeto da segunda tendência, seria a consideração de que os referentes podem ser construídos a partir de recursos outros que não o material verbal de um texto. Sugerimos a hipótese de que os recursos multimodais também fazem parte do processo da referenciação, o que começa a ser observado

¹⁴⁶ Outra importante contribuição do grupo reside no trabalho de Brito (2010) sobre a *recategorização desejante*. A autora rediscute as orientações da Linguística que embasam os estudos da Psicanálise para mostrar que a teoria da referenciação explica mais adequadamente o que, em Psicanálise, é conhecido como a primazia do significante. A proposta de Brito também enfatiza a recategorização como um fenômeno que não se encerra na interpretação dos sintagmas nominais. Não detalhamos essa proposta porque, dada a natureza de nosso trabalho, não utilizamos a categoria da recategorização desejante.

a partir do trabalho de Mondada (2005). Cuidemos, então, da relação entre esses dois fenômenos, no próximo item.

3.2.2.4 Práticas referenciais e multimodalidade

Já vimos que uma tarefa da Linguística Textual atual é propor uma conceituação de texto que abrigue o que já começa a ser feito em termos de análises de textos multimodais. Isso implica redimensionar o papel do modo de enunciação verbal como o único merecedor de atenção pela disciplina, o que decorre de ser ele o suposto responsável maior (ou exclusivo) pelos processos de significação. O “embate” entre o verbal e o não verbal retoma a discussão sobre o redimensionamento do conceito de texto e lança novas perspectivas para a referenciação, que partem da seguinte questão: se há uma construção referencial que prescindem do verbal, que outros elementos contribuem para ela?

Antes mesmo de se trazer a questão da multimodalidade para responder à pergunta, é preciso ressaltar que esses outros elementos podem ser considerados como todo o conjunto de recursos contextuais (em sentido amplo) disponíveis quando da construção dos referentes no texto. Isso quer dizer que, numa dimensão, a parte não verbal do processo pode ser entendida como o aparato de conhecimentos prévios (assentados sociocognitivamente) ativados para a produção e a compreensão textuais. É a partir desse conteúdo não verbal que surgem os referentes sem menção referencial, como defende Cavalcante (a sair).

Outra dimensão, mais específica, de alcance do não verbal se encontra no que poderíamos considerar como elementos paraverbais da interação, e aqui, sim, começamos a entrar na seara das relações entre referenciação e multimodalidade. Essa dimensão responderia pelo conjunto de gestos, expressões faciais e outros recursos disponíveis na comunicação face a face que podem interferir no processo de negociação dos objetos de discurso dados a conhecer.

Tomando por base essa possibilidade, Bentes & Rio (2005) mostram como participantes de uma mesma comunidade de prática¹⁴⁷ se utilizam de recursos multimodais para elaborar referentes relacionados às personagens de uma história televisionada a que assistiram. O experimento em questão consistiu em fazer dois pequenos grupos de

¹⁴⁷ “uma comunidade de prática é uma comunidade de pessoas engajadas em um esforço comum por meio de um entendimento mútuo e que ‘vem para desenvolver e compartilhar meios de fazer coisas, modos de falar, crenças, valores – em resumo, práticas’” (LAVE & WENGER, citados por BENTES & RIO, 2005, p. 268-269, grifo das autoras).

universitários assistirem a uma história apresentada no programa *Brava gente*, da Rede Globo, e em seguida discutirem o programa, do que surgiria a elaboração de referentes textuais. As pesquisadoras mostram, inclusive com fotos (veja-se aí a multimodalidade no texto acadêmico), que, nos dois grupos, um dos participantes caracterizou uma determinada personagem utilizando gestos corporais e mímica facial, no que gerou a participação dos outros integrantes para a construção colaborativa dos referentes. Percebe-se, assim, que a construção dos referentes não passou por um tratamento apenas linguístico.

Também Mondada (2005) aborda o caráter não exclusivamente verbal da construção dos objetos de discurso ao investigar a visibilidade de detalhes anatômicos em cirurgias médicas. A pesquisadora demonstra como o marcador *you see* – que, tomando por base a situação investigada, poderia ser traduzido por *veja aí* – atua como orientador espacial, delimitando um detalhe anatômico em cirurgia laparoscópica (uma veia, por exemplo) e indicando o objeto que será discursivizado na interação. Dessa forma, ela mostra como a visão pode ser um fator direcionador da atividade referencial.

Mondada (2005, p. 12) nos diz que, “numa abordagem interacionista da referência, [...] são as práticas referenciais manifestadas na interação social que são objetos de análise – práticas languageiras, mas também *práticas gestuais, movimentos no espaço, orientação do olhar*” (grifo nosso). A autora, manifestando-se dessa maneira, posiciona-se muito claramente a favor de uma análise referencial que leve em conta fatores múltiplos. E continua, ao dissertar sobre a relevância de se estudarem práticas de interação autênticas (especialmente aquelas em que a orientação da visão tem papel fundamental, como a que a pesquisadora descreveu):

Estas práticas obrigam a Linguística a não se limitar a dar conta de atividades dos interlocutores que seriam exclusivamente verbais e, assim, relegar os outros processos ao domínio da cognição. [...] Isto nos parece fundamental para uma reflexão sobre a produção da referência – que se faz por meio de *práticas sociais multimodais* e não somente linguísticas (grifo da autora).

Mondada (2005, p. 26) encerra esse trabalho indicando qual deve ser a tônica dos estudos atuais em referenciação:

As observações analíticas convidam a um deslocamento teórico [...] para um quadro dinâmico, centrado em práticas de referenciação que implicam uma organização não apenas da fala, mas também do espaço e do contexto no qual ela se enuncia. A distinção entre o que é intra e o que é extradiscursivo não tem razão de ser neste quadro.

Creemos que a proposta levantada por Mondada – cujo núcleo salienta a necessidade de não distinção entre o intra e o extralinguístico – é válida para que se compreenda a interação social como um todo, e não apenas as situações de interação oral síncrona (conversas espontâneas, consultas médicas, aulas etc.), as quais equivalem ao universo de investigação privilegiado pela autora. Assumimos, então, a constitutiva relação entre verbo e imagem, e propomo-nos a investigá-la em um esquema diferente do eleito por Mondada (e também Bentes & Rio), conforme esclarecemos no próximo capítulo.

Por ora, a partir de tudo o que foi dito até aqui, podemos resumir os avanços da segunda tendência investigativa em referenciação nos seguintes postulados:

- 1) a construção de referência, no que diz respeito aos elementos do cotexto, se efetiva a partir da integração de diferentes partes (tanto na natureza quanto na extensão) da materialidade verbal;
- 2) a retomada de referentes pode ocorrer entre (co)textos distintos;
- 3) o estabelecimento de referentes pode se dar sem a supostamente necessária menção referencial cotextual;
- 4) a referência pode se construir a partir de todas os modos semióticos envolvidos em um texto.

Os desdobramentos apontados salientam a vocação da proposta da referenciação para respaldar e/ou fazer avançar os conceitos de sociocognição e de texto assumidos na atualidade. Levando-se em conta o panorama científico mais amplo, o quadro que aqui delineamos acerca dos avanços da referenciação confirma a ideia de que a Linguística está sempre disposta a encontrar explicações mais completas para sua teorização sobre os processos de significação.

Falta-nos, ainda, adentrar na discussão sobre as contribuições específicas de nosso trabalho. Elas se pautam pela reflexão sobre as relações entre o perfil investigativo da segunda tendência e as questões emergentes sobre o estatuto do texto na atualidade, apresentadas no capítulo anterior. No próximo capítulo, traçamos esse paralelo, esclarecendo quais as particularidades de nosso trabalho de campo.

4 O FENÔMENO DA REFERENCIAÇÃO: PRÓXIMOS PASSOS

No real da vida, as coisas acabam com menos formato, nem acabam.

(Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*)

Neste capítulo, continuamos a falar sobre o fenômeno da referenciação, com o intuito de destacar o que consideramos os próximos passos a serem percorridos por essa proposta teórica. Aqui, tratamos de aspectos já presentes nas reflexões dos pesquisadores da área (principalmente, os da segunda tendência), cujo detalhamento se faz necessário para que o caráter sociocognitivista do fenômeno seja ainda mais evidente. Ao mesmo tempo, trazemos acréscimos nossos à reflexão, indicando como estes podem ser úteis para a investigação dos fenômenos referenciais.

Trazemos de volta, neste capítulo, as reflexões, feitas no capítulo 2, sobre o papel da multimodalidade e dos diferentes tipos de interação na configuração dos textos, relacionando-as, mais especificamente, com as estratégias referenciais que atravessam essas temáticas. Há, portanto, um movimento de convergência entre os três capítulos já apresentados – principalmente o segundo e o terceiro, a cujos conteúdos serão feitas constantes remissões – com o que cremos ser contribuições mais marcadamente nossas. Todo esse trabalho prepara o terreno para a explicitação de nossas categorias de análise, a qual será empreendida no capítulo posterior.

4.1 Sobre a não linearidade¹⁴⁸

No capítulo anterior, apresentamos como contribuição da segunda tendência nos estudos em referenciação a consideração de diversos elementos cotextuais para o estabelecimento da recategorização. Julgamos que uma consequência (comentada, mas pouco discutida ou explorada) de tal ideia é a consideração do caráter não linear do processamento referencial, o que comprova mais um avanço no entendimento dos fenômenos. Quando se trata de construir referentes em um texto, o caminho seguido não precisa, necessariamente, obedecer à linearidade do enunciado, ou seja, não precisa, apenas, reconhecer as relações entre um antecedente e seus diversos anafóricos, na ordem em que aparecem. O trabalho

¹⁴⁸ Boa parte da reflexão desta seção encontra-se em trabalho escrito em coautoria com Silva (a sair).

interpretativo é muito mais difuso, feito de idas e vindas, de maneira que tanto o enunciador quanto os interlocutores (sabedores de que é assim que as coisas são) articulam suas ações via texto com base nesse parâmetro.

O exemplo (36) é bastante ilustrativo dessa não linearidade; apresentamo-lo novamente, a fim de que esclareçamos nosso ponto de vista.

(36) pôr-do-sol

O romance de Luana Piovani e Ricardinho Mansur – que começou cercado de flashes há quase dois anos – terminou discretamente, sem alarde nem fotos, em Paris. A decisão partiu do jogador de polo, que foi até a França – onde a atriz passa temporada de estudos – para finalizar a história. O motivo nenhum dos dois comenta. De lá, Ricardinho seguiu para Aspen, nos Estados Unidos, para esquiar com amigos. Já Luana preferiu ir até a Espanha... para dar aquela arejada.

(*Época*, 21/02/2005.)

Em (36), o termo recategorizado encontra-se, “paradoxalmente”, no início do texto. Para que a recategorização se efetive – o que implica perceber a metáfora pretendida – é preciso ler o texto todo e depois voltar ao título. Outro caso ilustrativo é encontrado no poema “A rosa de Hiroxima”, analisado tanto por Cavalcante (2005) quanto por Lima (2009), o qual reproduzimos a seguir:

(40) **A rosa de Hiroxima**

Pensem nas crianças
Mudas telepática
Pensem nas meninas
Cegas inexatas
Pensem nas mulheres
Rotas alteradas
Pensem nas feridas
Como rosas cálidas.
Mas oh não se esqueçam
Da rosa da rosa
Da rosa de Hiroxima
A rosa hereditária
A rosa radioativa
Estúpida inválida
A rosa com cirrose
A anti-rosa atômica
Sem cor sem perfume
Sem rosa sem nada

(MORAES, Vinícius de. In: CAVALCANTE, 2005, p.129.)

Cavalcante discute, com esse exemplo, a condição peculiar de o título do poema – uma introdução referencial – já vir recategorizado, afirmando que “nosso conhecimento de mundo

nos permite recuperá-lo [o referente em torno da bomba atômica] e compreender a transformação que se processa no próprio instante em que o objeto de discurso é introduzido no poema” (2005, p. 130). Lima (2009, p. 46) procura acrescentar à análise de Cavalcante a observação de que, na verdade, “há outros elementos no cotexto que servem como âncora para a inferência do referente categorizado”. Ou seja, para Lima, o reconhecimento de que a rosa de Hiroxima é a bomba atômica só se estabelece quando da leitura do poema como um todo. De acordo com esta autora (2009, p. 46),

se assumimos a recategorização como um processo cognitivo-referencial, podemos facilmente sustentar que a transformação não se dá pontualmente, mas vai acontecendo à medida que as inúmeras pistas dadas por expressões referenciais ou não ajudam o leitor a compor novos sentidos e novas referências, daí termos esse caso como muito mais complexo, algo próprio da riqueza do texto literário, em que a recategorização se realiza de forma circular. Ou seja, é preciso passar pelos vários elementos em que ela se ancora para, num movimento inverso, chegar-se à (re)construção do processo.

A nosso ver, a depender da experiência de leitura, tanto Cavalcante quanto Lima propõem explicações pertinentes em suas análises¹⁴⁹. No momento, fiquemos com a posição de Lima, pois, a partir dela, temos mais material para dissertar sobre a não linearidade. A partir do que apresentamos até aqui, vemos que a recategorização, mais que a manifestação, em uma expressão, de um processo em cadeia, é um processo textual-discursivo, passível de ser efetivado pelas idas e vindas do interlocutor no (con)texto.

A questão da não linearidade é importante porque, ao mesmo tempo em que mostra a real complexidade da ação de construir referentes, chama a atenção para a possibilidade de tratamentos diferentes no que diz respeito à distinção entre introdução referencial e anáfora. Se aceitamos que a não linearidade é constitutiva do processo, questões como a relação entre o dado e o novo em um texto passam a ser redimensionadas.

Isso demanda uma reflexão cuidadosa sobre a introdução referencial – expressão nominal que institui “um objeto no discurso sem que nenhum outro elemento do contexto discursivo ou da situação imediata de comunicação o tenha evocado” (CAVALCANTE, 2003,

¹⁴⁹ Não há espaço para uma discussão mais detalhada, mas é interessante observar que o estatuto referencial dos elementos textuais pode passar por modificações a depender da experiência de leitura. Já são bastante aceitas as noções de que um mesmo texto “lido” por pessoas diferentes pode gerar interpretações distintas e de que uma pessoa que “leia” o mesmo texto em momentos diferentes poderá reconhecer sentidos diferentes em cada “leitura”. Se assim o é, Cavalcante tem razão quando diz que a recategorização do título pode acontecer no momento mesmo em que ele é evocado, pois, em “leituras” posteriores do mesmo texto (e essa é uma atividade bastante frequente), entra, como parte do conhecimento prévio necessário à interpretação, a leitura anterior.

p. 106). A partir dessa definição, temos casos prototípicos de introdução referencial nas expressões destacadas em (41):

(41) Era uma vez, um lindo jovem que vivia em um castelo. Certa noite, ele recebeu a visita de uma velhinha, que lhe pediu abrigo. Ele negou e ela foi embora. A velha, furiosa, transformou-o numa Fera.

Em uma vila distante morava um comerciante chamado Maurício que tinha uma filha chamada Bela. [...]

(Disponível em <http://camilagenaro.blogspot.com/2008/10/esses-resumos-dos-grandes-clssicos-so.html>. Acesso em 28 jul. 2010.)

As expressões referenciais destacadas apresentam objetos de discurso que podem, no decorrer do texto/discurso, ser retomados ou por via direta (o que acontece quando, por exemplo, as expressões “ela” e “A velha” são utilizadas para continuar a menção à “velhinha”) ou por via indireta (o que se pode estabelecer a partir de relações semânticas como a que se constrói entre “visita” – expressão-âncora – e “abrigo” – anáfora indireta). Todas as possibilidades de retomada (incluindo o encapsulamento) são passíveis de promover a transformação do referente, o que garantiria a recategorização referencial. No panorama delineado, não haveria espaço para um possível caráter recategorizador da própria expressão que introduz o referente.

Contudo, a análise de dados mostra que uma introdução referencial pode, muitas vezes, não ter apenas a função de apresentar um objeto, supostamente “isento” de cargas significativas para além da sua identificação. Conforme já vimos, a primeira menção ao referente pode já vir marcadamente recategorizada. Esse aspecto merece destaque por se tratar de um elemento importante em qualquer composição textual. Trata-se de algo tão frequente que caberia questionar (como ousadamente fazem Costa, 2007, e Ciulla e Silva, 2008) se não se trata de um procedimento constitutivo da atividade referencial.

Cabe-nos, agora, detalhar as ocorrências em que as introduções referenciais não são tão “puras”, a fim de que possamos entender os aspectos funcionais dessa estratégia, relacionando-os, quando for o caso, com a não linearidade. Começemos com as reflexões feitas por Silva (2004), que, ao analisar os processos referenciais no gênero notícia policial, observa alguns casos em que a introdução referencial revela uma escolha avaliativa do enunciador, como se vê em (42), (43) e (44):

(42) ASSALTANTE MORRE EM TIROTEIO COM A POLÍCIA

O assaltante Juscelino Xavier dos Santos, 32 anos, que residia na cidade de União, morreu em tiroteio com a Polícia Militar [...]

(Jornal *O Dia*, 19 de março de 2003.)

(43) PINTOR É ASSASSINADO PELA POLÍCIA

Policiais de Miguel Alves (cidade localizada a 110 quilômetros de Teresina) mataram na noite de anteontem, durante uma operação, o pintor Juscelino Xavier dos Santos [...] (Jornal *Meio Norte*, 19 de março de 2003.)

(44) ARTESÃO EXECUTADO POR POLICIAIS EM BARREIRA

O artesão Juscelino Xavier dos Santos, 30 anos, foi executado anteontem com um tiro de arma de grosso calibre, na virilha, ao tentar passar em uma barreira formada por policiais civis e militares [...]

(Jornal *Diário do Povo*, 19 de março de 2003.)

O objetivo do trabalho de Silva é investigar os processos referenciais presentes na notícia escrita sobre o mesmo episódio em três jornais diferentes, para analisar a subjetividade das escolhas lexicais explicitadas nos processos referenciais. Observando os exemplos (42), (43) e (44), o autor verificou a avaliação (nas expressões referenciais) apontada no título, sobre o mesmo sujeito envolvido no fato noticiado. Em cada caso, há uma orientação prévia que pode apontar a posição do enunciador (como se vê mais claramente no exemplo 42). Sobre esta orientação prévia, Silva (2004, p. 66) comenta:

A apresentação dos sujeitos na notícia é geralmente antecedida por algumas informações. A qualificação do referente como *desempregado*, *traficante*, *líder da rebelião* (para exemplificar termos muito usuais nas notícias policiais), antecipando e somando-se à apresentação do objeto de discurso, é realizada de forma estigmatizada, revelando uma orientação argumentativa para as informações que se quer prestar ao público leitor. As noções que se tem do objeto do discurso na notícia apresentam-se como dados nos quais se crê poder confiar, e nos quais se confia, de fato, eficazmente.

Mas, diferente das expressões anafóricas, as quais remetem sempre a uma âncora do cotexto, *o introdutor de referente apresenta-o pela primeira vez, fazendo uma antecipação* que será essencial para que o leitor, “sozinho”, formule sua opinião e muitas vezes concorde com a do enunciador. (grifo nosso)

O processo de apresentação dos referentes exemplificado por Silva mostra como uma expressão introdutória já vem marcada avaliativamente, como estratégia de orientação argumentativo-discursiva. Acrescentamos, neste trabalho, que essa função não é exclusiva do gênero notícia; é possível identificar este mesmo procedimento em outros gêneros, como vemos em (45):

(45) Vamos enfrentar o monstro

O uso do crack no Brasil já é tratado no âmbito do governo federal como um caso grave de saúde pública, mas com um viés de risco à segurança pública. Tanto assim que o presidente Luiz Inácio da Silva determinou, no início deste mês, que o Gabinete de Segurança Institucional (GSI) da Presidência, [sic] que organize um seminário com especialistas para discutir a questão.

Não é necessário ser um especialista para se perceber o quanto o crack é uma droga devastadora e que coloca em risco não somente a saúde e a segurança dos usuários, mas das famílias e comunidades afetadas pelo crescente consumo desta substância entorpecente.

Relatos cada vez mais dramáticos envolvem desde a venda de utensílios e móveis para sustentar o vício até assaltos e homicídios cometidos por jovens – alguns deles ainda nem bem saídos da infância. Algo que não é somente preocupante, mas grandemente assustador.

Pais e mães, educadores, profissionais de saúde e policiais hoje manifestam o temor de que o crack chegue cada vez mais perto de jovens e crianças. Vulneráveis, eles podem ser levados a este abismo de difícil volta. As razões para o grande medo precisam se fazer acompanhar, claro, de ações corajosas e imediatas para o enfrentamento.

O crack é um monstro que coloca sob risco comunidades em todo o Brasil. Enfrentá-lo com determinação é uma medida urgente e inadiável. Além do combate ostensivo ao tráfico, faz-se necessário [sic] que, o quanto antes, fazer chegar às escolas o material didático para dar a professores o conhecimento necessário para que instruem seus alunos sobre os malefícios desta droga.

Quanto mais informação se tiver sobre os efeitos das drogas, quanto mais pudermos mostrar quão feio e ruim é esse monstro, mais chance teremos de impedir que ele seduza nossos jovens e crianças.

(Jornal *Meio Norte*, 21 de março de 2010.)

Em (45), um editorial, o enunciador discute a repercussão do uso do *crack* na sociedade e mobiliza os leitores a lutarem contra o uso das drogas. Para que essa mobilização seja efetivada, ele faz referências ao *crack* que sensibilizam os interlocutores (“droga devastadora”, “abismo de difícil volta”, “monstro”, “substância entorpecente”). Antes de entrelaçar os fios dessa cadeia textual, o emissor introduz o referente com a expressão avaliativa “o monstro”, que remete, no conhecimento enciclopédico do leitor, a uma figura terrível. O terror impregnado nesta figura é confirmado com as menções anafóricas e com a descrição do cenário nacional devastado pelo consumo desta droga. No editorial, gênero que tem por função expressar a opinião do veículo de comunicação sobre um tema atual, esta operação lexical é fundamental para inaugurar o referente “rebatizando-o” antes mesmo de ele ser expresso.

A análise dos quatro últimos exemplos mostra, ainda, que, para além da questão dos procedimentos referenciais recorrentes ou específicos de cada gênero textual, há uma diferença funcional entre o primeiro grupo (exemplos 42, 43 e 44) e o exemplo (45).

O que mais chama a atenção nos exemplos de (42) a (44) é o fato de uma introdução já vir com uma carga de significação explicitamente “poderosa” e necessária para os propósitos estabelecidos na interação. Isso implica que a ação de introduzir um referente no discurso pode não se restringir a simplesmente colocar em evidência um objeto que passará por transformações; a transformação já se percebe na própria inauguração do referente. Isso, por si, já é uma grande colaboração para os estudos da referenciação.

Se, por um lado, a análise do exemplo (45) também mostra (como em (42) a (44)), uma expressão introdutória já “transformada”, por outro, este último exemplo evidencia, com

mais ênfase, que a transformação só é plenamente compreendida após a leitura do texto (ou de uma boa parte dele). Nesse caso, percebe-se de forma mais plena como o caráter da recategorização é não linear: há um referente inicial categorizado como “um monstro”; o reconhecimento de que essa expressão recategoriza, no texto, a droga *crack* (ou o vício decorrente do uso de *crack*) só se estabelece mediante a leitura, que redimensiona a expressão inicial. Há um movimento de ida e volta constitutivo da construção referencial, sugerindo que a recategorização, mais que uma manifestação linguístico-formal percebida por um sintagma nominal, é um processo amplo e difuso, interveniente na compreensão.

A partir das reflexões feitas até aqui, podemos assinalar duas funções (não excludentes) atinentes à natureza recategorizadora de expressões referenciais introdutórias: 1) a expressão introdutória aparece recategorizadora estabelece uma perspectiva do enunciador que pode ser confirmada com a leitura do texto; e 2) além dessa perspectivização inicial, o enunciador incita o interlocutor a promover uma transformação sobre a expressão introdutória, que depende do contato com o substrato posterior do texto. Nesse segundo processo, mais que confirmar a pertinência da avaliação inicial pretendida pelo enunciador, o interlocutor precisa trabalhar para reconhecer qual é, de fato, o referente de que se está tratando e/ou por que tal referente recebeu uma designação, em princípio, inusitada. Em outras palavras, o objeto de discurso não é tão evidente a partir do modo como ele vem formalizado pela expressão referencial.

Embora em ambas as condições haja um percurso não linear necessário à interpretação, é no segundo processo que a não linearidade se manifesta plenamente como operação cognitiva complexa, fundamental para a progressão textual que se pretende estabelecer com os acréscimos percebidos sobre um referente. Neste caso, podemos falar mais apropriadamente de recategorização referencial em uma expressão introdutória.

Vejamos outros casos em que esse tipo de recategorização se apresenta, a fim de reiterarmos as funções textual-discursivas promovidas por esse recurso.

(46) O insepulto

Terêncio Espinheira passava em frente à capela de São Raimundo quando sentiu travar o coração. Tombou, arrastou-se e morreu babando no último banco da igreja. O sacristão comunicou ao padre Otávio e foi avisar à família: duas filhas que com Espinheira moravam lá pras bandas do motor do arroz. As duas receberam com alegria, a notícia, e não foram à casa santa, ver o corpo do pai. Pe. Otávio pediu um caixão ao Major Apolônio que, como prefeito, enterrava os mortos da cidadezinha por conta dos dinheiros municipais. Mas não havia caixão para Espinheira, destratador de políticos e destruidor do patrimônio público. A saída foi o velho sacerdote providenciar uma rede para conduzir o morto, e o fez constrangido porque muitas vezes, Terêncio, embriagado, invadira a igreja durante a santa missa, montado no seu cavalo cardão.

As filhas não compareceram pois festejavam a morte do pai com muitas rodadas de cerveja quente num reservado do Bar da Bia. Nunca mais apanhariam no meio da rua, do pai feito fera, apesar das suas idades, com mais de trinta anos cada uma. À tarde Pe. Otávio utilizou o serviço de som da igreja e pediu ajuda aos cidadãos de Sipaúbas para o transporte do defunto até o cemitério, ninguém apareceu. Nem adiantava, pois Gervásio, o coveiro, já se havia negado a cavar a cova, depois de tanto sofrer nas mãos de Espinheira. O vigário teve a ideia de pagar com o pouco dinheiro da coleta da missa a um carroceiro para carregar o morto. O carroceiro veio mas o burro puxador da carroça assombrou-se ao ver o morto e disparou de rua afora de carroça seca. Espinheira anoiteceu insepulto.

Já exalando mau cheiro, era alta noite, quando Pe. Otávio teve a ideia de colocar o cadáver num carro de mão e empurrá-lo até os fundos da igreja onde um riacho caudaloso transbordava em cheias de abril. Jogou o corpo na correnteza e veio desinfetar a capela.

No dia seguinte por mais de uma légua de riacho abaixo apareceram centenas de piranhas mortas, e nos invernos dos anos seguintes nunca mais correu água no riacho das Guaribas. (LIMA, Batista de. Disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/batis6.html>. Acesso em 29 jul. 2010.)

No conto, o narrador apresenta um referente no título do texto, selecionando uma característica “peculiar”: o sujeito de que se fala é um “insepulto”. Cabe ao interlocutor que entra em contato com esse título estabelecer um trabalho de leitura que busque, pelo menos, duas respostas: quem é o sujeito de que trata o título e por que ele recebe a denominação que lhe foi imputada pelo narrador. A leitura, então, fornecerá as pistas.

Observamos que as retomadas feitas à introdução referencial recategorizada no título são elementos textuais importantes para a progressão e para a manutenção do propósito comunicativo do texto: explicar o motivo pelo qual Terêncio Espinheira foi rejeitado por todos no momento do seu sepultamento. Expressões como o próprio sobrenome “Espinheira” (que remete a espinhos, à brutalidade inerente ao personagem) e “pai feito fera” ajudam a argumentar contra o sepultamento do “morto”. Além das expressões referenciais, informações de outra natureza também colaboram para a categorização do referente: Espinheira destratava políticos, invadia a igreja, batia nas filhas e fazia sofrer o coveiro. Acrescente-se a isso o fato de seu corpo ter matado as piranhas e secado o rio onde foi jogado.

Vemos, assim, um conjunto de informações textuais, de natureza diversa, que contribuem para a (re)construção do personagem principal do conto. A partir delas é que se pode compreender o real valor da expressão introdutória. Mais uma vez, estamos diante do caráter não linear da recategorização. Da mesma forma que, em (45), o trabalho do interlocutor não se resume a confirmar que o *crack* (ou o vício) é um monstro, em (46), o leitor, mais que confirmar a “adequação” da categorização inicial, deve construir uma referência adequada e perceber, entre outras coisas, o efeito estilístico da expressão utilizada.

Atente-se para o fato de que o narrador poderia (como qualquer enunciador em qualquer interação) ter operado outras escolhas lexicais, inclusive não avaliativas, para apresentar o referente. É óbvio que sua escolha não é aleatória e preenche uma função (ou

mais de uma, a depender do envolvimento do leitor com o texto). Destacamos, aqui, que a apresentação do referente no título pretende despertar a curiosidade do leitor, gerando um efeito de estranhamento. Essa é uma característica considerada como essencial ao texto literário, a qual, cada vez mais, tem também sido destaque em alguns textos da esfera jornalística, como se vê no exemplo a seguir.

(47) O mau selvagem

O homem é originalmente bom; é a sociedade que o corrompe. Trata-se sem dúvida de uma das maiores bobagens já proferidas na história da humanidade. O problema não é tanto que o bom Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) tenha concebido mais essa ideia maluca, mas sim que pessoas importantes nos meios intelectuais tenham acreditado nela ao longo de mais de dois séculos. Pior, ainda há quem ache que o cidadão genebrino está certo.

Não me considero um pessimista – muito pelo contrário, como se verá –, mas basta dar uma olhadela à nossa volta para chegar empiricamente à conclusão oposta: o homem é um bicho naturalmente ruim. Como ocorre com a maioria dos animais, coloca seus interesses acima de tudo e não hesita em usar a violência para impor sua, digamos, visão de mundo aos demais. Se há um rival no seu caminho para copular com uma fêmea, tende a aplicar a solução mais simples, que é eliminar fisicamente o comborço – desde que tenha, por suposto, os meios para tanto. O mesmo vale em relação a uma carniça de cabrito, uma framboesa madura ou qualquer outra iguaria pré-histórica.

E não parece haver muitas dúvidas de que essa seja uma disposição natural. Para prová-lo, basta observar duas crianças brincando (especialmente se forem dois meninos). Elas se provocam continuamente. Muitas vezes, a sucessão de desafios atinge o ponto crítico e degenera em pancadaria. Garotos podem ser terrivelmente cruéis uns com os outros, para não dizer sádicos mesmo. Rousseau, é claro, não tinha como saber disso, pois entregou os cinco filhos que gerou para a adoção (pelo menos é o que diz), no que constitui evidência adicional da perversidade, senão humana, ao menos rousseauniana.

Antes de prosseguir, peço que não me interpretem mal. Individualmente, somos todos capazes de atos de profundo e vil egoísmo, mas também de gestos daquilo que alguns chamariam de amor desinteressado. Acredito até que mesmo o pior facínora tenha tido seus momentos, talvez não de grandiosidade, mas de compaixão. No acumulado da espécie, entretanto, o balanço é negativo, como o atestam Auschwitz, os gulags, a Revolução Cultural e vários outros genocídios, passados, presentes e futuros. [...]

(SCHWARTSMAN Hélio. Disponível em:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/pensata/helioschwartzman/ult510u356220.shtml>. Acesso em 9 jul. 2010.)

O artigo propõe uma conclusão oposta à de Rousseau sobre *o bom selvagem*. Logo no título, por meio de uma expressão referencial, o articulista estimula o leitor a buscar em sua memória discursiva as informações referentes à teoria de Rousseau, e já aí propõe uma recategorização para o conhecido termo utilizado por esse pensador. O estranhamento – claramente, um efeito estilístico – é causado pela troca da palavra “bom” por “mau”.

Vê-se, em (47), a introdução de um referente novo para o discurso, porém recuperável por um processo de intertextualidade por alusão. Quando o articulista apresenta seu novo referente já categorizado, ele o faz pressupondo que o leitor conheça a teoria de Rousseau sobre “o bom selvagem” e recupere essa informação, atentando para o fato de que essa teoria será reconfigurada ao longo do texto. O processo de recategorização, que se inicia a partir da

ativação de um conhecimento prévio específico, se efetiva com o desenvolvimento da leitura, que explicita a configuração do mau selvagem. Mais uma vez, o adiantamento argumentativo garantido na introdução referencial é alargado quando da leitura do texto, e apenas no movimento de ida e volta é que se efetiva a construção referencial.

É exatamente por conta da produtividade do processamento não linear que se advoga em favor de uma reformulação do estatuto da introdução referencial. Costa (2007) aponta para o fato de que a distinção entre introdução referencial e anáfora indireta é bem menos perceptível do que se tende a imaginar, em virtude de uma introdução poder já vir impregnada de uma carga significativa dependente do conhecimento prévio. Ciulla e Silva (2008) questiona se faz sentido diferenciar categorização de recategorização, uma vez que todo processo de nomear um referente por meio de uma expressão já é carregado de (inter)subjetividade. Tais considerações, contudo, ainda não são partilhadas pela maioria dos pesquisadores na área da referenciação, em parte por causa da divulgação ainda insuficiente, em parte por conta do caráter extremamente desestabilizador que as novas propostas parecem carregar, e em parte pela ausência de uma outra proposta classificatória que venha a substituir a que existe, dentro da perspectiva mais atual do fenômeno.

Uma crítica pertinente diz respeito ao fato de algumas posições questionarem o estatuto da introdução referencial – se uma introdução se assemelha a uma anáfora, por que, então, não considerar tudo como a mesma coisa? Mas, se assim o é, como negar o fato de que algumas expressões parecem preencher a função de apresentar um referente, identificando-o adequadamente, para que sobre ele se operem modificações? A nosso ver, a questão pode ser resolvida se considerarmos que há, para o processo referencial, pelo menos dois planos distintos.

Aceitemos, inicialmente, que uma dimensão do texto diz respeito à sua manifestação em uma superfície, o que implica uma organização no tempo e no espaço que orienta (embora não determine taxativamente) a maneira como o interlocutor deve interagir com os enunciados. De modo geral, podemos dizer que um texto é um todo organizado em uma sequência que *pode*¹⁵⁰ ser seguida pelo interlocutor. Nessa dimensão, faz sentido reconhecer que há uma primeira aparição de um referente (a introdução), a qual pode gerar relações diversas de continuidade (as anáforas). Em muitos casos, pode ser útil mapear as relações pontuais entre uma introdução e suas anáforas (diretas ou indiretas).

¹⁵⁰ O grifo reforça nossa crença de que o leitor é quem decide o percurso de leitura, algo enfatizado, por exemplo, pelos defensores do suposto caráter inovador do hipertexto.

Num outro plano, para além das relações de superfície, há a questão de como um referente recebe cargas de significação relevantes para sua configuração. Nas situações que parecem, numa proposta menos complexa, canônicas, essa transformação de sentido ocorreria a partir de acréscimos a uma menção inicial. Se assim o fosse, poderíamos falar que a recategorização está ligada à organização superficial (“cronológica”) do texto. Mas os exemplos nos mostram que a recategorização ocorre para além desse quadro, de modo que ela não se limita à alçada do cotexto apenas, mas se encontra, principalmente, no universo do discurso propriamente dito, sendo a sua manifestação linear apenas uma possibilidade entre outras (e, quando se trata de imprimir um valor argumentativo mais incisivo ou um efeito de estranhamento, essa possibilidade nem sempre é a melhor).

Assim é que podemos continuar a falar de introdução e menção anafórica, mas devemos reconhecer que tanto uma categoria quanto a outra podem apresentar funções diversas para além do seu papel tradicional na relação entre o novo, o dado e o acrescentado. A interpretação não linear de um referente, no final das contas, revela a verdadeira “vocação” da recategorização: a de ser um processo essencial para a construção dos referentes, o qual, para se efetivar, não precisa ser homologado por uma anáfora com valor avaliativo facilmente percebido.

A sugestão de destacar dois planos para a construção da referência (o do cotexto e o do texto/discurso) parece garantir a pertinência da reflexão teórica sobre referenciação mais amplamente aceita, ao mesmo tempo em que vislumbra possibilidades de manifestação do fenômeno mais condizentes com sua natureza sociocognitivo-discursiva. Ganha destaque, em tal explicação, o caráter difuso da recategorização, apresentada aqui como resultado de uma interpretação não linear que orienta o trabalho do interlocutor.

Destacamos que falar em não linearidade não pressupõe uma interpretação caótica ou complementemente livre. A abordagem não linear é um princípio de ação produtivo porque garante um trabalho interpretativo mais eficaz. Isso só é possível porque os participantes da interação via texto – enunciador(es) e interlocutor(es) –, sabedores das reais complexidades envolvidas na compreensão textual, se dispõem a usar, de forma estratégica, os recursos à sua disposição. Pistas deixadas, intenções insinuadas, diálogos surgidos – tudo passa por uma ação que pressupõe um tratamento do (con)texto.

Esse tratamento, claro, precisa ser feito a partir de uma organização. O trunfo dos sujeitos é, primeiro, conceber a organização como sequência flexível de ações, e, segundo, saber escolher a melhor organização para cada situação. Não há, portanto, como pensar a

miríade de abordagens interpretativas sem reconhecer o constitutivo movimento de idas e vindas a que se submetem os que se aventuram na busca pelos sentidos.

Vimos, então, nesta seção, que a estratégia de apresentar uma introdução referencial recategorizadora é razoavelmente comum e atende a funções discursivas passíveis de reconhecimento por parte do analista. Aqui, optamos por focalizar introduções referenciais presentes em títulos de textos, como forma de exemplificar o caráter não linear do processo de recategorização. Nosso recorte não deve ser entendido como a única possibilidade para a manifestação da interpretação não linear.

Acreditamos que, como parte constitutiva de um processo interpretativo, a não linearidade pode ser “utilizada” sempre quando for necessário ir e voltar no texto para compreender a real dimensão de um referente. Isso pode dizer respeito à interpretação de introduções referenciais presentes no corpo do texto (e não em seu título) ou à interpretação de um referente que já tenha passado por transformações. Esse procedimento será descrito, com mais detalhes, em nossa análise, no próximo capítulo.

Por ora, tratemos de esmiuçar, ainda mais, o caráter altamente complexo da recategorização, redimensionando a primazia da menção anafórica em tal fenômeno.

4.2 Sobre a recategorização sem menção referencial

Parece-nos que a recategorização é o grande mote a guiar as novas tendências em referenciação, e a discussão sobre a não linearidade do fenômeno é um exemplo disso. Desde os trabalhos que se propuseram desenvolver com mais coerência e sistematicidade a proposta inicial de Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995) – dentre os quais se destacam Tavares (2003), Matos (2005), Cavalcante (2003, 2005), Lima (2007) e Leite (2007a, 2007b), temos visto evoluções que procuram dar conta da dimensão múltipla que o fenômeno pode assumir. Nesse caminho, vislumbramos uma nova possibilidade de recategorização, a qual promove uma ruptura com a necessidade de amarras formais (a saber, a presença de uma expressão referencial) para que o processo se efetive. Optamos por nomear essa estratégia de *recategorização sem menção referencial*.

Antes de descrevermos a recategorização sem menção referencial, lembremos que o percurso dos estudos na área caminhou na direção dos casos mais simples para os casos mais

complexos¹⁵¹. Os pioneiros Apothéloz & Reichler-Béguelin¹⁵² abordaram os casos de recategorização como atrelados à correferencialidade, ou seja, presentes apenas em anáforas diretas. Grande avanço ocorreu com os acréscimos propostos por Leite (2007a, 2007b) e Lima (2007)¹⁵³, a partir do que se deu destaque à necessidade de entender a referência como resultado da conjunção de diversos elementos cotextuais, como já discutimos no capítulo anterior¹⁵⁴. Faltou, contudo, naquele capítulo, uma reflexão sobre a feição recategorizadora de algumas anáforas indiretas, fenômeno explorado por Lima (2007) a partir de sua intenção de investigar a fundo os traços de explicitude e implicitude das recategorizações metafóricas.

O trabalho de Lima é importante na medida em que a autora atesta a ocorrência de recategorizações metafóricas nas quais a associação entre o alvo (a expressão explicitada no cotexto) e a fonte (o referente manifesto pela expressão) se processa num nível mais cognitivo que material. Com isso, a pesquisadora sinaliza para o fato de que as transformações por que passa um referente podem acontecer apenas de forma implícita, no plano cognitivo. É o que se percebe nos exemplos a seguir, retirados da amostra da autora.

(48) Mas nem todo marido é tão ingênuo como o seu Galhardo...

A mulher do sujeito andava muito estranha: um dia, chega em casa com uma joia caríssima! Num outro dia, aparece com um perfume francês, da melhor marca! E vestido novo, e anel de brilhante... o marido só de butuca!

Um dia, ele a encosta na parede:

— Eu quero saber como é que a senhora faz pra conseguir tanta coisa cara! Eu exijo uma explicação!

— Calma, amor!... é que... bem, é que eu compro tudo no cartão de crédito!

Nesse mesmo dia, a mulher está tomando banho, a água do chuveiro acaba bem na hora em que ela está toda ensaboada. Ela chama o marido:

— Amor, traz um balde com água pra eu terminar meu banho?...

Daí a pouco ele volta com uma canequinha de água. A mulher chia:

— O que é isso, amor? Só esse tantinho de água não dá!

— Lava só o cartão de crédito!...

(49) A secretária nota que o chefe está com o zíper da calça aberto e, sem jeito, tenta lhe dar a notícia:

— Doutor, o senhor esqueceu a porta da sua garagem aberta!

Ele fecha rapidamente a braguilha e diz, com a voz cheia de malícia:

¹⁵¹ O avanço dos estudos, entre outros méritos, destacou que os tais casos mais complexos não seriam formas especiais de referir, em oposição à prototipicidade dos casos mais simples. “Complexo”, nesse contexto, não significa “mais raro”, de modo que os casos de recategorização que extrapolam a correferencialidade são tão frequentes que podem ser considerados como constitutivos do processo. Defendemos que a recategorização sem menção referencial, apesar de ainda não ter sido devidamente descrita, também é constitutiva do processo referencial.

¹⁵² Koch & Marcuschi (1998), no Brasil, adotaram abordagem semelhante à dos estudiosos franceses.

¹⁵³ Antes desses trabalhos, Cavalcante (2003) já mostrava que poderia haver recategorização tanto em anáforas indiretas quanto em encapsulamentos.

¹⁵⁴ Item 3.2.2.1 – “A recategorização metafórica como resultante da conjunção de várias porções cotextuais”.

- Por acaso a senhora viu a minha Ferrari vermelha?
 — Não, senhor! Tudo que eu vi foi um fusquinha desbotado e com os pneus dianteiros totalmente murchos!

Lima mostra que, em (48), há uma recategorização implícita quando ocorre a segunda menção de “cartão de crédito”, que se refere, no caso, à genitália da esposa do seu Galhardo. A autora frisa que, embora seja importante, a repetição do termo “cartão de crédito” não é o único elemento responsável pela recategorização; na verdade, todo o co(n)texto é acionado para que a recategorização se processe, com vistas a estabelecer o humor.

Em (49), a autora descreve mais um processo de transformação implícita, dessa vez a partir do reconhecimento de que as expressões “Ferrari vermelha” e “fusquinha desbotado” referem-se à genitália do chefe (e “pneus dianteiros totalmente murchos” referem-se aos testículos). Neste caso, todo o processo de compreensão parte de um gatilho: a associação entre “zíper” e “porta da garagem”, o qual desencadeia, por metonímia, os processos metafóricos mencionados.

A descrição de Lima revela um grande avanço para os estudos em referenciação, pois, ao discutir os aspectos cognitivos das recategorizações metafóricas, ela sugere que as relações referenciais podem ser mais complexas que a simples identificação de correferencialidade ou que a percepção (estritamente semântica) da relação entre uma anáfora indireta e sua âncora. Contudo, a partir dos exemplos analisados pela pesquisadora, percebemos que, no final do processamento metafórico-referencial, o fenômeno ainda carece da manifestação de uma expressão referencial (por isso as suas categorias giram em torno da anáfora) que participa do jogo entre explicitude e implicitude.

A única exceção que ultrapassa essa restrição é o exemplo seguinte, o qual também faz parte da amostra de Lima (2007):

(50) Um amigo conta pro outro:

- Minha sogra caiu do céu!
 — Ela é maneira assim mesmo?
 — Não, a vassoura quebrou quando voava sobre a minha casa.

O exemplo (50) é diferente dos demais na medida em que a recategorização (metafórica) de “sogra” em “bruxa” ocorre sem manifestação da expressão na materialidade textual. Claro que, da mesma forma que as demais ocorrências, essa também se estabelece a partir de relações inferenciais complexas, mas, aqui, o final do processo de recategorização implícita não recai sobre uma expressão. Para nós, isso é revelador de uma outra estratégia

referencial, mas, no trabalho de Lima, o exemplo ainda é tratado como uma anáfora correferencial¹⁵⁵.

De fato, na época do trabalho de Lima, a decisão mais coerente seria tentar enquadrar o exemplo como um caso de correferencialidade, já que a possibilidade de a referência ocorrer sem que haja menção referencial, como demonstra Cavalcante (a sair), ainda não havia sido sugerida¹⁵⁶. A partir desse último trabalho, podemos desenvolver a particularidade que incide sobre o exemplo (50), chegando à constatação de que essa estratégia é bastante produtiva e vai além dos casos de metáfora/metonímia estudados por Lima¹⁵⁷ (2007; 2009).

A partir de Cavalcante (a sair), vimos, no capítulo anterior, que é possível um referente ser estabelecido sem que haja uma menção (via expressão nominal) que o homologue¹⁵⁸. O caso mostrado pela autora é o já apresentado exemplo (39), em que o referente “entrevista de emprego” é altamente saliente, embora não se manifeste explicitamente.

- (39) – Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa, o que o senhor fazia no emprego anterior?
 – Eu era funcionário público!
 – OK! O senhor pode contar até dez?
 – É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás.

(50 *piadas*, de Donald Buchweitz.)

Essa proposta de entendimento da referência como passível de ocorrer a partir de relações bastante complexas investe na natureza sociocognitiva do fenômeno para abrir mão de amarras formais que o limitem excessivamente. Com essa proposta, avançamos ainda mais na investigação do caráter constitutivamente complexo da recategorização, pois se passa a admitir que a menção referencial pode não ser um elemento essencial para a construção dos objetos de discurso.

Tomando como base a ideia inicial de Cavalcante, lançamos uma reflexão sobre o fenômeno da recategorização sem menção anafórica. Defendemos que, mesmo quando um

¹⁵⁵ Ainda que não haja, no texto, correferência textualmente explicitada entre “sogra” e “bruxa”.

¹⁵⁶ Há quem considere que essa ideia já estaria presente no trabalho de Apothéloz (2001) intitulado “Référer sans expression référentielle” (“Referir sem expressão referencial”). Contudo, o que vemos nesse trabalho é uma explicitação da instabilidade linguística que incide sobre sintagmas verbais. O que Apothéloz constata, na verdade, é que outros itens linguísticos, além da expressão referencial, podem passar por reformulações de designação. Um exemplo, em português, seria “Mulher não mente, apenas omite os fatos”.

¹⁵⁷ O foco escolhido por Lima – a descrição das relações de metáfora/metonímia – tem, entre outros objetivos, o de propor uma ponte entre o caráter discursivo da Linguística Textual e a proposta cognitivista de Lakoff e seguidores. Nesse sentido, ela destaca, por exemplo, o papel dos Modelos Cognitivos Idealizados na interpretação.

¹⁵⁸ Item 3.2.2.3 – “Construção de referentes sem menção referencial”.

referente é manifesto no texto por uma expressão nominal (ou por outro recurso), não é obrigatório que as transformações sofridas se restrinjam ao universo das relações internominais de que porventura ele venha a participar. Isso é percebido tanto em (50) quanto em (39).

Neste último, as expressões utilizadas no texto para se referir ao candidato entrevistado são “o senhor”, “eu” e “funcionário público”. Não se pode afirmar que apenas elas dão conta da construção desse referente. Há, por exemplo, uma recategorização com vistas a que, no final, ele seja considerado pelo interlocutor como “preguiçoso” (o que, implicitamente, no texto, leva à conclusão de que o funcionário público é, de forma geral, negligente, relapso). A recategorização aludida não é apenas o resultado de uma cadeia coesiva relacionada ao referente “sujeito entrevistado”; ela emerge da integração de porções diferentes do cotexto, em conjunção com o aparato cognitivo ativado para a apreensão do humor.

Essa possibilidade abre uma perspectiva inovadora para o tratamento da referência, pois, aqui, não se trata de compreender como os diversos elementos responsáveis pela produção de sentidos no texto configuram uma determinada expressão referencial; trata-se de explicar como um referente, enquanto construção dinâmica, pode surgir a partir da integração desses elementos. Claro que, nesse panorama, a proposta da referenciação, tal como se vê na primeira tendência, deve passar por algumas reformulações. A fim de vislumbrarmos como essa renovação é necessária, façamos uma análise do texto a seguir:

(51) Que vergonha ver a atual prefeita censurar o uso de imagens de Ciro e Lula, grandes companheiros de Patrícia, no horário eleitoral! Será que essa prefeita tem vergonha de ver que Patrícia foi vice-líder de Lula no Senado??? Será que ela não se contenta em ver Lula longe dela, tal qual em 2004, quando o presidente estava com Inácio Arruda??? Antes era uma defensora da democracia, agora, no poder, se vestiu com as piores armas do autoritarismo e da censura! Liberdade de expressão JÁ! Patrícia é MULHER de RESPEITO e quer apenas ter o direito de mostrar a sua biografia, pena que a prefeita se [de]sespera com o passado histórico dela!

(Texto recebido por e-mail.)

O texto alude a uma situação ocorrida durante a campanha eleitoral para a prefeitura de Fortaleza (CE), em 2008: a coligação de apoio à prefeita Luiziane Lins (PT), candidata à reeleição, vetou judicialmente as propagandas da concorrente Patrícia Sabóia (PDT) em que esta aparecia ao lado do presidente Lula e do então deputado Ciro Gomes. A partir do texto, emerge uma representação negativa de Luiziane, que, além de autoritária, seria uma competidora desleal. Trata-se, portanto, de uma recategorização referencial, pois diz respeito à forma como o objeto de discurso se dá a conhecer no/pelo texto.

Interessa observar que a construção dessa imagem não está diretamente atrelada a nenhuma das expressões referenciais utilizadas para identificar o referente “Luiziane Lins” no texto. Se focalizarmos, por exemplo, a representação de “candidata autoritária”, veremos que o texto menciona que Luiziane se veste com “as piores armas do autoritarismo”; ou seja, a representação não resulta de uma ligação entre expressões referenciais designadoras do objeto focalizado. Trata-se, na verdade, de algo muito mais básico – uma relação de predicação –, a qual não é devidamente tratada nos estudos da primeira tendência, em virtude de a ênfase na expressão referencial deixar de lado outras unidades de análise diferentes do que gira em torno do valor substantivo do sintagma nominal.

E o que dizer da representação de “candidata desleal”? Não há, neste caso, nem mesmo uma pista semântica (do tipo percebido em “autoritarismo”) que justifique essa interpretação, porém ela é patente. Ocorre que, mais uma vez, a representação é construída a partir inferências engatilhadas pelas predicações. Assumindo-se que a prefeita 1) censura o uso de imagem dos grandes companheiros de Patrícia; 2) tem vergonha de ver que Patrícia foi vice-líder de Lula no senado; 3) não se contenta de ver Lula longe dela; e 4) se desespera com o passado histórico de Patrícia, é possível estabelecer uma compreensão global em que se percebe claramente a intenção do enunciador em apresentar a candidata Luiziane como desleal.

Uma análise nesses moldes não pode ser feita quando o foco recai apenas sobre as expressões. O que se realça, aqui, é a complexidade das relações estabelecidas no texto, levando em conta as diferentes partes do cotexto e as diversas implicações contextuais. O procedimento continua sendo genuinamente sociocognitivo, contudo o aparato extratextual necessário para a produção dos referentes (e, conseqüentemente, dos sentidos) não se limita à identificação de associações entre a materialidade textual e os conhecidos esquemas (socio)cognitivos¹⁵⁹. Trata-se de um procedimento muito mais difuso, mas não menos necessário.

Na verdade, a análise proposta reforça o postulado de que as operações textuais para construção da referência são específicas de cada interação, podendo os valores atribuídos aos objetos ser determinados de forma menos pontual. Se, inicialmente, já tínhamos assentada a noção de que não há valores axiológicos básicos dos itens linguísticos (como argumenta, por exemplo, ZAVAM, 2007), agora, temos que esses valores não se limitam ao uso de

¹⁵⁹ Veja-se, por exemplo, a diferença, no nível das relações ativadas, entre, de um lado, “prefeita desleal” e o conjunto de informações necessárias para essa representação, e, de outro lado, “a enfermeira” (anáfora indireta) e “quarto de hospital” (âncora), conforme exemplo (30) – capítulo 3, p. 131.

expressões referenciais específicas para tal fim, nem mesmo aos modificadores que possam acompanhar tais expressões. A trama textual pode passar por configurações as mais diversas e as mais complexas, o que, aliás, se coaduna com a concepção de texto atualmente assumida pela LT.

As recategorizações percebidas em (51) nos mostram, então, que há um referente manifesto no texto, cujas transformações não se limitam nem à cadeia correferencial de que faz parte nem às possíveis relações anafóricas indiretas. Aliás, é preciso destacar que, aparentemente, nosso comentário, tanto sobre (39) quanto sobre (51), poderia ser refutado se considerássemos as recategorizações mencionadas como anáforas indiretas.

Favoreceria tal abordagem o fato de se poder supor uma relação indireta entre as recategorizações sugeridas e possíveis âncoras textuais: em (39), uma das âncoras seria “valete, dama, rei e ás”; em (51), as âncoras seriam as diferentes predicacões demonstradoras das atitudes de Luiziane¹⁶⁰. Contudo, a semelhança entre a anáfora indireta e o processo que aqui estamos considerando como ainda não devidamente investigado vai apenas até essa contestação. Na verdade, trata-se de dois fenômenos diferentes, porque têm orientação distinta. Se se quisesse aceitar como anáfora indireta o procedimento que descrevemos, seria necessário modificar a definição corrente do fenômeno (mesmo em suas versões mais “pragmática e cognitivamente” abrangentes).

Nas anáforas indiretas, como vimos a partir da análise do trabalho de Lima (2007), ocorre um fenômeno que “termina” com a expressão referencial: o (con)texto vem estabelecendo um determinado conjunto de propriedades relevantes que permitem a manifestação de uma entidade “nova” como conhecida; o final do processo é a aparição da expressão que designa essa entidade. Isso é verdadeiro tanto para uma anáfora indireta mais “tradicional”, tratada na literatura geralmente como “associativa”, como a apresentada por Apothéloz (2003, p. 76), em (52), como para uma anáfora indireta mais “refinada” e mais inferencial (porque já vem recategorizada), como as apresentadas por Lima (2007, p. 85), aqui representadas por (53).

(52) Nós chegamos a uma cidade. A igreja estava fechada.

(53) Um antropólogo vai visitar uma aldeia no meio da floresta amazônica.
 — Como você chegou até aqui? — pergunta-lhe uma índia, curiosa.
 — Eu vim de helicóptero!

¹⁶⁰ Considerar tais substratos de (51) como âncoras de uma anáfora indireta já seria, por si, um avanço, na medida em que o grosso das análises percebe uma relação muito mais pontual entre anafórico indireto e âncora.

- Helicóptero?! O que é isso?
- Ele tenta explicar de uma maneira bem simples:
- É um negócio que levanta sozinho...
- Ah! Eu sei... meu marido tem um helicóptero enorme!

Em (52), a anáfora indireta é explicada a partir de “conhecimentos gerais supostamente partilhados, exprimíveis sob a forma de proposições que colocam em relação referências genéricas (por exemplo: *uma cidade tem uma igreja*)” (APOTHÉLOZ, 2003, p. 76, grifo do autor). Em (53), como já vimos, há uma operação cognitiva muito mais refinada, pois é preciso operar “metaforicamente” sobre o texto a fim de perceber tanto a anáfora indireta estabelecida – decorrente das relações entre “helicóptero”, “um negócio que levanta sozinho” e “um helicóptero enorme” – quanto o fato de que tal anáfora já vem recategorizada (“um helicóptero enorme” = genitália do marido da índia). Os dois processos, de (52) e de (53), são, contudo, marcados pela ênfase na explicação sobre por que as expressões aparecem como conhecidas, e terminam na manifestação dessas expressões.

As ocorrências citadas em (39) e (51) são de natureza distinta, pois as recategorizações sugeridas não aparecem no texto sob a forma de expressões referenciais (nem de outra natureza); contudo, ainda que não confirmadas, são bastante previsíveis e absolutamente necessárias para a compreensão dos propósitos discursivos dos enunciadores. Podemos dizer que elas continuam a expressar o fenômeno de construção da referência, contudo, em uma direção diferente da manifestada pelo procedimento anafórico indireto. Se, neste, há um caminho que vai do entorno sociocognitivo para a expressão, naquele, o caminho vai do cotexto para a elaboração sociocognitiva empreendida pelo interlocutor. Isso implica que tratar ocorrências do tipo de (39) e (51) como anáforas indiretas demandaria uma revisão das definições normalmente assumidas para essa estratégia. Por isso, preferimos nomear a estratégia aqui descrita como *recategorização sem menção referencial*.

Esse fenômeno é, para nós, uma estratégia referencial absurdamente frequente (e, na verdade, constitutiva do processo de interpretação), mas ainda pouco investigada. Mais uma vez, argumentamos que o quadro investigativo da segunda tendência se beneficia de explicações mais completas na medida em que considera a integração dos múltiplos fatores para a construção da referência. Essa decisão, como vimos, traça um caminho alternativo em relação às propostas que investem na onipotência da anáfora.

Podemos dizer, sem exagero, que o poder da anáfora sintetiza todos os avanços da proposta da referenciação no âmbito da primeira tendência dos estudos. A ênfase no aspecto sociocognitivo do fenômeno possibilitou explicações bastante coerentes sobre como as

necessidades contextuais configuram os usos linguísticos. A contribuição que apontamos mostra que os mesmos pressupostos orientadores das investigações dos usos linguísticos possibilitam o alargamento do fenômeno da referenciação para além da anáfora.

Os usos linguísticos parecem demandar, então, explicações que questionem a onipotência da menção anafórica. Nesse sentido, é salutar voltarmos à crítica feita por Ilari (2005), quando o autor diz que é contraprodutivo considerar como anafóricas todas as menções a Capitu em *Dom Casmurro*¹⁶¹. A partir do comentário do autor, concluímos que o processo de apropriação de um referente (como Capitu) não se estabelece mediante a identificação de todas as formas anafóricas sobre esse referente. Já vimos que a primeira tendência derruba essa tese; porém, se analisarmos as análises feitas sob suas orientações, uma substituição dessa ideia consistiria em dizer que o estabelecimento de um referente se dá pelo reconhecimento do valor funcional das expressões referenciais sobre esse objeto de discurso; por exemplo, formular o objeto de discurso <Capitu> implicaria reconhecer os valores textual-discursivos (avaliativos, estilísticos, irônicos etc.) impingidos pelas expressões que o designam.

O que estamos acrescentando aqui é que a consideração das múltiplas funções das expressões referenciais também não é suficiente para dar conta do complexo trabalho de formulação de referentes. Algo mais condizente com esse fazer complexo se encontra na proposta de Bonomi (1994)¹⁶². Embora, a rigor, não se possa dizer que esse autor se filie a uma perspectiva sociocognitivista¹⁶³, sua proposta de compreensão da anáfora tem forte inspiração pragmática e seu esquema de rede de relações, como veremos, apresenta um raciocínio analítico condizente com o que apresentamos aqui como avanços da segunda tendência.

Bonomi critica as propostas que concebem o referente como uma entidade da realidade designada por sintagmas nominais. Tomando como ponto de partida o universo das narrativas literárias, o autor salienta a importância capital do contexto como o elemento definidor da referência. Considerando, então, o reconhecimento dos sintagmas nominais referenciais em um dado contexto (e, em determinado momento, Bonomi diz que isso vale

¹⁶¹ Uma primeira reflexão sobre esse comentário de Ilari encontra-se no capítulo 3 desta tese (subseção 3.2.1 – “A primeira tendência”, p. 134-135).

¹⁶² Agradecemos à colega Lívia Mesquita pela tradução do italiano para o português de alguns trechos do capítulo de Bonomi que citamos nesta tese.

¹⁶³ O trabalho de Bonomi não trata apenas da anáfora. Seu objetivo é propor uma descrição, dentro da Linguística, da narrativa literária. Para tanto, tece comentários sobre algumas categorias, entre elas, a anáfora.

tanto para o discurso narrativo quanto para o discurso ordinário), é possível reconhecer duas funções referenciais. Segundo o autor (1994, p. 58),

O papel das anáforas emerge claramente. Essas expressões têm, de fato, a prerrogativa de identificar um mesmo referente ao longo de porções sucessivas de discurso. Este mesmo referente pode, assim, entrar em relação com outros objetos de discurso, em segmentos sucessivos do texto¹⁶⁴.

Temos que a primeira função da anáfora seria a já reconhecida identificação de um mesmo referente no texto. Bonomi acrescenta a segunda função: as anáforas que passam a fazer parte de um texto se conectam com outros objetos de discurso, o que cria uma rede de relações chamada pelo autor de *espaço anafórico*. O pesquisador diz ainda que, no espaço anafórico, ocorre, por acumulação de atributos, a expansão dos referentes anaforizados, e essa expansão é uma característica relevante do processamento referencial:

este é o aspecto interessante das descrições [sintagmas nominais]: designar alguém ou alguma coisa com base em uma série de propriedades ou relações que o caracterizam em relação ao objeto dado. Desse modo, a ontologia de tal universo pode continuamente expandir-se, graças à junção de entidades a partir daquelas já dadas. E as remissões anafóricas, que se ligam umas às outras, são um aspecto essencial dessa expansão (BONOMI, 1994, p. 55)¹⁶⁵.

O espaço anafórico demonstra, então, as relações entre os referentes e as transformações por que passam os referentes quando da ocorrência das anáforas. Bonomi apresenta como exemplo a rede de relações das anáforas presentes no trecho inicial de um romance, transcrito a seguir¹⁶⁶.

(54) No começo da tarde de um domingo chuvoso de novembro, um homem descia a Terceira Avenida.

A poucas quadras daí, indo na direção norte, no décimo segundo andar de um prédio de tijolos azuis [...] uma mulher estava sentada à escrivaninha.

Rose chamava seu bairro o Meio-Leste.

Ela e Owen moravam na Segunda Avenida propriamente dita.

Fazia vinte anos que Rose trabalhava como redatora.

Eles tinham um filho, Philip.

¹⁶⁴ Tradução livre de Livia Mesquita para “Il ruolo delle anafore emerge chiaramente. Queste espressioni hanno infatti la prerogativa di identificare uno stesso referente attraverso porzioni di discorso successive. Esso può così entrare in relazione con altri oggetti di discorso, in segmenti successivi di testo”.

¹⁶⁵ Tradução livre de Livia Mesquita para “questo è l’aspetto interessante delle descrizioni: designare qualcuno o qualcosa in base a una serie di proprietà o relazioni che lo caratterizzano rispetto all’universo dato. In questo modo, l’ontologia di tale universo può continuamente espandersi, grazie all’aggiunta di entità nuove a partire da quelle già date. E i rinvii anaforici, che collegano via via le une alle altre, sono un aspetto essenziale di questa espansione”.

¹⁶⁶ A tradução do exemplo de Bonomi, bem como do quadro a ele correspondente, encontra-se em Ilari (2005).

(Trecho inicial do romance *The lost language of cranes*, de D. Leavitt, analisado em Bonomi (*Apud* ILARI, 2005, p. 104).)

O reconhecimento dos objetos manifestos nesse pequeno trecho possibilita a construção do seguinte esquema:

x ¹ : x ¹ é a Terceira Avenida	x ⁶ : o nome de x ⁶ é 'Rose'
x ² : x ² é um homem x ² desce por x ¹	x ⁶ trabalha como redatora
x ³ : x ³ é um ponto de x ¹ x ² encontra-se em x ³	x ⁷ : x ⁷ é o bairro <i>dela</i> <i>ela</i> chama x ⁷ de Meio-Leste (<i>ela</i> => x ⁶)
x ⁴ : x ⁴ é um prédio de tijolos azuis x ⁴ fica a algumas quadras ao norte daí(<i>aí</i> => x ³)	x ⁸ : o nome de x ⁸ é 'Owen' x ⁸ mora com <i>ela</i> na Segunda Avenida (<i>ela</i> => x ⁶)
x ⁵ : x ⁵ é uma mulher x ⁵ encontra-se no 12º andar de x ⁴ x ⁵ está sentada à escrivaninha	x ⁹ : o nome de x ⁹ é 'Philip' x ⁹ é o filho <i>deles</i> (<i>eles</i> => x ⁶ , x ⁷)

Gráfico 3 – Relações entre os referentes do trecho inicial do romance *The lost language of cranes*, de D. Leavitt, por Bonomi (*apud* ILARI, 2005, p. 105).

A tese de Bonomi a respeito da rede de relações referenciais é muito pertinente, principalmente se levarmos em conta que os estudos em referência têm defendido um caráter multifuncional a esse fenômeno. O autor tem o mérito de garantir o relevo da predicação na construção dos referentes. Trata-se, como se vê, de uma análise que parte de elementos diversos da superfície textual – tanto as expressões nominais quanto as unidades de ordem maior.

Em nossas análises, aproveitamos a ideia de Bonomi, mas a alargamos, principalmente, em duas vertentes. Em primeiro lugar, destacamos a importância do movimento não linear de recategorização, tentando mostrar como ele se relaciona a essa relação entre múltiplos fatores do texto. Em segundo, focalizamos com mais vigor o trabalho transformador efetuado pelos sujeitos (no caso, representados por esse pesquisador). À vista do que sugere Bonomi, parece que a construção da rede referencial deriva apenas do mapeamento do cotexto¹⁶⁷. Veremos que, na verdade, alguns dos traços referenciais demandam uma ação do sujeito para trabalhar em cima dos implícitos e para propor formulações mais globalizantes que as efetivamente explicitadas.

Temos, então, que a construção da rede referencial pode ser enriquecida se tomarmos por base os pressupostos defendidos pela segunda tendência. Isso vai ao encontro de nossa

¹⁶⁷ Talvez por isso Ilari (2005), quando comenta o trabalho de Bonomi, tenha dito que a proposta não seria aplicável em textos literários mais “sofisticados”.

ideia sobre o fato de os pressupostos da LT sedimentados numa perspectiva sociocognitivista exigirem uma abordagem mais coerente, na qual as análises possam, de fato, abrigar a complexidade dos fatores envolvidos na construção da referência (e dos sentidos). Essa postura nos motivou a encontrar indícios de que a construção de referentes em um texto não decorre, exclusivamente, da rede de relações entre os sintagmas referenciais. No próximo capítulo, propomos análises em que levamos em conta essa faceta dos fenômenos referenciais.

4.3 Sobre a multimodalidade

Na introdução desta tese, elencamos duas lacunas relacionadas à integração dos múltiplos fatores para a construção da referência. Essas lacunas aparecem particularmente destacadas no capítulo 2, em que tratamos dos potenciais avanços na conceituação de texto. É chegada a hora de fazermos a devida ligação entre elas, as reflexões teóricas construídas até aqui e nossa proposta de investigação sobre o fenômeno da referenciação. Começemos com a questão da multimodalidade.

Conforme já anunciamos na seção 2.2 (“Os limites do (conceito de) texto: destaque para o não verbal”), pensamos que, para a Linguística Textual, a inclusão do caráter multimodal nas análises não deve se limitar à caracterização dos gêneros textuais, orientação que tem respondido pela esmagadora maioria das investigações sobre esse tema nessa disciplina. A multimodalidade, na verdade, é constitutiva de outros aspectos (além da configuração genérica) que fazem parte da interação pela linguagem, como, por exemplo, as práticas referenciais.

Vimos, no capítulo anterior¹⁶⁸, que Mondada (2005) propõe um trabalho no qual considera o papel das práticas multimodais na produção de referentes. Comungamos com a ideia de que tais práticas são por demais essenciais à comunicação para que sejam negligenciadas, porém temos a intenção de investigar os aspectos multimodais da construção referencial sob um prisma diferente do escolhido por essa pesquisadora (e também por BENTES & RIO, 2005). Ela privilegia a investigação de situações de interação síncrona, e por isso pode falar, muito apropriadamente, sobre o papel da multimodalidade na construção colaborativa e simultânea dos objetos de discurso. Interessa, nesse caso, observar como a

¹⁶⁸ Item 3.2.2.4 – “Práticas referenciais e multimodalidade”.

orientação do olhar contribui para que os sujeitos em interação organizem sua participação no que diz respeito a seu papel na negociação de sentidos.

O que há, nesse plano de consideração da multimodalidade, é uma ideia de que os recursos não verbais compreendem o entorno paraverbal (nos moldes do que é dito nas análises de interação face a face). Há, aqui, ainda, uma distinção entre o cotexto (exclusivamente linguístico) e o que lhe é exterior (os modos semióticos aplicados aos recursos paraverbais, principalmente, os da alçada da visão). Com essa observação, não queremos criticar a orientação assumida por Mondada, sobretudo porque o programa de pesquisa baseado nesse quadro, além de altamente produtivo, propõe, de fato, uma abordagem que salienta um necessário olhar integrador sobre o intra e o extra linguístico-discursivo. Pretendemos, apenas, deixar claro o feitiço da proposta, para que possamos caracterizar melhor o redimensionamento que tencionamos dar.

Em nosso caso, não efetivamos uma análise das situações de interação síncrona, de modo que uma ênfase no papel dos recursos paraverbais na negociação de sentidos não nos interessa. Analisamos a multimodalidade em outra dimensão, como parte da materialidade manifesta na superfície textual, pertencente, portanto, ao cotexto. Nosso foco recai sobre textos construídos sob a égide da junção de diferentes modos semióticos (com destaque para verbo e imagem).

Assumimos, com isso, que, por exemplo, quando assiste a um filme ou a um seriado de televisão, o interlocutor reconhece como texto o “conjunto da obra”. Não se trata de entender como elementos separados as falas dos personagens e a imagem dos personagens durante as falas, ou de considerar a organização do “cenário” como elemento secundário para a produção dos sentidos, como se esses recursos fossem complementares ao texto propriamente dito. Tudo faz parte do (co)texto, porque os elementos se mostram integrados na materialidade, a fim de que, a partir deles, se promova a compreensão.

Por isso, não nos cabe discutir, da mesma maneira que Mondada, a multimodalidade em termos de construção negociada dos referentes. Nosso objetivo é abordar, sim, a relação entre referenciação e multimodalidade, mas enfatizando o papel dos recursos multimodais como ferramentas utilizadas pelo enunciador na concretização de seu projeto discursivo, para o que é necessário estabelecer certos caminhos de interpretação dos referentes. No caso específico dos textos audiovisuais que selecionamos para análise – quatro episódios de um seriado de televisão nos quais há uma “surpresa” a ser revelada durante a história – pretendemos descrever como as estratégias referenciais esperadas pelo enunciador seriam assumidas pelos interlocutores.

Nossa sugestão de investigar o papel da imagem na construção da referência assenta na hipótese de que os elementos visuais dos textos também fazem parte dos recursos passíveis de “gerar” a referência, atuando de modo semelhante aos elementos linguísticos. Inicialmente, mostramos a pertinência de tal suposição com a análise sobre o exemplo (12), o qual reproduzimos novamente.

(12)

Lembramos que, em (12), a expressão referencial “desta situação” estabelece uma espécie de encapsulamento: um conjunto “proposicional” é condensado e passa a ter status referencial. Interessa destacar, nesse exemplo, que o conjunto encapsulado não é de natureza linguística, mas, sim, visual. O que se vê, então, é a manifestação de uma conhecida estratégia referencial, até então investigada apenas sob a alçada do linguístico, como resultante da inter-relação entre as partes verbal e não verbal do texto¹⁶⁹.

Isso, por si, já seria um dado indicativo de que, de fato, as imagens de um texto podem ter o mesmo estatuto do conteúdo verbal quando se trata do papel das estruturas cotextuais na construção da referência. Contudo, pensamos que ocorrências como (12) se encontram, ainda, no plano do que chamamos de relações mais pontuais estabelecidas no cotexto. Claro que não desmerecemos a importância de tais ocorrências, mas defendemos que apenas isso não chega

¹⁶⁹ Kress & van LEEUWEN (2006, p. 102) também comentam que o encapsulamento anafórico (chamado pelos autores de “nominalização”) é uma estratégia realizável a partir da integração entre o verbal e o não verbal.

a ser suficiente dentro do paradigma que abraçamos, em virtude de assumirmos um panorama ainda mais complexo dos processos referenciais.

Se defendemos que a referenciação é um fenômeno submetido a diversos tipos de relação entre as partes do texto, e dessas com os elementos contextuais sociocognitivos, devemos assumir que a forma como as imagens participam do processo também é múltipla, de modo que não se trata, apenas, de considerar o papel das imagens na construção de “anáforas”. Em trabalho anterior (CUSTÓDIO FILHO, 2009), mostramos indícios de que a multimodalidade está associada a esse caráter complexo da construção referencial, a partir de uma análise da construção dos referentes equivalentes aos dois personagens principais de um filme. Na ocasião, mostramos como a organização das imagens de uma mesma cena, apresentada duas vezes sob perspectivas diferentes, promove a recategorização dos personagens.

Essa análise preliminar nos motivou a insistir que o tratamento das relações entre multimodalidade e referenciação é uma empreitada produtiva. Nas análises que propomos nesta tese, no capítulo 5, desenvolvemos melhor essa relação, na medida em que apresentamos uma descrição mais completa da integração entre o verbal e o não verbal. Mostramos que o papel do verbal na construção da referência é redimensionado, não apenas porque ele divide a materialidade textual com outros modos semióticos, mas também porque a situação de interação longa demanda um processamento textual diferenciado.

Vejamos, então, na próxima seção, as relações entre referenciação e distintas interações.

4.4 Sobre os tipos de interação

Já dissemos, no capítulo 2¹⁷⁰, que a Linguística Textual, *grosso modo*, faz formulações gerais sobre o funcionamento dos textos tomando por base situações de interação ininterruptas com textos curtos. Também já nos posicionamos em relação à limitação dessa prática, pois ela deixa de lado uma gama de situações de interação que podem suscitar o esclarecimento de mecanismos de estruturação e de compreensão textual diferentes dos normalmente elencados. Para a temática da referenciação, a limitação diz respeito à não consideração de uma série de

¹⁷⁰ Seção 2.3 – “A operacionalização das análises em Linguística Textual: em favor da diversificação das situações de interação analisáveis”.

princípios e estratégias constitutivos do fenômeno, os quais pretendemos explicar/descrever no próximo capítulo.

Essa generalização das estratégias textual-discursivas para qualquer tipo de interação acaba por provocar uma perceptível contradição entre os pressupostos assumidos e as análises empreendidas. De um lado, a proposta sociocognitivista insiste numa abordagem de investigação dos textos que vá além da materialidade, considerando-se que a produção de sentidos requer a mobilização de uma gama de conhecimentos construídos no entrecruzamento do aparato cognitivo com o sociodiscursivo. De outro lado, as análises se limitam a reconhecer/explicar as estratégias textual-discursivas como sempre manifestadas por recursos linguísticos específicos.

No âmbito da referenciação, a contradição se percebe, no caso da primeira tendência, na assunção de que a construção referencial deve ser confirmada, em algum momento, por uma expressão referencial. São considerados vários pressupostos definidores da complexidade do fenômeno, mas tal complexidade não pode ser vislumbrada num esquema que ultrapasse o sintagma nominal referencial.

Defendemos que uma das características marcantes dos estudos da segunda tendência é a tentativa de propor análises mais coerentes em relação aos pressupostos assumidos. Nesse sentido, a posição de Cavalcante sobre a construção de referentes sem menção referencial, acrescida de nossa reflexão sobre as recategorizações independentes dessa menção, revela um passo importante. Essas contribuições assumem, como elementos interdependentes, a complexidade do fenômeno e a necessidade de, verdadeiramente, ir além do linguístico. Trata-se, a nosso ver, de um avanço importantíssimo.

Creemos, contudo, que, se queremos propor explicações sobre a interação mediada por textos, é preciso avançar ainda mais, e aqui insistimos na investigação de situações de interação com textos longos. Mesmo em análises da segunda tendência, vemos que as explicações da construção/transformação de referentes independentes das introduções referenciais e das retomadas são baseadas, amplamente, no entorno linguístico do texto. Relembremos os exemplos analisados com base nessa nova perspectiva.

- (39) – Antes de começarmos, por favor, me diga uma coisa, o que o senhor fazia no emprego anterior?
 – Eu era funcionário público!
 – OK! O senhor pode contar até dez?
 – É claro! Dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, valete, dama, rei e ás.

(51) Que vergonha ver a atual prefeita censurar o uso de imagens de Ciro e Lula, grandes companheiros de Patrícia, no horário eleitoral! Será que essa prefeita tem vergonha de ver que Patrícia foi vice-líder de Lula no Senado??? Será que ela não se contenta em ver Lula longe dela, tal qual em

2004, quando o presidente estava com Inácio Arruda??? Antes era uma defensora da democracia, agora, no poder, se vestiu com as piores armas do autoritarismo e da censura! Liberdade de expressão JÁ! Patrícia é MULHER de RESPEITO e quer apenas ter o direito de mostrar a sua biografia, pena que a prefeita se [de]sespera com o passado histórico dela!

Nesses dois exemplos, a construção referencial que prescinde da confirmação por sintagmas nominais se efetiva, em nossa análise, pelo reconhecimento, em detalhes, do material linguístico. Claro que já é um avanço considerar que 1) esse material linguístico pode ser de natureza e extensão variada e 2) o processamento sobre esse material pode ativar referentes os mais diversos. Contudo, para nós, permanece em aberto uma questão: será que, em textos mais longos, a determinação bem delimitada de recategorizações é suficiente? Consideremos, por exemplo, o estatuto de um personagem em um filme. Não parece que a construção referencial sobre esse objeto se resolva apenas com poucas e definidas recategorizações.

Sugerimos que esse processo pode acontecer de forma diferente, e a investigação de situações de interação ininterrupta com textos longos e de interação interrompida pode providenciar momentos para uma observação específica deste aspecto da compreensão dos referentes. Levantamos, assim, a hipótese de que as interpretações atinentes aos objetos de discurso parecem ser conduzidas por um processo referencial que abriga a possibilidade de várias recategorizações (diferentes inclusive quanto a sua natureza) acontecerem, com o objetivo de realizar etapas funcionalmente dirigidas. Isso quer dizer, de um lado, que a construção dos referentes (pelos menos os centrais) em textos longos se pauta por numerosas recategorizações, as quais podem informar sobre diferentes aspectos dos objetos; de outro lado, que essas numerosas recategorizações podem ser organizadas em blocos funcionais.

Esse é um expediente ainda não discutido no que toca à referenciação, exatamente porque não há uma preocupação em se analisarem situações de interação com textos mais longos e/ou com contatos mais espaçados do interlocutor com o texto. Nessas situações, as estratégias de abordagem do texto parecem se pautar, mais explicitamente, pela necessidade de otimização do substrato a ser significado.

Vislumbramos, assim, mais uma possibilidade de contribuição teórica para o estudo da referenciação, na medida em que, a partir de uma metodologia mais planejada, poderemos explicitar o fenômeno em seus aspectos constitutivos. Pensamos que a contribuição pretendida configura-se como uma via de mão dupla: de um lado, a investigação feita à luz de uma nova proposta sobre os tipos de texto analisados poderá explicar melhor o fenômeno da referenciação; de outro, uma análise das estratégias referenciais nestes moldes poderá

fornecer informações preciosas para a discussão maior sobre o conceito de texto e de processos referenciais.

Para a análise que apresentamos no próximo capítulo, selecionamos textos de ficção nos quais ocorre uma explícita quebra de expectativa sobre a construção de um ou mais personagens envolvidos na história. O foco na surpresa revela-se um “local” privilegiado para investigar os múltiplos fatores envolvidos nos processos de recategorização referencial. Essa situação exige a “ação” do sujeito, que precisa propor um sentido para o texto, provavelmente diferente do que vinha sendo construído, o que cria um ambiente interessante para resgatar as motivações (con)textuais necessárias ao trabalho sociocognitivo. Dessa forma, a análise da construção dos referentes em tais situações demanda, obrigatoriamente, uma explicitação das estratégias interpretativas, do que decorre a reflexão sobre como o substrato material do texto é tratado pelos interlocutores.

Com isso, encerramos nossa exposição sobre os próximos passos nos estudos da referenciação. Resta, ainda, condensar as informações num bloco coeso, para que fique clara a unidade do caminho percorrido até aqui, o que será fundamental para a definição dos passos analíticos. Para tanto, na próxima seção, apresentamos o panorama geral do que foi discutido, com vistas a fornecer as orientações sobre os critérios de análise utilizados no capítulo seguinte.

4.5 O caminho da pesquisa: orientação da análise a partir dos próximos passos

Os princípios organizadores do fazer científico sobre a referenciação característicos da segunda tendência, considerando tanto as contribuições apresentadas no capítulo anterior quanto os acréscimos que fizemos neste capítulo, são os seguintes:

- 1) a construção de referência, no que diz respeito aos elementos do cotexto, se efetiva a partir da integração de diferentes partes (tanto na natureza quanto na extensão) da materialidade verbal;
- 2) todas os modos semióticos de um texto, por fazerem parte de sua materialidade, são substrato para a elaboração de objetos de discurso;
- 3) o estabelecimento e a transformação de referentes pode se dar sem a menção referencial cotextual;

- 4) a recategorização referencial é um processo eminentemente discursivo, não linear;
- 5) o processo de construção e transformação dos referentes demanda operações cognitivas de reelaboração do conteúdo textual com vistas a organizar as recategorizações em etapas funcionais;
- 6) a retomada de referentes pode ocorrer entre (co)textos distintos.

Nesses princípios de base, encontramos a síntese que revela o direcionamento escolhido para esta tese: partindo de uma proposta que reconhece a inter-relação intrínseca entre linguagem, conhecimento, inteligência e ação social, estabelece-se a primazia do texto como elemento central da mediação do homem com o mundo; esse objeto, de teor multifacetado, comporta materialidades semióticas a partir das quais se realizam as operações de produção dos sentidos e das referências; essa produção se organiza, a nosso ver, de acordo com os princípios elencados. Assim, cremos ser possível garantir, ao processo da referenciação, a complexidade que a proposta sociocognitivista já prevê em suas formulações de base.

O quadro esboçado permite o alargamento dos estudos para dar conta de ocorrências que não seriam adequadamente explicadas dentro do panorama da primeira tendência, a qual investe na formalização da referência por meio de um sintagma nominal. Embora reconheçamos que isso ainda é muito importante, optamos por destacar, nesta tese, que as estratégias analisadas/vislumbradas ao longo deste capítulo (bem como aquelas do capítulo anterior atinentes à segunda tendência) não dizem respeito a “maneiras especiais” de realizar a construção referencial. Na verdade, consideramos tais estratégias como frequentes (e talvez constitutivas, em alguns casos) na interação. Se assim o for, teremos aberto novos campos de investigação para o estatuto da referenciação, o que justifica, em última instância, nossa proposta de pesquisa.

Considerando-se, preliminarmente, o papel da materialidade textual, é imperioso defender que as propostas classificatórias calcadas nas expressões referenciais devem dividir o espaço com outras possibilidades de organização científica. Dentro do panorama que ora se esboça, mesmo quando, em um texto, houver relações “prototípicas” entre introduções referenciais e anáforas diretas, entre âncoras e anáforas indiretas, e mesmo quando as recategorizações se moldarem ao esquema básico da primeira tendência (o que, para nós, dificilmente ocorrerá), não é isso, apenas, que garante a construção da referência. O desgarrar-se dos supostos limites formais do fenômeno demanda uma outra forma de sistematização, e,

se isso gerará ou não propostas classificatórias razoavelmente estáveis, é algo que deixamos para discutir posteriormente.

Essa postura “desconstrutivista” é insuficiente se não for acompanhada do compromisso de encarar um enorme desafio: uma vez que a materialidade textual, no que toca ao estudo da referenciação, não se limita à localização e ao eventual valor semântico-discursivo das expressões referenciais, o que se deve analisar? O que, afinal de contas, será colocado no lugar da introdução e das retomadas nominais? Claro que essa resposta, a partir de tudo o que defendemos nesta tese, demanda o reconhecimento de uma participação muito maior dos diversos substratos materiais no processo de elaboração da referência. Isso implica que a matriz verbal deve ser mais ampla (como sustentamos no princípio 1 e no princípio 3) e também que, quando se trata de textos multimodais, apenas essa matriz não é suficiente (como se vê no princípio 2).

No plano da matriz verbal, sugerimos que outros substratos, além das expressões referenciais, devem ser levados em conta na descrição dos processos. Mencionamos, especificamente, os adjetivos que não acompanham um sintagma nominal (ou seja, que funcionam como sintagmas adjetivais independentes, o que ocorre com a função de predicativo) e os conteúdos linguísticos mais amplos (uma ou mais “frases”) que contribuem para a construção de um referente, porque, por exemplo, indicam uma ação ou dão notícia de um fato relevante.

No plano da matriz visual, a definição de categorias razoavelmente específicas é mais complicada. Como já vimos no capítulo 2¹⁷¹, as propostas hegemônicas de estudo da imagem fogem à perspectiva sociocognitivista. A Gramática do Design Visual pretende reconhecer as regularidades “sintáticas” das imagens (e apenas delas, sem levar em conta as interseções com outras semioses), de modo a definir a distinção entre imagens narrativas e relacionais e, dentro das narrativas, a distinção entre imagens que exprimem processo e que exprimem circunstâncias e, dentro das que exprimem processo, a distinção entre agentivas e não-agentivas etc. A sistematização da imagem em certos subtipos recorrentes, tomados de acordo com uma análise isolada, não é suficiente para a compreensão sobre qual é, de fato, o papel de uma imagem na tessitura textual, em que os fatores contextuais e a dinâmica de processamento são fundamentais.

Igualmente insuficiente é, para nós, a abordagem semiótica da matriz visual, conforme a reflexão de Santaella (2005) a partir dos princípios peircianos. Nesse quadro teórico,

¹⁷¹ Ver subseções 2.2.2 (“A Gramática do Design Visual”) e 2.2.3 (“A matriz da linguagem visual”).

importa descrever (assumindo-se que isso seja possível) o que os signos visuais têm de intrínseco, de constitutivo, independentemente da forma como a recepção possa ocorrer. Ainda que, a partir dessa ótica, seja possível encontrar elementos significativos importantes do signo visual, a desconsideração da interação deixa de fora uma série de aspectos relevantes para a compreensão do signo em uso.

Nas duas propostas, investe-se na função primordial da imagem (ou o seu valor gramatical ou o seu valor semiótico intrínseco) como o elemento mais fundamental na veiculação dos sentidos, como aquilo que dá conta de explicitar qual o seu significado. Ambas, portanto, deixam de lado o que para nós é crucial: a compreensão dinâmica da imagem, que só é realmente significada na interação, em relação a todos os outros elementos cotextuais e a todos os princípios textual-discursivos regentes do contexto sociocognitivo mais amplo. Olhar para menos que isso é, a nosso ver, limitante e pouco pragmático (ainda que as duas propostas se digam pragmáticas).

Dentro do arcabouço sociocognitivista que determinamos como fundamental, não vemos, no momento, como propor categorias discriminativas dos tipos de imagem sem cair na mesma limitação das teorias que criticamos. Uma suposta saída seria reiterar nossa crença de que a semiose visual pode ocupar o mesmo lugar da semiose verbal no processamento da referência e, a partir daí, determinar, para a imagem, categorias equivalentes às da matriz verbal. Ocorre, contudo, que este trabalho também destaca algumas críticas às categorias verbais normalmente elencadas para o estudo da referência, em favor de uma proposta que, mais intensamente do que se vê normalmente, aposte na instabilidade constitutiva do fenômeno, de onde vem a multiplicidade de manifestações. Querer, então, tratar a imagem em termos de introdução, anáfora, encapsulamento etc. é, também, reducionista.

De fato, para a matriz verbal, em substituição aos quadros classificatórios erigidos em torno da supremacia da menção anafórica, propomos a discriminação das entidades linguísticas intervenientes do processo (expressão referencial, sintagma adjetival independente e conteúdo linguístico mais amplo). Além de considerarmos essa “divisão” mais produtiva para explicar o fenômeno (conforme ficará mais claro no próximo capítulo), ela decorre da nossa necessidade, como analista, de reconhecer a não exclusividade da expressão referencial. Contudo, ainda que quiséssemos, não seria possível extrapolar e propor categorias semelhantes para o estudo da imagem, porque nosso entendimento atual dessa matéria não nos permite encará-la do ponto de vista essencialmente sintático – não concebemos a imagem como uma estrutura maior passível de subdivisões em partes funcionais também significativas. Entendemos como mais apropriado não propor divisões “linguísticas” para as

imagens analisadas, haja vista não reconhecermos, em tais divisões, uma interferência na maneira como ocorre o processamento da referência.

Insistimos, mesmo reconhecendo as diferenças estruturais de cada modo semiótico, que imagem e verbo podem realizar as mesmas funções no que diz respeito ao tratamento da referência. Conforme veremos no próximo capítulo, ambos são conteúdos interpretáveis, e é dessa forma que “entram” no processamento (socio)cognitivo. Se há distinções na forma como a mente resolve tratar um e outro, isso não desmerece a constatação de que a imbricação deles é fundamental em tal processo.

Do ponto de vista da materialidade, portanto, à luz dos princípios 1 e 2, determinamos como elementos analisáveis o conteúdo verbal, que inclui a expressão referencial, mas não se limita a ela, e o conteúdo imagético. Consideramos, em nossa análise, consoante o princípio 3, que as relações entre as duas semioses devem ser observadas com vistas a reconhecer seu papel na apresentação e transformação dos referentes.

Além da materialidade (que responde a “o que analisar”), é preciso considerarmos o trabalho dos sujeitos (que responde ao “como analisar”). Nesse sentido, partimos dos princípios 4 e 5, pois descrevemos as “idas e vindas” do interlocutor quando em contato com os textos (princípio 4), ao mesmo tempo em que formulamos uma explicação para o trabalho de seleção das informações relevantes na interpretação (princípio 5).

O princípio 6 será relevante para a análise de um dos nossos exemplares: os episódios de um seriado de televisão. Ao analisarmos como um determinado personagem desse seriado é construído ao longo de quatro episódios, temos de recorrer a esse princípio para fornecer as devidas explicações.

De todo este trabalho, cremos ser capazes de fornecer uma descrição/discussão que contribua para um entendimento mais pleno da ação de referir.

5 INTEGRAÇÃO DE MÚLTIPLOS FATORES PARA A CONSTRUÇÃO DA REFERÊNCIA: REDIMENSIONANDO O VERBAL E ACRESCENTANDO O IMAGÉTICO

Um está sempre no escuro, só no último derradeiro é que clareiam a sala. Digo: o real não está nem na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

(Riobaldo, em *Grande sertão: veredas*)

Neste capítulo, apresentamos nossa análise e discussão dos resultados. Com base nos postulados assumidos pela segunda tendência em referenciação, mostramos como ocorre a construção de alguns objetos de discurso presentes em um conto e em um seriado de televisão (nos seus quatro primeiros episódios). A descrição apresentada propõe uma compreensão sobre como os múltiplos fatores (materiais e extramateriais) se integram com vistas à construção dos referentes (e dos sentidos).

Na primeira seção, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para a coleta e análise dos dados. Justificamos os recortes feitos e apresentamos as categorias de analíticas utilizadas na investigação. Na segunda seção, apresentamos a análise dos textos. Para cada um, propomos uma descrição seguida de uma discussão. A discussão mais global, com vistas a destacar as contribuições resultantes da análise e a sinalizar as questões teóricas que podem ser redimensionadas a partir deste trabalho, é feita nas considerações finais.

5.1 Aspectos metodológicos

5.1.1 Universo e amostra

Via de regra, a prática nas pesquisas sobre uma determinada estratégia textual-discursiva, no que diz respeito à escolha do universo a ser investigado, consiste em selecionar um “nicho” específico (por exemplo, um dado gênero textual, um dado domínio discursivo ou uma dada sequência textual), dentro do qual o fenômeno será investigado. Costa (2007), por exemplo, discute a acessibilidade referencial a partir de mensagens de uma lista de discussão;

e Ciulla e Silva (2008) exemplifica as funções discursivas das expressões referenciais com excertos de contos literários.

A escolha de um universo textual específico, em detrimento de uma análise que contemple textos pertencentes a diversos gêneros e/ou domínios discursivos e/ou sequências, assenta na crença de que, conforme Costa (2007, p. 12), alguns fenômenos cognitivo-discursivos, embora presentes na comunicação em geral, aparecem, de forma mais evidente, em contextos específicos. A determinação do universo de investigação é, portanto, guiada pela possibilidade de tal universo apresentar mais facilmente o fenômeno analisável, o que garante ao pesquisador maior probabilidade de coletar dados relevantes. Seguindo esse mesmo princípio, estabelecemos o recorte de nosso universo em dois níveis. Num nível mais global, decidimos trabalhar com gêneros da ordem do narrar¹⁷²: um conto e um seriado de televisão. Num nível mais específico, selecionamos narrativas que promovem uma quebra de expectativa em relação à maneira como pelo menos um dos personagens vinha sendo apresentado.

A escolha por textos que apresentam esse tipo de “surpresa” decorre da constatação de que o processamento em torno da modificação do personagem, aos olhos do interlocutor, implica necessariamente o fenômeno da referenciação, mais precisamente, da recategorização referencial. As informações que provocam mudanças na forma como o personagem vinha sendo construído praticamente obrigam o interlocutor a agir “metacognitivamente”, no sentido de compreender por que vinha assumindo a “versão anterior” e por que deve assumir a “nova versão”. Além disso, o processo envolvido em tal recategorização, muitas vezes, incita o interlocutor a perceber que as pistas indicadoras da “nova versão” já estavam presentes no cotexto precedente¹⁷³. Essa estratégia solicita uma ação do sujeito em torno dos referentes construídos e modificados, o que permite uma análise dos múltiplos fatores acionados para a construção referencial.

Os textos analisados são os seguintes:

- conto: “Obscenidades para uma dona de casa”, de Ignácio de Loyola Brandão;

¹⁷² Sobre essa nomenclatura, ver Schneuwly & Dolz (2004).

¹⁷³ Esse procedimento é percebido nos romances policiais (embora não seja exclusivo dessa prática discursiva), em que um ou mais personagens vêm aparecendo como prováveis culpados, até que, no final da história, uma revelação indica que o culpado é outro personagem (e as pistas para que se descobrisse isso já estavam no texto). Também os livros e filmes de suspense lançam mão desse expediente. Um exemplo conhecido encontra-se em *O sexto sentido*: o personagem do ator Bruce Willis, um psicólogo, começa a tratar de uma criança que diz ver (e conversar) com pessoas mortas. Ao final, descobre-se que o psicólogo era também uma das pessoas mortas vistas pela criança. Uma segunda “leitura” da obra comprova que, desde o início, seria possível perceber essa recategorização.

- seriado de televisão: os quatro primeiros episódios da primeira temporada de *Lost*, criado por J. J. Abrams e Damon Lindelof.

A amostra contempla um exemplar do meio impresso e um do meio audiovisual, considerados, a partir do que discutimos na seção 2.3 (“A operacionalização das análises em Linguística Textual: em favor da diversificação das situações de interação analisáveis”), como texto longo normalmente vazado em interação ininterrupta e texto longo vazado em interação interrompida, respectivamente. A opção por analisar um texto impresso e um texto caracteristicamente multimodal visa a atender aos nossos objetivos de investigação. Um deles diz respeito à participação dos elementos multimodais na construção da referência; outro propõe a análise de elementos da materialidade verbal que não se limitem às expressões referenciais. Se optássemos por textos do meio audiovisual apenas, poderíamos dar a entender que as “novidades” sobre recategorização ocorreriam somente neles, o que, conforme se vê adiante, não é verdadeiro.

A opção por analisar um seriado permite, ainda, que discutamos a recategorização referencial entre textos diferentes. A análise desse exemplar nos permitirá continuar a discussão lançada por Costa (2007) a respeito das retomadas anafóricas em cotextos distintos, o que demanda uma reflexão sobre os limites do texto.

Nosso trabalho pretende dar conta do fenômeno de continuidade referencial, ou seja, analisamos os múltiplos fatores com vistas a entender como determinados objetos de discurso se apresentam e se transformam ao longo das interações. Localizamo-nos, então, no domínio da correferência, contudo alargamos o espectro a fim de englobar mecanismos outros que não apenas as menções correferenciais. Os referentes escolhidos, em cada exemplar da amostra, são os seguintes:

- no conto: os personagens <dona de casa>, <marido da dona de casa> e <escritor das cartas>;
- no seriado: o personagem <John Locke>.

Tanto num quanto noutro caso, poderiam ser outros os referentes a serem investigados, principalmente no seriado, em que John Locke divide o papel de protagonista com outros personagens. A escolha deveu-se à participação direta de tais personagens na quebra de expectativa. Além disso, seria possível propor investigações em que, em vez de perceber a construção específica de um ou mais personagens, seja focalizada outras formas de relações referenciais (por exemplo, as relações indiretas ou a determinação da hierarquização entre

referentes de um texto). Nosso recorte, portanto, é apenas isso: uma entre outras possibilidades de investigação do fenômeno à luz dos postulados enfatizados.

5.1.2 *Procedimentos de coleta*

Levando-se em conta que, bem antes de propormos essa investigação, já havíamos tido contato com os textos escolhidos, um procedimento anterior à coleta foi necessário: a releitura¹⁷⁴ dos exemplares, com vistas a determinar que referentes seriam focalizados em cada obra. Em seguida, procedemos à coleta dos dados, que consistiu em providenciar uma “superfície impressa” dos textos, sobre a qual nós pudéssemos trabalhar. No caso do conto, o trabalho limitou-se a encontrar uma versão digitalizada do texto, facilmente obtida por meio da internet¹⁷⁵.

Para o seriado, o trabalho revelou-se mais extenso, pois foi preciso transcrever as falas dos personagens e apresentar, verbalmente, uma descrição das imagens (no que diz respeito a cenário, movimentação dos personagens, expressão facial, recursos narrativos etc.). O procedimento para chegarmos ao produto que seria posteriormente analisado consistiu em assistir às cenas, pausar em determinados momentos e escrever os diálogos e a descrição das imagens; frequentemente, voltávamos a cena, para completar o trabalho de escrita.

O produto final resultou em “relatórios” das cenas, parecidos com os roteiros de peças teatrais e de filmes, no quais, além dos diálogos, o enunciador coloca marcações sobre o cenário e a caracterização dos personagens. A diferença é que esses textos são produzidos para se transformarem em outro produto, que pode (e na maioria das vezes o é) ser modificado, a depender, por exemplo, da direção e da interpretação. Nossos relatórios referem-se ao produto final, de modo que a descrição do aparato visual e a transcrição dos diálogos não são possibilidades que se concretizarão, mas elementos efetivamente observados (claro que, ainda assim, perspectivados por nossas limitações como telespectador e analista).

Utilizar um tratamento escrito dos dados analisáveis presentes no texto audiovisual pode parecer estranho, considerando-se que este trabalho tem como um dos objetivos

¹⁷⁴ Para simplificarmos e para sermos coerentes com a ideia de que o texto pode ser erigido a partir de diferentes modos semióticos, vamos chamar de *leitura* o ato de interagir com os textos de nossa amostra, o que engloba tanto o texto impresso quanto o audiovisual.

¹⁷⁵ Disponível em http://www.releituras.com/ilbrandao_obsценidades.asp. Último acesso em 16 jan. 2011. Uma versão impressa do conto encontra-se em MORICONI, I. (Org.). **Os cem melhores contos brasileiros do século**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, p. 471-477.

investigar o papel da semiose visual na construção da referência. Um olhar mais desavisado pode supor, em tal procedimento, uma subordinação da imagem ao verbal, o que, no final das contas, revelaria uma grave incoerência entre o que vimos defendendo ao longo de toda esta tese e a análise que ora se efetiva. Contudo, tal restrição se revela, muito mais, como uma limitação do gênero discursivo – tese acadêmica – que orienta a interação entre o pesquisador e seus virtuais leitores.

Uma tese de doutorado é um gênero de concepção escrita (ou seja, planejado para ser lido por alguém) e com apresentação gráfica (ou seja, veiculado em uma superfície impressa). Dentro do *continuum* oralidade-escrita proposto por Marcuschi (2007), esse gênero encontra-se na “ponta” do espaço reservado aos gêneros essencialmente escritos, por isso decidimos operacionalizar a análise a partir dessa retextualização. Em vista de tal decisão, foi muito natural, em nosso percurso investigativo, reconhecer, desde o princípio, a impossibilidade física de colocar na superfície do impresso (papel ou tela) os movimentos inerentes aos gêneros audiovisuais. Isso não impede, contudo, de propormos uma descrição desses gêneros, a partir dos pressupostos que elencamos como fundamentais.

Em outras palavras, reiteramos que o tratamento de coleta por nós escolhido não significa que o processo de construção da referência se subordina, em última instância, a um processamento exclusivamente verbal dos textos. O que está subordinado ao verbal é a necessária descrição científica que precisamos operar, e disso não há como fugir. Nossa “descrição escrita” dos episódios do seriado tem por objetivo, pois, permitir a comunicação de nossos resultados à comunidade científica a que estamos filiados. Talvez, no futuro, quando a tecnologia permitir, com mais facilidade e precisão, uma mescla entre os modos semióticos tal que os suportes textuais de uma tese possibilitem a veiculação de imagens em movimento, nós não mais precisaremos da exclusividade da descrição verbal.

5.1.3 *Categorias de análise*

No quadro a seguir, apresentamos as categorias escolhidas para investigar a construção dos referentes; em seguida, comentamos sobre a pertinência de cada uma delas.

Categorias da materialidade verbal (para o conto e o seriado)

- Expressão referencial que incide sobre os referentes escolhidos;
- Sintagma adjetival (ou oração adjetiva equivalente), em função de predicativo, que contribui para a (re)elaboração dos referentes escolhidos;
- Expressão referencial que incide sobre objetos de discurso diferentes dos referentes escolhidos;
- Construção linguística, mais ampla que a expressão referencial, que contribui para a (re)elaboração dos referentes escolhidos.

Categoria da materialidade visual (para o seriado)

- Imagem.

Quadro 2 – Categorias de análise.

Quanto às categorias da materialidade verbal, é fundamental (e óbvio) incluir as expressões referenciais que incidem sobre os referentes escolhidos, pois, como já dissemos, os princípios assumidos pela segunda tendência de forma alguma desprezam a importância do sintagma nominal (apenas afirmam que há algo mais).

A inclusão do sintagma adjetival com função de predicativo (ou seja, qualificações que não fazem parte de uma expressão referencial) sugere que, mesmo num trabalho de reconhecimento de formas mais pontuais, não é apenas a expressão nominal que determina a referência.

A categoria “expressão referencial que incide sobre objetos de discurso diferentes dos referentes escolhidos” demanda uma explicação sobre por que dividir as expressões referenciais em dois grupos. Como já dissemos, para cada um dos textos analisados, determinamos certos referentes sobre os quais incidem as análises. Uma vez que a quebra de expectativa é uma estratégia central nos dois textos, consideramos os referentes envolvidos em tal processo como centrais, e são estes os que vamos analisar em detalhes. Ocorre que, em muitos casos, a construção de um referente central não depende, apenas, das expressões utilizadas para (re)categorizar tal referente; outras expressões, que designam outros referentes mais periféricos, também interferem na compreensão sobre um referente central¹⁷⁶.

Para fins de esclarecimento, adiantamos aqui um exemplo: no conto “Obscenidades para uma dona de casa”, contribuem para que construamos o referente relativo ao escritor de cartas obscenas não apenas as informações que giram em torno desse personagem, mas também aquelas (inclusive as expressões referenciais) sobre as cartas escritas. Vê-se, então, que, mesmo quando se considera o plano estrito das expressões referenciais, as relações

¹⁷⁶ De certa forma, o esquema de análise da anáfora proposto por Bonomi (1991), apresentado no capítulo anterior, já dá conta disso.

textual-discursivas se revestem de uma complexidade para a qual as investigações recentes têm dado pouca atenção.

A categoria (por falta de nome mais adequado) relativa à “construção linguística” sinaliza para o fato de que, no plano verbal, a construção da referência não se limita ao reconhecimento de elementos pontuais. A partir de Leite (2007a, 2007b) e Lima (2007, 2009), constatamos que as relações cotextuais são “multidimensionais”, de modo que, por exemplo, uma “informação completa” (em que se inclui a predicação), e não apenas as expressões referenciais incluídas nessa informação, pode ser relevante para a recategorização de determinado referente. Julgamos, então, que uma análise que viabilize a participação mais “intensa” do cotexto precisa destacar, também, os elementos não pontuais.

Consideramos que a sugestão das categorias atinentes à materialidade linguística promove o redimensionamento do verbal na construção da referência, cuja descrição pormenorizada é uma das contribuições desta tese. Em outra frente, também nos dispomos a acrescentar, à descrição, o aspecto multimodal, a partir da crença de que a multissemiose, mais que elemento caracterizador de certos gêneros textuais, faz parte das estratégias textual-discursivas de construção da referência. A materialidade visual, portanto, responde por mais uma das categorias de análise, quando o foco incidir sobre o seriado.

A escolha por investigar o papel da imagem na construção da referência, nesta tese, foi uma decisão que implicou uma série de recortes. Em primeiro lugar, ao optarmos por estudar a multimodalidade, deixamos de fora o modo semiótico auditivo. Em segundo lugar, optamos por não determinar categorias específicas para a análise da imagem, em parte por defendermos que as categorias de perspectivas teóricas que já estudam a imagem não se moldam a um tratamento efetivamente pragmático, e em parte por julgarmos que, para o momento, o ineditismo de uma análise que integre materialidade visual ao processamento referencial já é uma contribuição bastante substancial, a qual, por si, já demanda um esforço tremendo por parte do pesquisador. Ao estabelecermos as coordenadas principais desse fenômeno, pensamos que já estamos produzindo uma contribuição relevante. A partir dessa fundamentação, as especificidades poderão ser, posteriormente, abordadas.

5.1.4 Procedimentos de análise

Determinados os referentes, obtidas as “superfícies de trabalho” e definidas as categorias analíticas, passamos à análise dos textos.

O primeiro passo consistiu em destacar, para cada texto, os elementos da materialidade textual participantes do processo de apresentação e recategorização de um dos referentes escolhidos. O mais importante, nessa etapa da análise, foi destacar todas as ocorrências associadas à construção dos referentes. Interessou, portanto, separar tais ocorrências daquelas que não estariam envolvidas (pelo menos de forma relevante) na elaboração dos objetos de discurso escolhidos.

O passo seguinte consistiu em classificar os processos de construção referencial presentes em cada texto. Para tanto, definimos os processos gerais de apresentação e mudança, e propusemos uma subdivisão para este último: mudança por acréscimo, mudança por correção e mudança por confirmação. Explicamos cada um desses processos na seção 5.2 (“Análise/discussão dos resultados”).

Com o objetivo de apresentar uma descrição mais clara dos processos de construção referencial, dividimos os dois exemplares em trechos, discriminando, em cada trecho, os processos encontrados. Para o os episódios do seriado, a divisão foi estabelecida por cenas, de modo que cada cena equivalia a um trecho. Para o conto, que não apresenta uma subdivisão de suas partes, estabelecemos, como critério divisor, a mudança de parágrafo.

Como resultado final da análise, obtivemos um bloco de trechos, para cada texto, com as seguintes informações: 1) conteúdo material do trecho (parte verbal e, quando for o caso, descrição da parte visual), com as categorias de análise destacadas (de acordo com o código estabelecido para cada texto); 2) análise da construção referencial, a partir das relações entre as partes da materialidade textual e destas com o aparato sociocognitivo-discursivo; 3) indicação das etapas de construção referencial encontradas (apresentação, mudança por confirmação, mudança por acréscimo e mudança por correção). Todos os trechos analisados (do conto e do seriado) encontram-se nos apêndices desta tese.

5.1.5 Tratamento dos dados

Pelo exposto até aqui, fica claro que investimos num tratamento qualitativo dos dados. Estabelecido esse tratamento, perde importância investigar, no nosso caso, a frequência com

que são usadas, nos textos escolhidos para a pesquisa, as estratégias referenciais responsáveis pelos sentidos produzidos. A seleção de nossa amostra se estabeleceu a partir da necessidade de vermos, detalhadamente, como atuam os fatores que elencamos como relevantes para a construção referencial, a fim de descrever como essa atividade ocorre. A intenção mais global envolvida em tal processo é propor uma reflexão que, a partir dos resultados verificados, possa contribuir para o desenvolvimento da proposta teórica à qual nos filiamos.

Assumimos, portanto, a decisão de fornecer uma interpretação qualitativa para os dados encontrados, a qual tem como cerne os critérios de análise selecionados (ver 5.1.3), compreendidos, principalmente, à luz dos pressupostos teóricos da segunda tendência dos estudos.

5.2 Análise/discussão dos resultados

As categorias de análise da construção da referência, para o universo de pesquisa por nós investigado, participam da quebra de expectativa sobre determinados personagens. O resultado da rede de relações construídas entre tais categorias configura dois processos básicos de (re)elaboração: *apresentação* e *mudança*; este último pode se efetivar por acréscimo, por correção e por confirmação. Vejamos as definições para cada uma dessas possibilidades.

O processo de *apresentação* diz respeito à maneira como um dos referentes escolhidos se manifesta na primeira vez em que aparece. Obviamente, esse processo só ocorre uma vez. Contudo, ele é absolutamente essencial para que os demais processos efetivem suas funções.

O processo de *mudança* engloba todos os acréscimos feitos aos referentes, os quais possibilitam a percepção de que tais referentes modificam o estatuto de sua significação ao longo do texto.

A *mudança por acréscimo* contempla os casos que imprimem modificações aos referentes escolhidos. Para cada um dos textos, temos elementos centrais que orientam a condição dos personagens. Esses elementos centrais, após apresentados, sofrem acréscimos que modificam sua situação inicial, mas que, diferentemente da correção, não promovem uma ruptura em relação à compreensão que até então tenha sido feita.

Adiantamos já aqui um exemplo dessa situação. No conto “Obscenidades para uma dona de casa”, o próprio título já fornece a apresentação da protagonista: ela aparece como

uma dona de casa que entra em contato com obscenidades. Posteriormente, vemos que essa dona de casa é, entre outras coisas, ansiosa e preocupada com o julgamento dos outros. Temos, nesses casos, mudanças por acréscimo. A personagem passa por uma modificação do seu estatuto, mas essa mudança ainda não é radical.

A *mudança por correção* consiste nas transformações diretamente envolvidas no efeito de surpresa e/ou, eventualmente, nas mudanças no estatuto dos personagens as quais se orientam em sentido contrário ao que se vinha construindo até então. Claro que as correções também são mudanças por acréscimo, mas, nesse caso, a modificação tem a função específica de corrigir a construção referencial, a fim, principalmente, de que a nova formulação cause impacto no interlocutor. Exemplos dessa etapa serão vistos nas análises.

A *mudança por confirmação* consiste na reiteração de algum traço do referente, que já havia sido apresentado anteriormente. Trata-se, portanto, de uma etapa em que é mantido o que já foi assentado por reelaborações anteriores. Embora, inicialmente, pareça paradoxal considerar que uma confirmação implique uma mudança, é importante ter em mente que a confirmação quase nunca é apenas uma mera repetição de características, mas, sim, uma estratégia de destaques necessários.

Parece-nos que a confirmação é um recurso essencial aos textos longos. No caso dos textos narrativos, a construção dos personagens e a verossimilhança que deve balizar suas ações carecem de uma ênfase em determinados traços. A cada vez que uma confirmação acontece, há um reconhecimento com alguma mudança, porque, por exemplo, a ênfase destacou algo que antes não vinha sendo ressaltado ou, ainda, uma mesma característica foi percebida a partir da ação do personagem em outro contexto. Se pensarmos que, mesmo nas narrativas em que não há quebra de expectativa, a evolução dos personagens pode passar por transformações radicais, podemos considerar que a confirmação tem a função de deixar ainda mais clara uma determinada representação para que, quando ocorrerem acréscimos e correções, os efeitos sejam ainda mais notados.

A estratégia de confirmação é normalmente desconsiderada pela literatura vigente, que prioriza a transformação (propriamente dita, que aqui achamos de “acrécimo”) do referente. Com o avanço decorrente dos estudos sobre a recategorização referencial, houve o forte interesse para a descrição do papel “dinâmico” da expressão referencial, de modo que a inclusão do novo sempre foi o pilar da progressão referencial. Em tal descrição, não há espaço para se estudar, no que diz respeito à referenciação, o papel da confirmação no percurso textual. Nesta tese, defendemos que a confirmação é uma estratégia referencial tão importante quanto o acréscimo, e fundamental para que este seja plenamente significativo.

Isso confirma nossa ideia de que situações diferentes de investigação, como as possibilitadas pela análise de interação com textos longos, permitem outras formulações sobre o papel de recursos textual-discursivos intervenientes na produção e compreensão de textos. No rol dos textos longos, a confirmação ganha destaque e pode ser mais plenamente descrita como recurso de significação (não esquecendo, contudo, que ela não é exclusiva desse tipo de texto).

O panorama dos processos referenciais é importante na medida em que a participação da materialidade textual na construção da referência só pode ser plenamente compreendida dentro desse esquema, o qual pressupõe um projeto discursivo a ser empreendido pelo interlocutor. Não custa insistir: aqui, não se trata mais apenas do reconhecimento da posição de uma expressão referencial numa cadeia de recategorizações; trata-se, sim, de investigar a recategorização, mas num plano muito mais global e, ao mesmo tempo, mais condizente com o que realmente se leva em conta nas interações via texto.

Descrito o processo referencial característico de nosso universo de pesquisa, vejamos como ele se manifesta, nos textos, a partir do acionamento de certas estratégias textual-discursivas de referenciação.

5.2.1 Análise/discussão do conto

O conto “obscenidades para uma dona de casa” tem como núcleo as ações, sensações e sentimentos de uma dona de casa que passa a receber cartas anônimas com conteúdo obsceno todas as segundas, quartas e sextas, deixadas por um carteiro na portaria do prédio dela. Na história, são personagens importantes, além da protagonista, o seu marido e o escritor das cartas. A seguir, apresentamos a construção desses três personagens, a partir do que se pode depreender da conjunção entre a materialidade textual e o aparato sociocognitivo.

A fim de propor uma descrição mais adequada da construção dos referentes escolhidos, definimos um código, em que destacamos tanto as categorias de análise quanto os referentes selecionados.

Categorias que participam da (re)elaboração do referente <dona de casa>: cor vermelha

Categorias que participam da (re)elaboração do referente <marido>: cor azul

Categorias que participam da (re)elaboração do referente <escritor das cartas>: cor verde

Expressão referencial que incide sobre os referentes escolhidos: negritada

Sintagma adjetival (ou oração adjetiva equivalente), em função de predicativo, que contribui para a (re)elaboração dos referentes escolhidos: sublinhado

Construção linguística, mais ampla que a expressão referencial, que contribui para a (re)elaboração dos referentes escolhidos: sombreado de amarelo (cada construção recebe um número, que a identifica dentro da análise)

Expressão referencial que incide sobre objetos de discurso diferentes dos escolhidos: italicizada

Quadro 3 – Código das categorias utilizadas na análise do conto.

Vejamos um exemplo de como esse código é utilizado. A seguir, apresentamos o primeiro parágrafo do conto, com as marcações pertinentes.

(1)Três da tarde ainda, ficava ansiosa. (2)Andava para lá, entrava na cozinha, preparava nescafé. Ligava a televisão, desligava, abria o livro. Regava a planta já regada, girava a agenda telefônica, à procura de amiga a quem chamar. Apanhava o litro de martíni, (3)desistia, é estranho beber sozinha às três e meia da tarde. Podem achar que **você é alcoólatra**. (4)Abria gavetas, arrumava calcinhas e sutiãs arrumados. Fiscalizava as meias do **marido**, (5)nenhuma precisando remendo. Jamais havia meias em mau estado, **ela** se esquecia que **ele** é neurótico por meias, (6)ao menor sinal de esgarçamento, joga fora. *Nem dá aos empregados do prédio, atira no lixo.*

No trecho, todas as marcações em vermelho referem-se a elementos que contribuem para a configuração do referente <dona de casa>; tais elementos dizem respeito às expressões referenciais (os pronomes “você” e “ela”, em negrito), aos adjetivos em função predicativa (“ansiosa” e “alcoólatra”, sublinhados) e às construções 1, 2 3 e 4 (sombreadas). As marcações em azul (mais uma vez, expressões referenciais, adjetivos e construções) dizem respeito aos elementos que contribuem para a construção do referente <marido>.

Em nossa codificação, o limite de cada construção inicia com a numeração e termina ou com o final do sombreado daquele trecho (como acontece com a construção 1) ou com o início de uma nova proposição (como se vê entre as construções 2 e 3).

Há casos em que uma construção ou uma expressão referencial que incide sobre objetos de discurso diferentes dos personagens escolhidos estão relacionadas a mais de um personagem. É o que ocorre com a expressão “empregados do prédio”. A proposição em que a expressão se encontra fornece um dado sobre o marido: sua preocupação com a qualidade das meias. Contudo, a expressão em si permite a elaboração sobre a classe social do casal (marido

e dona de casa). Nesses casos, para indicar que uma determinada categoria refere-se a mais de um personagem, optamos por usar uma mistura de cores (no exemplo, vermelho e azul).

O processo de construção referencial considerado por nós como pertinente implica perceber a apresentação e, principalmente, as mudanças por que passam os três personagens. A fim de percebermos como essa construção acontece durante a interação, optamos por, na análise do conto, apresentá-lo na íntegra. Com esse procedimento, cremos ser possível mostrar de forma mais fidedigna como se desenrola a construção referencial em um texto mais longo que os comumente analisados. Levando-se em conta, ainda, que a compreensão mais completa dos processos referenciais que sugerimos descrever (apresentação, acréscimo, correção e confirmação) demanda uma explicitação que extrapola em muito a menção a certa quantidade de excertos textuais, é imperativo, pelo menos nessa análise inaugural, uma descrição exaustiva.

Vejamos, então, como as (re)elaborações se manifestam, desde o título, onde se dá a apresentação da personagem principal, até o último parágrafo, em que a identidade do escritor das cartas é revelada. Para cada parágrafo, tecemos comentários sobre as mudanças mais pertinentes.

O título do conto apresenta a personagem principal – uma dona casa que entra em contato (“recebe”) com obscenidades. Percebe-se, já aqui, que a construção do referente não depende apenas da expressão referencial que o designa; também o referente estabelecido pela expressão “obscenidades” informa algo sobre a dona de casa. Considerando-se apenas o título, as obscenidades com que a dona de casa entra em contato não são especificadas: não se sabe se são palavras ditas, fotos ou filmes pornográficos, cartas... Isso confirma o que já afirmamos em outra parte deste trabalho¹⁷⁷: para manifestar um referente, uma expressão não precisa explicitar uma entidade precisamente bem delimitada.

Reproduzimos o primeiro parágrafo, para analisar o processo referencial dos personagens escolhidos.

1º parágrafo¹⁷⁸

(1)Três da tarde ainda, ficava ansiosa. (2)Andava para lá, entrava na cozinha, preparava nescafé. Ligava a televisão, desligava, abria o livro. Regava a planta já regada, girava a agenda telefônica, à procura de amiga a quem chamar. Apanhava o litro de martíni, (3)desistia, é estranho beber sozinha às três e meia da tarde. Podem achar que você é alcoólatra. (4)Abria gavetas, arrumava

¹⁷⁷ Subseção 3.2.1 – “A primeira tendência”.

¹⁷⁸ Na descrição aqui apresentada, nem todos os elementos linguísticos marcados recebem um comentário explicativo. Todos, contudo, equivalem à (re)elaboração de algum traço, conforme se pode observar nos apêndices desta tese.

calcinhas e sutiãs arrumados. Fiscalizava as meias do marido, (5)nenhuma precisando remendo. Jamais havia meias em mau estado, ela se esquecia que ele é neurótico por meias, (6)ao menor sinal de esgarçamento, joga fora. Nem dá aos empregados do prédio, atira no lixo.

A partir daqui, são feitos acréscimos ao referente <dona de casa>: ela é/está ansiosa (conforme explicita o adjetivo), espera por algo (construção 1) e procura ocupar o tempo com atividades rotineiras enquanto espera (construções 2 e 4); além disso, preocupa-se com o julgamento das outras pessoas (construção 3). Todos esses traços podem retornar como confirmação no desenrolar do texto.

Nesse mesmo parágrafo, é apresentado, por meio de expressão referencial, o referente <marido>, sobre o qual são feitos dois acréscimos: é bastante preocupado com o estado de suas meias (construções 5 e 6) e tem (e também a esposa) uma condição socioeconômica satisfatória/elevada. Observe-se que, até o momento, saber exatamente qual é a classe socioeconômica do casal não é relevante, de modo que, mais uma vez, atestamos que a precisão do referente ou de alguns dos seus traços pode não ser necessária; na verdade, em muitos casos, é exatamente a imprecisão que é buscada.

Já no primeiro parágrafo, observamos a produtividade das construções linguísticas para a construção do referente. A elaboração de que a dona de casa procura passar o tempo com atividades rotineiras é estabelecida pelo conjunto de orações que denotam prováveis ações da personagem. Não se trata, no caso, apenas de reconhecer os sintagmas nominais presentes nas construções; para estabelecer o traço referencial indicado, é preciso reconhecer o teor completo da informação.

2º parágrafo

Quatro horas, (1)vontade de descer, perguntar se o carteiro chegou, às vezes vem mais cedo. Por que há de vir? (2)Melhor esperar, pode despertar desconfiança. Porteiros sempre se metem na vida dos outros, qualquer situação que não pareça normal, ficam de orelha em pé. Então, (3)ele passará a prestar atenção no que o carteiro está trazendo de especial para a mulher do 91 perguntar tanto, com uma cara lambida. Ah, aquela não me engana! Desistiu. (4)Quanto tempo falta para ele chegar? (5)Ela não gostava de coisas fora do normal, instituiu sua vida dentro de um esquema nunca desobedecido, pautara o cotidiano dentro da rotina sem sobressaltos. Senão, (6)seria muito difícil viver. Cada vez que o trem saía da linha, era um sofrimento, ela mergulhava na depressão. Inconsolável, (7)nem pulseiras e brincos, presentes que o marido trazia, atenuavam.

A partir desse parágrafo, iniciam-se as confirmações. O traço referencial “ansiosa” retorna aqui (construções 1 e 4), bem como o traço “preocupada com o julgamento alheio” (construções 2 e 3). É possível perceber que as confirmações não são, de fato, meras repetições. Embora haja a manutenção dos traços, o contexto em que aparecem é diverso do anterior. Além disso, percebe-se que, no que toca à ansiedade, há um acréscimo propriamente

dito, pois somos informados, (a partir da anáfora indireta “o carteiro”) de que o motivo da ansiedade da dona de casa é algo que será trazido por um carteiro (provavelmente, uma carta, mas ainda não é possível ter certeza).

O parágrafo também traz acréscimos ao referente <dona de casa>. Ela não só se preocupa com o julgamento dos outros, como também julga negativamente os comportamentos diferentes. A expressão referencial dêitica “aquela”, utilizada em discurso indireto livre, apresenta, na visão da protagonista, um possível julgamento desfavorável que seria feito pelo porteiro; contudo, como a responsável por esse dizer é a dona de casa, infere-se que, na verdade, é ela quem costuma fazer esse tipo de julgamento.

Também são acréscimos os traços que categorizam a relação da dona de casa com a rotina: ela valoriza o “esquema nunca desobedecido” e a “rotina sem sobressaltos” (construção 5), e sofre quando essa esquema é quebrado (construções 6 e 7; expressões “um sofrimento” e “na depressão”; adjetivo “Inconsolável”). Observa-se que o traço “sofrimento com a quebra de rotina” é estabelecido a partir de diferentes estratos da materialidade verbal – sintagma adjetival, sintagma nominal referencial e construção linguística maior que a expressão.

Além desses acréscimos, cremos ser possível o leitor inferir qual o motivo por trás da valorização/necessidade da rotina pela dona de casa. Uma vez que ela é uma pessoa extremamente preocupada com o julgamento alheio, a possibilidade de que uma atitude ou ação sua fora do normal seja criticada é muito grande. Logo, há este outro traço a ser acrescido: necessita da rotina porque é muito preocupada com a opinião alheia. Salientamos que, para essa elaboração, há uma operação não linear – junta-se a informação mais atual àquela que já foi explicitada para se chegar a uma nova informação. Isso condiz com o que dissemos sobre a natureza constitutivamente não linear da recategorização referencial.

Finalmente, somos informados de um acréscimo sobre o referente <marido>: ele procura garantir/restaurar a normalidade da esposa com bens materiais. Esse dado, bem como o anterior sobre sua preocupação com as meias, será importante para uma posterior caracterização da personalidade desse personagem, o que implicará mais um movimento não linear.

Faz-se necessário, ainda sobre esse parágrafo, um comentário acerca da expressão “o carteiro”, a fim de que vejamos como as análises da primeira e da segunda tendência podem se complementar. Trata-se, obviamente, de uma anáfora indireta, pois aparece como já conhecida, embora seja nova no cotexto. Uma análise na primeira tendência proporia explicar o “caráter indireto natural” do processo, ou seja, por que uma apresentação de tal tipo não

causa estranheza. Entram em cena os argumentos de natureza sociocognitiva: as informações do parágrafo anterior sobre a ansiedade da dona de casa, corroboradas com o conhecimento prévio sobre a espera por algo, facilitam o processamento da expressão.

Claro que tudo isso é muito importante, inclusive para explicar como, a partir de pouco substrato, os interlocutores são capazes de preencher as lacunas. Contudo, é preciso acrescentar que analisar o papel da referenciação na produção de sentidos não se limita a esse tipo de reconhecimento. Para além dessa etapa, é importante estabelecer a função específica da expressão no texto. Dentro do recorte por nós escolhido, essa expressão, além de informar sobre a existência de um referente (<carteiro>, que pode ser genérico ou específico), acrescenta importante traço a um referente mais essencial para o conto: a <dona de casa>.

Esse segundo “momento de interpretação” também é fundamental para a costura textual, e ratifica a relevância de incluirmos, entre nossas categorias de análise, a “expressão referencial que incide sobre objetos de discurso diferentes dos escolhidos”. Queremos, com isso, mostrar que as relações entre expressões não se limitam, por exemplo, a considerações sobre as anáforas indiretas e suas âncoras. Numa perspectiva mais ampla, devemos assumir que um dado referente contribui para a significação de outro referente, de forma que o sentido de um pode depender do sentido de outro. Além disso, se considerarmos que uma expressão como “um sofrimento” – provavelmente classificada na primeira tendência como introdução referencial – contribui para a elaboração de um traço referencial sobre <dona de casa> da mesma forma que a expressão “o carteiro”, somos levados a acreditar que, nesse plano, a natureza direta ou indireta da expressão anafórica pode não ser o mais importante.

A análise apresentada até aqui denota que, de fato, são múltiplos os fatores e múltiplas as relações entre eles. Isso implica que todo o dinamismo sociocognitivo da ação de referir demanda explicações mais amplas que as normalmente propostas.

3º parágrafo

Na fossa, rondava como fera enjaulada, (1)querendo se atirar do nono andar. Que desgraça se armaria. (2)O que não diriam a respeito de sua vida. Iam comentar que foi por um amante. Pelo marido infiel. Encontrariam ligações com alguma mulher, o que provocava nela o maior horror. Não disseram que a desquitada do 56 descia para se encontrar com o manobrista, nos carros da garagem? (3)Apenas por isso não se estatelava alegremente lá embaixo, acabando com tudo.

A partir daqui, poupamo-nos de descrever com detalhes todas as confirmações¹⁷⁹; destacamos aquelas que nos chamam a atenção e que são importantes para o desfecho do conto.

¹⁷⁹ O leitor encontra o detalhamento da análise nos apêndices desta tese.

Sobre o parágrafo em tela, interessa-nos explicitar a relevância da expressão metafórica “fera enjaulada”. Considerando-se sua relação com porções do parágrafo anterior e com a expressão “Na fossa” e a construção 1, temos que essa expressão confirma que a dona de casa sofre (“tem raiva”) quando há quebra da rotina e acrescenta que ela tem vontade de tomar uma atitude drástica quanto a isso. Além dessa informação, ao relacionarmos a expressão com as construções 2 e 3 desse parágrafo, concluímos que a dona de casa não tem coragem para tomar uma atitude extrema. Na expressão, portanto, encontram-se a confirmação e o acréscimo que funcionam como núcleo do parágrafo.

4º parágrafo

Quase cinco. (1)E se o carteiro atrasar? Meu deus, faltam dez minutos. Quem sabe **ela** possa (2)descer, dar uma olhadela na vitrine da butique da esquina, voltar como quem não quer nada, ver se a carta já chegou. (3)O que dirá hoje? (4)“Os bicos dos teus seios saltam desses mamilos marrons procurando a minha boca enlouquecida”. Ficava **excitada só em pensar**. A cada dia (5)**as cartas ficam mais abusadas, entronas**, era **alguém que escrevia bem, sabia colocar as coisas**. Dia sim, dia não, o carteiro trazia o envelope amarelo, com tarja marrom, *papel fino, de bom gosto*. Discreto, contrastava com as frases. Que *loucura*, (6)**ela jamais imaginara situações assim, será que existiam?** (7)**Se o marido, algum dia, tivesse proposto um décimo daquilo, teria pulado da cama, vestido a roupa e voltado para casa da mãe**. Que era o único lugar para onde poderia voltar, (8)**saíra de casa para se casar**. Bem, para falar a verdade, não teria voltado. Porque a mãe iria perguntar, (9)**ela teria que responder com honestidade**. A mãe diria ao pai, para se desabafar. O pai, por sua vez, deixaria escapar no bar da esquina, entre amigos. (10)**E homem, sabe-se como é, é aproveitador, não deixa escapar ocasião de humilhar a mulher, desprezar, pisar em cima**.

Esse parágrafo apresenta o último referente escolhido: o <escritor das cartas>. Ressalte-se que a apresentação desse personagem se dá não por meio de uma expressão referencial, mas sim por uma construção: “O que dirá hoje?”. Há, de fato, uma elipse do pronome “ele”, mas esse pronome, por si, não garante a apresentação do referente. Só percebemos que há um novo referente porque entendemos o sentido da construção, em sua relação com outras construções e expressões relacionadas ao escritor (destacadas de verde).

Além da apresentação, o parágrafo se encarrega de estabelecer acréscimos relevantes sobre o escritor das cartas. Sabemos que ele é obsceno (construções 4 e 5), que ele vem aumentando o grau de obscenidades com o tempo (construção 5), que ele tem bom gosto (“papel fino, de bom gosto”) e que escreve bem (“alguém que escrevia bem, sabia colocar as coisas”).

As informações sobre o escritor contribuem para a construção não apenas dos seus traços referenciais, mas também dos da dona de casa. Uma expressão como “alguém que escrevia bem, sabia colocar as coisas” informa tanto que o escritor é talentoso com as palavras quanto que a dona de casa aprecia esse talento. Isso se alia à informação de que a dona de

casa se excita com as cartas (“excitada só em pensar”), o que, por sua vez, relaciona-se com a ansiedade já mencionada, a qual, a partir daqui, é compreendida de forma mais clara: trata-se de uma ansiedade decorrente da esfera sexual.

Nesse parágrafo, com a introdução do referente <escritor das cartas>, desdobram-se os acréscimos sobre a dona de casa (e também sobre o marido) e proliferam os movimentos não lineares necessários às mudanças, o que denota a necessidade de ir e vir com vistas ao alcance de uma compreensão mais plena (o que, certamente, já é previsto pelo autor). A partir das construções 6, 7 e 8, são acrescentados traços importantes à dona de casa: é reprimida sexualmente, é ingênua quanto ao universo sexual-obsceno; e recebeu uma educação conservadora. A repressão sexual e a educação conservadora colaboram para que entendamos por que ela se preocupa tanto com a opinião alheia; paralelamente, compreendemos que a ansiedade decorre do conflito entre a excitação e a repressão.

Também descobrimos, nesse parágrafo, que o marido respeita/aceita o excesso de pudor da sua esposa. Confrontando-se essa informação com as de que ele costuma dar presentes quando a mulher fica inconsolável e tem muito cuidado com a qualidade de suas meias, é possível construir uma imagem do marido como alguém que preza a normalidade/tranquilidade doméstico-familiar.

O extenso conjunto de informações obtido a partir da leitura desse parágrafo mostra que, conforme o texto vai progredindo, aumentam as relações entre suas partes, de modo que a não linearidade é uma condição essencial para a construção das referências e, conseqüentemente, dos sentidos.

5º parágrafo

As amigas da mãe discutiriam o episódio e (1) **a condenariam. Aquelas mulheres tinham caras terríveis.** Ligou outra vez a tevê, programa feminino ensinando a fazer cerâmica. Lembrou-se que uma das cartas tinha um postal com cenas da vida etrusca, *uma sujeira inominável, o homem de pé atrás da mulher, aquela coisa enorme no meio das pernas dela.* (2) **Como podia ser tão grande?** (3) **Rasgou em mil pedaços, pôs fogo em cima do cinzeiro, jogou tudo na privada.** (4) **O que pensavam que ela era?** (1) **Por que mandavam tais cartas, cheias de palavras que ela não ousava pensar, preferia não conhecer, quanto mais dizer.** Uma vez, **o marido** tinha dito, **resfolegante**, no **seu** ouvido, logo depois de casada, **minha linda bocetinha.** E (6) **ela esfriou completamente, ficou dois meses sem gozar.**

Esse parágrafo estabelece confirmações importantes, as quais contribuem para uma compreensão dos traços mais marcantes da dona de casa e do escritor. Ela é, de fato, sexualmente reprimida (expressões “uma sujeira inominável e “aquela coisa enorme”; construções 2, 4 e 6) e ingênua (expressão “palavras que ela não ousava pensar, preferia não conhecer, quanto mais dizer”; construção 2). Ele é, verdadeiramente, obsceno (expressões

“uma sujeira inominável”, “o homem de pé atrás da mulher” e “aquela coisa enorme no meio das pernas dela”). Disso resulta um acréscimo: a dona de casa se sente humilhada pelas cartas que recebe (construções 4 e 5). Sobre o marido, acrescenta-se que ele tentara ser mais solto na relação sexual (expressão “minha linda bocetinha” e adjetivo “resfolegante”).

6º parágrafo

(1) **Nem dizia gozar, usava ter prazer, atingir o orgasmo.** Ficou **louca da vida** no chá de cozinha de uma amiga, as meninas brincando, morriam de rir quando ouviam a palavra orgasmo. Gritavam: como pode uma palavra tão feia para uma coisa tão gostosa? (2) **Que grosseria tinha sido aquele chá,** a amiga nua no meio da sala, porque tinha perdido no jogo de adivinhação dos presentes. E as outras rindo e comentando tamanhos, posições, jeitos, poses, quantas vezes. (3) **Mulher, quando quer, sabe ser pior do que homem.** Sim, só que (4) **conhecia muitas daquelas amigas, diziam mas não faziam, era tudo da boca para fora.** (5) **“A tua boca engolindo inteiro o meu cacete e o meu creme descendo pela tua garganta, para te lubrificar inteira”.** (6) **Que nojenta foi aquela carta,** ela nem acreditava, até encontrou **uma palavra engraçada, inominável.** Ah, (7) **as amigas fingiam,** sabia que uma delas era fria, o marido corria como louco atrás de outras, gastava todo o salário nas casas de massagens, em motéis. E aquela carta que **ele** tinha proposto que se encontrassem uma tarde no motel? Num quarto cheio de espelhos, (8) **“para que você veja como trepo gostoso em você, enfiando meu pau bem no fundo”.** (9) **Perdeu completamente a vergonha,** dizer isso na **minha cara,** que **mulher casada** não se sentiria **pisada, desgostosa** com uma linguagem destas, (10) **um desconhecido a julgá-la puta, sem nada a fazer em casa, pronta para sair rumo a motéis de beira de estrada.** (11) **Para que lado ficam?**

Além das confirmações, que, como já vimos, salientam traços marcantes da dona de casa e do escritor, temos aqui alguns acréscimos. Ela reprova comportamentos diferentes no que toca à esfera sexual (sintagma adjetival “louca da vida”; construções 2 e 3), considera que algumas amigas mentem em relação a suas experiências sexuais (construções 4 e 7), e acredita que as mulheres possam ser mais maliciosas que os homens (construção 3). Todos os acréscimos são coerentes com a imagem de pessoa extremamente crítica que já foi estabelecida até aqui.

Quanto ao escritor, a partir da expressão “um desconhecido”, sabemos que ele é um escritor anônimo. Mais uma vez, vemos que a precisão de um referente é gradual. A referência não trata, como se afirma em tendências mais conservadoras, de identificar especificamente uma entidade, mas, sim, de estabelecer objetos significativos que podem ser mais ou menos nítidos.

7º parágrafo

Vai ver, **um dos amigos de meu marido,** (1) **homem não pode ver mulher,** fica **excitado** e é **capaz de trair o amigo** apenas por uma trepada. (2) **Vejam o que estou dizendo, trepada, como se fosse a coisa mais natural do mundo.**

Nesse pequeno parágrafo, é possível acentuar a discussão sobre a gradação da precisão de um referente. Aqui, vemos a dona de casa tecer uma hipótese sobre a identidade do escritor

das cartas. São acrescidos, assim, alguns traços a esse referente: pode ser um amigo do marido e pode ser alguém capaz de trair o amigo devido à excitação sexual. Trata-se, obviamente, de dois traços de natureza distinta dos que foram apresentados até então, pois não chegam a dar uma informação verificável. Ainda assim, promovem um acréscimo ao referente, e por isso entram como informações importantes no processo. Dado que esse referente já foi categorizado como anônimo, um recurso naturalmente acionado é supor sua identidade. Temos, assim, que, dependendo dos interesses do enunciador e do grau de precisão com que um referente é construído, os traços referenciais não são absolutos ou taxativos.

8º parágrafo

Caiu em **si** raciocinando se não seria **alguém a mando do próprio marido**, (1) **para averiguar se ela era acessível a uma cantada**. Meu Deus, o que digo? Fico **transtornada com estas cartas** que chegam religiosamente, (2) **é até pecado falar em religião, misturar com um assunto deste, escabroso**. (3) **E se um dia o marido vier mais cedo para casa, apanhar uma das cartas, querer saber? Qual pode ser a reação de um homem de verdade, que se preze, ao ver que a mulher está recebendo bilhetes de um estranho?** Que fala em (4) **“coxas úmidas como a seiva que sai de você e que eu provoquei com meus beijos e com este pau que você suga furiosamente cada vez que nos encontramos, como ontem à noite, em pleno táxi, nem se importou com o chofer que se masturbava”**. Sua **louca**, por que está (5) **guardando as cartas no fundo daquela cesta?** A cesta foi **a firma** que mandou num antigo natal, com frutas, vinhos, doces, champanhe. A carta dizia (6) **“deixo champanhe gelada escorrer nos pêlos da tua bocetinha e tomo embaixo com aquele teu gosto bom”**. **Porcaria**, deixar champanhe escorrer pelas partes **da gente**. Claro, não há mal, sou **mulher limpa, de banho diário, dois ou três no calor. Fresquinha, cheia de desodorante, lavanda, colônia**. Coisa que sempre gostei foi cheirar bem, estar de banho tomado. Sou **mulher limpa**. No entanto, **me** pediu na carta: (7) **“não se esfregue desse jeito, deixe o cheiro natural, é o teu cheiro que quero sentir, porque ele me deixa louco, pau duro”**. Repete **essa palavra que não uso**. (8) **Nem pau, nem pinto, cacete, caralho, mandioca, pica, piça, piaba, pincel, pimba, pila, careca, bilola, banana, vara, trouxa, trabuco, traíra, teca, sulapa, sarsarugo, seringa, manjuba**.

Também nesse parágrafo continuam os traços referenciais “hipotéticos”: o escritor pode ser “alguém a mando do próprio marido”, e o marido pode estar testando a fidelidade da dona de casa.

Vemos, ainda, um acréscimo que revela novas informações sobre o estado paradoxal vivido pela dona de casa. Ao mesmo tempo em que tem medo de que o marido descubra a existência das cartas (construção 3), ela as mantém guardadas (construção 5). Temos, então, a confirmação de que as cartas a deixam excitada, embora ela não queira ter essas sensações. A partir daí, confirma-se o conflito, reiterado pelos sintagmas adjetivais “transtornada com estas cartas” e “louca”.

Outro acréscimo importante, que também lança novas luzes aos traços já estabelecidos, é a preocupação com a higiene pessoal (expressões “mulher limpa, de banho diário” e “dois ou três no calor”; sintagmas adjetivais “Fresquinha” e “cheia de desodorante,

lavanda, colônia”). A preocupação com a limpeza do corpo, confrontada com as informações anteriores sobre o pudor e a repressão, sugerem que a limpeza externa estaria em paralelo com a limpeza interna.

Ainda nesse parágrafo, é possível operar a primeira correção. A construção 8 demonstra que a dona de casa conhece várias denominações para o órgão sexual masculino. Isso não é condizente com a informação de que ela é ingênua quanto ao universo sexual-obsceno. Logo, é coerente corrigir: ela não é tão ingênua assim. Essa correção demanda um acréscimo (que modifica o traço anteriormente estabelecido): a dona de casa quer aparentar ser ingênua.

Uma vez que essa correção tenha se manifestado, as informações posteriores não mais confirmarão que ela é ingênua, mas, sim, que ela pretende aparentar ingenuidade. Outras tantas relações não lineares podem ser feitas, relacionando essa informação à quebra da rotina, à preocupação com o julgamento dos outros e à limpeza pessoal. Embora reconheçamos sua importância, não discorreremos sobre os detalhes de cada uma, deixando esse trabalho para o leitor-analista interessado.

9º parágrafo

Nenhuma. *Expressões baixas*. A ele, não se dá nenhuma denominação. (1)Deve ser sentido, não nomeado. (2)Tem gente que adora falar, gritar obscenidades, assim é que se excitam, aposto que procuram nos dicionários, para encontrar o maior número de palavras. (3)Os homens são animais, não sabem curtir *o amor gostoso, quieto, tranquilo, sem gritos, o amor que cai sobre a gente como a lua em noite de junho*. Assim eram os versinhos no almanaque que a farmácia deu como brinde, no dia dos namorados. Tirou o disco da Bethânia, comprou um LP só por causa de uma música, “Negue”. Ouvia até o disco rachar, (4)adorava aquela frase, “a boca molhada ainda marcada pelo beijo seu”. Boca marcada, corpo manchado com chupadas que deixam marcas pretas na pele. *Coisas de amantes*. Esse homem da carta deve saber muito. Um atleta sexual. Minha amiga Marjori falou de um artista da televisão. Podia ficar quantas horas quisesse na mulher. Tirava, punha, virava, repunha, revirava, inventava, as mulheres tresloucadas por ele. Onde Marjori achou *estas besteiras*, ela não conhece ninguém de tevê?

Merece destaque, nesse parágrafo, a elaboração de um acréscimo que é quase imediatamente corrigido. A partir das expressões “o amor gostoso, quieto, tranquilo, sem gritos” e “o amor que cai sobre a gente como a lua em noite de junho”, somos informados de que a dona de casa valoriza a relação sexual comedida e romântica. Contudo, a construção 4 e a expressão “Coisas de amantes” operam uma correção: ela gosta das sensações mais fortes da relação sexual. Levando-se em conta a correção operada no parágrafo anterior, temos aqui, mais uma vez, uma exibição do aparentar “normalidade”.

10º parágrafo

Interessa é que (1) **a gente assim se diverte**. Se bem que (2) **se possa divertir, sem precisar se sujeitar a certas coisas**. Dessas que a mulher se vê obrigada, para contentar o marido e ele não vá procurar outras. Que diabo, (3) **mulher tem que se impor! Que pensam que somos para nos utilizarem?** Como se fôssemos aparelhos de barba, com gilete descartável. *Um instrumento prático para o dia a dia*, com hora certa! Como os homens conseguem fazer barba diariamente, na mesma hora? (4) **Nunca mudam**. Todos os dias raspando, os gestos eternos. É a impressão que tenho quando entro no banheiro e vejo **meu marido** fazendo a barba. (5) **Há quinze anos, ele começa pelo lado direito, o esquerdo, deixa o queixo para o fim, apara o bigode**. Rio muito quando olho o bigode. Não posso esquecer um dia que os pelinhos do bigode **me** raspavam, (6) **ele estava com a cabeça entre as minhas pernas, brincando. Vinha subindo**, fechei as pernas, (7) **não vou deixar fazer porcarias deste tipo. Quem pensa que sou? Os homens** experimentam, se **a mulher** deixa, (8) **vão dizer que sou da vida. Puta**, dizem puta, mas (9) **é palavra que me desagrada**. E o bigode faz cócegas, ri, (10) **ele achou que eu tinha gostado, quis tentar de novo**, tive de ser **franca, desagradável**. (11) **Ele ficou mole, inteirinho, durante mais de duas semanas nada aconteceu**. O que é *um alívio para a mulher*. Quando não acontece é *feriado, férias*. Por que os homens não tiram *férias coletivas*? Ia ser tão bom para **as mulheres, nenhum incômodo, nada de estar se sujeitando**. Na carta de anteontem (12) **ele comentava o “tamanho de sua língua, que tem ponta afiada e uma velocidade” de não sei quantas rotações por segundo. Esse homem** tem *senso de humor*. (13) **É importante que uma pessoa brinque, saiba fazer rir**. O que **ele** vai fazer com uma língua a tantas mil rotações? Emprestar ao dentista para obturar dentes? Outra coisa engraçada que a carta falou, só que esta é uma outra carta, chegou no mês passado, num papel azul bonito: (14) **queria me ver de meias pretas e ligas**. Ridículo, **mulher nua** de pé no meio do quarto, com meias pretas e ligas. Nem pelada nem vestida. E se **eu** pedisse a **ele** que ficasse de meias e ligas? Arranjava uma daquelas ligas antigas, que **meu** avô usava e deixava **o homem pelado com meias**. Igual fazer amor de chinelos. Outro dia, estava vendo o programa do Sílvio Santos, no domingo. (15) **Acho o domingo muito chato, sem ter o que fazer, as crianças** vão patinar, (16) **meu marido passa a manhã nos campos de várzeas, depois almoça, cochila, e vai fazer jockeyterapia**. Ligo a televisão, porque o programa Sílvio Santos tem quadros muito engraçados. Como o dos casais que respondem perguntas, mostrando que se conhecem. O Sílvio Santos perguntou aos casais se havia alguma coisa que o homem tivesse tentado fazer e a mulher não topou. Dois responderam que elas topavam tudo. Dois disseram que não, que a mulher não aceitava sugestões, nem achava legal novidade. (17) **A que não topava era morena, rosto bonito, lábio cheio e dentes brancos, sorridente, tinha cara de quem topava tudo e era exatamente a que não. A mulher franzina, de cabelos escorridos, boca murcha, abriu os olhos desse tamanho e respondeu que não havia nada que ele quisesse que ela não fizesse e a cara dele mostrava que realmente estavam numa boa**. Parece que iam sair do programa e se comer.

A construção 1, já no início do parágrafo, opera uma correção sobre a dona de casa: os comportamentos sexuais criticados anteriormente são, agora, considerados divertidos. Além dessa correção, há outros acréscimos: ela 1) considera-se um objeto que preenche um valor utilitário na vida do marido (expressão “Um instrumento prático para o dia a dia”) e, por isso, 2) sente-se aliviada quando ele não quer ter relações sexuais (expressões “um alívio para a mulher”, “nenhum incômodo” e “nada de estar se sujeitando”, “feriado”, “férias” e “férias coletivas”); também 3) valoriza o senso de humor (construção 13), sendo esse um dos motivos para que 4) se sinta atraída pelas cartas. Finalmente, ela 5) acha entediante não ter o que fazer (construção 15).

A par de confirmações sobre traços já bem estabelecidos nos parágrafos anteriores, esse parágrafo reitera que a dona de casa, no que tange ao comportamento sexual, crê que as aparências enganam.

Esse é o parágrafo que fornece mais informações sobre o marido. A confirmação de que ele costumava ser mais solto no início do casamento (construções 6 e 10), aliada ao acréscimo de que ficou desestimulado com a reação negativa da dona de casa ao seu comportamento durante o ato sexual (construção 11), parece indicar que a frustração é o verdadeiro motivo por trás do respeito que ele tem pelo pudor da dona de casa. E as informações sobre a maneira como ele faz a barba (construção 5), aliada à construção 4 (“Nunca mudam”) confirmam que ele valoriza a normalidade. Outra informação importante é o acréscimo de que ele não costuma fazer companhia à dona de casa (construção 16).

11º parágrafo

Como se pode ir a público e (1) **falar desse jeito, sem constrangimento, com a cara lavada, deixando todo mundo saber como somos**, sem nenhum respeito? Há que se ter *compostura*. (2) **Ouvi esta palavra a vida inteira**, e (3) **por isso levo uma vida decente, não tenho do que me envergonhar, posso me olhar no espelho, sou limpa por dentro e por fora**. (4) **Talvez por isso me lave tanto, para me igualar**, juro que conservo *a mesma pureza de menina encantada com a vida*. Aliás, (5) **a vida não me desiludiu em nada. Tive pequenos aborrecimentos e problemas, nunca grandes desilusões e nenhum fracasso. Posso me considerar realizada, portanto satisfeita, sem invejas, rancores**. Sou **uma das mulheres que as famílias admiram neste prédio**. *Uma casa confortável, bem decorada*, qualquer uma destas revistas de onde tiro as ideias podia vir aqui e fotografar, não faria vergonha. Nossa, cinco e meia, se não voar, (6) **meu marido chega, o carteiro entrega o envelope a ele, vai ser um sururu**. Prestem atenção, veja *a audácia do sujo, me* escrevendo, semana passada. (Disse que faz três meses que recebo as cartas? Se disse, **me** desculpem, ando *transtornada com elas*, não sei mais o que fazer de **minha vida**, penso que (7) **numa hora acabo me desquitando, indo embora, não suporto esta casa, o meu marido sempre na casa de massagens e na várzea, esses filhos com patins, skates, enchendo álbuns de figurinhas e comendo como loucos**.) Semana passada **o maluco me** escreveu: (8) **“Querida te ver no sururu, ia te pôr de pé no meio do salão e enfiar minha pica dura como pedra bem no meio da tua racha melada, te fodendo muito, fazendo você gritar quero mais, quero tudo, quero que todo mundo nesta sala me enterre o cacete”**.

A essa altura, tendo já reconhecido que a dona de casa pretende passar uma imagem valorosa de si mesma, já é possível fazer os acréscimos nessa direção, de modo que, quando ela diz que está satisfeita com a vida que leva (construção 5; expressões “pequenos aborrecimentos”, “[pequenos] problemas”, “[nunca] grandes desilusões”, “nenhum fracasso”, “uma das mulheres que as famílias admiram neste prédio” e “Uma casa confortável, bem decorada”; adjetivos “realizada”, “satisfeita”, “sem inveja”, “rancores”), o traço realmente acrescentado é “quer aparentar estar satisfeita com a vida que leva”. Isso nem chega a ser uma correção, pois não houve uma construção prévia em sentido contrário. Nesse caso, o movimento não linear é fundamental, já que, a partir das considerações anteriores, o bom

leitor perceberá que a construção mais coerente se encontra exatamente naquilo que não é dito.

A insatisfação da dona de casa (que, por sinal, é confirmada ainda nesse parágrafo – construção 7) leva a um outro acréscimo: seu casamento é uma fachada. Também corroboram esse traço as informações sobre o marido.

A partir daí, outra correção pode ser elaborada: a dona de casa gosta das cartas que recebe, embora aparente ficar ofendida (expressão “a audácia do sujo”). Se antes, pudéssemos pensar que ela se sentia culpada pela excitação que as cartas lhe despertavam, começamos a entender que essa culpa não existe; é, mais uma vez, só uma aparência que procura manter a imagem valorosa. O escritor das cartas, portanto, lhe desperta apenas uma repulsa aparente; na verdade, ela sente-se sexualmente atraída por ele.

12º parágrafo

Tive *vontade de rasgar tal petulância, um pavor*. Sem saber o que fazer, fiquei imobilizada, **me** deu uma paralisia, procurei imaginar que (1)depois de estar em pé no meio da sala recebendo um homem dentro de mim, na frente de todos, não **me** sobraria muito **na vida**. (2)Era **me** atirar no fogão e ligar o gás. (3)Entrei em pânico quando senti que as pessoas poderiam **me** aplaudir, gritando bravo, bravo, bis, e (4)sairiam dizendo para todo mundo: “sabe **quem fode como ninguém? A rainha das fodas?**” **Eu**. Seria **a rainha, miss, me** chamariam para todas as festas. Simplesmente para **me** ver fodendo, não pela amizade, carinho que possam ter por **mim**, mas porque **eu** satisfaria os caprichos e as fantasias deles. *Situações horrendas, humilhantes, desprezíveis* para **mulher que tem um bom marido, filhos na escola, uma casa num prédio excelente, dois carros**.

Mais uma vez, temos as confirmações relacionadas ao que a dona de casa pretende aparentar: a ofensa devido às cartas recebidas (expressões “vontade de rasgar tal petulância, um pavor” e “Situações horrendas, humilhantes, desprezíveis”) e a satisfação com a vida familiar (expressão “mulher que tem um bom marido, filhos na escola, uma casa num prédio excelente, dois carros”). Além disso, acréscimos importantes deste parágrafo são a grande imaginação e o exagero da dona de casa (construções 2 e 4; expressões “quem fode como ninguém” e “a rainha das fodas”). Essa imagem é reforçada por informações já veiculadas, como a vontade de se suicidar (3º parágrafo) e a suposição sobre as reações de seu pai e sua mãe se tivesse de voltar ao lar paterno (4º parágrafo).

13º parágrafo

Apanho a carta, (1)como quem não quer nada, olho distraidamente o destinatário, agora mudou o envelope, enfiou no bolso, *com naturalidade*, e caminho até a rua, **me** dirijo para os lados do supermercado, *trêmula*, sem poder andar direito, *perna toda molhada*. Fico *tão ansiosa*, deve ser uma doença que (2)me molho toda, o suco desce pelas pernas, (3)tenho medo que escorra pelas canelas e vejam. Preciso voltar, *desesperada para ler a carta*. O que estará dizendo hoje? Comprei puropurê, tenho dezenas de latas de puropurê. (4)Cada vez que desço para apanhar a carta, vou ao supermercado

e apanho uma lata de puropurê. O gesto é automático, (5)nem tenho imaginação de ir para outro lado. Por que não compro ervilhas? Todo mundo adora ervilhas em casa. (6)Se meu marido entrar na despensa e enxergar esse carregamento de puropurê vai querer saber o que significa. E quem é que sabe?

Uma confirmação relevante nesse parágrafo é a de que a dona de casa é exagerada e imaginativa (construções 2 e 3), embora ela se considere alguém sem imaginação (construção 5). Mais uma vez, a construção dos traços depende não do que é afirmado explicitamente, mas da ação do leitor para estabelecer as relações no plano do não dito. Também vemos aqui a confirmação do medo de que o marido descubra as cartas (construção 6), o que reitera o conflito vivido pela protagonista.

14º parágrafo

É dele mesmo, o meu querido correspondente. Confesso, (1)o meu pavor é me sentir apaixonada por este homem que escreve cruamente. Querer sumir, fugir com ele. Se aparecer não vou aguentar, basta ele tocar este telefone e dizer: “Venha, te espero no supermercado, perto da gôndola do puropurê.” (2)Desço correndo, nem faço as malas, nem deixo bilhete. Vamos embora, levando uma garrafa de champanhe, vamos para as festas que ele conhece. Fico louca, nem sei o que digo, tudo delírio, por favor não prestem atenção, nem liguem, (3)não quero trepar com ninguém, (4)adoro meu marido e o que ele faz é bom, gostoso, vou usar meias pretas e ligas para ele, vai gostar, penso que vai ficar louco, o pau endurecido querendo me penetrar. Corto o envelope com a tesoura, cuidadosamente. (5)Amo estas cartas, necessito, se elas pararem vou morrer. Não consigo ler direito na primeira vez, perco tudo, as letras embaralham, somem, vejo o papel em branco. Ouça só o que ele me diz: (6)“Te virar de costas, abrir sua bundinha dura, o burquinho rosa, cuspir no meu pau e te enfiar de uma vez só para ouvir você gritar”. (7)Não é coisa para mulher ler, não é coisa decente que se possa falar a uma mulher como eu. Vou mostrar as cartas ao meu marido, vamos à polícia, descobrir, ele tem de parar, (8)acabo louca, acabo mentecapta, me atiro deste nono andar. Releio para ver se está realmente escrito isso, ou se imaginei. Escrito, com todas as palavras que não gosto: pau, bundinha. Tento outra vez, as palavras estão ali, queimando. Fico deitada, (9)lendo, relendo, inquieta, ansiosa para que a carta desapareça, ela é uma visão, não existe e, no entanto, está em minhas mãos, escrita por alguém que não me considera, me humilha, me arrasa.

Ganham destaque, nesse parágrafo, as confirmações mais relevantes – a aparência de mulher valorosa (sintagmas adjetivais “louca”, “inquieta” e “ansiosa para que a carta desapareça”; expressões “tudo delírio” “uma mulher como eu” e “todas as palavras que não gosto”; construções 3 e 7), e a aparente ofensa pelo conteúdo das cartas (expressão “Alguém que não me considera, me humilha, me arrasa”) –, as quais são paralelas à confirmação de que a dona de casa gosta verdadeiramente das cartas (construções 5 e 9). Temos, ainda a confirmação de que ela é imaginativa (construções 2 e 4) e exagerada (construções 2, 5 e 8).

Um acréscimo importante é o de que a dona de casa nutre sentimentos afetivos pelo escritor. Até então, seria possível considerar que ela apenas tinha desejo sexual por ele; aqui, mostra-se que o desejo pode estar associado ao apaixonar-se.

A seguir, apresentamos o último parágrafo do texto, em que a identidade do escritor das cartas é revelada.

15º parágrafo

Agora, escureceu totalmente, não acendo a luz, cochilo um pouco, acordo assustada. (1) E se meu marido chega e me vê com a carta? Dobro, recoloco no envelope. Vou à despensa, jogo a carta na cesta de natal, quero tomar um banho. Hoje é sexta-feira, (2) meu marido chega mais tarde, (3) passa pelo clube para jogar squash. A casa fica tranquila, peço à empregada que faça omelete, salada, o tempo inteiro é meu. Adoro as segundas, quartas e sextas, (4) ninguém em casa, nunca sei onde estão as crianças, nem me interessa. Porque assim me deito na cama ((5) adolescente, escrevia o meu diário deitada) e (6) posso escrever outra carta. Colocando amanhã, ela me será entregue segunda. O carteiro das cinco traz. Começo a ficar ansiosa de manhã, esperando o momento dele chegar e (7) imaginando o que vai ser de minha vida se parar de receber estas cartas.

O fundamental desse parágrafo, obviamente, é a quebra de expectativa gerada pela revelação (correção) de que a dona de casa é o escritor das cartas. A partir daí, um conjunto de traços anteriormente construídos são negados ou reformulados, sendo intenso o movimento não linear de recategorização. Destacamos os principais a seguir:

- Todas as informações sobre o marido o mostram como alguém profundamente desinteressante (para a dona de casa) e desinteressado (pela dona de casa). A escrita das cartas é consequente a isso.
- O conflito que a dona de casa vive por conta das cartas que recebe é autoimposto, pois é algo bom, que muda um pouco a sua vida sem graça.
- O medo de que o marido descubra as cartas é algo desejado pela dona de casa, pois acentua o seu conflito.
- A dona de casa, de fato, conhece com razoável apuro o universo sexual-obsceno.
- Todos os acréscimos e confirmações sobre o que a dona de casa gosta de aparentar (valores morais sólidos e ingenuidade), com a quebra de expectativa, são definitivamente confirmados como intenção de preservação da autoimagem positiva.
- A reprovação que a dona de casa exprime sobre o comportamento sexual dos outros é apenas aparente; ela se interessa por esse universo e quer saber mais sobre ele (daí, por exemplo, o interesse sobre o artista de televisão mencionado pela amiga Marjori – 9º parágrafo – e a curiosidade pela vida dos casais no programa do Sílvio Santos – 10º parágrafo).
- A dona de casa não tem coragem de tomar uma medida drástica para mudar sua situação de insatisfação (3º parágrafo). A escrita das cartas foi o recurso utilizado para fugir da insatisfação sem precisar tomar uma atitude mais extrema.

- As ideias de que as mulheres podem ser mais maliciosas que os homens (6º parágrafo), que as amigas fingiam quanto à experiência sexual (6º parágrafo) e que as aparências enganam (10º parágrafo) passam a ser consideradas não apenas como opiniões da dona de casa, mas como traços deixados pelo autor para informar algo fundamental sobre o comportamento da personagem: a sua “aparência” também engana.
- Nas cartas, a dona de casa explicita o senso de humor que pode estar presente na relação sexual (10º parágrafo), e que ela valoriza. Ela, portanto, tem senso de humor.
- A dona de casa é, realmente, uma mulher de muita imaginação. O fato de, no supermercado, sempre comprar puerpuri (13º parágrafo) apenas mostra que ela utiliza sua imaginação naquilo que lhe interessa.

Ao final do processo, percebemos que o referente <dona de casa> passa por uma transformação acentuada, a qual já vinha se insinuando através de pistas textuais anteriores. De forma geral, compreendemos que a imagem de mulher valorosa foi sendo substituída pela de mulher frustrada, que vive um conflito entre a vida normal que leva e os desejos despertados. A grande correção decorre do fato de que o conflito foi autoimposto, de forma que todos os possíveis traços que pudessem denotar desconforto ou culpa por conta do interesse pelas cartas desaparecem ou, se considerarmos que a culpa também pode ser autoimposta, são amplamente redimensionados.

A análise proposta suscita uma discussão profícua, que aponta para as contribuições vislumbradas, esclarece o procedimento analítico-metodológico e, com isso, procura avançar o arcabouço teórico da referencialização.

O primeiro ponto de discussão focaliza o que, a nosso ver, é o elemento central na discussão sobre os avanços da teoria: a expressão referencial. Como Cavalcante (a sair), consideramos que os novos avanços nos estudos não implicam uma total desconsideração em relação ao que vinha e vem sendo feito. Nossa análise dos múltiplos fatores apenas considera outros parâmetros, propondo, de fato, uma hierarquia diferente. Quando, por exemplo, tecemos a crítica de que a primeira tendência se sustenta na onipotência da menção referencial (de introdução ou de retomada), assumimos uma posição de que muito do que se diz talvez não seja mais importante do que a investigação com os direcionamentos que estabelecemos.

Isso, contudo, não significa desconhecer o papel fundamental da expressão referencial no processo. O valor argumentativo manifesto por um sintagma referencial, o qual orienta o projeto discursivo dos enunciadores, é um fator que, a nosso ver, jamais deixará de ser relevante. Em nossa análise, vimos, por exemplo, como as expressões “aquela”, “fera

enjaulada”, “mulher limpa”, “uma das mulheres que as famílias admiram neste prédio”, “atleta sexual” e “este homem que escreve cruelmente” (respectivamente, 2º, 3º, 8º, 11º, 9º e 14º parágrafos) são absolutamente essenciais para a elaboração de traços referenciais, inclusive quanto à percepção do não dito. A proposta de redimensionamento do aparato verbal não exclui (e não poderia mesmo excluir) a importância seminal do sintagma referencial, principalmente quando esse é um item lexical.

Outro aspecto importante quanto à expressão referencial, conforme os estudos da primeira tendência, é a natureza diversificada da entidade textualmente acionada. A ideia (defendida, por exemplo, por GIVÓN, 1984; 2005) de que há um grau de referencialidade maior para as entidades singulares especificadas, em oposição à não referencialidade das expressões que remetem a entidades inespecíficas cai por terra quando se trata de um objeto de discurso. O objeto de discurso é um elemento construído na interação para atender a objetivos específicos da enunciação. Como são muitos os objetivos, diversas são as formas de manifestação do objeto: mais individualizado ou mais genérico, mais específico ou mais inespecífico, mais concreto ou mais abstrato etc. No conto analisado, vimos, inclusive, que uma certa indefinição dos traços referenciais foi necessária, quando se tratou de salientar o traço anônimo do escritor das cartas.

Além dos aspectos relacionados à expressão referencial, outro argumento a favor de que nossa análise é filiada aos princípios aceitos como constitutivos da referenciação é a feição sociocognitivista que permanece nas explicações. Um dos aspectos mais genuinamente sociocognitivos a respeito do processamento do texto é o conhecimento prévio, assentado na constatação de que todo processo de interação via texto mobiliza um conjunto de conhecimentos (socialmente construídos) que preenchem as lacunas do que é manifesto. Vimos que alguns traços referenciais só se estabelecem mediante o acesso ao conhecimento sociocultural partilhado. Por exemplo, não está explicitado que a dona de casa recebeu uma educação conservadora, mas as construções “saíra de casa para se casar” (4º parágrafo) e “Ouvi esta palavra [“compostura”] a vida inteira” (11º parágrafo), a partir da associação entre o conhecimento prévio e o perfil que se foi criando da dona de casa, permitem a elaboração do traço “recebeu uma educação conversadora”.

A análise proposta, portanto, reitera pontos fundamentais da referenciação e da importância da expressão referencial. Isso não impede, contudo, de assinalarmos outros aspectos que vão além do que está posto em busca de explicações mais completas. É nisso que reside a contestação à onipotência da menção referencial. Nesse sentido, conforme já

dissemos, Ilari (2005) tem razão quando diz que considerar como anafóricas todas as remissões a Capitu em *Dom Casmurro* é pouco produtivo.

Atentemos, por exemplo, que a maioria das expressões referenciais presentes no conto consistem de pronomes anafóricos e repetições (como a expressão “marido”). Claro que essas expressões garantem as cadeias referenciais, mas ninguém considera que no estabelecimento dessas cadeias se encontra o cerne da produção dos sentidos. Percebê-las é, sem dúvida, um passo cognitivo inicial, mas apenas isso. Por isso, se alguém quer saber exatamente o que significa o papel de Capitu em *Dom Casmurro*, não é suficiente mapear todas as ocorrências que se referem a ela; é preciso perceber/elaborar uma série de dados – resultantes do complexo jogo entre o dito, o contexto e o não dito – que confirmam “materialidade” textual-discursiva a essa personagem.

Aqui se encontra uma divergência entre os estudos das duas tendências. Na primeira, o caminho para a determinação dessa materialidade reside na análise detalhada de um dado conjunto de itens lexicais plenos, que garante a construção da referência (ou, se não garante, responde por uma parte considerável do processo). Para a segunda tendência, isso não é suficiente, por, pelo menos, duas razões.

Em primeiro lugar, porque a elaboração sobre um determinado referente depende também das relações que são estabelecidas com outros referentes do texto. Tais relações não se restringem aos casos de anáfora indireta, em que as relações meronímicas ou as relações de contiguidade via metáfora marcam o compasso do trabalho. Cremos que não basta saber que “o pneu” pertence ao carro porque esse carro já foi mencionado. É preciso ir além, sabendo qual o papel de cada elemento no plano maior do texto.

Ilustremos com exemplos do conto. As expressões “a firma” (8º parágrafo) e “as crianças” (10º parágrafo) são anáforas indiretas. Reconhecer a essência indireta dessas expressões é um trabalho sociocognitivo provavelmente importante, mas tão ou mais importante é entender em que essas expressões contribuem para a elaboração dos elementos principais do texto (no caso das expressões, o marido e a dona de casa). A contribuição delas para a elaboração de traços sobre os personagens principais é um processo que não pode passar despercebido.

As elaborações decorrentes desse tipo de relação permeiam todo o texto e são operacionalizadas na construção da referência. Na verdade, elas ocorrem mesmo quando não está em jogo a anáfora indireta. Por exemplo, no conto, a expressão “puropurê” – relevante para compreender a suposta falta de imaginação da dona de casa – não é anáfora indireta.

O segundo motivo que atesta a insuficiência da expressão referencial para o processo de significação é a ideia de que os referentes não se constroem apenas por via do sintagma nominal. Eis aqui o redimensionamento do verbal de que falamos, para o que os exemplos apresentados na análise são provas mais do que abundantes. Pelo que vimos, o sintagma adjetival e o que aqui se chamou de construção linguística são fatores bastante determinantes da elaboração referencial. Destacá-los devidamente é um imperativo.

O resgate desses outros fatores remete à noção de homologação proposta por Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995). Ao traçarem as primeiras linhas do fenômeno da recategorização referencial (ou, conforme o título do artigo, das estratégias de designação), os autores reconhecem três funções textual-discursivas mais amplas para uma expressão anafórica: 1) ou o objeto de discurso sofre uma modificação no próprio momento de sua designação anafórica; 2) ou a expressão anafórica não leva em conta as modificações do objeto de discurso estabelecidas pela predicação; 3) ou a expressão anafórica homologa as modificações sofridas pelo objeto de discurso por meio das predicções.

Deixemos de lado a já aludida pouca clareza da classificação dos autores, que peca pela falta de uniformidade de critérios. Importa destacar que, na reflexão inicial sobre a recategorização referencial, havia um lugar privilegiado para a predicação, o que foi em parte negligenciado pelas investigações posteriores. Com os trabalhos de Lima (2007, 2009), Leite (2007a, 2007b) e Cavalcante (a sair), o enfoque dos diversos estratos do texto passou a ser salientado. Nossa ênfase na participação da construção linguística também se inscreve nesse resgate. Contudo, acrescentamos dois aspectos ao fenômeno:

- a homologação, em virtude do movimento não linear, não necessariamente se manifesta *a posteriori*; no conto, por exemplo, a expressão “fera enjaulada” (3º parágrafo) homologa não apenas informações precedentes, mas também posteriores, como a decisão por não tomar nenhuma medida drástica por medo do que os outros pudessem pensar;
- a homologação não carece, para sua efetivação, de uma expressão explícita nem de uma expressão implícita, podendo ser apenas cognitiva, no sentido de que gera um traço definidor de um referente; no conto, por exemplo, o traço “valorização da normalidade”, que resulta da observação do que se diz (se predica) sobre o marido, não aparece como expressão referencial no texto.

A partir dessas considerações, podemos afirmar que uma importante contribuição de nosso trabalho reside na possibilidade de, a partir do redimensionamento do verbal,

reconhecer a pertinência de um outro olhar sobre os processos referenciais, o qual não se atém exclusivamente ao campo das relações anafóricas. Tratar o fenômeno da elaboração dos referentes como um processo de apresentação, acréscimo, correção e confirmação¹⁸⁰ parece ser um método pertinente para se entender como se dá, de fato, a interação via textos. Nesse sentido, nossa hipótese de que interações distintas geram olhares diferentes sobre as estratégias referenciais se mostrou adequada.

A partir do que foi dito, uma conclusão menos atenta poderia exprimir que os processos referenciais seriam dependentes do tipo de texto e de interação: os textos curtos com interação ininterrupta estariam mais propícios a análises focalizadas nas expressões referenciais e nas retomadas anafóricas; já os textos longos (com interação ininterrupta ou interrompida) seriam mais adequados para análises que levem em conta a predicação e o esquema das quatro etapas. Colabora para essa visão o fato de que as análises na primeira tendência confirmam o que assinalamos para os textos curtos, e a análise empreendida aqui, sobre o conto, confirma o que sinalizamos sobre os textos longos. Uma reflexão mais cuidadosa mostra facilmente que isso não é inteiramente verdadeiro.

A análise da construção referencial que explicita a importância da predicação – algo que foi exaustivamente defendido aqui – não chega a ser uma completa novidade. Como vimos, Apothéoz & Reichler-Béguelin (1995) já informavam a importância da predicação dentro de textos que condizem com o *modus operandi* da Linguística Textual. Também os já citados trabalhos de Lima, Leite e Cavalcante utilizam da mesma metodologia. E algumas análises com textos curtos mostradas por nós¹⁸¹, no capítulo anterior, atestam a produtividade dessa prática. Isso quer dizer que uma referenciação que abrigue a predicação já vem sendo observada, mesmo que não amplamente, nos textos normalmente analisados em LT. Então, a relevância da expressão referencial e a ênfase na predicação podem conviver pacificamente nas análises.

No que diz respeito ao esquema das quatro etapas, não temos conhecimento de estudos da primeira tendência (ou seja, com textos curtos) que se preste a uma descrição semelhante. Isso não quer dizer que não seja possível uma investigação dos processos referenciais em textos curtos nos moldes aqui propostos, embora, provavelmente, as mesmas etapas não sejam sempre observadas (principalmente, a correção), a depender do gênero analisado. De qualquer forma, importa destacar que, para os textos longos, a necessidade de se manter a saliência dos

¹⁸⁰ Doravante, para simplificar, toda vez que mencionarmos os processos de apresentação, acréscimo, correção e confirmação, utilizaremos a denominação “esquema das quatro etapas”.

¹⁸¹ Ver a análise sobre o exemplo (51), p. 168-169.

traços referenciais, para que haja a progressão textual, carece de estratégias específicas. Essa saliência pode ser mais produtiva levando-se em conta que todo o material linguístico (e não apenas as expressões nominais) é processado como participando de uma das quatro etapas descritas.

Alguns pontos do esquema das quatro etapas são passíveis de controvérsias. Como toda proposta classificatória, a determinação taxativa dos limites de cada categoria pode criar problemas metodológicos consideráveis. Em tal processo, muitas vezes as categorias são colocadas como opostas, e isso acarreta certos embaraços. No caso da nossa proposta, tal como foi inicialmente exposta, poder-se-ia considerar o acréscimo e a confirmação como frontalmente opostos à correção.

Um provável caminho “canônico” da trajetória de um referente no texto consistiria na apresentação, seguida de acréscimos posteriormente confirmados; em um dado momento, nos textos que se prestam a isso, haveria a correção, que reformularia os acréscimos estabelecidos. Ocorre, no entanto, que corrigir pode não ser o momento final, de forma que, após uma correção, é possível haver confirmações e até acréscimos, direcionados de acordo com essa correção.

No conto analisado, uma correção estabelecida no 8º parágrafo informou que a dona de casa não era tão ingênua no que diz respeito ao universo sexual-obsceno. Na mesma direção, estabelece-se um acréscimo: a dona de casa pretende aparentar ser ingênua. E, a partir desse, outros acréscimos sobre o que a dona de pretende aparentar são estabelecidos. Gera-se, a partir daí, um conjunto de traços derivados do que não é dito, como a informação de que a dona de casa está insatisfeita com a sua vida medíocre. Estes traços, por seu turno, são confirmados em momentos posteriores. Esse movimento denota que toda correção é um redirecionamento, o qual, a depender do projeto discursivo de cada texto, pode ser reiterado e ramificado. Nesse entendimento, correção e acréscimo-confirmação não são pares antagônicos, mas partes de uma malha em que há múltiplas relações.

Outra questão espinhosa sobre a proposta das quatro etapas é a determinação de onde cada uma acontece. Por exemplo, dissemos que, ao final do conto, um dos acréscimos decorrentes da revelação de que a dona de casa era o escritor das cartas foi a constatação de que ela considerava o marido muito desinteressante. É possível contestar que esse acréscimo não necessariamente ocorreria no final do texto; antes mesmo, um leitor poderia já elaborar esse traço, e sua saliência no final do texto seria uma confirmação.

De fato, os momentos descritos para determinar cada etapa são, até certo ponto, arbitrários, porque revelam a leitura deste analista. Outras leituras feitas por nós podem

propor outra configuração na determinação das etapas, e a leitura de outras pessoas certamente se guiará por trajetórias diferentes. Isso é um imperativo das teorias sobre texto: trata-se, sempre de produção de múltiplos sentidos, os quais, conforme defendemos, decorrem de um movimento não linear. A impossibilidade, para muitos casos, de uma determinação precisa quanto ao início de uma das etapas é resultante da complexidade do objeto e dos processos analisados.

Isso não implica, contudo, que, dentro da complexidade imposta pelo olhar multidimensional, seja impossível propor alguma sistematização. Ainda que possa haver divergências entre as possibilidades de localização, o fato de se atestar a pertinência dessas quatro etapas como ferramenta útil para a análise dos processos referenciais não pode passar despercebido. As possíveis discrepâncias entre os momentos da ocorrência das etapas não podem ser motivo para se contestar a relevância dos achados. Talvez haja uma visão bem mais fluida dessas etapas, o que permitiria pensar, por exemplo, em um contínuo entre acréscimo e confirmação; e pode ser que a determinação de cada uma não seja tão precisa. Ainda assim, cremos que o esforço por propor essa determinação, se não por outro motivo, auxilia nossa compreensão teórica sobre a matéria.

Outra contribuição que atesta a importância da investigação de textos longos é a explicitação da referenciação como um processo de elaboração de traços. Nas análises de textos curtos, é comum a reflexão girar em torno de como uma ou mais expressões referenciais orientam a compreensão. Isso diz respeito tanto às análises com foco na expressão quanto às análises que explicitam a importância da predicação. No final, o processo é analisado com o fito de fornecer explicações sobre o papel dos sintagmas referenciais no texto.

Nos textos longos, ainda é importante reconhecer o valor desses sintagmas, mas o processo maior de produção dos sentidos não se fia apenas nisso. Se aceitarmos que a quantidade maior de substrato textual demanda um trabalho seletivo, é pouco provável supor que os usuários guardem na memória todas as expressões referenciais de um texto. Parece-nos mais coerente supor que se trata de um processo de elaboração e reelaboração de traços salientes. Parece-nos, então, que os acréscimos, correções e confirmações, como etapas que dependem de formulações prévias, se baseiam nos traços anteriormente construídos, e não na memória completa sobre o material linguístico.

Claro que a determinação do que é saliente depende de instâncias maiores, como a sequência e o gênero textual. No conto, por exemplo, um objetivo importante é reconhecer a construção dos personagens. Logo, em nossa análise, propusemos uma descrição de como

esses referentes são construídos, a partir dos traços que podem ser imputados a eles. Desse modo, podemos dizer que a referenciação é, sim, uma questão de traços, mas traços sociocognitivos, dinamicamente acionados, flexíveis e de natureza fluida.

Temos, então, que o método de formulação de traços participantes de etapas do processo referencial, obtidos a partir de elementos diversos da materialidade textual, mostrou-se útil para explicar o fenômeno da referenciação em um plano mais amplo que o das menções anafóricas. Outros pontos ainda podem ser discutidos em relação ao fazer investigativo aqui proposto. Vejamos, antes, a análise dos episódios do seriado, em que entra em cena mais um importante fator do processo referencial: a semiose visual.

5.2.2 *Análise/discussão do seriado*

O seriado *Lost* narra a saga de algumas pessoas que sobreviveram a um acidente de avião (partindo da Austrália para os Estados Unidos) e foram parar numa ilha deserta do Pacífico. Lá, além de aprenderem a sobreviver em condições precárias, eles têm de lidar com alguns mistérios e perigos. São 48 os sobreviventes, mas, destes, apenas 14 são personagens; os demais são figurantes.

A série focaliza a ação desses 14 personagens na ilha. Com o passar dos episódios, o interlocutor vai se familiarizando com eles, reconhecendo qual o papel de cada um na trama. Na narrativa, além do enredo que se desenrola na ilha, a cada episódio são mostrados *flashbacks* de um personagem. Normalmente, esses *flashbacks* esclarecem algum dado sobre o personagem focalizado, importante para a compreensão de suas ações no presente, na ilha.

A narração, portanto, acontece em dois planos: no presente, mostram-se as desventuras dos personagens na ilha, e os mistérios e apuros por que passam no local fazem o enredo progredir; no passado, em cada episódio, mostra-se como era a vida de um determinado personagem antes do acidente. Nos primeiros episódios, os *flashbacks* procuram explicar por que motivo cada personagem se encontrava no avião que caiu.

São dois os cenários principais das cenas da ilha: a praia propriamente dita, onde os sobreviventes resolvem fincar acampamento, e uma vasta floresta tropical que delimita a faixa litorânea, em que se veem, ao longe, algumas montanhas.

O interlocutor que entra em contato com o seriado na forma como foi exibido originalmente assiste a um episódio por semana, com duração aproximada de 42 minutos.

Trata-se, portanto, de um texto longo que se materializa em uma situação de interação pensada inicialmente como interrupta. Embora cada episódio seja, até certo ponto, uma história fechada, pois apresenta um conflito vivido por um dos personagens que tende a se resolver (ainda que parcialmente) no próprio episódio, o desenvolvimento geral da trama permite a continuidade entre os episódios, como se cada um fosse um capítulo de uma telenovela ou de um romance. Por isso, no início de cada novo episódio, há uma espécie de resumo que destaca os momentos anteriores pertinentes para o desenvolvimento do que virá.

O trabalho de compreensão do interlocutor deve dar conta da construção de diversos referentes: todos os personagens, o cenário da ilha, o suposto “monstro” que anda pela floresta, os antagonistas que surgem ao longo da trama, os personagens que aparecem nos *flashbacks* etc. Em virtude da impossibilidade de propor uma descrição tão detalhada de todos esses elementos, promovemos, neste trabalho, a análise de um dos personagens sobreviventes – John Locke –, considerando sua participação nos quatro primeiros episódios da primeira temporada (exibidos no Brasil, pela primeira vez, em março de 2005, pelo canal pago AXN). A escolha por esse personagem deve-se ao fato de que seu status nesses quatro episódios passar por uma quebra de expectativa; conforme veremos, para que essa quebra ocorra, entra em jogo um enlace engenhoso entre o verbal e o não verbal.

Uma vez que focalizamos apenas um personagem do seriado, a descrição se configura como uma explicação para apenas uma parte do trabalho cognitivo empreendido pelo interlocutor real, pois este, para dar conta da produção satisfatória dos sentidos, precisaria operar com muito mais substratos além dos que selecionamos. Para nossos propósitos, contudo, a apreciação de como ocorre a construção desse personagem é suficiente.

Como já dissemos na metodologia, a fim de poder apresentar nossa análise nos moldes do gênero acadêmico tese, tivemos de proceder a uma “versão verbal” do seriado, no que diz respeito à descrição das imagens e à transcrição dos diálogos. Essa versão consiste em todas as cenas, dos quatro episódios, em que o personagem John Locke aparece ou em que os outros personagens falam dele.

Diferentemente do conto, em que reproduzimos o texto na íntegra, optamos por selecionar as cenas de acordo com sua participação para a elaboração dos traços referenciais mais importantes sobre o personagem¹⁸². A quantidade de texto a ser exibida na análise do seriado é mais que o dobro do que foi mostrado sobre o conto. Para evitar uma exposição

¹⁸² A análise completa de todas as cenas em que John Locke aparece ou é citado encontra-se nos apêndices desta tese.

cansativa, optamos por fazer recortes, tentando respeitar os aspectos mais importantes do processo referencial.

Na análise empreendida a partir daqui, além de apresentarmos a descrição verbal, mostramos também uma ou mais imagens caracterizadoras da cena; assim, o leitor poderá ter uma noção mais precisa (ainda que estática, porque retextualizada para o verbal escrito) do aparato visual que faz parte da cena analisada.

O código utilizado para a análise foi o seguinte:

Categorias que participam da (re)elaboração do referente <John Locke>: cor azul

Identificação das categorias da linguagem verbal

Fonte – Verdana, tamanho 11

Expressão referencial que incide sobre o referente escolhido: negritada

Sintagma adjetival (ou oração adjetiva equivalente), em função de predicativo, que contribui para a (re)elaboração do referente escolhido: sublinhado

Construção linguística, maior que a expressão referencial, que contribui para a (re)elaboração do referente escolhido: sombreado de amarelo (cada construção recebe um número, que a identifica dentro da análise)

Expressão referencial que incide sobre objetos de discurso diferentes do escolhido: italicizada

Identificação da participação da linguagem visual

Fonte: Times New Roman, tamanho 11

[Destaque entre colchetes]

Parte da descrição de imagens que contribui diretamente para a (re)elaboração do referente escolhido: sombreada de azul (cada descrição recebe um número, que a identifica dentro da análise)

Quadro 4 – Código das categorias utilizadas na análise do seriado.

John Locke aparece pela primeira vez na cena inicial do seriado, quando se mostram os primeiros momentos na ilha, logo após a queda do avião. A cena é descrita tal como segue:

Episódio 1 - trecho 1

[(1)Locke aparece quando Jack chama alguns homens para ajudá-lo a retirar um outro homem preso em um dos destroços do avião; ele ajuda a levantar a peça que prende o homem, e depois fica olhando Jack fazer alguma coisa no homem ferido (nenhum *close*, plano aberto). Jack vê uma mulher grávida pedindo ajuda.]

Jack [para os outros homens]: Tire ele daqui. Tire-o de perto do motor.

[(2)Vemos Locke se mexendo para fazer o que Jack pediu. Depois da cena com Jack conversando com a mulher grávida, (3)vemos Locke e outro homem carregando o ferido, passando na frente de uma turbina que ainda está funcionando. Ele vê outro homem passando bem em frente à tal turbina.]

Locke: (1)Ei! Saia daí!

[O homem não escuta o apelo de Locke, é tragado pela turbina, que explode.]



Imagem 1 – Locke (blusa branca, calvo), junto com outros sobreviventes, levanta um destroço de avião para ajudar um ferido.



Imagem 2 – Locke, junto com outro sobrevivente, carrega o ferido para tirá-lo de perto do motor.

Na cena, Jack (um médico, que logo após os primeiros momentos de atordoamento começa a ajudar os sobreviventes em perigo) pede ajuda a dois homens, para conseguir retirar um terceiro homem debaixo de peça do avião que caiu. Locke é um dos homens que ajudam a levantar o destroço. A apresentação do referente informa, portanto, que ele é um sobrevivente do acidente de avião, solidário na ajuda aos sobreviventes feridos.

Ao longo do primeiro episódio, Locke aparece poucas vezes. Em cenas de *flashback*, vemo-lo dentro do avião, como mostra o exemplo a seguir, o que confirma que ele é um sobrevivente.



Imagem 3 – Locke no avião (sentado em uma poltrona à esquerda, atrás da mulher de blusa rosa).

Outros traços referenciais sobre o personagem vão sendo estabelecidos com a visualização de outros momentos. Observemos os três trechos seguintes:

Episódio 1 - trecho 2

[Depois dos primeiros momentos agitados na ilha. Enquanto os demais sobreviventes se movimentam e começam organizar as coisas, (1) Locke está sentado na areia, sozinho, braços sobre os joelhos, blusa, calça e meias, olhar absorto.]



Imagem 4 – Locke, após a agitação inicial, sentado na areia da praia, isolado e contemplativo.

Episódio 1 - trecho 3

[Noite. Um barulho estranho e amedrontador aparece na direção da floresta. Locke, sentado, de frente para o mar, (1)ainda sozinho, (2)vira-se para ver o que é. A câmera vai se aproximando até um close parcial em seu rosto olhando para o lado de onde veio o barulho. Todos olham enquanto uma palmeira, de repente, é afastada, como se algo gigantesco, para se movimentar, precisasse deslocá-la. Muitos se aproximam para ver do que se trata. (3)Vemos Locke já levantado, também se encaminhando em direção ao fenômeno. Outras palmeiras também se afastam.]



Imagem 5 – Locke passa a observar o barulho estranho.

Episódio 1 - trecho 6

[Ilha. Tempo nublado. Locke é visto de costas (um pouco do perfil esquerdo), (1) sentado na areia, sozinho, (2) fitando o mar (mesma roupa); a câmera vai se aproximando lentamente, e (3) vemos com mais nitidez seu semblante contemplativo. Ouve-se um barulho de chuva.]



Imagem 6 – Locke permanece isolado e contemplativo.

A partir da descrição do trecho 2, vemos que Locke age de forma diferente em relação aos demais personagens. Dois acréscimos importantes se manifestam: ele isola-se dos demais sobreviventes; ele assume uma postura contemplativa.

No trecho 3, a tendência ao isolamento é confirmada; contudo, isso não o deixa indiferente ao fenômeno estranho que parece ocorrer na floresta. Logo, há um novo acréscimo: ele preocupa-se/interessa-se pelo fenômeno estranho.

O trecho 6 confirma os traços “isolado” e “contemplativo” já apresentados.

Outro acréscimo importante ocorre na última cena do personagem nesse episódio, descrita a seguir:

Episódio 1 - trecho 7

Dá-se quase *close* em Locke, ainda chovendo, (1)ele está sentado (uma respiração mais profunda), um vulto passa em sua frente. Corta para plano aberto, (2)enquanto Locke ainda está sentado, pessoas correm para se proteger da chuva. Corta para a agitação das pessoas procurando proteção; volta para Locke, plano aberto, sentado no meio da chuva, destroços ao redor. (3)Sentado, de pernas cruzadas e mãos estendidas (como na posição de meditação), ele levanta a cabeça para olhar para cima; close em seu rosto, olhando para cima, boca aberta como num sorriso. Fecha os olhos e levanta as mãos, como em agradecimento. Parece que está sentindo a chuva.]



Imagem 7 – Locke, banhado pela chuva, parece agradecer por algo.

A descrição dessa cena, além de confirmar a já aludida tendência ao isolamento, acrescenta que Locke está satisfeito na ilha. Com isso, termina a elaboração dos traços desse personagem no primeiro episódio. Confrontado com outros personagens, que aparecem mais e falam mais, Locke é um personagem secundário e estranho, pois, além de não interagir com os demais, está satisfeito com sua situação na ilha. Como dissemos, esse gênero garante a continuidade do enredo nos episódios seguintes, de modo que os traços importantes sobre o personagem devem ser retidos para posterior “utilização”.

Desde o primeiro episódio, fica patente a participação da semiose visual na construção da referência. Tudo o que foi elaborado sobre o personagem foi calcado quase que exclusivamente na imagem. E se, no conto, as predicções, as expressões referenciais e os sintagmas adjetivais garantiam a saliência das informações por meio de confirmações, neste primeiro episódio, as imagens fizeram esse trabalho. Isso implica que a linguagem visual também é uma materialidade que contribui para as etapas de elaboração da referência, daí nossa proposta de incluí-la como mais um dos múltiplos fatores.

No segundo episódio, Locke aparece em menos cenas; duas, na verdade. A primeira é uma reprise da cena em que aparece no avião, durante o voo, sentado na poltrona; aqui, há

apenas a confirmação de que ele é um sobrevivente do acidente. A segunda é a primeira cena em que ele participa de um diálogo. Vejamos a descrição e as imagens correspondentes.

Episódio 2 - trecho 2

[Praia. Close num tabuleiro de gamão; duas mãos organizando as fichas. Câmera sobe, vemos (1)Locke sentado na areia (ainda com o corte em torno do olho direito), pernas cruzadas, olhando para o tabuleiro. Câmera vai se afastando, Locke olha para o lado. Por trás, uns três metros, entra em cena, pela direita, Walt. Ele para, observa Locke arrumando as peças.]

Walt: O que é isso? É que nem jogo de damas?

Locke [ainda olhando para o tabuleiro]: (1)Não. Na verdade, é um jogo melhor que damas.

[Close em Walt, que olha intrigado e vem se aproximando. Corta para plano aberto, mostrando Walt chegando por trás de Locke. Enquanto ele vai se aproximando, (2)Locke dá uma ligeira olhada de soslaio, e volta a ver as peças. Walt para, ainda atrás de Locke. Este fala, enquanto arruma o tabuleiro.]

Locke: Você joga damas com o seu pai?

Walt: Não. Eu morava na Austrália com a minha mãe.

Locke [(3)levantando o olhar do tabuleiro, mas olhando pra frente]: (2)Você não tem sotaque.

Walt: É, eu sei, a gente se muda muito.

[Corta para close em Walt.]

Walt: Ela ficou doente. Ela morreu há uns quinze dias.

[Câmera em Locke (mais próxima) – Aparece por trás Walt – do joelho até o tronco. (4)Locke dá uma ligeira virada no rosto, mas ainda não olha para Walt. Volta a olhar para as peças.]

Locke: (3)Você está tendo um mês ruim.

[Close em Walt.]

Walt: Concordo.

[Walt fica parado, olhando para Locke e se movimenta para ficar de frente para Locke. Corta para Locke (quase close), que olha para Walt quando este fica na sua frente e se senta.]

Locke: (4)Gamão é o jogo mais antigo do mundo. [corta para quase close em Walt] Os arqueólogos encontraram tabuleiros [corta para quase close em Locke] quando estavam escavando ruínas na antiga Mesopotâmia. [corta para quase close em Walt] Cinco mil anos de idade. [volta para Locke] É mais velho que Jesus Cristo [volta para Walt]

Walt: Eles tinham dados e essas coisas?

[Locke balança a cabeça afirmando que sim.]

Locke: (5)Mas eles não eram feitos de plástico. Eles eram feitos de ossos.

[Corta para Walt.]

Walt: Maneiro.

[Corta para close em Locke. Abaixa os olhos, para o tabuleiro.]

Locke: (6)Dois jogadores. [corta para o tabuleiro, Locke pega duas peças] Dois lados. [corta para close em Walt, que olha Locke pegando as peças. Depois corta para close maior em Locke] Um é claro. [a mão esquerda de Locke se levanta à altura de seu rosto; ele mostra, para Walt, a peça branca, que está segura entre o polegar e o indicador; ele levanta a mão direita (mesma altura), em que se encontra a peça preta, segura do mesmo jeito]. O outro é escuro. [a câmera fica fixa nessa cena por uns dois segundos; depois, Locke faz um movimento de fechar as duas mãos, e as abaixa, com um meio sorriso. Corta para close em Walt. Volta para close em Locke.]

Locke: Walt... [ele aproxima seu rosto de Walt, enquanto a câmera aumenta o close] (7)você quer saber um segredo? [close grande em Walt, olhando sério para Locke]



Imagem 8 – Locke arruma as peças de um jogo de gamão enquanto Walt chega e o observa.

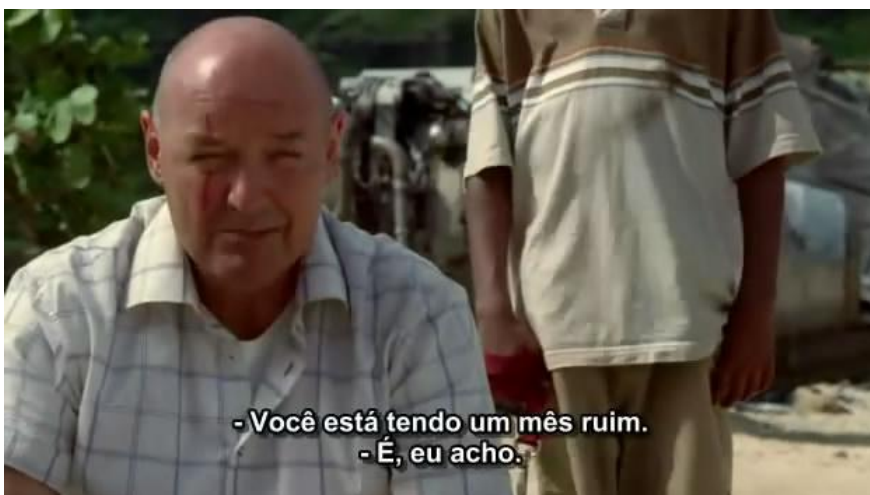


Imagem 9 – Locke dialoga com Walt.



Imagem 10 – Locke explica a Walt os princípios básicos do jogo de gamão.

A cena, além de confirmar traços estabelecidos no episódio anterior, garante acréscimos que ajudam a construir o personagem. Confirma-se que ele se isola dos demais

(descrições 1 e 2); e que ele é solidário (construções 2 e 7), pois opta por ser gentil com o garoto, chegando a partilhar um segredo com ele. A partir da sua primeira fala (construção 1), acrescenta-se que Locke, embora se isole, se dispõe a dialogar com os outros sobreviventes. O interlocutor também é informado de que o personagem é um apreciador do jogo de gamão (expressões “um jogo melhor que damas” e “o jogo mais antigo do mundo”; construções 4, 5 e 6) e que ele tem um segredo (construção 7).

Nesse episódio, Locke permanece como personagem periférico em relação aos demais. Sua figura “destoante” é confirmada: enquanto os outros procuram organizar o acampamento ou fazer algo que os ajudem a chamar pelo resgate, ele fica entretido em conversar com uma criança e arrumar peças em um tabuleiro.

O terceiro episódio, de forma geral, reforça os traços construídos até então, com acréscimos sobre esses traços. O primeiro acréscimo é percebido a partir de uma conversa entre Walt, o garoto com quem Locke conversou sobre gamão, e Michael (pai de Walt).

Episódio 3 - trecho 4

[Praia. Walt está embaixo de uma cobertura (protegendo-se da chuva), brincando com uma peça de plástico. Michael está amarrando a cobertura. Plano aberto.]

Michael: (1)E quem é **aquele cara com quem você estava**?

Walt: Que **cara**?

Michael: Você sabe, **aquele cara careca** [levanta-se, para ajeitar a tenda em cima]

Walt: Ah, **o senhor Locke**? [passa a olhar para Michael]

Michael: **Senhor Locke**. [dirige-se para debaixo da cobertura e se senta, câmera nele] (2)**O senhor Locke tem filhos?**

Walt: [câmera nele, olhando para a peça de plástico com que brincava] (3)**Ele não disse**.

[Corta para Michael]

Michael: É? (4)**E o que ele disse?**

[Corta para Walt]

Walt: [dando de ombros, ainda olhando para seu brinquedo] Eu não sei.

[Corta para Michael]

Michael: [olhar inquisidor] Como assim você não sabe? [balançando as mãos] (5)**O que ele disse?**

[Corta para Walt (quase *close*)]

Walt: [ainda olhando para as peças] (6)**Uma parte disso é *segredo*** [levanta ligeiramente o olhar para o pai]

[Corta para Michael (quase *close*)]

Michael: **Ele** mandou você não me contar? [tom ligeiramente ofendido]

[Corta para Walt (quase *close*)]

Walt [ainda olhando para o brinquedo, levanta o olhar]: **Não**. [balança a cabeça]

[Corta para Michael (quase *close*)]

Michael: Então, qual é o ***segredo***?

(Corta para Walt (quase *close*))

Walt: [está olhando para Michael, fica um tempo calado, depois baixa o olhar e baixa um pouco a cabeça] (7)**O senhor Locke disse que** [levanta a cabeça, para olhar novamente para o Michael] ***um milagre* aconteceu aqui**.

Michael: É, bem um milagre aconteceu [olha para Walt] com todos nós, [baixa a cabeça novamente] Walt. [olha novamente para Walt] Nós sobrevivemos ao desastre do avião. [Corta para Walt (quase *close*), que encara Michael com um olhar entre sério e raivoso. Ele baixa novamente o olhar para encarar seu brinquedo. Corta para Michael (quase *close*)] Olhe, (8)eu não quero que você fique mais com ele [balança a cabeça em negação] [...]



Imagem 11 – Walt conversa com Michael sobre Locke.

Depreende-se, da conversa entre pai e filho, que o segredo mencionado por Locke é considerado um milagre. De acordo com Michael, o milagre se refere à sorte de terem sobrevivido ao desastre. Como Walt não confirma nem nega a posição de Michael, o interlocutor não tem como saber se o segredo-milagre seria exatamente o que Michael disse. Na verdade, como o tópico da conversa mudou para a “ordem” de Michael para que o filho não mais trave contato com Locke, não fica definido nem mesmo se Walt sabe qual seria esse milagre.

Além do acréscimo sobre o segredo, boa parte da participação de Locke nesse episódio confirma que o personagem é uma pessoa solidária, conforme se estabeleceu nos episódios anteriores. As três cenas descritas a seguir mostram em que consiste o novo gesto de solidariedade.

Episódio 3 - trecho 5

[Praia. Plano aberto. (1)Locke, sozinho, sentado numa peça do avião (transformada em banco), (2)olhando para um pequeno pedaço de madeira em suas mãos. Também está com uma lâmina. Charley vem por trás, olhando para a barraca em que o homem moribundo está gritando de dor. (3)Locke examina o pedaço de madeira na altura dos olhos enquanto Charley se aproxima e vai sentar ao lado de Locke. Enquanto faz o movimento para sentar, (4)Locke olha para ele, como quem acha estranha essa aproximação. Quando Charley senta, Locke coça a careca. Charley olha curioso para o pedaço de madeira na mão de Locke.]

Charley: O que você está fazendo?

Locke: [(5)mexendo no pedaço de madeira com a lâmina] *Um apito.*

Charley: Hun. [acomoda-se melhor no banco enquanto Locke ainda trabalha no apito] Eu usei umas flautas tribais uma vez, numa gravação. [para de falar um pouco, enquanto (6)Locke ainda trabalha no apito]. Eu tenho uma banda.

[(7)Locke parece não dar muita atenção ao que Charley diz, e (8)continua trabalhando no apito.]



Imagem 12 – Locke fabrica um apito, enquanto Charley vem chegando.

Episódio 3 - trecho 6

[Praia. Imagem das ondas batendo na areia. Câmera vai se abaixando para mostrar (1)Locke, sozinho, sentado na areia, apito na mão; (2)ele leva o apito à boca e dá um sopro. Tira o apito da boca, enquanto a câmera vai girando para mostrar o trecho de início da floresta que Locke vê a sua frente. Corta para plano aberto, Locke de frente, levando o apito à boca e soprando-o mais uma vez. Ele tira o apito da boca e olha para a floresta mais uma vez. Faz um movimento de inclinação da cabeça, como quem observa algo de diferente no mato a sua frente. Corta para o mato (câmera em movimento). Corta para Locke (quase *close*), que leva o apito à boca e o assopra. Durante o sopro, ouve-se um latido. Corta para o mato, vemos um cachorro saindo de lá e vindo em direção à areia. Ele se deita.]



Imagem 13 – Locke utiliza o apito para atrair o cachorro de Walt.

Episódio 3 - trecho 7 [logo após o anterior]

[Praia. Plano aberto. Luz do sol. Destroços do avião e algumas pessoas deitadas ou sentadas. Locke caminha da esquerda para a direita (câmera em movimento). Michael e Walt estão dormindo embaixo de um dos destroços, usado como proteção. Locke se aproxima. Corta para Locke se

ajoelhando ao lado de Michael. Locke pega no peito de Michael para acordá-lo. Corta para foco em Michael, acordando sobressaltado e olhando para Locke.]

Locke: [leva o dedo indicador à boca] Shh... [corta para foco em Locke, olhando para Michael deitado. Locke sussurra] (1)Eu achei o cachorro do seu filho.

[Corta para foco em Michael]

Michael: O quê?

Locke: Vincent? [corta para foco em Locke] Eu o amarrei numa árvore bem ali. [corta para *close* em Michael, que vira a cabeça na direção em que Locke apontou, cara de surpresa. Corta para *close* em Locke] Eu sei que Walt perdeu sua mãe. (2)Eu achei que você deveria ser a pessoa que deveria trazer o cachorro de volta para ele.

[Plano aberto. Locke vai se levantando e aponta mais uma vez para o local. Câmera em Michael, ainda deitado]

Michael: [olhando para Locke, que já está de pé e de costas para ele] Ei, (3)obrigado.

Locke: [virando-se para falar com Michael] (4)De nada.

[A câmera se movimenta para onde está Michael, que começa a se levantar.]

[(1)Em toda a cena, a fisionomia de Locke apresenta-se bem amigável.]

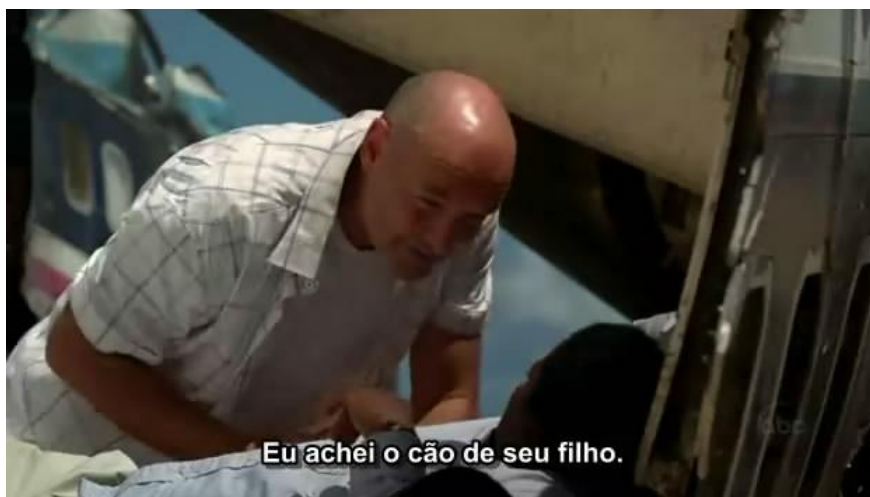


Imagem 14 – Locke informa a Michael que encontrou o cachorro de Walt.

O conjunto das cenas confirma que Locke, de fato, é uma pessoa solidária, pois se dispôs a fabricar um apito para encontrar o cachorro de Walt, que estava desaparecido. Além disso, ele não reclama para si o mérito por encontrar Vincent, mas acha melhor que o pai de Walt seja o “herói”. O interlocutor, em outras cenas não descritas aqui, já estava a par de que Walt e Michael não conviviam até a mãe do garoto falecer. Na ilha, o pai vinha se esforçando para criar intimidade com o garoto, mas seus esforços eram infrutíferos. O gesto de Locke poderá possibilitar a aproximação, o que de fato ocorrerá, como veremos na imagem seguinte.

Importa, ainda, destacar que o trecho 5 marca um acréscimo e uma correção. O acréscimo refere-se à habilidade de Locke com as mãos (descrições 2, 3, 5, 6 e 8; expressão “Um apito”). A correção diz respeito ao interesse de Locke pelos outros sobreviventes. No episódio anterior, o fato de Locke interagir com Walt permitiu a elaboração de que, apesar de

optar pelo isolamento, ele se dispõe a conversar com os outros e se interessar pelo que eles têm a dizer. Contudo, a mesma disposição não é percebida na interação com Charley (descrições 4 e 7). Isso informa que o interesse de Locke pela vida dos outros sobreviventes depende de quem seja seu interlocutor.

Até o momento, a construção sobre Locke firma uma imagem positiva sobre o personagem, especialmente em virtude de seu último gesto. A última cena desse episódio, contudo, lança uma dúvida no ar.

Essa cena é imediatamente posterior a um diálogo entre Jack (o médico) e Kate, uma jovem foragida que estava no avião porque seria deportada para os Estados Unidos. Somente no terceiro episódio, depois de ter interagido bastante com Kate, Jack descobre o seu passado comprometedor. No diálogo entre os dois, Kate chega para explicar a Jack os detalhes de seu crime, mas ele a tranquiliza, dizendo: “Não importa, Kate, quem éramos, o que fazíamos antes do desastre. Não mesmo. Há três dias, todos nós morremos. Todos nós devemos começar de novo”.

A fala de Jack dá o mote para a cena final, que apresenta os personagens em seus “recomeços”. A última imagem mostra Michael chegando com Vincent e deixando Walt muito feliz; o recomeço, para os dois, significa a construção de uma verdadeira relação entre pai e filho. Eles são observados por Locke, conforme se vê na imagem 15.



Imagem 15 – Locke observa Michael e Walt juntos.

Nesse momento, a câmera corta para mostrar a fisionomia de Locke, conforme a imagem 16. Vemos, então, um olhar sério e misterioso, que faz surgir uma dúvida sobre o caráter do personagem. Essa é a cena final do episódio.



Imagem 16 – Locke observa Michael e Walt com um olhar misterioso.

O quarto episódio fecha um ciclo sobre o personagem. Esse é o episódio em que aparecerão os *flashbacks* de sua vida antes da ilha.

A primeira cena é um *flashback*, mas não ainda de sua vida progressa. Conforme se vê na descrição, a cena reproduz os primeiros momentos de Locke após a queda do avião.

Episódio 4 – trecho 1

[*Flashback*. Grande *close* num olho fechado, acima e abaixo, marcas de sangue. O olho abre (cor verde) e vemos o movimento da “pupila” para os lados; corta para uma visão de (1)Locke deitado, o pé direito em destaque na frente, mão direita sobre a barriga. Roupas: meia preta, calça bege, cinto preto, blusa de pano branca com listras azuis. Ele levanta a cabeça; corta para imagem da turbina do avião (plano aberto), ainda funcionando depois do acidente; vemos a praia, Charley está por trás da turbina. (2)Corta para imagem de Locke deitado, visto de cima, pernas um pouco afastadas uma da outra, braços um pouco afastados do tronco. A câmera se mexe um pouco. Corta para Shannon chorando desesperada (uma pessoa correndo atrás). Corta para grande *close* em Locke, que, ainda deitado, olha para a parte inferior do seu corpo, mexendo um pouco a cabeça. Corta para Jin, gritando para o lado. Volta para Locke, visto a partir do pé, cabeça ainda levantada. (3)Ele dá uma leve mexida no pé direito, e isso chama sua atenção; a câmera se aproxima do pé e focaliza essa parte do corpo (atrás fica embaçado). (4)Ele mexe novamente o pé. Corta para plano mais aberto. Locke continua na mesma posição (a câmera ainda focaliza o pé na frente); vemos um par de pernas correndo na frente de Locke. Depois que essa pessoa passa, (5)Locke continua olhando para seu pé. A câmera se movimenta para a esquerda (enquanto isso, vemos, atrás da cabeça de Locke, alguns destroços, e pessoas correndo em desespero), destacando um sapato preto ao lado de Locke. (6)Locke começa a se levantar, apoia o cotovelo na areia e movimenta o tronco na direção do sapato. Com a mão esquerda, pega o sapato e volta o corpo à posição de eixo, na mesma hora em que fica sentado; olha para baixo. Ele movimenta um pouco a perna esquerda. Corta para *close* em Locke, olhando para cima e ao redor. Momento atual. Corta para outro *close* em (7)Locke, sozinho, à noite, olhar fixo para frente, (8)fitando o nada. [...]



Imagem 17 – Locke em seus primeiros momentos após o acidente.

A disposição da cena parece informar que, no presente, Locke está recordando os momentos iniciais após o acidente. Temos, então, a confirmação de que ele é um sobrevivente e que ele é contemplativo.

A cena apresentada a seguir responde por um dos grandes acréscimos, que finalmente fornece uma informação mais palpável sobre Locke. Anterior ao momento em que ele aparece, um dos personagens (Hurley) informa que os pacotes de refeição aérea que restaram tinha acabado. Diante da insatisfação das pessoas, outro personagem (Sayid) tenta acalmar os ânimos. A descrição a seguir se inicia nesse ponto.

Episódio 4 – trecho 3

[...]

Sayid: Nós podemos encontrar comida. [ele para na frente de algumas pessoas] Há muitas coisas nessa ilha que podemos usar para nos nutrir.

Sawyer: [em off] E como é exatamente [corta para Sawyer, sentando-se numa das poltronas do avião que estão como destroços – a poltrona está pregada a outra poltrona vazia] que vamos encontrar essa nutrição?

[Escuta-se um barulho de algo sendo lançado de forma rápida. (1)Uma faca atinge a poltrona vazia ao lado de Sawyer. Corta para *close* em Sawyer, a faca ao seu lado, ele a olhando. Corta para plano aberto, a câmera se movimenta de Sawyer para (2)Jack e Kate, que se viram para olhar de onde a faca veio. (3)Corta para *close* em Michael, que também se vira na mesma direção. Corta para plano aberto. (4)Locke bem no meio. (5)Boone está à esquerda, de costas para a câmera, olhando para Locke.]

Locke: (1)Nós caçamos.

[Volta para *close* em (6)Sawyer, que desvia o olhar da faca para olhar para Locke. Corta para plano aberto. Sawyer sentado, Jack e Kate próximos a Sawyer, Locke de costas (apenas parte do tórax direito, o ombro e parte da cabeça). Jack se aproxima da faca para tirá-la da poltrona. Enquanto isso, Kate fala]

Kate: Como **você** conseguiu levar aquela faca no avião?

[Corta para plano aberto, Locke no centro]

Locke: (2)Na bagagem de mão.

[Corta para plano aberto, foco em Jack, Locke de costas. Jack se aproxima de Locke para entregar-lhe a faca]

Jack: Ou (3) **você tem uma pontaria muito boa** ou... [olhando para a poltrona] uma pontaria [entrega a faca a Locke, que a recebe] muito ruim, **senhor...**

Michael [em off]: **Locke** [Jack vira o rosto da direção de Michael. Corta para *close* em Michael – (7) **olhar sério**] O nome **dele é Locke**. [(8) **tom desafiador**]

[Corta para *close* em Jack, voltando a olhar para Locke (Sawyer atrás, desfocado).

Jack: Ok, **senhor Locke**, e o que nós vamos caçar?

Corta para Locke (coxa para cima), câmera se aproximando dele.

Locke: (4) **Nós sabemos que há javalis selvagens na ilha**. [câmera continua se aproximando] (5) **Razorback, pela aparência deles**. [câmera continua se aproximando] (6) **Os que vieram ao acampamento na última noite são filhotes, uns 50 ou 60 quilos cada**. [câmera continua se aproximando] (7) **O que significa que tem uma mãe por perto**. [câmera continua se aproximando] (8) **Uma ratazana com mais de 100 kg**, [(9) **corta para *close* em Boone, Sayid atrás desfocado, câmera se movimenta para mostrar Sayid em foco, Boone na frente desfocado, e Hurley um pouco atrás, também desfocado**] **com presas de sabre e péssimo humor**, [(10) **corta para quase *close* em Jack, câmera se movimenta para mostrar Kate**] **que adoraria nada mais que eviscerar qualquer coisa que chegue perto dela**. [corta para Locke, *close*] (9) **O modo de ataque usual dos javalis é cercar e atacar por trás, então eu acho que é necessário pelo menos três de nós para distraí-la o tempo suficiente para eu pegar um dos filhotes, agarrá-lo** [(11) **enquanto fala, Locke pisca o olho direito (como se tivesse um tique), duas ou três vezes**] **e cortar sua garganta**.

[Corta para plano fechado, Jack e Sawyer (um pouco atrás de Jack)]

Sawyer: E você vai devolver [Jack se vira na direção de Sawyer] a faca **dele?**

[Corta para *close* em Jack, olhando para Sawyer]

Jack: Bem, se você tiver uma ideia melhor...

[Corta para Sawyer, plano fechado, Jack um pouco à frente, desfocado]

Sawyer: Melhor do que três de vocês [corta para Kate] entrando na floresta mágica [volta para Sawyer, Jack na frente desfocado] para enfrentar um presunto com nada mais que **uma faquinha de caça?** Caraca, não. É a melhor ideia que eu já ouvi.

[Corta para Jack (*close* de perfil). Corta para plano fechado em Locke (Jack um pouco à frente, desfocado; atrás, uma grande peça do avião). Locke se movimenta para trás e abaixa a cabeça, olhando para baixo. Ele movimenta a perna direita. A câmera se movimenta para mostrar que seu pé direito está mexendo numa mala. (12) **Corta para *close* na mala, o pé de Locke a abrindo. Dentro há um conjunto de seis facas “estilizadas”** Corta para plano fechado em (13) **Jack, que muda o olhar da mala para Locke, olhando-o admirado**. Corta para quase *close* em Locke, que volta o rosto para as pessoas. (14) **Corta para *close* em Michael, boquiaberto**. (15) **Corta para plano fechado em Sawyer, olhando as facas**. (16) **Corta para plano fechado em Hurley (Sayid à frente, desfocado, ambos olhando para as facas)**]

Hurley: (10) **Quem é esse cara?** [Em off, ouve-se um barulho de telefone tocando]

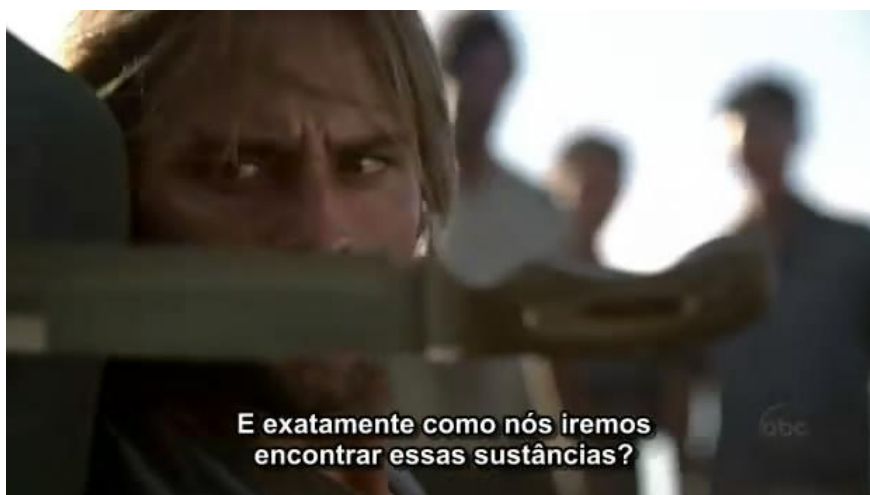


Imagem 18 – a faca arremessada por Locke crava na poltrona vazia.



Imagem 19 – Locke fala pela primeira vez com o grande grupo.

Essa é a primeira vez em que Locke fala para o grupo de sobreviventes. A partir dessa cena, acrescentam-se os traços de que ele é habilidoso com facas (descrição 1e construção 3) e confiante em relação a seus conhecimentos (descrições 1 e 4; construções 1, 4, 5, 6, 7, 8 e 9). Enquanto fala, ele desperta desconfiança/curiosidade nos demais (descrições 2, 3, 5, 6, 9, 10, 13, 14, 15 e 16; construção 10). Vê-se, assim, que ele é um caçador competente e corajoso/destemido. Esse papel garante o destaque de Locke entre os demais. A partir daqui, ele também será um protagonista, alguém de cujas ações dependerá a vida dos demais.

Embora o personagem tenha ficado mais “consistente” para o telespectador, isso não anula a sua aura de mistério. A pergunta de Hurley no final da cena – “Quem é esse cara?” – é a mesma do telespectador. A resposta começa a ser dada imediatamente após a pergunta, com o primeiro *flashback* da vida de Locke antes da ilha, descrito a seguir.

Episódio 4 – trecho 4

[Flashback. Grande *close* em Locke (atrás dele, desfocado, vemos algumas pastas de arquivos). Ele atende ao telefone]

Locke: Sim?

Voz ao telefone: (1) **Coronel Locke**, essa linha é segura?

[Locke tira o fone do ouvido e (1)olha primeiro para sua esquerda, depois para sua direita]

Locke: (2) **Linha segura. GL-12, prossiga.**

Voz ao telefone: (3) **A área do alvo foi obtida. Manobras confirmadas para as treze cem horas. Repetindo, sinal verde.**

Locke: (4) **Câmbio. Nos encontraremos no local de sempre às treze cem horas.**

Randy [em off]: **Locke**, [(2)Locke toma um ligeiro susto e olha de soslaio para o lado de onde vem o chamado] eu **te** disse, [corta para plano aberto, vemos (3)uma grande sala, provavelmente de uma empresa, com divisórias em PVC; além de Locke, alguns outros funcionários estão em seus “compartimentos”. Locke está sentado, uma mesa à sua frente, com um monitor de computador. A cor das paredes, das colunas e das divisórias é branca. A pessoa que estava falando com Locke se aproxima dele; enquanto ele vem chegando, (4)Locke põe o telefone no gancho] (5) **a gente precisa dos relatórios TPS prontos ao meio dia de hoje.** [corta para plano fechado na pessoa que fala; vemos uma parte de Locke de costas, metade do tórax pra cima; apenas o ombro esquerdo e a parte esquerda da cabeça] (6) **Nem doze e meia, nem doze e quinze.** [corta para Locke] **Meio dia.**

Locke: (7) **Eu** lhe[*sic*] ouvi da primeira vez, [(5)balança a cabeça mais de uma vez, afirmativamente] Randy.

[Volta para o mesmo plano fechado em Randy]

Randy: (8) **E nada de chamadas pessoais durante o expediente, coronel.**

[Corta para grande *close* em Locke. (6)Ao ouvir Randy chamá-lo de “coronel”, ele desvia o olhar rapidamente para Randy, como se tivesse sido pego de surpresa, um pouco raivoso. Volta para plano fechado em (7)Randy, um pequeno sorriso de escárnio no rosto. Ele sai (bem cheio de si). Corta para plano mais aberto, Randy continua saindo. Corta para plano fechado em (8)Locke, que tem em sua mesa de trabalho um monitor de computador (plasma) e uma máquina registradora. (9)Ele digita alguns números na máquina registradora (10)enquanto olha na direção em que Randy foi (olhar sério). Corta para grande *close* em Locke (barulho de máquina registradora), (11)ele desvia o olhar da máquina para cima, como se ainda estivesse a olhar para onde Randy foi]

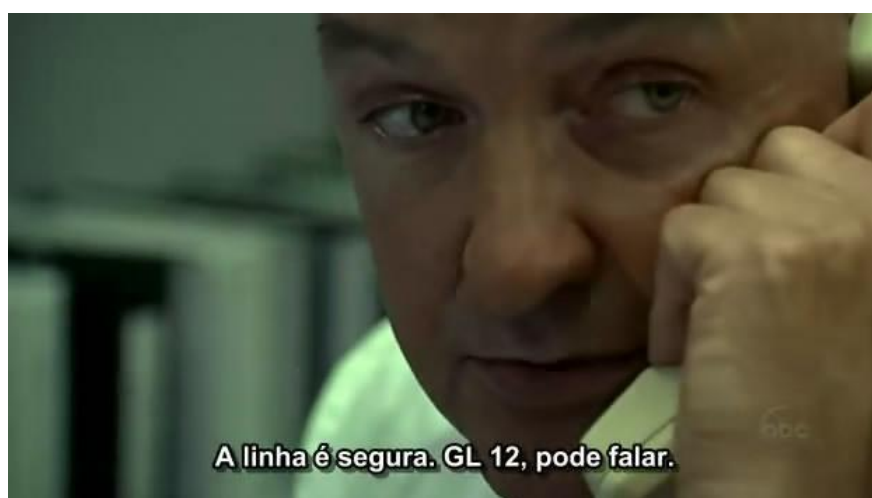


Imagem 20 – Primeira imagem de Locke no primeiro *flashback* sobre sua vida antes da ilha.

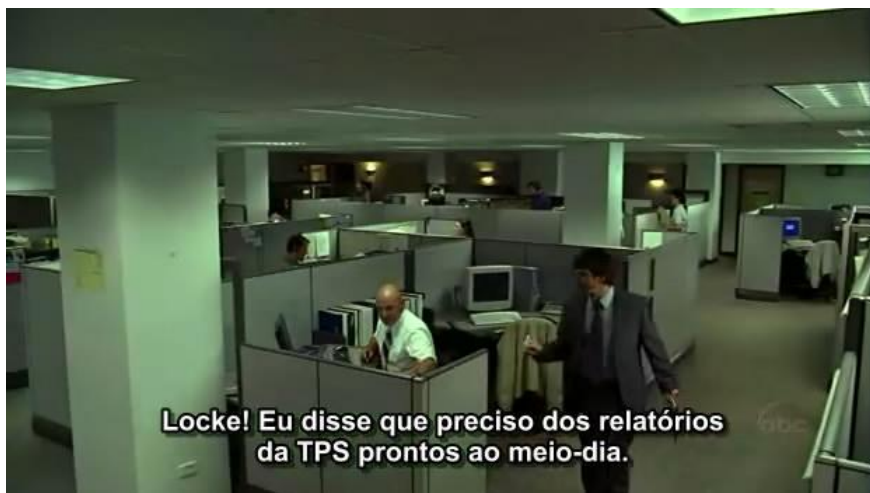


Imagem 21 – Plano aberto do local de trabalho de Locke (uma empresa).



Imagem 22 – Locke exerce um trabalho burocrático.

Na cena descrita, a conjunção entre texto verbal e imagem é fundamental para a instauração dos “movimentos referenciais”. Num primeiro momento, o diálogo de Locke com GL-12 e a permanência do close em seu rosto acrescentam que Locke é um coronel envolvido em uma importante operação (expressão “Coronel Locke”; construções 1, 2 3 e 4; descrição 1). Isso confirma o traço “destemido/corajoso” e é bastante condizente com a função de líder que Locke passa a assumir na ilha. Contudo, há uma correção radical, pois a fala de Randy interrompendo o telefonema, imediatamente seguida da mudança da imagem para um plano aberto do cenário, revela outra referência: Locke é, na verdade, um funcionário subalterno de uma empresa, onde parece exercer um serviço burocrático (descrições 3, 8 e 9; construções 5 e 8), que não tem coragem de exprimir sua insatisfação com o deboche e a grosseria de seu superior (descrições 2, 4, 5, 6, 10 e 11; construção 7).

A partir desse movimento de correção, a elaboração sobre Locke se sustenta em torno de uma construção dicotômica: de um lado, sua presença na ilha acrescenta os traços “caçador competente” e “corajoso/destemido”; de outro, o *flashback* o mostra como um sujeito razoavelmente comum, com um emprego medíocre. Já aqui é possível, então, reelaborar a construção feita no primeiro episódio: Locke está feliz na ilha, provavelmente porque sua vida anterior era desinteressante.

Outra elaboração que se refina diz respeito aos interesses pessoais de Locke. No episódio 2, o personagem aparece como um conhecedor do jogo de gamão. Aqui, em sua conversa telefônica, Locke simula participar de uma operação militar. Temos, então, que Locke se interessa pelo universo do “combate”, da guerra. Essa informação condiz com o espírito guerreiro que o personagem assume na ilha.

A dicotomia entre as “duas vidas” de Locke será a marca mais explorada ao longo de todo o episódio; isso quer dizer que as confirmações e os acréscimos são estabelecidos em duas direções. Na ilha, muitas cenas, como a imagem 23, atestam que Locke é de fato um caçador experiente.



Imagem 23 – Locke observa vestígios da ação dos javalis.

Nos *flashbacks*, prevalecem as confirmações de que Locke é um sujeito incapaz. Isso se confirma no segundo *flashback*. Enquanto caça javalis com Michael e Kate, os três escapam de um ataque perpetrado pelo animal. Michael fica bastante ferido, e Locke sofre uma queda e perde momentaneamente a consciência, como se vê na imagem a seguir.



Imagem 24 – Locke, logo após o ataque do javali.

Nessa hora, tem início o *flashback*, como se Locke, ao perder a consciência na ilha, se lembrasse desse momento de seu passado. A descrição da cena é apresentada a seguir.

Episódio 4 – trecho 10

[Flashback. (1)Plano fechado em um tabuleiro com soldados de plástico. Três dados.]

GL-12: [em off] (1)Suas tropas cruzaram as linhas inimigas.

[Corta para Locke, sentado em frente à mesa onde se encontra o tabuleiro, cotovelos sobre a mesa, queixo apoiado sobre as mãos]

Locke: (2)Paciência, [passa a olhar para alguém que está a sua frente] a qualidade que lhe falta [aponta o indicador esquerdo para a pessoa a sua frente], GL-12, [corta para mostrar GL-12, provavelmente, um colega de trabalho, sentado no outro lado da mesa, olhando para Locke] é a [corta para plano aberto. (2)Locke e GL-12 estão numa copa; por trás vemos Randy chegar, com papéis na mão, e se dirigir a uma máquina eletrônica com produtos comestíveis] marca do líder.

Randy [(3)tom de deboche]: (3)Marca, né? [Randy coloca uma moeda na máquina, ouve-se um barulho e Randy se abaixa para pegar algo. Corta para GL-12, dando uma grande mordida em um grande sanduíche. Corta para plano fechado em Locke, olhando para o tabuleiro. Randy chega e se senta numa cadeira ao lado de Locke] (4)Me conta mais sobre ser um líder, Locke. E aproveitando, [Randy abre o pacote que está em suas mãos – uma barra de cereal. Corta para plano fechado, perfil esquerdo de Locke, ainda olhando para o tabuleiro, sem querer encarar Randy] (5)me conta sobre essa coisa de coronel. [volta para foco em Randy] Eu olhei os seus arquivos nos recursos humanos. [(4)tom de crítica] (6)Você nunca esteve em nenhuma das forças armadas.

[Volta para perfil esquerdo de Locke]

Locke: (7)Eu só estou jogando um jogo, Randy. [Locke volta a cabeça para o lado de Randy, (5)mas ainda não o encara] (8)É... é (9)minha hora de almoço. (10)Eu posso jogar. [Locke pega um copo para beber algo]

[Corta para foco em Randy. Mais próximo da câmera, desfocado, vemos o perfil direito de Locke]

Randy: É. [Ele dá uma ligeira olhada nos papéis que tem na mão] Me diz, o que é uma "andança"? [(6)ainda o tom de deboche] [corta para close em (7)Locke, que se vira abruptamente para olhar para Randy, olhar surpreso] (11) "Experimente a jornada de sonhos [corta para foco em Randy, lendo o papel que tem nas mãos; (8)ainda vemos o perfil de Locke, só que agora ele está olhando para Randy] da lendária Austrália".

[Ao terminar de ler, (9)Randy lança um olhar sarcástico para Locke. Corta para foco em (10)Locke, que tira rapidamente os papéis da mão de Randy]

Locke: (12)Você não tem o direito de pegar isso na minha mesa.

[Corta para foco em Randy]

Randy: (13)Então **você**... fica andando por lá [faz movimentos com a mão, como se quisesse indicar um caminho errático], caçando e arrumando comida, certo? (14)A pé?

[Corta para quase *close* em Locke]

Locke: [(11)fala para Randy, sem olhar para ele] Não é algo para você entender, mas uma andança... é (15)uma *jornada de renovação espiritual*, quando **nós** tiramos força da terra e **nos** tornamos inseparáveis dela. [corta para quase *close* em Randy, (12)olhar de deboche] (16)Eu tenho uns dias de férias. (17)Estou indo, [corta para quase *close* em (13)Locke, que agora olha para Randy] Randy. (18)Já fiz as reservas.

[Corta para quase *close* em GL-12]

GL-12: (19)Uau, **John**, **você** vai mesmo, hein? [corta para quase *close* em Locke, que faz um ligeiro movimento de confirmação com a cabeça e volta a olhar para o tabuleiro] **Você** já falou com *a Helen*? [(14)Ao ouvir o nome de Helen, Locke volta a olhar para GL-12, encarando-o seriamente]

[Corta para foco em Randy, olhando na direção de GL-12. Vemos à frente o perfil direito de Locke, também olhando para GL-12]

Randy: [(15)dando uma risadinha debochada e olhando para Locke] Helen? O que é isso, **Locke**? (20)**Você** de fato tem uma mulher na *sua* vida.

[Corta para foco em Locke, perfil esquerdo, plano fechado; Randy de costas para a câmera, aparecendo apenas parte da cabeça e o ombro direito]

Locke: (21)Isso não é da sua conta.

Randy: Qual é a sua, **Locke**? [corta para foco em Randy, perfil direito de Locke à frente, desfocado] (22)Por que **você** se tortura? [(16)Locke põe as mãos na cabeça] Imaginando [corta para quase *close* em (17)Locke, ainda com as mãos na cabeça, aparentando impaciência] que **você** é... tipo... **um caçador**. E *andanças*? (23)Acorda. [volta para foco em Randy, que, enquanto fala, vai aproximando seu rosto do rosto de Locke] (24)**Você** não pode fazer nada disso.

[Randy se levanta. Corta para foco em Locke, ainda com as mãos na cabeça. Randy vai pegar um copo de água]

Locke: *Norman Croucher*.

[Randy se vira para olhar para Locke]

Randy: O quê? Norman o quê?

Locke: *Norman Croucher*. *Norman Croucher*. [Locke tira as mãos da cabeça e as põe sobre a mesa] (25)Amputado duplamente. Sem pernas. [atrás, Randy balança a cabeça em confirmação, [(18)como sinal de ironia] (26)Escalou até o topo do Monte Everest. [Randy se aproxima de Locke novamente, ainda em pé] Por quê? Era seu destino.

Randy: É isso o que **você** acha que tem, **velho**? [pequeno bufo de deboche] [corta para Randy, em pé, olhando para Locke, sentado; vemos apenas a careca dele] *Um destino*? [(19)Randy balança a cabeça em desaprovação e sai]

[Corta para quase *close* em Locke]

Locke: (27)Só... [olhando de soslaio para aonde Randy se dirigiu] (28)não me diga o que não posso fazer. [(20)pouco de raiva na voz ao final dessa frase]

Kate: [em off] **John**... ele está ferido.



Imagem 25 – Locke joga com um colega de trabalho (Randy, o superior, está de pé, atrás de Locke).



Imagem 26 – Randy debocha de Locke.

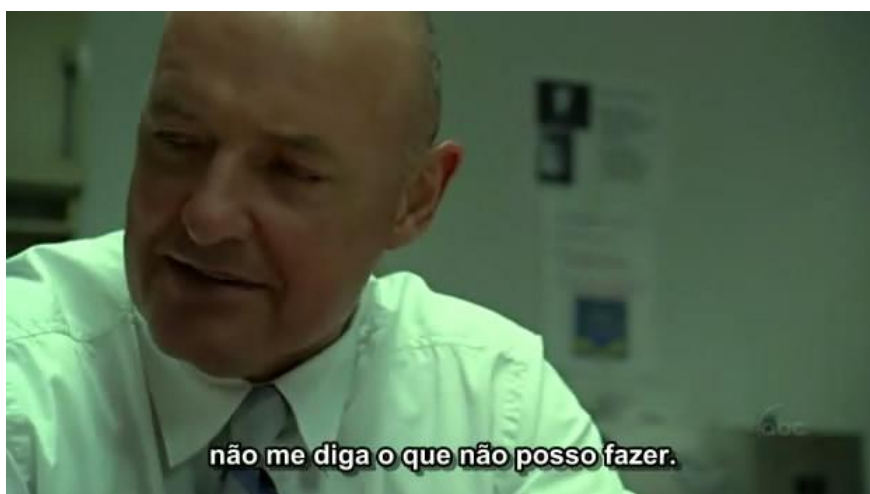


Imagem 27 – Locke exprime sua insatisfação com a atitude de Randy.

Esse *flashback* confirma traços referenciais do personagem Locke: ele é um funcionário subalterno (descrição 2; construções 9, 10 e 16), humilhado por seu superior

(descrições 3, 4, 6, 9, 12, 15, 18 e 19; construções 3, 5, 6, 11, 13, 14, 20, 22, 23, 24; expressão “velho”); embora desaprove as intromissões indevidas de Randy (construções 7, 10, 12, 21 e 28; descrições 7, 8, 10, 14, 16 e 17), não tem coragem de se rebelar (descrições 5, 7, 8, 10, 11, 16, 17 e 20; construções 8, 10, 27 e 28). Aliás, ele não só não toma essa iniciativa, como ainda sente necessidade de dar satisfações a Randy para mostrar sua superioridade (construções 17, 25 e 26; descrição 13; expressão “Norman Croucher”).

Além desses traços (em sua maioria, confirmações sobre o que já se tinha construído), o *flashback* fornece acréscimos que permitem a reelaboração do que já foi firmado sobre o personagem na ilha. O interlocutor é solicitado a promover movimentos não lineares, que garantem uma configuração mais plena da construção referencial. Vemos, por exemplo, que Locke admira a paciência e reconhece essa como a principal marca do líder (construção 2). De fato, vemos que Locke foi paciente na ilha, pois encarou a situação caótica com demasiada tranquilidade. Somos informados, ainda, que Locke gosta de exercer o papel de líder (construção 2), ainda que isso não seja reconhecido (construções 3 e 4). Isso permite redimensionar o papel de líder que Locke passa a assumir na ilha, pois parece que, lá, é a primeira vez em que isso acontece de fato.

Todas essas informações se coadunam ao seu interesse pelo universo do combate (que também é confirmado aqui – expressão “coronel”, *em off* na cena anterior; descrição 1; construções 1, 2 e 7). Nessa mesma direção, é acrescentado o interesse por aventuras selvagens (expressões “uma andança” e “uma jornada de renovação espiritual”; construções 11 e 15), o que, além de explicar o motivo pelo qual Locke estava no avião (construções 11, 15, 17 e 18), realça o traço de caçador competente.

Um movimento não linear importante é possibilitado pela expressão referencial “um destino”. No contexto em que aparece, a expressão informa que Locke acredita que tem uma importante missão a cumprir. O papel de protagonista que ele passa a assumir nesse episódio, e que já foi mostrado até aqui, é reelaborado como o “destino” dele. Daí vem a sua satisfação por estar na ilha, e a consideração do conjunto de traços manifestos até aqui, com base em suas ações na ilha e nos *flashbacks*, reforçam a construção de que ele é um homem bem diferente numa e noutra situação.

Outra manifestação exemplar da dicotomia se dá a partir da proposição “Não me diga o que não posso fazer” (construção 28). Essa mesma construção aparece ainda duas vezes no episódio, o que acaba estabelecendo um “mantra” para Locke. Aqui, além de estabelecer que o personagem não aceita que o impeçam de exercer sua autonomia, a construção, da forma

como é dita, exprime a pouca convicção do próprio Locke de que isso trará algum resultado concreto na forma como ele age ou, principalmente, como os outros o veem.

A segunda menção da construção ocorre na cena imediatamente posterior ao *flashback*. O cenário é novamente a ilha, no momento em que Locke, após a queda, recobra a consciência. Vejamos a descrição.

Episódio 4 – trecho 11

[Corta para floresta, *close* em (1)Locke, ainda deitado]

Kate: (1)Locke? Pode me ouvir? Locke. [corta para plano fechado, Kate e Michael ainda na grama, ela acorçada, ele deitado tentando se levantar; aparece, na frente, o corpo de Locke da cintura para baixo] (2)John, você está bem? [corta para *close* em (2)Locke, ainda deitado, olhar como quem acaba de sair de um transe. Ele levanta a cabeça. Corta para vermos o ângulo do pé direito de Locke; (3)ele olha para o pé; enquanto começa a mexer as pernas, ouve-se um gemido de dor de Michael] Locke?

Locke: (3)Estou bem [(4)voz falha], estou bem. (4)Eu estou bem, Helen. [começa a se mexer para se levantar] (5)Só perdi as forças por um instante, só isso.

[Corta para foco em Kate e Michael. Kate está mexendo no ombro de Michael]

Kate: [virando o rosto para olhar para Locke] Helen?

[Corta para foco em Michael, cara de dor; Kate ainda está mexendo no ombro dele]

Michael: Deus!

[Corta para foco em (5)Locke, colocando o tronco ereto. À frente, desfocada, Kate faz algum movimento sobre Michael]

Locke: O quê?

Kate: (6)Você me chamou de Helen.

[Corta para foco em Kate. Vemos o ombro de Michael. Ela rasga um pedaço da blusa dele, na altura do braço. Michael geme de dor. Corta para foco em (6)Locke, sentado]

Locke: Foi? [corta para plano fechado. As mãos de Kate fazem um torniquete na perna de Michael. Volta para foco em Locke, parte do rosto de Kate à frente, desfocado. (7)Locke respira ofegante; ele começa a se levantar] (7)Pra que lado aquele javali foi?

[Corta para foco em Kate e Michael]

Kate: Uhn Uhn. [Kate vira o olhar para Locke] Michael está ferido. Nós temos que [a câmera se movimenta para mostrar Michael gritando de dor] levá-lo de volta ao acampamento.

[Volta para foco em Locke, parte do rosto de Kate à frente, desfocado]

Locke: É, você o leva de volta ao acampamento. (8)Eu vou pegar aquele javali. [(8)Locke fica completamente em pé]

[Corta para foco em Kate e Michael, olhando surpresos para Locke]

Kate: O que você tá dizendo?

[Corta para foco em Locke, andando, (9)olhar procurando algo ao redor. Ele para de repente, faz um movimento como que vai voltar, (10)mas continua]

Locke: (9)Eu estou bem. Eu posso fazer isso.

[Corta para foco em Kate]

Kate: [quase gritando] John, (10)você não pode.

[Corta para Locke, andando com ar decidido]

Locke: (11)Não me diga o que eu não posso fazer.



Imagem 28 – Locke volta a caçar o javali (“Não me diga o que não posso fazer”).

No novo contexto em que a expressão aparece, Locke decide continuar a caça ao javali, no que é contestado por Kate. A resposta à restrição da colega é o seu mantra, o que confirma sua postura de não admitir impedimentos externos a sua autonomia. Contudo, nessa cena, diferentemente da cena anterior, há uma convicção maior quanto ao que se diz. Tanto Locke pode, de fato, agir como bem entender (pois é o líder), como ele pode “impor” sua atitude aos demais. Vemos, assim, a grande transformação sofrida por ele na ilha: de funcionário medíocre a caçador; de subalterno a líder; de medroso a corajoso; de fraco a forte.

A terceira ocorrência da construção se dá no final do episódio. Na ocasião em que a cena for descrita, teceremos um comentário específico. Voltemos, por enquanto, à continuação da trama. Locke, enquanto procura pelo javali, é encontrado pelo “monstro” estranho que vaga pela ilha (imagem 29). Após esse encontro, Kate e Michael acreditam que ele não sobreviveu, e é isso que informam quando voltam da caçada. Contudo, logo após Kate informar a Jack que Locke morreu (imagem 30), ele aparece (imagem 31), trazendo consigo o javali, capturado e morto (imagem 32). Nessa sequência, temos acréscimos (Locke é atacado pelo “monstro”; Locke é dado como morto), confirmações (Locke é dado como morto) e uma correção (Locke está vivo).



Imagem 29 – Locke encara o “monstro”.



Imagem 30 – Kate informa que Locke morreu.



Imagem 31 – Locke volta ao acampamento.



Imagem 32 – Javali capturado por Locke.

O conflito gerador do episódio – a busca por comida – está resolvido. A construção do personagem Locke, em suas duas dimensões, foi bastante bem estabelecida, com acréscimos, correções e confirmações pertinentes. Contudo, uma última correção ainda está por acontecer. O último *flashback* apresenta um novo traço referencial sobre Locke, o qual proporcionará algumas reelaborações.

Episódio 4 – trecho 18

[Flashback. Plano fechado. Um homem de aparência forte, rabo de cavalo, está sentado atrás de uma mesa, em um escritório, com alguns quadros coloridos na parede. Ao lado, um armário de ferro com muitas gavetas e umas caixas de papelão]

Instrutor: *As andanças* que organizamos *aqui* não são um passeio no parque. São *caminhadas por desertos, descidas de balsas por águas perigosas...*

[Corta para plano fechado em (1)Locke, sentado de frente para o homem, roupa esportiva. Atrás dele, pelo vidro, vê-se uma rua]

Locke: Olhe, (1)você não tem nenhuma ideia de com quem está falando. [enquanto fala, (2)ele gesticula com as mãos] **Eu** estou bem consciente sobre o que isso envolve, acredite. (2)**Eu** provavelmente sei mais que você *nessa matéria*.

[Corta para instrutor, mesmo plano de antes]

Instrutor: Em todo caso, é *um baita desafio até pra alguém no auge da forma física*.

[Corta para plano aberto. (3)Locke e o instrutor estão num escritório, provavelmente, uma agência de turismo. No fundo, temos uma visão mais ampla da rua. Do lado direito, um ônibus de turismo e algumas pessoas nele, bem alegres]

Locke: Olhe, **eu** agendei esse passeio há mais de um mês. Vocês já receberam **meu** dinheiro. [corta para plano fechado em Locke, perfil direito, imagem do ônibus ao fundo] Agora, (3)**eu** exijo um lugar naquele ônibus. [aponta, com a mão esquerda para o ônibus]

[Corta para plano fechado no instrutor, perfil esquerdo]

Instrutor: (4)**Você** se descreveu erroneamente.

[Corta para quase *close* em Locke]

Locke: **Eu** nunca menti.

[Corta para quase *close* no instrutor]

Instrutor: *Uma grande omissão, senhor Locke.* (5) **Você** negou-se a nos contar sobre **sua condição física**.

[Corta para quase *close* em Locke]

Locke: (6) **Minha condição** não é problema. (7) **Eu** vivo com ela há *quatro anos* [corta para plano aberto, Locke e instrutor no escritório, o ônibus atrás] e ela nunca me impediu [escuta-se o som de um motor de automóvel sendo ligado] **de fazer nada**.

Instrutor: Infelizmente, é *um problema para nossa companhia de seguro*. [ouve-se uma buzina; corta para plano fechado no instrutor] Eu não [o instrutor levanta o braço] posso deixar o ônibus esperar mais. Não é justo com os outros...

[Corta para quase *close* em Locke]

Locke: (8) **Não me fale de** [(4) **com raiva**] **justiça!** [(5) **bate com força na mesa**]

[Corta para quase *close* no instrutor, que olha para Locke com um pouco de raiva. Ele começa a se levantar da cadeira. Corta para plano aberto, o instrutor em pé]

Instrutor: (9) **Vou lhe** [*sic*] **colocar** [corta para plano fechado no instrutor, em pé, falando bem sério] **num avião de volta para Sydney** por nossa conta. É o melhor que posso fazer.

[Corta para quase *close* em Locke, ainda sentado]

Locke: [sem olhar para o instrutor] Não, não, (10) **eu** não quero voltar para Sydney. [passa a olhar para o instrutor, ainda sentado] Olhe, (11) **eu** venho **me** preparando para **isso por anos**. Apenas **me** coloque no ônibus agora. (12) **Eu** posso fazer isso.

[Corta para quase *close* no instrutor, olhando para Locke, ainda sentado]

Instrutor: (13) **Não, não pode**.

[O instrutor começa a sair da frente de Locke. Corta para quase *close* em Locke]

Locke: Ei, ei, [corta para plano aberto. (6) **Vemos o instrutor se afastando**. Quando ele sai do campo visual, (7) **vemos Locke em uma cadeira de rodas**] **não saia, não se afaste**. [Locke mexe nas rodas da cadeira para ir em direção ao (8) **instrutor, que sai do escritório para a rua**] (14) **Você não sabe com quem** está lidando. [(9) **gritando e apontando com o indicador direito na direção do instrutor**] (15) **Nunca me diga o que não posso fazer**. (16) **Nunca**. [(10) **Ele mexe de novo nas rodas e se dirige para a outra ponta do escritório**, onde fica a visão para o ônibus; nessa hora, fica de costas para a câmera] **É o destino. É o destino**. [corta para plano fechado frontal; Locke para em frente ao vidro] **É o meu destino**. [corta para plano fechado no (11) **instrutor, cintura para cima, por trás do vidro; lança um olhar sério para Locke enquanto se encaminha para entrar no ônibus**] Escuta. [o instrutor desvia o olhar de Locke e fala com um passageiro; dá um tapinha amigável nas costas dele e indica que entre no ônibus] (17) **Eu devia fazer isso**, [(12) **o instrutor olha uma última vez para Locke, antes de entrar no ônibus**] **droga!** [corta para *close* em Locke] [(13) **gritando mais**] (18) **Não me diga o que eu não posso fazer**. (19) **Não me diga o que não posso...** [corta para plano fechado do ônibus se deslocando, passageiros alegres; a câmera se movimenta para mostrar Locke, de costas. Corta para *close* em (14) **Locke, olhando o ônibus partir**]

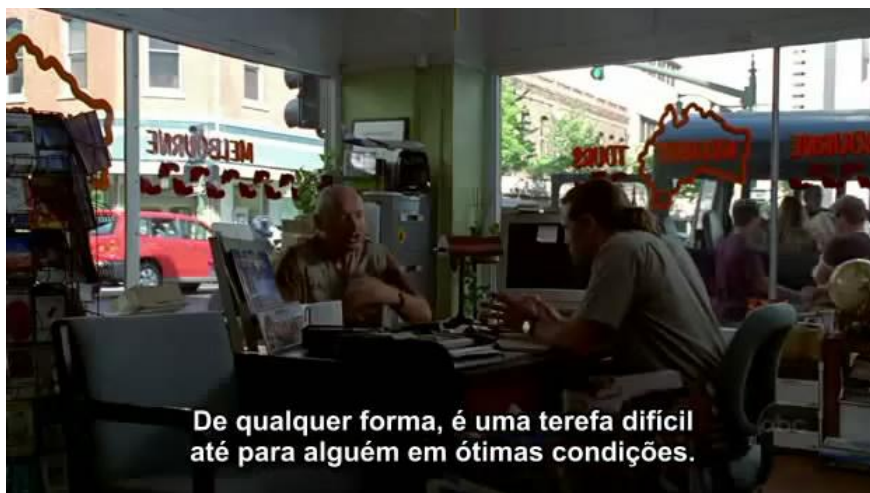


Imagem 33– Locke e o guia turístico discutem.



Imagem 34 – Locke aparece pela primeira vez na cadeira de rodas.



Imagem 35 – Locke se irrita com a saída do guia turístico (“Não me diga o que não posso fazer”).

Inicialmente, a cena contextualiza o local onde Locke se encontra: a Austrália (expressões “As andanças”, “aqui”, “caminhadas por desertos” e “descidas de barco por águas perigosas”; descrições 1 e 3; construção 9), o que permite o acréscimo de que Locke está prestes a cumprir seu destino. No diálogo travado entre ele e o instrutor, percebe-se a intenção deste de impedir que Locke participe da “andança”. O motivo para esse impedimento focaliza, principalmente, a condição física limitante de Locke (construções 4 e 5; expressões “uma grande omissão”, “condição física” e “condição”). O plano mais aberto da câmera revela de que limite se está falando: Locke é paralítico (descrições 7 e 10).

O principal acréscimo decorrente dessa correção é a reformulação quanto à satisfação de Locke por estar na ilha. Antes, essa satisfação era entendida como a possibilidade de exercer um papel importante e influente, algo que lhe era negado na “vida anterior”. Agora, a satisfação é redimensionada para incluir o acontecimento impossível: ter voltado a andar. Também o isolamento e o estado contemplativo, característicos nos episódios anteriores, bem como a atitude de agradecimento durante a chuva (episódio 1) recebem acréscimos: provavelmente, Locke estava absorvendo essa enorme e improvável novidade.

Alguns acréscimos de reformulação também são feitos à cena de *flashback* em que Locke e Randy conversam sobre a andança (episódio 4, trecho 10). Locke é considerado incapaz pelo seu superior não apenas porque leva uma vida medíocre, mas porque tem uma limitação física que o impediria de participar da andança e de ter um relacionamento amoroso satisfatório. Sobre essa reformulação, é exemplar a pergunta de Randy: “Então você... fica andando por lá caçando e arrumando comida, certo? A pé?”. Inicialmente, a pergunta de Randy é entendida como a descrença de que a andança seria realmente do jeito que Locke disse, como se praticar as ações descritas a pé fosse muito difícil. Com a informação de que Locke é paralítico, entende-se que Randy está “jogando na cara” de Locke quão iludido (ou presunçoso) ele é.

Também a admiração de Locke por Norman Croucher passa por acréscimos. Não se trata apenas do reconhecimento pelos feitos extraordinários de um homem que, mesmo com limitações, realizou seu destino. Há, também, uma identificação, pelo fato de ambos apresentarem uma condição física limitante.

Todos os exemplos aqui apresentados mostram que a correção instalada, em relação a alguns traços, não chega a anular informações anteriores, mas propõe uma acentuada modificação, não percebida até o momento em que a condição física de Locke é revelada.

Merece destaque, ainda nesse trecho, a construção “Não me diga o que não posso fazer”. Nas duas vezes em que já apareceu (trechos 10 e 11), essa construção informou que

Locke era, respectivamente, incapaz de expressar com segurança seu desejo de autonomia e capaz de expressá-la decididamente. Nessa terceira ocorrência, o traço associado é o da raiva, o que garante um tom mais decidido, porém de pouco efeito, já que o contexto geral é o da frustração. As três ocorrências, vistas cronologicamente, englobam a transformação de Locke: de incapaz, passa a frustrado; de frustrado, passa a poderoso.

Para dar conta da magnitude da transformação por que passa Locke, a cena de seus momentos iniciais na ilha é retomada no final do episódio. No trecho 1, vimos que a cena se limitou a mostrar Locke acordando, após a queda do avião, mexendo o pé (ver imagem 17 – p. 234) e depois se movimentando para calçar um sapato. Aqui, a cena ganha novos detalhes, como se vê na descrição a seguir.

Episódio 4 – trecho 19 (imediatamente após o trecho anterior - a música de fundo se mantém)

[Flashback na ilha. Os momentos iniciais do desastre, como no início desse episódio. Plano focalizando o pé direito de Locke (meia preta, cor creme na ponta), ele deitado, cabeça levantada olhando para o pé. (1)Mexe o pé para um lado e para o outro; (2)olhar espantado, (3)levanta um pouco o tronco, apoiando-se nos cotovelos. Corta para foco no sapato direito, Locke calçando-o; câmera se movimenta para cima, dando *close* em Locke, que olha ao redor, (4)cara de admirado, movimento de pessoas na frente e atrás dele. Corta para plano fechado; (5)Locke está sentado e tenta se levantar (intenso movimento de pessoas ao redor, a câmera acompanha esse movimento caótico, não focaliza fixo em Locke). Primeiro (6)Locke gira o corpo para a esquerda e apoia as mãos na terra; (7)depois encosta os dois joelhos no chão, ficando em posição de quatro. (8)Em seguida, levanta o joelho e o braço direitos até encostar o pé direito no chão; equilibra-se um pouco e volta a encostar a mão direita no chão. Corta para outro ângulo. A câmera está abaixo de (9)Locke, que aparece curvado, mas já com o pé esquerdo também no chão (os pés não aparecem, mas sabemos que estão tocando o chão, por conta da posição das pernas); (10)ele tira a mão esquerda do chão com certa dificuldade e começa a ficar completamente ereto, também com dificuldade. Corta para plano fechado (Locke da cintura pra cima), muito movimento ao redor, e (11)Locke esboça um sorriso. Corta para *close* em (12)Locke, ainda o tímido sorriso no rosto. Ele gira para olhar ao seu redor, a câmera acompanha o movimento. Corta para plano fechado nas pernas de Locke, (13)ele tira a perna direita do chão, ficando apoiado apenas na esquerda. A câmera se movimenta para cima, enquanto ouvimos Jack gritar, chamando por ajuda. Quase *close* em (14)Locke, que corre para ajudar]

[Corta para momento atual. *Close* em Locke, rosto sério. Corta para plano aberto. Pessoas na praia escutando Claire, enquanto a fuselagem queima atrás. Volta para *close* em Locke, que dá um pequeno desvio do olhar. Corta para plano fechado de algo pegando fogo. A câmera se movimenta para o lado, e (15)vemos a cadeira de rodas de Locke próxima ao fogo. Volta para *close* em (16)Locke, que esboça um sorriso de boca fechada]



Imagem 36 – Primeiros momentos de Locke na ilha – o espanto devido ao movimento do pé.



Imagem 37 – Primeiros momentos – a dificuldade para voltar a se pôr de pé depois de quatro anos.

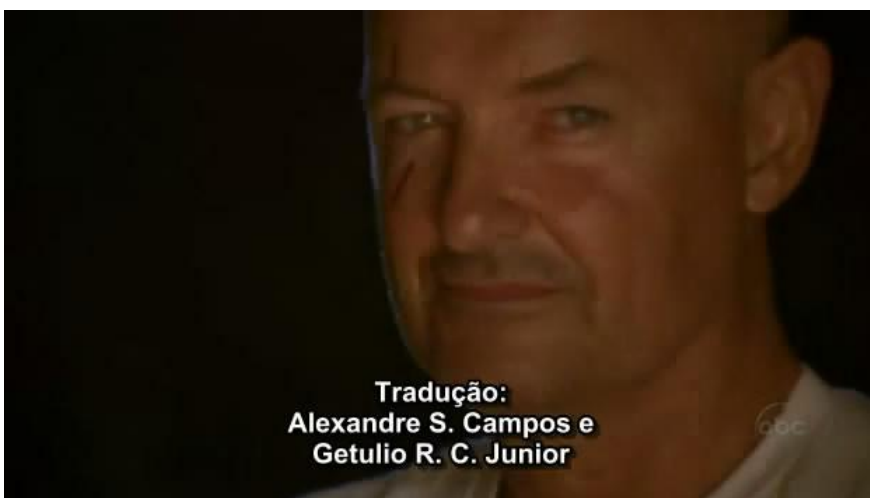


Imagem 38 – Locke satisfeito.

Nessa cena, têm continuidade as reformulações iniciadas na cena anterior (episódio 4 – trecho 18). No início do episódio, a elaboração referencial dava conta apenas de que esses foram os primeiros momentos de Locke depois da queda do avião. Aqui, acrescenta-se o verdadeiro efeito: Locke está espantado por conseguir mexer o pé (descrições 1, 2 e 4). Esse espanto acrescenta, ainda, qual era o segredo mencionado por Locke a Walt (episódio 2). Trata-se, de fato, de um milagre, conforme o garoto disse a seu pai (episódio 3).

Também o traço “solidário” (descrição 14) é redimensionado. A possibilidade de ajudar os outros não implica apenas a generosidade, mas o prazer (egoísta?) de finalmente poder movimentar-se para agir sobre as outras pessoas. Isso condiz com as confirmações sobre a satisfação/felicidade de Locke na ilha (descrições 11 e 12).

Para concluir, merece destaque a relação entre o final desse episódio e o final do episódio 3, quando Jack diz para Kate que, na ilha, todos devem nascer de novo. Na cena, Locke é o único personagem que não aparece numa cena de “recomeço”. Seu status, na ocasião, permanece em aberto, e ele aparece como alguém misterioso (ver imagens 15 e 16 – p. 232-233). O mistério é revelado nesse episódio; o maior dos recomeços acontece com ele, pois, na ilha, por obra de um milagre, ele pode realizar o que sempre sonhou: é o grande guerreiro que estava destinado a ser e tem a oportunidade de participar de uma andança ainda maior que a que lhe foi negada.

Essa é, portanto, a construção referencial sobre os principais traços de Locke nos quatro episódios iniciais da série. Claro que, nos episódios seguintes, novas formulações surgirão (tanto sobre ele quanto sobre os demais personagens), necessárias para que a série continue a cativar a atenção da sua audiência. Nosso objetivo, com o recorte feito, foi propor uma descrição de como ocorre a referenciação em interações mediadas por esse tipo de texto.

Creemos que a análise empreendida demanda uma reflexão sobre alguns aspectos do fenômeno, como o papel da imagem, a pertinência da análise com base no esquema das quatro etapas, a natureza diversa dos tipos de traços referenciais e a retomada de referentes entre (co)textos distintos.

Quanto ao papel da imagem, a análise mostrou avanços em relação ao lugar desse modo de enunciação nos estudos teóricos sobre o texto. Até o momento, como vimos, a semiose visual tem sido majoritariamente investigada como um elemento caracterizador dos gêneros textuais. Levantamos, aqui, a hipótese de que essa abordagem não é suficiente, pois a imagem, como materialidade do texto, também é substrato interveniente na efetivação de estratégias de textualização.

O grande destaque, para nós, é o fato de incluirmos essa nova vertente de investigação das imagens no arcabouço da segunda tendência dos estudos em referenciação. Se fosse apenas uma questão de dizer que a imagem participa da construção referencial, bastava limitarmo-nos ao que já havíamos exemplificado, mostrando como uma imagem faz remissão a um elemento do texto e ocupa uma posição na cadeia anafórica¹⁸³. Contudo, uma vez que investimos numa explicação mais ampla do fenômeno da referenciação, nada mais razoável que localizar o papel da imagem em tal panorama. Questões como a não linearidade, o caráter discursivo da recategorização e as relações entre cotextos distintos são inerentes a todo o processo da referenciação, atingindo todas as semioses envolvidas em um texto.

Temos, então, que, nos textos em que aparece, a imagem é mais um recurso a ser utilizado para a efetivação de estratégias de referenciação que promovam a elaboração de traços. No seriado, por exemplo, vimos que alguns traços são derivados exclusivamente do aparato imagético, como é o caso de toda elaboração proposta sobre Locke no primeiro episódio. Além disso, a imagem é elemento central na quebra de expectativa. Um recurso muito comum em narrativas que apresentam uma surpresa é a percepção de que indícios dessa surpresa já estavam no texto. Ou seja, há informações (normalmente periféricas) que antecedem a quebra de expectativa, de modo que, quando o interlocutor se depara com o inesperado, ele pode pensar algo do tipo: “De fato, isso já estava lá desde o começo”.

No seriado, pelo menos em duas ocasiões, a imagem participa dessa “sensação do já estava lá”. A primeira corresponde aos momentos em que Locke aparece caído; isso é visto no início do episódio e no trecho 11, quando Locke e seus colegas são atacados pelo javali. As imagens correspondentes às duas cenas são representadas a seguir.



Imagem 39 – Locke, em seus primeiros momentos após o acidente, observa seu pé se mover.

¹⁸³ Isso foi explicitado com o exemplo (12) – capítulo 2, p. 98, e capítulo 4, p. 177.



Imagem 40 – Locke, após o ataque do javali, olha para o pé quando recobra a consciência.

Nas duas cenas, Locke dá uma atenção especial ao movimento do seu pé. Na primeira, isso se deve ao fato de que ele percebe o milagre naquele momento. Na segunda, parece haver a preocupação de, uma vez caído, perder novamente a capacidade de andar. A reação de Locke e o fato de, nas duas cenas, a câmera focalizar frontalmente o seu pé são indícios da surpresa que está por vir, o que, provavelmente, numa primeira “leitura”, passa despercebido.

É interessante observar que essa “sensação do já estava lá” se efetiva mediante o movimento não linear, o que é mais um indício a favor da importância dos acréscimos/correções *a posteriori*. No caso da cena após o ataque do javali, por exemplo, acrescenta-se que a perda momentânea de sentidos sofrida por Locke não foi apenas uma consequência do impacto da queda, mas também uma decorrência do medo de não mais andar.

O segundo contexto em que a imagem participa da surpresa diz respeito à maneira como Locke sempre aparece nas cenas em *flashback*. Mais uma vez, uma informação periférica – o fato de estar sentado (como se vê nas imagens 22, 25 e 33) – passa a ter uma nova dimensão quando a expectativa é quebrada, pois atesta que esse traço já estaria, em tese, disponível ao interlocutor mais atento. Nas duas ocorrências, a imagem contribui para o efeito de verossimilhança necessário à eficácia da surpresa.

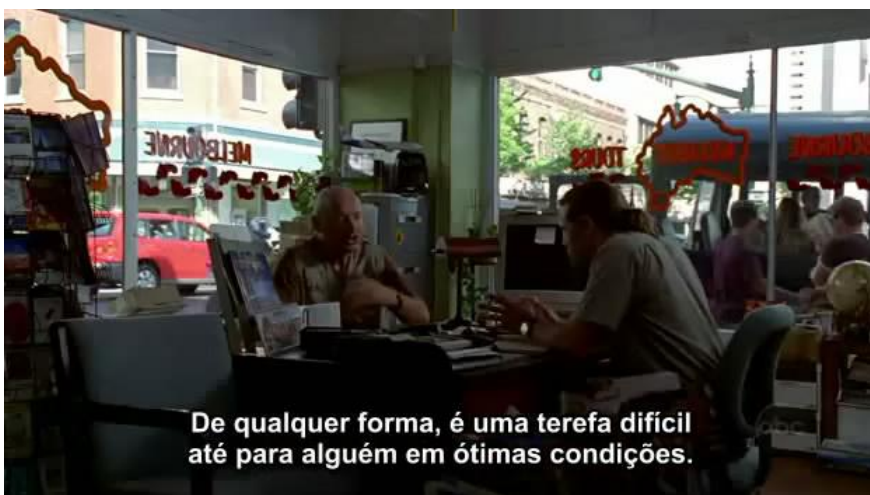


Imagem 22 – episódio 4, trecho 4.



GL 12, é a marca de um líder.

Imagem 25 – episódio 4, trecho 10.



De qualquer forma, é uma tarefa difícil até para alguém em ótimas condições.

Imagem 33– episódio 4, trecho 18.

Temos, então, que a imagem se junta aos diversos estratos da materialidade verbal como mais um fator constitutivo da referenciação. Vale ressaltar que a mesma complexidade discutida no conto, quanto ao papel dos elementos verbais, é percebida aqui, haja vista a importância das expressões referenciais (tanto as que se referem diretamente ao personagem quanto as que se referem a outros objetos), dos sintagmas adjetivais e das construções linguísticas para a elaboração dos traços referenciais. Se, no conto, vimos como a integração entre essas partes é essencial, no seriado, acrescentamos a essa rede a semiose visual.

Sobre a integração entre o verbal e o não verbal, é exemplar a cena em que se vê o último *flashback*. Nela, as construções 4 (“Você se descreveu erroneamente”) e 5 (“Você negou-se a nos contar sobre sua condição física”), aliadas às expressões referenciais “uma grande omissão”, “condição física” e “condição”, promovem um acréscimo importante – Locke tem uma condição física limitante –, o qual ainda não havia sido mencionado. A informação mais precisa sobre qual seria a limitação física é construída não mais pelo verbal, mas pelo visual (imagem 34). Esse exemplo é mais um reforço para o argumento de que, quando se trata de construir significações, os enunciadores lançam mão de todos os recursos disponíveis. A primazia do verbal, portanto, não tem como se sustentar nesse paradigma.



Imagem 34 – Locke aparece pela primeira vez na cadeira de rodas.

Com a análise do seriado, confirmamos, mais uma vez, a pertinência de uma análise que focalize etapas do processo em detrimento da detecção de cadeias correferenciais. A situação de interação interrupta também se favorece desse tipo de análise para dar conta da complexidade do trabalho do interlocutor. O esquema das quatro etapas mostrou-se produtivo também aqui.

Ressaltamos que a análise realçou uma característica importante da correção. Na discussão sobre o conto, afirmamos que essa etapa não se encontra em oposição ao par acréscimo-confirmação, porque uma correção pode determinar acréscimos, os quais, posteriormente, podem ser confirmados. No seriado, isso ficou ainda mais evidente, pois, no episódio 4, logo com o primeiro *flashback*, tem-se a elaboração sobre Locke em dois níveis. Em um, há a continuidade em relação a sua vida na ilha; em outro, as elaborações informam sobre a vida pregressa do personagem.

Isso comprova que a instauração de uma correção não implica, necessariamente, anulação total de traços já estabelecidos. A correção, de fato, é sempre um desvio de rota, mas esse desvio não precisa ser completamente “destruidor”. A quebra de expectativa no seriado, por exemplo, lança um novo olhar sobre a satisfação de Locke na ilha – ele está feliz porque voltou a andar. Isso, contudo, não exclui o que fora estabelecido antes, pois um componente dessa satisfação se configura como a possibilidade de poder assumir na ilha um papel que lhe fora negado na sua vida fora de lá. Vê-se, assim, que a correção é uma etapa referencial com feição diversificada, em virtude dos desdobramentos que pode alavancar.

Quanto à natureza dos traços referenciais, a análise possibilitou a constatação de que esses traços podem ser de natureza diversa. No caso do referente que elegemos destacar na análise, há diferença, por exemplo, entre traços que dão conta da ação imediata do personagem e aqueles que qualificam o referente de forma mais definitiva. Exemplos de traços do primeiro tipo seriam a informação de que Locke se encontrou com o “monstro” (imagem 29) e a sua recusa quanto aos argumentos utilizados pelo instrutor para que ele não participe da andança (trecho 18). Os traços do segundo tipo equivalem às características de Locke mais salientes – isolado, contemplativo, caçador, líder, independente, medíocre, subalterno, paralítico (os três últimos correspondem à sua “outra vida”).

Há, ainda, uma diferença entre traços específicos e traços gerais. O interesse de Locke pelo jogo de gamão e pela simulação de jogos de combate são traços específicos, assim como seu interesse pela andança. Contudo, a partir destes, elaboram-se traços mais gerais, tais como sua atração pelo universo do combate e pelas aventuras selvagens.

A distinção entre a natureza dos traços é útil na medida em que sinaliza a diversidade de construções por que pode passar o objeto de discurso. Referir, em última análise, não necessariamente implica apenas dar conta do que é sólido ou definitivo em um objeto (como seriam as qualificações e as generalizações). O objeto de discurso não carece de uma construção fechada de acréscimos de traços “absolutos”. Os traços “ocasionais” também podem ser importantes na dinâmica da significação. As informações depreendidas do

co(n)texto, portanto, podem ter natureza diversa, cada uma com sua importância, muitas vezes atuando em interdependência. Cabe ao interlocutor estruturar os esquemas que permitam organizar tais informações.

Finalmente, é necessário propor uma reflexão sobre o processo da referenciação e os limites do texto. Como já mencionado¹⁸⁴, Costa (2007) mostrou que uma expressão referencial pode ser anafórica em relação a outras porções cotextuais. A autora propõe explicar o fenômeno com base nas características do gênero analisado – a lista de discussão.

Em nossa análise, também há retomadas, mas estas extrapolam em muito o plano da expressão referencial e dos procedimentos anafóricos classicamente descritos, por motivos extensamente justificados e discutidos. Mas permanece o fato de que os estudos da referência limitam o fenômeno ao (co)texto, de modo que só se fala em rede referencial (mais ou menos difusa, mais ou menos ampla) como uma organização derivada de um (e a função do “um”, aqui, é de numeral) texto. Resta, então, saber se, no caso dos fenômenos analisados por Costa e por nós, é preciso redefinir o conceito de texto ou redefinir os limites do fenômeno da referenciação.

Ficamos com a possibilidade menos polêmica, que corresponde a não discutir o estatuto do texto (ou, melhor dizendo, não discutir mais do que o que já propomos no capítulo 2 deste trabalho). Considerar que os quatro episódios analisados constituem um único texto requereria uma reformulação que desse conta dos princípios de unidade temática. Tal caminho pode ser infrutífero, já que, de fato, cada um dos episódios tem restrições temporais e espaciais que o delimitam.

A saída, então, é propor que o fenômeno da referenciação não necessariamente se circunscreve a um único texto. As relações de retomada (especialmente se analisadas à luz do esquema das quatro etapas) entre textos podem ser constitutivas de alguns gêneros, como os que implicam o acompanhamento de uma trama que se prolonga por mais de um volume. É possível falar, então, em uma *referenciação intertextual*, a qual, contudo, não se constrange ao esquema de intertextualidade corrente na literatura (ver KOCH, BENTES & CAVALCANTE, 2007).

Para nós, o processo aqui descrito faria parte de uma “intertextualidade de continuidade”, ou, em outras palavras, de uma retomada intertextual. O que garante a especificidade do fenômeno não é o fato de ele se manifestar por meio das estratégias intertextuais referendadas na literatura – tais como a citação, a alusão e a referência –, embora

¹⁸⁴ Ver capítulo 2, seção 2.3 – “A operacionalização das análises em Linguística Textual: a favor da diversificação das situações de interação analisáveis”.

isso talvez ocorra. O que o torna particular, em relação aos casos de intertextualidade normalmente observados, é o fato de a retomada ser amplamente esperada, ou, mais ainda, absolutamente necessária.

A Machado de Assis, é facultado fazer ou não remissões à mitologia grega ou ao universo shakespeariano em sua produção literária, por meio de citação, alusão ou referência, para parafrasear ou parodiar. Da mesma forma, ao enunciador das propagandas do Bombril, as diversas manifestações intertextuais representadas por seu principal garoto-propaganda também são um entre outros recursos. No universo das séries ficcionais (impressas ou audiovisuais), a retomada intertextual é um imperativo, essencial para a configuração dessas práticas discursivas. Temos, sim, um fenômeno intertextual, mas em um plano distinto do habitual, para o qual devemos começar a prestar atenção. Nesse caminho, a proposta teórica da referenciação tem muito a contribuir.

Com isso, findamos as análises de nossa amostra. Julgamos ter contribuído para a inclusão de um outro olhar sobre a produção dos sentidos por meio da referência, caracterizado, principalmente, pela tentativa de enfrentar a multiplicidade (dos fatores e dos processos) com rigor metodológico (até onde isso é possível). O caminho percorrido foi longo, de modo que um retorno às bases é necessário. Vejamos, então, nas considerações finais, quais os laços que esta tese propõe em relação à sociocognição, ao texto e à referenciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a constituição desta tese, desde o início da produção escrita, tínhamos em mente uma organização retórica que contemplasse questões mais abrangentes, sobre sociocognição e texto. Se quiséssemos, poderíamos ter produzido um trabalho com foco exclusivo na referenciação, o que já garantiria algumas das contribuições que vislumbrávamos. Ocorre, contudo, que uma posição forte a nos guiar foi a crença de que os avanços (nossos e de outros pesquisadores) guardam estreita relação com o paradigma adotado; nele, já estão incluídos os princípios que, se efetivamente levados a cabo, promovem o aprimoramento das explicações teóricas.

Toda a análise aqui proposta não é outra coisa senão uma grande ação sociocognitiva sobre uma materialidade significativa constituída de elementos e (quando é o caso) modos de enunciação diversos. Chamar a atenção para o que se sobrepõe à referenciação foi necessário para mostrar a verdadeira vocação do fenômeno, de natureza essencialmente **textual** e **sociocognitiva**.

Nesse processo, merece destaque o agir do sujeito, algo que foi realizado neste trabalho para construir as análises expostas. Um dos princípios sociocognitivos é o de que os sujeitos participam ativamente da interação, de modo que sua participação no mundo (com o seu corpo) também gera conhecimentos. No caso da referenciação, isso implica que o desenvolvimento dos referentes só é possível porque o interlocutor participa ativamente da produção dos sentidos, associando o aparato material do texto aos seus conhecimentos.

Claro que, nessa tarefa, sempre há, inerentemente, um grau (mais ou menos alto) de subjetividade nas interpretações. Como já dissemos, outros leitores, em contato com os mesmos textos por nós analisados, podem perceber a construção referencial de modo diverso. Isso não chega a ser um problema, já que a produção de múltiplos sentidos é um dos pilares que sustentam a concepção sociocognitivista de texto.

A complexidade do fenômeno revelou a necessidade de utilizar outro arcabouço analítico para a investigação dos processos referenciais. As relações estritamente anafóricas passam a dividir espaço com as diversas relações entre os elementos da materialidade textual. Das relações entre os múltiplos fatores, evidencia-se a construção referencial como um processo com etapas características.

A partir da classificação sugerida para as etapas da referenciação, podemos dizer que nossa proposta de estudo mantém os mesmos princípios consensualmente aceitos pelos

estudiosos da referenciação. A título de ilustração, voltemos à definição que demos, no capítulo 3, para o fenômeno da referenciação: *conjunto de operações dinâmicas, sociocognitivamente motivadas, efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve, com o intuito de elaborar as experiências vividas e percebidas, a partir da construção compartilhada dos objetos de discurso que garantirão a construção de sentido(s)* (p. 120-121).

Temos que, nas análises, confirma-se, explicitamente, o postulado de dinamicidade, bem como a natureza sociocognitiva do fenômeno. Além disso, também foram considerados, ainda que indiretamente, o postulado da negociação (já que ela é pressuposta tanto à ação do enunciador quanto à do interlocutor) e o da reelaboração (uma vez que o produto final é uma versão resultante da percepção de um indivíduo, e as análises, também, resultam de versões estabelecidas por nós).

O caráter sociocognitivista de nossa análise só foi possível porque se optou por privilegiar um tratamento funcional dos elementos textuais, que elege os usos em interação como núcleo. O foco foi, portanto, a função textual-discursiva que as construções referenciais estabelecem no texto, de modo a entender como elas participam do jogo de produção dos sentidos. Não se trata, nessa esfera, de apresentar um exemplário de formas realizadoras de uma função. Trata-se de mostrar como a necessidade de realização de uma função pode se valer dos diversos recursos disponíveis.

Nesse sentido, podemos dizer que a análise vai além dos estudos majoritários em referenciação. Claro que, na primeira tendência, os estudos também não se prestam a propor uma relação pertinente entre forma e função; contudo, não reconhecem a construção referencial como resultante da integração entre recursos de natureza diversa. Temos, então, que a base da proposta da referenciação é essencialmente funcional; todavia, essa essência funcional não é suficiente para que a tendência majoritária ultrapasse o limite da expressão referencial.

O que nos poderia dizer uma investigação da primeira tendência sobre os textos analisados? Que fatores seriam considerados na análise? Provavelmente, haveria uma descrição de como as diferentes expressões referenciais – os nomes dos personagens, os pronomes, os sintagmas nominais recategorizadores dos personagens, os sintagmas identificadores de objetos – se relacionam em torno de anáforas diretas e indiretas e como isso revela a progressão textual. O problema é que, num contexto plenamente sociocognitivista de investigação, essas considerações, embora tenham seu valor, não são suficientes, porque insistem na presença da expressão referencial para que o fenômeno ocorra. Pelo que

expusemos, vimos que isso não condiz com o que realmente está implicado na elaboração de objetos de discurso.

Uma primeira constatação de que o processo é bem mais amplo reside no papel fundamental que a imagem exerce na práxis textual-discursiva. A imagem não é apenas um elemento paraverbal; ela é parte constitutiva, em muitos casos, da materialidade textual. Isso quer dizer que cabe ao modo de enunciação visual efetivar as mesmas funções dos itens linguísticos. Para a Linguística Textual, isso implica que os recursos visuais são muito mais do que itens reveladores de uma sintaxe funcional. As formas visuais consistem em elementos participantes de processos textual-discursivos dinâmicos, que não se limitam a uma organização sintática. Na análise do seriado, vemos como é intensa a participação das imagens nos acréscimos, correções e confirmações. Esse fenômeno decorre de um complexo processo de tratamento das “informações” textuais.

É claro que defender a inclusão de aspectos não linguísticos como constitutivos da construção dos referentes não significa desprezar o conteúdo verbal. Tanto no conto quanto no filme, vimos que o verbal é essencial para a instauração dos processos interpretativos. Pelo que expusemos, é possível perceber que a representação construída em torno dos referentes escolhidos ultrapassa em muito as expressões utilizadas para nomeá-los. Essa construção é mais total que pontual; é resultante de uma percepção global do produto. Isso comprova nossa ideia de que a tarefa de busca pelos sentidos se faz a partir da ativação de diversos fatores, de ordem linguística e extralinguística. Tal posição nos filia às reflexões oriundas da segunda tendência dos estudos.

Neste trabalho, continuamos na esteira dos que propõem uma concepção de recategorização referencial desvinculada da relação correferencial. A recategorização pode se manifestar em contextos diversos. Além dos casos de correferencialidade, as anáforas indiretas e as introduções referenciais podem já vir recategorizadas; isso também é válido para os encapsulamentos; e a recategorização pode não ser explícita, ocorrendo apenas no plano cognitivo.

Diante de tantas possibilidades, achamos mais coerente, ao sugerirmos as quatro etapas da elaboração referencial – apresentação, acréscimo, correção e confirmação –, não vincularmos a terminologia “recategorização” a nenhuma delas, pois esse fenômeno, que ocorre obrigatoriamente no acréscimo e na correção, pode também estar presente na apresentação e na confirmação. Uma vez que uma confirmação pode ter por função, mais que repetir, enfatizar certa característica, essa ênfase, por si, já denota um processo recategorizador. Além disso, se considerarmos que, na apresentação de um referente, já pode

estar presente a avaliação do interlocutor, temos, aí a manifestação de um processo de recategorização.

O que acrescentamos nesta tese foi a possibilidade de a recategorização se manifestar de forma independente do universo das expressões referenciais. À sua já reconhecida diversidade de manifestações, acrescentamos a multiplicidade de fatores envolvidos, do que decorre uma profusão de traços referenciais, que nada mais são que a manifestação de recategorizações. Tem-se, portanto, um processo dinâmico e complexo, descrito de forma que a dinamicidade e complexidade não foram menosprezadas.

Também avançamos quanto à descrição da não linearidade. Em diversas partes da análise do conto e do seriado, mostramos que os dados obtidos em um certo momento permitiam um retorno a formulações feitas anteriormente, o que implicava o acréscimo de informações. Vimos que esse movimento independe do mapeamento da posição das expressões referenciais. Todos os elementos da materialidade podem ativar um movimento não linear. A não linearidade, portanto, é um aspecto fundamental na promoção das recategorizações.

Importante para o trajeto não linear é a consideração dos traços em sua globalidade. Quando se trata de relacionar partes distintas do texto, não compete ao interlocutor memorizar todas as ocorrências materiais (elementos linguísticos e imagens) que contribuíram para a formulação dos traços. Há um tratamento seletivo, de modo que as relações não lineares se estabelecem, basicamente, entre traços.

Creemos, então, que a análise de situações diferentes permite a consideração de procedimentos diferentes sobre os textos. Naqueles em que a interação é mediada por textos longos, o método de análise a partir de traços parece indicar um procedimento mais coerente com os passos interpretativos. Mais uma vez, assinalamos a tendência fortemente sociocognitivista dos nossos achados.

Como contribuição mais geral, portanto, cremos que traçamos um caminho investigativo que evidencia mais fortemente a relevância dos pressupostos para a efetivação das análises. Se nos é permitida a ousadia, podemos dizer que, nesta tese, há um olhar mais profundamente sociocognitivo sobre a investigação dos processos.

Como contribuição mais específica, para a proposta da referenciação, cremos ter sedimentado o caráter essencialmente discursivo da recategorização, especialmente no que diz respeito a uma descrição mais detalhada do seu caráter não linear.

No que toca ao vislumbre de trabalhos futuros, julgamos que são necessárias outras investigações que confirmem a pertinência do foco analítico sob as etapas de referenciação.

Isso é importante tanto para confirmar a pertinência das etapas aqui descritas quanto para propor a descrição de outras etapas. Além disso, as análises com gêneros diferentes podem sugerir padrões recorrentes das etapas, dependentes da configuração sociodiscursiva dos universos investigados. A partir daí, talvez seja possível uma tentativa mais abrangente de classificação dos fenômenos referenciais, cuja sistematização se sustente num quadro amplo, de aceitação e “manuseio” das complexidades inerentes ao trabalho sociocognitivo.

Pensamos, ainda, que a Linguística Textual, cada vez mais, é chamada a assumir um papel mais definitivo na explicação das ações dos sujeitos. É preciso confrontar os resultados obtidos a partir das experiências dos analistas com outros oriundos do fazer de indivíduos em ação “real”. Uma metodologia experimental parece ser necessária, o que demanda uma reflexão sobre as vantagens e desvantagens de métodos utilizados em outras correntes da Linguística, a fim de se chegar a uma proposta metodológica em que o viés pragmático-discursivo, além de pressuposto, seja passível de observação.

No primeiro capítulo desta tese, dissemos que, em atitude contrária aos cognitivistas clássicos, os sociocognitivistas não desconsideram os dados pouco afeitos a um tratamento uniforme; ao contrário, eles assumem a tese de que a explicação sobre esses dados é fundamental para o avanço das teorias sobre o conhecimento. Cremos que, aqui, utilizamos a mesma abordagem, tentando encarar, com seriedade, a multiplicidade inerente tanto aos fatores quanto aos processos, a fim de propor nossas explicações. Acreditamos que, no final, a proposta teórica saia fortalecida, porque pode englobar casos antes não contemplados.

Uma crítica possível a essa abordagem é a que põe em xeque o reconhecimento do fenômeno. Depois de todo o alargamento sugerido, é possível dizer que ainda estamos falando de referência? O que foi apresentado aqui não é, na verdade, algo mais relacionado aos estudos sobre leitura?

Para os que acham necessária a delimitação entre a Linguística Textual e as teorias sobre leitura, lembramos o que é construir a referência: trata-se de um processo de ação dinâmica para a formulação de objetos de discurso. O que fizemos aqui foi descrever todo o conjunto de ações que dão conta das modificações de objetos ao longo do texto. Isso não é outra coisa que não a referência. Se os estudos sobre leitura se utilizam dos mesmos expedientes, é porque talvez eles tratem mais da referência do que imaginam.

No mais, insistimos: a Linguística Textual é uma perspectiva que explica os mecanismos de produção e compreensão de textos. Se assim o é, todo o nosso trabalho, calcado no texto, nos usos dos sujeitos, na dimensão sociocognitiva, é um legítimo

representante dessa disciplina, que, no que diz respeito à referenciação, se beneficiou de um olhar integrado sobre múltiplos fatores e distintas interações.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, Denis. Référent sans expression référentielle: gestion de la référence et opérations de reformulation dans des séquences métalinguistiques produites dans une tâche de rédaction conversationnelle. In: NÉMETH, E. (Org.). *Pragmatics in 2000: selected papers from the 7th International Pragmatics Conference*. v. 2. Antuérpia: International Pragmatics Association, 2001, p. 30-38.

_____. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante e Camile Maria Botelho Regadas. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 53-84.

APOTHÉLOZ, D.; CHANET, Catherine. Definido e demonstrativo nas nomeações. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante e Camile Maria Botelho Regadas. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 131-176.

APOTHÉLOZ, D.; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construction de la référence et strategies de designation. Tradução (inérita) Mônica Magalhães Cavalcante. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M.-J. (Org.). **Du syntagme nominal aux objects-de-discours**. Neuchâtsh: Université de Neuchâtsh, 1995, p. 227-271.

_____. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. **Journal of Pragmatics**, v. 31, n. 3, p. 363-397, mar. 1999.

ARAÚJO, Júlio C. **Os chats: uma constelação de gêneros na internet**. 341p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; MIRANDA, T. P. (Org.). **Teses e dissertações: Grupo Protexto**, v. 2. Fortaleza: UFC, 2006. [CD-rom]

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BALIEIRO JÚNIOR. Psicolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v. 2. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 171-201.

BEAUGRANDE, Robert-Alain; DRESSLER, Wolfgang U. **Introduction to text linguistics**. Londres e Nova York: Longman, 1981.

BENTES, Anna C. Linguística Textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**, v. 1. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 245-287.

BENTES, Anna C.; RIO, Vivian C. A construção conjunta da referência em uma entrevista semimonitorada com jovens universitários. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 265-291.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística geral**. v. 2. 2. ed. Tradução Maria G. Novak e Maria L. Neri. Campinas: Pontes, 1988.

BLIKSTEIN, Izidoro. **Kaspar Hause, ou a fabricação da realidade**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

BONOMI, Andrea. Descrizioni. In: _____. **Lo spirito della narrazioni**. Milão: Bompiani, 1994, p. 51-63.

BRITO, Mariza A. P. **Marcas linguísticas da interpretação psicanalítica: heterogeneidades enunciativas e construção da referência**. 213 p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

BROWN, Gillian; YULE, George. **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CARDOSO, Sílvia H. B. **A questão da referência: das teorias clássicas à dispersão de discursos**. Campinas: Autores Associados, 2003.

CAVALCANTE, Mônica M. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. 205p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

_____. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Caderno de estudos linguísticos**. Campinas, n. 44, p. 105-118, jan/jun 2003.

_____. **Processos de referenciação: uma revisão classificatória**. Comunicação apresentada no XIX ENANPOLL. Alagoas: UFAL, 2004.

_____. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 125-149.

_____. Referenciação e uso. In: da HORA, Dermeval (Org.). **Anais do VI Congresso Internacional da Abralín**. João Pessoa: Ideia, 2009, p. 2635-2644 (CD-rom).

_____. **Referenciação** – sobre coisas ditas e não-ditas. (no prelo)

CAVALCANTE, M. M. et al (Org.) **Texto e discurso sob múltiplos olhares**. v. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos. Tradução Paulo Otoni. In: GALVES, C.; ORLANDI, E. P.; OTONI, P. (Org.). **O texto: escrita e leitura**. Campinas: Pontes, 1988, p. 39-85.

CIULLA e SILVA, Alena. **A referenciação anafórica e dêitica** – com atenção especial para os dêiticos discursivos. 104p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

_____. **Os processos de referência e suas funções discursivas: o universo literário dos contos.** 201p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CONTE, Marie-Elisabeth. Encapsulamento anafórico. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). **Referenciação.** São Paulo: Contexto, 2003, p. 177-190.

COSTA, Maria H. A. **Acessibilidade de referentes: um convite à reflexão.** 214p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

COSTA VAL, Maria G. **Repensando a textualidade.** In: AZEVEDO, José Carlos (Org.). **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino.** Petrópolis: Vozes, 2001, p. 34-51.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. Possíveis contribuições da referenciação ao ensino de escrita. **Anais do IV Seminário sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura.** Campina Grande: UFCG, 2005 (CD-rom).

_____. **Expressões referenciais em textos escolares: a questão da (in)adequação.** 186p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

_____. Expressões referenciais, norma linguística e julgamento de (in)adequação. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.) **Texto e discurso sob múltiplos olhares.** v. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 144-173.

_____. A pragmática é mais importante do que Givón imaginava: reflexão sobre a não-referencialidade semântica. In: LIMA, M. A. F; ALVES FILHO, F. (Org.). **Anais do II EnMEL.** Teresina: UFPI, 2008. CD-rom.

_____. Aspectos multimodais envolvidos na construção da referência. In: da HORA, Dermeval (Org.). **Anais do VI Congresso Internacional da Abralín.** João Pessoa: Ideia, 2009, p. 2927-2936 (CD-rom).

CUSTÓDIO FILHO, V.; BRITO, Mariza A. P. A construção referencial para além das expressões nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; BRITO, M. A. P.; CUSTÓDIO FILHO, V. (Org.) **Anais do Encontro Internacional de Texto e Cultura.** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2009, p. 5835-5489. CD-rom.

CUSTÓDIO FILHO, V.; SILVA, Franklin O. **O caráter não-linear da recategorização referencial.** (no prelo)

[DELPHINO, Fátima B. B. Uma leitura multimodal de um texto publicitário. Sinergia, v. 2, n. 1, 2001. Disponível em <http://www.cefetsp.br/edu/sinergia/fatima2.html>. Acesso em 14 nov. 2006.](http://www.cefetsp.br/edu/sinergia/fatima2.html)

DIONÍSIO, Ângela P. Gêneros textuais, intertextualidade e multimodalidade. Apresentação na **XXI Jornada Nacional de Estudos Linguísticos do Gelne**. João Pessoa: UFPB, 2006.

FELTES, Heloísa P. M. **Semântica cognitiva**: ilhas, pontes e telas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FRANCIS, Gill. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante, Valéria Sampaio Cassan de Deus e Thatiane Paiva de Miranda. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 191-228.

FRANÇOSO, Edson; ALBANO, Eleonora. Virtudes e vicissitudes do Cognitivismo, revisitadas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**. v. 3: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 301-310.

FRAWLEY, William. **Vygotsky e a ciência cognitiva**: linguagem e integração das mentes social e computacional. Tradução Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

GARY-PRIEUR, Marie-Nöelle; NOAILLY, Michèle. Demonstrativos insólitos. Tradução Camile Maria Botelho Regadas e Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 229-249.

GIVÓN, Talmy. Definiteness and referentiality. In: _____. **Syntax**: a functional-typological introduction. v. 1. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins, 1984, p. 387-435.

_____. Referential coherence. In: _____. **Context as other minds**: the pragmatics of sociality, cognition and communication. Amsterdã / Filadélfia: John Benjamins, 2005, p. 125-147.

GRICE, Herbert Paul. Lógica e conversação. Tradução João Wanderley Geraldi. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Fundamentos metodológicos da Linguística**. v. 4. Campinas: edição particular, 1982, p. 81-103.

HANKS, William F. Texto e textualidade. Tradução Marco Antônio Rosa Machado. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (Org.). **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008, p. 118-168.

HOLLY, Werner. O jogo entre signos verbais e signos icônicos na compreensão audiovisual. Tradução Hans Peter Wieser. In: WIESER, H. P.; KOCH, I. G. V. (Org.). **Linguística Textual**: perspectivas alemãs. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 213-232

ILARI, Rodolfo. Alguns problemas no estudo da anáfora textual. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

JUBRAN, Clélia C. A. S. O discurso como objeto de discurso em expressões nominais anafóricas. **Caderno de estudos linguísticos**. Campinas, n. 44, p. 105-118, jan./jun. 2003.

_____. Especificidades da referenciação metadiscursiva. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 219-241.

KOCH, Ingedore G. V. **A coesão textual**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Introdução à Linguística Textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 33-52.

_____. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KOCH, I. G. V.; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade**: diálogos possíveis. São Paulo: Cortez, 2007.

KOCH, I. G. V.; CAVALCANTE, M. M. A acessibilidade de referentes no discurso. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.) **Texto e discurso sob múltiplos olhares**. v. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 9-39.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, Maria L. Do Cognitivismo ao Sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**. v. 3: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 251-300.

KOCH, I. G. V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, Luiz A. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA** [online], v. 14, n. especial, 1998. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244501998000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 17 jan. 2004.

KOCH, I. G. V.; MORATO, Edwiges; BENTES, Anna C. (Org.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005.

KRESS, Gunther; van LEEUWEN, Theo. **Reading images**: the grammar of visual design. 2. ed. Londres, Nova York: Routledge, 2006.

LAKOFF, George. Preface. In: _____. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago, Londres: University of Chicago Press, 1987a, p. xi-xvii.

_____. The importance of categorization. In: _____. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago, Londres: University of Chicago Press, 1987b, p. 5-11.

LEITE, Ricardo L. **Metaforização textual**: a construção discursiva do sentido metafórico no texto. 212p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007a.

_____. Da recategorização metafórica à metaforização textual. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.) **Texto e discurso sob múltiplos olhares**. v. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007b, p. 104-122.

LEVINSON, Stephen C. The scope of pragmatics. In: _____. **Pragmatics**. Cambridge, Nova York e Melbourne: Cambridge University Press, 1983, p. 1-53.

LIMA, Silvana M. C. Recategorização metafórica e humor: uma proposta classificatória. In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.) **Texto e discurso sob múltiplos olhares**. v. 2: referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 74-103.

_____. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia**: um estudo de processos de recategorização. 204p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MAGALHÃES, Célia M; NOVODVORSKI, A. A semiótica visual e a questão da identidade racial: uma leitura sistêmico-funcional em duas capas de literatura infanto-juvenil brasileira. In: GHIO, E.; FERNANDEZ, M. A. (Org.). *Estudios de LSF en lengua española y lengua portuguesa*. Santa Fé: Centro de Publicaciones, UNL, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Tradução Nelson Barros da Costa. **Revista do Gelne**. Fortaleza, v. 2, n. 2, p. 167-178, 2000.

MARCUSCHI, Luiz A. Aspectos da progressão referencial na fala e na escrita do português brasileiro. In: GÄRTNER, E.; HUNDT, C.; SCHONBERGER, A. (Org.). **Estudos de Linguística Textual do português**. Frankfurt e Main: TFM, 2000, p. 79-107.

_____. Referenciação e cognição: o caso da anáfora sem antecedente. In: PRETI, Dino (Org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001, p. 191-240.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

_____. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARTINS, Helena. Três caminhos na Filosofia da Linguagem. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**. v. 3: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 439-473.

MARTINS, Maria H. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Coleção primeiros passos)

MATOS, Janaica G. **As funções discursivas das recategorizações**. 142 p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

MATURANA, Humberto R. Reflexões: aprendizagem ou derivação ontogênica? In: GARCÍA, J. L. (Org.). **Da Biologia à Psicologia**. Tradução Juan Acuña Llorens. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998a, p 31-47.

_____. Biologia do fenômeno social. In: GARCÍA, J. L. (Org.). **Da Biologia à Psicologia**. Tradução Juan Acuña Llorens. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998b, p 65-78.

_____. Ontologia do conversar. In: GARCÍA, J. L. (Org.). **Da Biologia à Psicologia**. Tradução Juan Acuña Llorens. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998c, p 79-93.

_____. Linguagem e realidade: a origem do humano. In: GARCÍA, J. L. (Org.). **Da Biologia à Psicologia**. Tradução Juan Acuña Llorens. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998d, p 95-101.

MATURANA, H. R.; GARCÍA, Jorge L. Herança e meio ambiente. In: GARCÍA, J. L. (Org.). **Da Biologia à Psicologia**. Tradução Juan Acuña Llorens. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p 49-54.

MATURANA, H. R.; VARELA, Francisco J. **The tree of knowledge** – revised edition. Tradução Robert Paolucci. Boston, Londres: Shambhala, 1998.

MELO, Cinthya L. M. T. S. **Anáfora indireta esquemática pronominal**: uma anáfora coletiva genérica e coletiva restritiva. 143p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referência e a correferência. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 85-130.

MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 11-31.

MONDADA, L.; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. Tradução Mônica Magalhães Cavalcante. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA e SILVA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

NELSON, Catherine. Early cognition: episodic to mimetic childhood in a hybrid culture. In: _____. **Language in cognitive development**: emergence of the mediated mind. Nova York: Cambridge University Press, 1998, p. 105-119.

NEVES, Maria H. M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Manfredo A. Introdução. In: _____. **Reviravolta linguístico-pragmática na Filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996, p. 11-14.

OLIVEIRA, Roberta P. Semântica. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras, v. 2. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 17-46.

PEDROSA, Cleide E. F. **Análise Crítica do Discurso**: uma proposta para a análise crítica da linguagem. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>>. Acesso em 30 jun. 2009.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 2. ed. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PETERMANN, Juliana. Textos publicitários multimodais: revisando a gramática do design visual. **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro: UERJ, 2005.

Disponível em <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0413-1.pdf>>. Acesso em 30 jul. 2009.

PEZATTI, Erotilde G. O Funcionalismo em Linguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**. v. 3: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 165-218.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à Linguística**. v. 3: fundamentos epistemológicos. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 353-392.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, E.; Lloyd, B. B. (Org.). **Cognition and categorization**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48. Versão eletrônica disponível em: <http://commonweb.unifr.ch/artsdean/pub/gestens/f/as/files/4610/9778_083247.pdf>. Acesso em 9 mar. 2009.

SALOMÃO, Maria M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos*. Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 61-79, 1999.

_____. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Org.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-168.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento**: sonora visual verbal. 3. ed. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 2005.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, L.; NÖTH, Winfried. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SCHNEUWLY, Bernad; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

SEARLE, John R. O que é um ato linguístico. In: LIMA, J. P. (Org.). **Linguagem e ação**: da Filosofia analítica à Linguística pragmática. Lisboa: A Páginas Tantas, 1983, p. 59-86.

SILVA, Franklin O. **Processos de referência no gênero notícia**. 103p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

TAVARES, Diana P. F. **Processos de recategorização: uma proposta classificatória**. 157p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

XAVIER, Antônio C. **O hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. 220p. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.

ZAVAM, Aurea. São axiológicas as anáforas encapsuladoras? In: CAVALCANTE, M. M. et al (Org.) **Texto e discurso sob múltiplos olhares**. v. 2: referência e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p. 123-143.

APÊNDICES

Apêndice A - análise do conto

Categorias que participam da (re)elaboração do referente <dona de casa>: cor vermelha

Categorias que participam da (re)elaboração do referente <marido>: cor azul

Categorias que participam da (re)elaboração do referente <escritor das cartas>: cor verde

Expressão referencial que incide sobre os referentes escolhidos: negritada

Sintagma adjetival (ou oração adjetiva equivalente), em função de predicativo, que contribui para a (re)elaboração dos referentes escolhidos: sublinhado

Construção linguística, mais ampla que a expressão referencial, que contribui para a (re)elaboração dos referentes escolhidos: sombreado de amarelo (cada construção recebe um número, que a identifica dentro da análise)

Expressão referencial que incide sobre objetos de discurso diferentes dos escolhidos: italicizada

Trecho 1

Título: *Obscenidades para uma dona de casa*

Ignácio de Loyola Brandão

Análise da construção referencial

- A expressão “dona de casa” informa uma personagem do conto.
- A construção “Obscenidades para uma dona de casa” informa que essa personagem “recebe” obscenidades.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Apresentação: uma dona de casa que entra em contato algo obsceno.

Trecho 2

(1)Três da tarde ainda, ficava ansiosa. (2)Andava para lá, entrava na cozinha, preparava nescafé. Ligava a televisão, desligava, abria o livro. Regava a planta já regada, girava a agenda telefônica, à procura de amiga a quem chamar. Apanhava o litro de martíni, (3)desistia, é estranho beber sozinha às três e meia da tarde. Podem achar que **você é alcoólatra**. (4)Abria gavetas, arrumava calcinhas e sutiãs arrumados. Fiscalizava as meias **do marido**, (5)nenhuma precisando remendo. Jamais havia meias em mau estado, **ela** se esquecia que **ele é neurótico por meias**, (6)ao menor sinal de esgarçamento, joga fora. **Nem dá aos empregados do prédio, atira no lixo**.

Análise da construção referencial

- O adjetivo “ansiosa” informa um estado da dona de casa.

- A construção 1 informa que a dona de casa espera por algo.
- As construções 2 e 4 informa que ela procura ocupar o tempo com atividades rotineiras.
- A construção 3 mostra que a dona de casa se preocupa com o que os outros pensam.
- A expressão “do marido” introduz esse personagem na história.
- O adjetivo “neurótico por meias” e as construções 5 e 6 informam que o marido é bastante preocupado com o bom estado de suas meias.
- A construção 2 e a expressão “empregados do prédio” informam que o casal tem uma condição socioeconômica satisfatória/elevada.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por acréscimo: está ansiosa.

Mudança por acréscimo: preocupada com a opinião alheia.

<marido>

Apresentação: marido da dona de casa.

Mudança por acréscimo: bastante preocupado com o estado de suas meias.

<dona de casa> e <marido>

Mudança por acréscimo: um casal de classe média para cima.

Trecho 3

Quatro horas, (1)vontade de descer, perguntar se o carteiro chegou, às vezes vem mais cedo. Por que há de vir? (2)Melhor esperar, pode despertar desconfiança. Porteiros sempre se metem na vida dos outros, qualquer situação que não pareça normal, ficam de orelha em pé. Então, (3)ele passará a prestar atenção no que o carteiro está trazendo de especial para a mulher do 91 perguntar tanto, com uma cara lambida. Ah, aquela não me engana! Desistiu. (4)Quanto tempo falta para ele chegar? (5)Ela não gostava de coisas fora do normal, instituiu sua vida dentro de um esquema nunca desobedecido, pautara o cotidiano dentro da rotina sem sobressaltos. Senão, (6)seria muito difícil viver. Cada vez que o trem saía da linha, era um sofrimento, ela mergulhava na depressão. Inconsolável, (7)nem pulseiras e brincos, presentes que o marido trazia, atenuavam.

Análise da construção referencial

- As construções 1 e 4 esclarecem o motivo da ansiedade da dona de casa.
- A expressão “o carteiro” informa que a dona de casa espera por algo trazido pelo carteiro.
- As construções 2 e 3 confirmam que a dona de casa preocupa-se com a opinião dos outros.
- A expressão “aquela” informa a perspectiva pejorativa que a dona de casa (na “voz” do porteiro) faz de alguém que age “diferente”.
- A construção 5 informa que a dona de casa valoriza a rotina.
- As expressões referenciais em itálico, na construção 5, reforçam a imagem da dona de casa como alguém preocupada com a rotina.
- **Movimento não linear:** confirma a preocupação com a rotina o medo da dona de casa a respeito do que os outros podem pensar a partir de ações/atitudes diferentes, o que é reforçado tanto por construções anteriores quanto pela expressão “situação que não pareça normal”.
- As construções 6 e 7, as expressões “um sofrimento” e “na depressão”, e o adjetivo “Inconsolável” informam que a dona de casa sofre bastante quando há quebra da rotina.
- A expressão “presentes que o marido trazia” informa que o marido procura recuperar a normalidade da esposa com bens materiais.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: ansiosa.

Mudança por confirmação: preocupada com a opinião alheia.

Mudança por acréscimo: ansiosa pela chegada de algo trazido pelo carteiro.

Mudança por acréscimo: julga negativamente o comportamento diferente dos outros.

Mudança por acréscimo: necessita da rotina.

Mudança por acréscimo: necessita da rotina porque é muito preocupada com a opinião alheia.

Mudança por acréscimo: sofre bastante com a quebra da rotina.

<marido>

Mudança por acréscimo: procura garantir o bem estar da esposa a partir dos bens materiais.

Trecho 4

Na *fossa*, rondava como **fera enjaulada**, (1)querendo se atirar do nono andar. Que *desgraça* se armaria. (2)O que não diriam a respeito de **sua** vida. Iam comentar que foi por um amante. Pelo **marido infiel**. Encontrariam ligações com alguma mulher, o que provocava **nela o maior horror**. Não disseram que a desquitada do 56 descia para se encontrar com o manobrista, nos carros da garagem? (3)Apenas por isso não se estatelava alegremente lá embaixo, acabando com tudo.

Análise da construção referencial

- As expressões “Na *fossa*” e “o maior horror”, e a construção 1 confirmam o sofrimento da dona de casa decorrente da quebra de rotina.

- As construções 2 e 3 reforçam a ideia de que a dona de casa se preocupa com a opinião alheia.

- A expressão “fera enjaulada” e a construção 3 informam que, quando sofre por causa da quebra da rotina, a dona de casa tem vontade de tomar uma medida drástica, mas não se sente completamente livre para tanto.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: preocupada com a opinião alheia.

Mudança por confirmação: sofre bastante com a quebra de rotina.

Mudança por acréscimo: inconformada/insatisfeita com o sofrimento, mas incapaz de tomar uma atitude drástica.

Trecho 5

Quase cinco. (1)E se o carteiro atrasar? Meu deus, faltam dez minutos. Quem sabe **ela** possa (2)descer, dar uma olhadela na vitrine da butique da esquina, voltar como quem não quer nada, ver se a carta já chegou. (3)O que dirá hoje? (4)“Os bicos dos teus seios saltam desses mamilos marrons procurando a minha boca enlouquecida”. Ficava **excitada só em pensar**. A cada dia (5)*as cartas ficam mais abusadas, entronas*, era **alguém que escrevia bem, sabia colocar as coisas**. Dia sim, dia não, o carteiro trazia o envelope amarelo, com tarja marrom, *papel fino, de bom gosto*. Discreto, contrastava com as frases. Que *loucura*, (6)ela jamais imaginara situações assim, será que existiam? (7)Se **o marido**, algum dia, tivesse proposto um décimo daquilo, teria pulado da cama, vestido a roupa e voltado para casa da mãe. Que era o único lugar para onde poderia voltar, (8)saíra de casa para se casar.

Bem, para falar a verdade, não teria voltado. Porque a mãe iria perguntar, (9)ela teria que responder com honestidade. A mãe diria ao pai, para se desabafar. O pai, por sua vez, deixaria escapar no bar da esquina, entre amigos. (10)E homem, sabe-se como é, é aproveitador, não deixa escapar ocasião de humilhar a mulher, desprezar, pisar em cima.

Análise da construção referencial

- A construção 1 confirma a ideia de que a dona de casa encontra-se ansiosa pela espera de uma carta.
- A construção 2 informa que a dona de casa intenciona disfarçar a sua ansiedade para evitar comentários.
- A construção 3 apresenta um novo personagem, o escritor das cartas.
- **Movimento não linear:** A construção 4 e a expressão “as cartas” especificam o referente em torno de “Obscenidades” (título), o que fornece mais informações sobre a ansiedade da dona de casa.
- O adjetivo “excitada só em pensar” informa que a dona de casa se excita com as cartas.
- **Movimento não linear** - a ansiedade da dona de casa é decorrente de um desejo da esfera sexual.
- O adjetivo “excitada só em pensar” informa que o escritor das cartas desperta o desejo sexual da dona de casa.
- A construção 5 informa que o escritor das cartas foi gradualmente ficando mais obsceno.
- A expressão “alguém que escrevia bem, sabia colocar as coisas”, informa que o escritor das cartas é talentoso e que a dona de casa aprecia esse talento.
- As expressões “papel fino, de bom gosto” informam que o escritor tem bom gosto.
- A expressão “loucura” informa que, para a dona de casa, as cartas podem ser tanto desagradáveis quanto interessantes.
- As construções 6, 7 e 8 informam que a dona de casa é pudica/reprimida.
- As construções 6 e 8 informam que a dona de casa é ingênua quanto ao universo sexual-obsceno.
- A construção 7 informa que o marido respeita/aceita o excesso de pudor da dona de casa.
- **Movimento não linear:** as informações sobre o marido (cuidado com as meias, preocupado em manter o equilíbrio da esposa e respeitador do pudor da esposa) juntam-se para informar que esse personagem é alguém que valoriza a normalidade e a organização.
- **Movimento não linear:** o excesso de pudor ajuda a esclarecer toda a preocupação da dona de casa sobre a opinião dos outros.
- A construção 8 informa que a dona de casa teve uma educação conservadora.
- **Movimento não linear:** o excesso de pudor, a repressão e a ingenuidade são consequentes à educação conservadora.
- A construção 10 reforça que a dona de casa preocupa-se com a opinião dos outros.
- A construção 10 informa que a dona de casa considera os homens maliciosos.
- **Movimento não-linear:** o pudor e a excitação ajudam a esclarecer a ansiedade da dona de casa quanto à chegada das cartas.
- O adjetivo “excitada” e as construções a partir das quais se reconhece que a dona de casa é pudica (6, 7 e 8) informam que a dona de casa passa por um conflito.
- A construção 10 informa o respeito que a dona de casa tem pela mãe.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: ansiosa pela espera de uma carta.

Mudança por confirmação: preocupada com a opinião dos outros.

Mudança por acréscimo: procura disfarçar sua ansiedade, para evitar comentários maldosos.

Mudança por acréscimo: ansiosa porque recebe cartas obscenas.
 Mudança por acréscimo: ansiosa em decorrência de um desejo da esfera sexual.
 Mudança por acréscimo: aprecia a qualidade “estilística” das cartas que recebe.
 Mudança por acréscimo: reprimida sexualmente.
 Mudança por acréscimo: ingênua quanto ao universo sexual-obsceno
 Mudança por acréscimo: preocupada com a opinião dos outros porque é reprimida.
 Mudança por acréscimo: recebeu uma educação conservadora
 Mudança por acréscimo: é ingênua e reprimida porque recebeu uma educação conservadora
 Mudança por acréscimo: vive um conflito por conta das cartas que recebe.
 Mudança por acréscimo: respeita a mãe.
 Mudança por acréscimo: considera os homens maliciosos.

<marido>

Mudança por acréscimo: respeita o pudor da dona de casa.
 Mudança por acréscimo: valoriza a normalidade e a organização.

<escritor das cartas>

Apresentação: escreve as cartas pelas quais a dona de casa espera ansiosamente.
 Mudança por acréscimo: bom escritor.
 Mudança por acréscimo: mais obsceno com o passar do tempo.
 Mudança por acréscimo: tem bom gosto.
 Mudança por acréscimo: desperta o desejo sexual da dona de casa

Trecho 6

As amigas da mãe discutiriam o episódio e (1)a condenariam. Aquelas mulheres tinham caras terríveis. Ligou outra vez a tevê, programa feminino ensinando a fazer cerâmica. Lembrou-se que uma das cartas tinha um postal com cenas da vida etrusca, *uma sujeira inominável, o homem de pé atrás da mulher, aquela coisa enorme no meio das pernas dela.* (2)Como podia ser tão grande? (3)Rasgou em mil pedaços, pôs fogo em cima do cinzeiro, jogou tudo na privada. (4)O que pensavam que ela era? (1)Por que mandavam tais cartas, cheias de palavras que ela não ousava pensar, preferia não conhecer, quanto mais dizer. Uma vez, o marido tinha dito, *resfolegante*, no seu ouvido, logo depois de casada, *minha linda bocetinha*. E (6)ela esfriou completamente, ficou dois meses sem gozar.

Análise da construção referencial

- A construção 1 confirma que a dona de casa preocupa-se com o julgamento dos outros.
- As expressões “uma sujeira inominável” e “aquela coisa enorme” e as construções 2, 4 e 6 confirmam que a dona de casa é pudica e sexualmente reprimida.
- A construção 2 e a expressão “palavras que ela não ousava pensar, preferia não conhecer, quanto mais dizer” confirmam a ingênua da dona de casa quanto ao universo da esfera sexual-obscena.
- A construção 3 informa que a dona de casa se livrou de uma carta por achá-la ofensiva.
- A construção 4 informa que o escritor das cartas desrespeita a dona de casa.
- As construções 4 e 5 informam que a dona de casa se sente humilhada pelas cartas que recebe.
- As expressões “uma sujeira inominável”, “o homem de pé atrás da mulher” e “aquela coisa enorme no meio das pernas dela” confirmam que o escritor das cartas é obsceno.
- a expressão “minha linda bocetinha” e o adjetivo “resfolegante” informam que o marido tinha tentado ser mais solto na relação sexual.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: pudica e reprimida

Mudança por confirmação: preocupada com o julgamento dos outros

Mudança por confirmação: ingênua quanto ao universo sexual-obsceno

Mudança por acréscimo: livrou-se de uma carta muito ofensiva

Mudança por acréscimo: humilhada pelas cartas que recebe

<marido>

Mudança por acréscimo: mais solto no início do casamento

<escritor das cartas>

Mudança por confirmação: obsceno

Mudança por acréscimo: desrespeita a dona de casa com suas cartas

Trecho 7

(1)Nem dizia gozar, usava ter prazer, atingir o orgasmo. Ficou louca da vida no chá de cozinha de uma amiga, as meninas brincando, morriam de rir quando ouviam a palavra orgasmo. Gritavam: como pode uma palavra tão feia para uma coisa tão gostosa? (2)Que grosseria tinha sido aquele chá, a amiga nua no meio da sala, porque tinha perdido no jogo de adivinhação dos presentes. E as outras rindo e comentando tamanhos, posições, jeitos, poses, quantas vezes. (3)Mulher, quando quer, sabe ser pior do que homem. Sim, só que (4)conhecia muitas daquelas amigas, diziam mas não faziam, era tudo da boca para fora. (5)“A tua boca engolindo inteiro o meu cacete e o meu creme descendo pela tua garganta, para te lubrificar inteira”. (6)Que nojenta foi aquela carta, ela nem acreditava, até encontrou uma palavra engraçada, inominável. Ah, (7)as amigas fingiam, sabia que uma delas era fria, o marido corria como louco atrás de outras, gastava todo o salário nas casas de massagens, em motéis. E aquela carta que ele tinha proposto que se encontrassem uma tarde no motel? Num quarto cheio de espelhos, (8)“para que você veja como trepo gostoso em você, enfiando meu pau bem no fundo”. (9)Perdeu completamente a vergonha, dizer isso na minha cara, que mulher casada não se sentiria pisada, desgostosa com uma linguagem destas, (10)um desconhecido a julgá-la puta, sem nada a fazer em casa, pronta para sair rumo a motéis de beira de estrada. (11)Para que lado ficam?

Análise da construção referencial

- As construções 1, 2 6 e 9 confirmam que a dona de casa é pudica e reprimida.
- O adjetivo “louca da vida” e as construções 2, 3 e 7 confirmam que a dona de casa julga negativamente o comportamento diferente dos outros, incluindo o de ordem sexual.
- A construção 3 informa que a dona de casa considera as mulheres podem ser mais maliciosas que os homens.
- A construção 4 informa que a dona de casa sabe que algumas amigas, quanto à vida sexual, aparentam ser o que não são.
- As construções 5, 6, 8 e 9 confirmam que o escritor das cartas é obsceno.
- As construções 6, 9 e 10 confirmam que o escritor das cartas desrespeita a dona de casa.
- As construções 6 e 9 confirmam que a dona de casa considera as cartas ofensivas.
- A expressão “uma palavra engraçada, inominável” e a construção 11 confirmam que a dona de casa é ingênua quanto ao universo sexual-obsceno.
- Os adjetivos “pisada”, “desgostosa”, “puta” “sem nada a fazer em casa” e “pronta para sair

rumo a motéis de beira de estrada” confirmam que a dona de casa se sente humilhada pelas cartas que recebe.

- A expressão “um desconhecido” informa que o escritor das cartas não revelou sua identidade à dona de casa.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: pudica e sexualmente reprimida

Mudança por confirmação: reprova comportamentos diferentes

Mudança por confirmação: considera as cartas ofensivas

Mudança por confirmação: ingênua quanto ao universo sexual-obsceno

Mudança por confirmação: humilhada pelas cartas que recebe

Mudança por acréscimo: reprova comportamentos diferentes quanto à esfera sexual

Mudança por acréscimo: considera que algumas amigas mentem em relação à vivência sexual

Mudança por acréscimo: acha que as mulheres podem ser mais maliciosas que os homens.

<escritor das cartas>

Mudança por confirmação: obsceno

Mudança por confirmação: desrespeita a dona de casa

Mudança por acréscimo: anônimo

Trecho 8

Vai ver, **um dos amigos de meu marido**, (1)homem não pode ver mulher, fica **excitado** e é **capaz de trair o amigo** apenas por uma trepada. (2)**Vejam o que estou dizendo, trepada, como se fosse a coisa mais natural do mundo.**

Análise da construção referencial

- A expressão “um dos amigos de meu marido” sugere uma provável identidade para o escritor das cartas.

- A construção 1 confirma que a dona considera os homens maliciosos.

- Os adjetivos “excitado” e “capaz de trair o amigo” revelam supostas características do escritor das cartas.

- A construção 2 confirma que a dona de casa é pudica.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: considera os homens maliciosos

Mudança por confirmação: é pudica

<escritor das cartas>

Mudança por acréscimo: pode ser um amigo do marido

Mudança por acréscimo: pode ser capaz de trair o amigo por conta da excitação sexual

Trecho 9

Caiu em **si** raciocinando se não seria **alguém a mando do próprio marido**, (1)**para averiguar se ela era acessível a uma cantada**. Meu deus, o que digo? Fico **transtornada com estas cartas** que chegam religiosamente, (2)**é até pecado falar em religião, misturar com um assunto deste, escabroso**. (3)**E se um dia o marido vier mais cedo para casa, apanhar uma das cartas, querer saber? Qual pode ser a reação de um homem de verdade, que se preze, ao ver**

que a mulher está recebendo bilhetes de um estranho? Que fala em (4) “coxas úmidas como a seiva que sai de você e que eu provoquei com meus beijos e com este pau que você suga furiosamente cada vez que nos encontramos, como ontem à noite, em pleno táxi, nem se importou com o chofer que se masturbava”. Sua louca, por que está (5) guardando as cartas no fundo daquela cesta? A cesta foi a firma que mandou num antigo natal, com frutas, vinhos, doces, champanhe. A carta dizia (6) “deixo champanhe gelada escorrer nos pêlos da tua bocetinha e tomo em baixo com aquele teu gosto bom”. Porcaria, deixar champanhe escorrer pelas partes da gente. Claro, não há mal, sou mulher limpa, de banho diário, dois ou três no calor. Fresquinha, cheia de desodorante, lavanda, colônia. Coisa que sempre gostei foi cheirar bem, estar de banho tomado. Sou mulher limpa. No entanto, me pediu na carta: (7) “não se esfregue desse jeito, deixe o cheiro natural, é o teu cheiro que quero sentir, porque ele me deixa louco, pau duro”. Repete essa palavra que não uso. (8) Nem pau, nem pinto, cacete, caralho, mandioca, pica, piça, piaba, pincel, pimba, pila, careca, bilola, banana, vara, trouxa, trabuco, traíra, teca, sulapa, sarsarugo, seringa, manjuba.

Análise da construção referencial

- A expressão “alguém a mando do próprio marido” propõe uma identidade para o escritor das cartas.
- A construção 1 informa que o marido pode estar testando a fidelidade da esposa.
- A construção 2 confirma que a dona de casa é pudica.
- A construção 2 confirma que a dona de casa considera as cartas ofensivas.
- A construção 3 informa que a dona de casa tem medo de que o marido descubra a existência das cartas
- A expressão “um estranho” confirma que a identidade do escritor das cartas não é conhecida.
- As construções 4, 6 e 7 confirmam que o escritor das cartas é obsceno.
- O adjetivo “louca” confirma o conflito sofrido pela dona de casa.
- A construção 5 informa que a dona de casa mantém as cartas guardadas.
- **Movimento não linear:** apesar de considerar as cartas ofensivas, a dona de casa as guarda. Isso revela o conflito e reforça a ideia já apresentada de que ela se excita com as cartas.
- A expressão “a firma” informa o tipo de trabalho do marido.
- A expressão “porcaria” confirma que a dona de casa considera as cartas ofensivas.
- As expressões “mulher limpa, de banho diário” e “dois ou três no calor” e os adjetivos “Fresquinha” e “cheia de desodorante, lavanda, colônia” informam que a dona de casa preocupa-se muito com a higiene pessoal.
- **Movimento não linear:** a preocupação com a limpeza do corpo, confrontada com as informações sobre o pudor e a repressão, sugerem que a limpeza externa seria um paralelo à limpeza interna.
- A expressão “essa palavra que não uso” confirma que a dona de casa é pudica.
- **Movimento não linear:** a construção 8 mostra que a dona de casa, apesar de se mostrar desconhecadora do universo sexual-obsceno, conhece várias palavras que designam o órgão sexual masculino. Isso sugere que ela não é tão ingênua.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: pudica e sexualmente reprimida

Mudança por confirmação: sofre um conflito em decorrência das cartas

Mudança por confirmação: considera as cartas ofensivas

Mudança por confirmação: excita-se com o conteúdo das cartas

Mudança por acréscimo: receosa de que o marido descubra a existência das cartas

Mudança por acréscimo: guarda as cartas que recebe
 Mudança por acréscimo: preocupa-se excessivamente com a higiene pessoal
 Mudança por acréscimo: procura ser limpa por fora e por dentro
 Mudança por acréscimo: aparenta ser ingênua quanto ao universo sexual-obsceno
 Mudança por correção: não é tão ingênua no que diz respeito ao universo sexual-obsceno

<marido>

Mudança por acréscimo: pode estar testando a fidelidade da dona de casa
 Mudança por acréscimo: trabalha em uma firma

<escritor das cartas>

Mudança por confirmação: identidade desconhecida
 Mudança por confirmação: obsceno
 Mudança por acréscimo: pode ser alguém a mando do marido.

Trecho 10

Nenhuma. *Expressões baixas*. A ele, não se dá nenhuma denominação. (1) Deve ser sentido, não nomeado. (2) Tem gente que adora falar, gritar obscenidades, assim é que se excitam, aposto que procuram nos dicionários, para encontrar o maior número de palavras. (3) Os homens são animais, não sabem curtir o amor gostoso, quieto, tranquilo, sem gritos, o amor que cai sobre a gente como a lua em noite de junho. Assim eram os versinhos no almanaque que a farmácia deu como brinde, no dia dos namorados. Tirou o disco da Bethânia, comprou um LP só por causa de uma música, “Negue”. Ouvia até o disco rachar, (4) adorava aquela frase, “a boca molhada ainda marcada pelo beijo seu”. Boca marcada, corpo manchado com chupadas que deixam marcas pretas na pele. *Coisas de amantes*. Esse homem da carta deve saber muito. Um atleta sexual. Minha amiga Marjori falou de um artista da televisão. Podia ficar quantas horas quisesse na mulher. Tirava, punha, virava, repunha, revirava, inventava, as mulheres tresloucadas por ele. Onde Marjori achou *estas besteiras*, ela não conhece ninguém de tevê?

Análise da construção referencial

- As expressões “Expressões baixas” e “estas besteiras” e as construções 2 e 3 confirmam que a dona de casa julga negativamente os comportamentos sexuais fora do normal.
- A construção 1 e as expressões “o amor gostoso, quieto, tranquilo, sem gritos” e “o amor que cai sobre a gente como a lua em noite de junho” informam que a dona de casa valoriza a relação sexual comedida e romântica.
- **Movimento não linear:** a construção 4 e a expressão “Coisas de amantes” reformulam a opinião da dona de casa sobre o ato sexual; ao mesmo tempo em que valoriza a relação comedida e romântica, ela se interessa por sensações mais fortes.
- A expressão “Um atleta sexual” informa que o escritor das cartas deve ser “bom de cama”.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: julga negativamente os comportamentos sexuais fora do padrão
 Mudança por acréscimo: valoriza a relação sexual comedida e romântica
 Mudança por acréscimo: reconhece a suposta competência sexual do escritor das cartas
 Mudança por correção: valoriza as sensações mais fortes da relação sexual

<escritor das cartas>

Mudança por acréscimo: bom de cama

Trecho 11

Interessa é que (1) **a gente assim se diverte**. Se bem que (2) **se possa divertir, sem precisar se sujeitar a certas coisas**. Dessas que a mulher se vê obrigada, para contentar o marido e ele não vá procurar outras. Que diabo, (3) **mulher tem que se impor! Que pensam que somos para nos utilizarem?** Como se fôssemos aparelhos de barba, com gilete descartável. *Um instrumento prático para o dia a dia*, com hora certa! Como os homens conseguem fazer barba diariamente, na mesma hora? (4) **Nunca mudam**. Todos os dias raspando, os gestos eternos. É a impressão que tenho quando entro no banheiro e vejo **meu marido** fazendo a barba. (5) **Há quinze anos, ele começa pelo lado direito, o esquerdo, deixa o queixo para o fim, apara o bigode**. Rio muito quando olho o bigode. Não posso esquecer um dia que os pelinhos do bigode **me** rasparam, (6) **ele estava com a cabeça entre as minhas pernas, brincando. Vinha subindo**, fechei as pernas, (7) **não vou deixar fazer porcarias deste tipo. Quem pensa que sou? Os homens** experimentam, se **a mulher** deixa, (8) **vão dizer que sou da vida. Puta**, dizem puta, mas (9) **é palavra que me desagrada**. E o bigode faz cócegas, ri, (10) **ele** achou que **eu** tinha gostado, quis tentar de novo, tive de ser **franca, desagradável**. (11) **Ele ficou mole, inteirinho, durante mais de duas semanas nada aconteceu**. O que é *um alívio para a mulher*. Quando não acontece é *feriado, férias*. Por que os homens não tiram *férias coletivas*? Ia ser tão bom para **as mulheres, nenhum incômodo, nada de estar se sujeitando**. Na carta de anteontem (12) **ele** comentava o “*tamanho de sua língua, que tem ponta afiada e uma velocidade*” de não sei quantas rotações por segundo. **Esse homem** tem *senso de humor*. (13) **É importante que uma pessoa brinque, saiba fazer rir**. O que **ele** vai fazer com uma língua a tantas mil rotações? Emprestar ao dentista para obturar dentes? Outra coisa engraçada que a carta falou, só que esta é uma outra carta, chegou no mês passado, num papel azul bonito: (14) **queria me ver de meias pretas e ligas**. Ridículo, **mulher nua** de pé no meio do quarto, com meias pretas e ligas. Nem pelada nem vestida. E se **eu** pedisse a **ele** que ficasse de meias e ligas? Arranjava uma daquelas ligas antigas, que **meu** avô usava e deixava **o homem pelado com meias**. Igual fazer amor de chinelos. Outro dia, estava vendo o programa do Sílvio Santos, no domingo. (15) **Acho o domingo muito chato, sem ter o que fazer, as crianças** vão patinar, (16) **meu marido passa a manhã nos campos de várzeas, depois almoça, cochila, e vai fazer jockeyterapia**. Ligo a televisão, porque o programa Sílvio Santos tem quadros muito engraçados. Como o dos casais que respondem perguntas, mostrando que se conhecem. O Sílvio Santos perguntou aos casais se havia alguma coisa que o homem tivesse tentado fazer e a mulher não topou. Dois responderam que elas topavam tudo. Dois disseram que não, que a mulher não aceitava sugestões, nem achava legal novidade. (17) **A que não topava era morena, rosto bonito, lábio cheio e dentes brancos, sorridente, tinha cara de quem topava tudo e era exatamente a que não. A mulher franzina, de cabelos escorridos, boca murcha, abriu os olhos desse tamanho e respondeu que não havia nada que ele quisesse que ela não fizesse e a cara dele mostrava que realmente estavam numa boa**. Parece que iam sair do programa e se comer.

Análise da construção referencial

- A construção 1 informa que a dona de casa considera divertidos os comportamentos sexuais criticados anteriormente.
- A construção 2 confirma que a dona da casa é reprimida.
- **Movimento não linear**: a construção 3, em conjunção com a informação de que a dona de casa é muito limpa e a informação reiterada de que ela se ofende com as obscenidades, mostra que ela pretende passar a imagem de uma pessoa de valores morais sólidos.
- A expressão “Um instrumento prático para o dia a dia” informa que a dona de casa se considera um objeto que preenche um papel utilitário na rotina do marido.

- As construções 4 e 5 confirmam que o marido valoriza a normalidade.
 - As construções 6 e 10 confirmam que o marido tentava ousar durante o ato sexual.
 - As construções 7 e 8 confirmam que a dona de casa é pudica e reprimida.
 - A construção 8 confirma que a dona de casa preocupa-se com o julgamento dos outros.
 - Os adjetivos “franca” e “desagradável” confirmam que a dona de casa aparenta valorizar o ato sexual comedido.
 - A construção 11 informa que o marido ficou desestimulado com a reação da dona de casa.
 - **Movimento não linear:** a frustração do marido pode ser o verdadeiro motivo para que ele respeite o pudor da dona de casa.
 - As expressões “um alívio para a mulher”, “nenhum incômodo” e “nada de estar se sujeitando”, “feriado”, “férias” e “férias coletivas” informam que a falta de apetite sexual do marido lhe deixa feliz.
 - **Movimento não linear:** essa felicidade decorre de a dona de casa ser apenas um objeto.
 - As construções 12 e 14 confirmam que o escritor das cartas é obsceno.
 - A construção 12 e a expressão “senso de humor” informam que o escritor das cartas é engraçado.
 - A construção 13 informa que a dona de casa valoriza o senso de humor.
 - **Movimento não linear:** a valorização do senso de humor é mais um motivo para a dona de casa se sentir atraída pelas cartas.
 - A construção 15 informa que a mulher acha entediante não ter o que fazer.
 - A expressão “as crianças” informa que a dona de casa e o marido têm filhos.
 - A construção 16 informa que o marido passa o domingo fora de casa.
 - A construção 16 informa que o marido, nas suas folgas, não faz companhia à dona de casa.
 - A construção 17 confirma que a dona de casa percebe que, quando se trata do comportamento sexual, as aparências enganam.
- Movimento não linear:** confirma a informação sobre a construção 17 a informação sobre o comportamento sexual das amigas.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: reprimida

Mudança por confirmação: preocupada com o julgamento dos outros

Mudança por confirmação: aparenta valorizar a relação sexual comedido

Mudança por acréscimo: pretende passar a imagem de uma pessoa com valores morais sólidos

Mudança por acréscimo: considera-se um objeto que preenche um valor utilitário na vida do marido.

Mudança por acréscimo: sente-se aliviada quando o marido não quer ter relações sexuais, porque considera-se um objeto para o marido.

Mudança por acréscimo: valoriza o senso de humor.

Mudança por acréscimo: sente-se atraída pelas cartas por conta do senso de humor.

Mudança por acréscimo: acha entediante não ter o que fazer.

Mudança por acréscimo: considera que, na esfera sexual, as aparências enganam

Mudança por correção: acha divertido os comportamentos sexuais diferentes

<marido>

Mudança por confirmação: era mais solto antes

Mudança por confirmação: valoriza a normalidade

Mudança por acréscimo: ficou desestimulado com a reação negativa da dona de casa ao seu comportamento durante o ato sexual.

Mudança por acréscimo: pode ter passado a respeitar o pudor da dona de casa por conta da rejeição que ela apresentou.

Mudança por acréscimo: passa o domingo fora de casa

Mudança por acréscimo: não faz companhia à dona de casa

<escritor das cartas>

Mudança por confirmação: obsceno

Mudança por acréscimo: engraçado

<dona de casa e marido>

Mudança por acréscimo: têm filhos

Trecho 12

Como se pode ir a público e (1) **falar desse jeito, sem constrangimento, com a cara lavada, deixando todo mundo saber como somos**, sem nenhum respeito? Há que se ter *compostura*. (2) **Ouvi esta palavra a vida inteira, e (3) por isso levo uma vida decente, não tenho do que me envergonhar, posso me olhar no espelho, sou limpa por dentro e por fora.** (4) **Talvez por isso me lave tanto, para me igualar, juro que conservo a mesma pureza de menina encantada com a vida.** Aliás, (5) **a vida não me desiludiu em nada. Tive pequenos aborrecimentos e problemas, nunca grandes desilusões e nenhum fracasso. Posso me considerar realizada, portanto satisfeita, sem invejas, rancores.** Sou **uma das mulheres que as famílias admiram neste prédio.** *Uma casa confortável, bem decorada*, qualquer uma destas revistas de onde tiro as ideias podia vir aqui e fotografar, não faria vergonha. Nossa, cinco e meia, se não voar, (6) **meu marido chega, o carteiro entrega o envelope a ele, vai ser um sururu.** Prestem atenção, veja *a audácia do sujeito*, **me** escrevendo, semana passada. (Disse que faz três meses que recebo as cartas? Se disse, **me** desculpem, ando *transtornada com elas*, não sei mais o que fazer de **minha vida**, penso que (7) **numa hora acabo me desquitando, indo embora, não suporto esta casa, o meu marido sempre na casa de massagens e na várzea, esses filhos com patins, skates, enchendo álbuns de figurinhas e comendo como loucos.**) Semana passada **o maluco me** escreveu: (8) **“Querida te ver no sururu, ia te pôr de pé no meio do salão e enfiar minha pica dura como pedra bem no meio da tua racha melada, te fodendo muito, fazendo você gritar quero mais, quero tudo, quero que todo mundo nesta sala me enterre o cacete”.**

Análise da construção referencial

- A construção 1 confirma que a dona de casa preocupa-se com o julgamento dos outros.
- A expressão “compostura” e a construção 2 confirmam que a dona de casa recebeu uma educação conservadora.
- A construção 3 confirma que a repressão e o excesso de pudor são decorrentes da educação conservadora.
- A construção 3 confirma que a dona de casa quer passar uma autoimagem associada a valores morais sólidos.
- A expressão “limpa por dentro e por fora” e a construção 4 confirmam o cuidado da dona de casa em mostrar na aparência a sua pureza interior.
- A expressão “a mesma pureza de menina encantada com a vida” confirma que a dona de casa pretende aparentar ingenuidade quanto ao universo sexual-obsceno.
- **Movimento não-linear:** a expressão, junto às informações sobre valorização do ato sexual comedido e romântico, ajuda a construir uma imagem completa da aparente ingenuidade.
- A construção 5, as expressões “pequenos aborrecimentos”, “[pequenos] problemas”, “[nunca] grandes desilusões” e “nenhum fracasso”, “uma das mulheres que as famílias

admiram neste prédio” e “Uma casa confortável, bem decorada” e os adjetivos “realizada”, “satisfeita”, “sem inveja”, “rancores” informam que a dona de casa está satisfeita com sua vida.

- **Movimento não linear:** o leitor, aqui, já sabe que isso não é verdade; as informações mostram que essa ideia de satisfação apenas faz parte da autoimagem de realização que a dona de casa quer passar. Na verdade, o seu interesse pelas cartas (disfarçado de desprezo) mostra que ela quer algo mais da vida, e as cartas a proporcionaram isso. Isso faz com que o leitor enxergue o escritor das cartas como alguém que desperta o interesse sexual da dona de casa.

- A expressão “uma casa confortável, bem decorada” e “esses filhos com patins, skates, enchendo álbum de figurinhas e comendo como loucos” confirma a classe social da dona de casa.

- A construção 6 confirma que a dona de casa tem medo de que o marido descubra a existência das cartas.

- A expressão “a audácia” e “o sujo” confirma que a dona de casa quer se apresentar como ofendida em relação às cartas que recebe.

- O adjetivo “transtornada com elas” confirma que a dona de casa sofre um conflito em relação às cartas que recebe.

- A construção 7 informa que a dona de casa está insatisfeita com a sua vida familiar.

- Movimento não linear: todas as informações dadas sobre o marido ratificam essa ideia, e a impressão de que as afirmações que mantêm uma autoimagem de felicidade são apenas fachada se consolida aqui.

- a expressão “o meu marido sempre na casa de na casa de massagens e na várzea” confirma que o marido não faz companhia à dona de casa e sugere que ele pode ser infiel.

- **Movimento não linear:** o casamento da dona de casa é de fachada.

- A construção 8 confirma que o escritor das cartas é obsceno.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: preocupa-se com o julgamento dos outros

Mudança por confirmação: recebeu uma educação conservadora

Mudança por confirmação: sua ingenuidade e excesso de pudor decorrem da educação que recebeu

Mudança por confirmação: quer passar uma autoimagem associada a valores morais sólidos

Mudança por confirmação: procura mostrar na aparência a sua pureza interior

Mudança por confirmação: aparenta ingenuidade quanto ao universo sexual-obsceno

Mudança por confirmação: receosa de que o marido descubra a existência das cartas

Mudança por confirmação: valoriza a relação romântica e comedida

Mudança por confirmação: pertence à classe média alta

Mudança por confirmação: vive um conflito em decorrência das cartas que recebe

Mudança por acréscimo: satisfeita e realizada como a vida que leva

Mudança por correção: insatisfeita com a vida que leva

Mudança por correção: aparenta estar satisfeita com a vida que leva

Mudança por correção: não se ofende realmente com as cartas que recebe; apenas quer mostrar que se sente assim

Mudança por correção: gosta das cartas

Mudança por correção: vive um casamento de fachada

<marido>

Mudança por confirmação: não faz companhia à dona de casa (é ausente)

Mudança por acréscimo: pode ser infiel

<escritor das cartas>

Mudança por confirmação: desperta o interesse sexual da dona de casa

Mudança por confirmação: obsceno

Trecho 13

Tive *vontade de rasgar tal petulância, um pavor*. Sem saber o que fazer, fiquei imobilizada, **me** deu uma paralisia, procurei imaginar que (1)depois de estar em pé no meio da sala recebendo um homem dentro de **mim**, na frente de todos, não **me** sobriaria muito **na vida**. (2)Era **me** atirar no fogão e ligar o gás. (3)Entrei em pânico quando senti que as pessoas poderiam **me** aplaudir, gritando bravo, bravo, bis, e (4)sairiam dizendo para todo mundo: “sabe **quem fode como ninguém? A rainha das fodas?**” **Eu**. Seria **a rainha, miss, me** chamariam para todas as festas. Simplesmente para **me** ver fodendo, não pela amizade, carinho que possam ter por **mim**, mas porque **eu** satisfaria os caprichos e as fantasias deles. *Situações horrendas, humilhantes, desprezíveis* para **mulher que tem um bom marido, filhos na escola, uma casa num prédio excelente, dois carros**.

Análise da construção referencial

- As expressões “vontade de rasgar tal petulância, um pavor” e “Situações horrendas, humilhantes, desprezíveis” confirmam que a dona de casa quer mostrar-se ofendida com o conteúdo obsceno das cartas.
- As construções 1 e 3 confirma que a dona de casa preocupa-se com o julgamento dos outros.
- **Movimento não linear**: com a construções 2 e 4 e as expressões “quem fode como ninguém” e “a rainha das fodas”, vemos que a dona de casa é bastante imaginativa e até exagerada; isso é reforçado por outras informações já veiculadas: a vontade de se suicidar, o medo do que o marido possa fazer se pegar as cartas.
- A expressão “mulher que tem um bom marido, filhos na escola, uma casa num prédio excelente, dois carros” confirma que a mulher quer aparentar estar satisfeita com a vida que leva.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: aparenta estar ofendida com o conteúdo das cartas

Mudança por confirmação: preocupa-se com o julgamento dos outros

Mudança por confirmação: aparenta estar satisfeita com a vida que leva

Mudança por acréscimo: bastante imaginativa

Mudança por acréscimo: exagerada

Trecho 14

Apanho a carta, (1)como **quem não quer nada, olho distraidamente o destinatário**, agora mudou o envelope, enfiou no bolso, *com naturalidade*, e caminho até a rua, **me** dirijo para os lados do supermercado, *trêmula*, sem poder andar direito, *perna toda molhada*. Fico **tão ansiosa**, deve ser uma doença que (2)**me molho toda, o suco desce pelas pernas**, (3)**tenho medo que escorra pelas canelas e vejam**. Preciso voltar, *desesperada para ler a carta*. O que estará dizendo hoje? Comprei puropurê, tenho dezenas de latas de puropurê. (4)**Cada vez que desço para apanhar a carta, vou ao supermercado e apanho uma lata de puropurê**. O gesto é automático, (5)**nem tenho imaginação de ir para outro lado**. Por que não compro ervilhas? Todo mundo adora ervilhas em casa. (6)**Se meu marido entrar na despensa e enxergar esse**

carregamento de púrpura vai querer saber o que significa. E quem é que sabe?

Análise da construção referencial

- As construções 1 e 4 e a expressão “com naturalidade” confirmam que a dona de casa intenciona disfarçar a sua ansiedade para evitar comentários.
- Os adjetivos “trêmula” e “desesperada para ler a carta” confirmam que a dona de casa gosta das cartas que recebe.
- A construção 2 confirma que a dona de casa se excita com as cartas que recebe.
- As construções 3 confirma que a dona de casa é imaginativa.
- A construção 5 informa que a dona de casa não se considera imaginativa.
- A construção 6 confirma que a dona de casa tem medo de que marido descubra a existência das cartas.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: procura disfarçar sua ansiedade para evitar comentários

Mudança por confirmação: gosta das cartas obscenas

Mudança por confirmação: excitada com as cartas que recebe

Mudança por confirmação: imaginativa

Mudança por confirmação: receosa de que o marido descubra a existência das cartas

Mudança por acréscimo: considera que não tem imaginação

Trecho 15

É **dele** mesmo, **o meu querido correspondente**. Confesso, **(1) o meu pavor é me sentir apaixonada por este homem que escreve cruamente**. Querer sumir, fugir com **ele**. Se aparecer não vou aguentar, basta **ele** tocar este telefone e dizer: “Venha, **te** espero no supermercado, perto da gôndola do púrpura.” **(2) Desço correndo, nem faço as malas, nem deixo bilhete. Vamos embora, levando uma garrafa de champanhe, vamos para as festas que ele conhece**. Fico **louca**, nem sei o que digo, *tudo delírio*, por favor não prestem atenção, nem liguem, **(3) não quero trepar com ninguém**, **(4) adoro meu marido e o que ele faz é bom, gostoso, vou usar meias pretas e ligas para ele, vai gostar, penso que vai ficar louco, o pau endurecido querendo me penetrar**. Corto o envelope com a tesoura, cuidadosamente. **(5) Amo estas cartas, necessito, se elas pararem vou morrer**. Não consigo ler direito na primeira vez, perco tudo, as letras embaralham, somem, vejo o papel em branco. Ouça só o que **ele me** diz: **(6) “Te virar de costas, abrir sua bundinha dura, o burquinho rosa, cuspir no meu pau e te enfiar de uma vez só para ouvir você gritar”**. **(7) Não é coisa para mulher ler, não é coisa decente que se possa falar a uma mulher como eu**. Vou mostrar as cartas ao **meu marido**, vamos à polícia, descobrir, **ele** tem de parar, **(8) acabo louca, acabo mentecapta, me atiro deste nono andar**. Releio para ver se está realmente escrito isso, ou se imaginei. Escrito, com *todas as palavras que não gosto*: pau, bundinha. Tento outra vez, as palavras estão ali, queimando. Fico deitada, **(9) lendo, relendo**, **inquieta, ansiosa para que a carta desapareça**, ela é uma visão, não existe e, no entanto, está em **minhas** mãos, escrita por **alguém que não me considera, me humilha, me arrasa**.

Análise da construção referencial

- A expressão “o meu querido correspondente” e as construções 1 e 2 informam que a dona de casa nutre sentimentos afetivos pelo escritor das cartas.
- **Movimento não linear**: os vários comentários da dona de casa sobre o escritor das cartas, os quais ajudaram a construir este objeto, já adiantavam essa afeição.
- As construções 2 e 4 confirmam que a dona de casa é imaginativa/criativa.

- As construções 2, 5 e 8 confirmam que a dona de casa é exagerada.
- Os adjetivos “louca”, “inquieta” e “ansiosa para que a carta desapareça”, as expressões “tudo delírio” “uma mulher como eu” e “todas as palavras que não gosto” e as construções 3 e 7 confirmam que a dona de casa quer aparentar ser alguém de princípios morais sólidos.
- A construção 4 informa que a dona de casa esforça-se para manter a fachada de seu casamento.
- As construções 5 e 9 confirmam que a dona de casa gosta das cartas.
- A construção 6 confirma que o escritor das cartas é obsceno.
- A expressão “Alguém que não me considera, me humilha, me arrasa” confirma que a dona de casa aparenta se sentir humilhada pelo conteúdo das cartas.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: criativa/imaginativa

Mudança por confirmação: exagerada

Mudança por confirmação: aparenta ter princípios morais sólidos

Mudança por confirmação: gosta das cartas

Mudança por confirmação: aparenta mostrar-se ofendida com o conteúdo das cartas

Mudança por acréscimo: nutre sentimentos afetivos pelo escritor das cartas

Mudança por acréscimo: esforça-se para manter a fachada de seu casamento.

<escritor das cartas>

Mudança por confirmação: obsceno

Trecho 16

Agora, escureceu totalmente, não acendo a luz, cochilo um pouco, acordo assustada. (1)E se meu marido chega e me vê com a carta? Dobro, recoloco no envelope. Vou à despensa, jogo a carta na cesta de natal, quero tomar um banho. Hoje é sexta-feira, (2)meu marido chega mais tarde, (3)passa pelo clube para jogar squash. A casa fica tranquila, peço à empregada que faça omelete, salada, o tempo inteiro é meu. Adoro as segundas, quartas e sextas, (4)ninguém em casa, nunca sei onde estão as crianças, nem me interessa. Porque assim me deito na cama ((5)adolescente, escrevia o meu diário deitada) e (6)posso escrever outra carta. Colocando amanhã, ela me será entregue segunda. O carteiro das cinco traz. Começo a ficar ansiosa de manhã, esperando o momento dele chegar e (7)imaginando o que vai ser de minha vida se parar de receber estas cartas.

Análise da construção referencial

- O adjetivo “assustada” e a construção 1 confirmam que a dona tem medo de que o marido descubra a existência das cartas.
- A construção 2 confirma que o marido não faz companhia à dona de casa.
- A construção 3 confirma que o marido pertence a uma classe social privilegiada.
- A construção 4 confirma que a dona de casa está insatisfeita com sua vida familiar.
- A construção 6 informa que a dona de casa é o escritor das cartas.
- **Movimento não linear:** a dona de casa tem senso de humor.
- **Movimento não linear:** a dona de casa não gosta dos comportamentos rotineiros do marido.
- **Movimento não linear:** a dona de casa sabe que tem imaginação, para aquilo que lhe interessa.
- **Movimento não linear:** a dona de casa conhece com razoável apuro o universo sexual-

obsceno.

- **Movimento não linear:** a informação de que ela escreve as cartas confirma o que foi dito sobre aquilo que ela gosta de aparentar: valores morais sólidos e ingenuidade.

- **Movimento não linear:** a reprovação sobre o comportamento sexual dos outros é apenas aparente; ela se interessa por esse universo e quer saber mais sobre ele.

- **Movimento não linear:** o comportamento da dona de casa confirma que, quando quer, a mulher sabe ser mais suja que o homem.

- **Movimento não linear:** os comentários feitos sobre o comportamento sexual das amigas e sobre as participantes do programa do Sílvio Santos já mostravam que as aparências enganam.

- **Movimento não linear:** todos os xingamentos feitos ao escritor são da boca pra fora (“a audácia do sujeito”), pois ela não se sente humilhada pelas cartas

- **Movimento não linear:** o transtorno em decorrência das cartas foi autoimposto, pois é algo bom, que muda um pouco a vida sem graça.

- **Movimento não linear:** o medo de que o marido descubra as cartas é algo desejado pela dona de casa (ou é algo que faz bem a ela)

- **Movimento não linear:** o apego da dona de casa à rotina é redimensionado: as cartas foram a solução encontrada para fugir sem tomar medidas drásticas.

- **Movimento não linear:** a construção 5 ajuda na construção da dona de casa como uma pessoa imaginativa.

- A construção 7 confirma que a dona de casa gosta das cartas.

Etapa(s) da construção referencial

<dona de casa>

Mudança por confirmação: receosa de que o marido descubra a existência das cartas

Mudança por confirmação: insatisfeita com a vida familiar

Mudança por confirmação: gosta das cartas.

Mudança por correção: escreve as cartas que recebe

Mudança por acréscimo: tem senso de humor

Mudança por acréscimo: insatisfeita com a prática do marido em fazer tudo sempre igual

Mudança por correção: bastante imaginativa, quando lhe interessa

Mudança por correção: conhecedora do universo sexual-obsceno

Mudança por confirmação: pretende aparentar ser ingênua e ter valores morais sólidos

Mudança por correção: aparenta julgar negativamente o comportamento sexual dos outros, mas tem profundo interesse pelo assunto.

Mudança por acréscimo: dissimulada.

Mudança por correção: não se sente humilhada pelas cartas que recebe

Mudança por acréscimo: tem nas cartas a estratégia para não sucumbir à insatisfação sem que precise tomar uma medida drástica.

Mudança por acréscimo: gosta do conflito que vive por conta das cartas que recebe.

Mudança por acréscimo: gosta do medo que sente em relação à atitude do marido se descobrir a existência das cartas.

<marido>

Mudança por confirmação: não faz companhia à dona de casa (é ausente)

Mudança por confirmação: pertence à classe média/média alta

<escritor das cartas>

Mudança por correção: é a dona de casa

Apêndice B - análise do seriado

Referente destacado: John Locke

Código utilizado

Categorias que participam da (re)elaboração do referente <John Locke>: cor azul

Identificação das categorias da linguagem verbal

Fonte – Verdana, tamanho 11

Expressão referencial que incide sobre o referente escolhido: negritada

Sintagma adjetival (ou oração adjetiva equivalente), em função de predicativo, que contribui para a (re)elaboração do referente escolhido: sublinhado

Construção linguística, maior que a expressão referencial, que contribui para a (re)elaboração do referente escolhido: sombreado de amarelo (cada construção recebe um número, que a identifica dentro da análise)

Expressão referencial que incide sobre objetos de discurso diferentes do escolhido: italicizada

Identificação da participação da linguagem visual

Fonte: Times New Roman, tamanho 12

Destaque entre colchetes

Parte da descrição de imagens que contribui diretamente para a (re)elaboração do referente escolhido: sombreada de azul (cada descrição recebe um número, que a identifica dentro da análise)

EPISÓDIO 1

Trecho 1

[(1)Locke aparece quando Jack chama alguns homens para ajudá-lo a retirar um outro homem preso em um dos destroços do avião; ele ajuda a levantar a peça que prende o homem, e depois fica olhando Jack fazer alguma coisa no homem ferido (nenhum close, plano aberto). Jack vê uma mulher grávida pedindo ajuda.]

Jack [para os outros homens]: Tire ele daqui. Tire-o de perto do motor.

[(2)Vemos Locke se mexendo para fazer o que Jack pediu. Depois da cena com Jack conversando com a mulher grávida, (3)vemos Locke e outro homem carregando o ferido, passando na frente de uma turbina que ainda está funcionando. Ele vê outro homem passando bem em frente à tal turbina.]

Locke: (1)Ei! Saia daí!

[O homem não escuta o apelo de Locke, é tragado pela turbina, que explode.]

Análise da construção referencial

- As descrições 1, 2 e 3 informam que Locke é um dos sobreviventes do acidente do avião e que está apto a ajudar os sobreviventes feridos.
- As descrições 1, 2 e 3 e a construção 1 informam que Locke é solidário.

Etapa(s) da construção referencial

- Apresentação: um sobrevivente do acidente de avião, solidário na ajuda aos sobreviventes feridos.

Trecho 2

[Depois dos primeiros momentos agitados na ilha. Enquanto os demais sobreviventes se movimentam e começam organizar as coisas, (1) Locke está sentado na areia, sozinho, braços sobre os joelhos, blusa, calça e meias, olhar absorto.]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 informa que Locke se isola dos demais sobreviventes.
- A descrição 1 informa que Locke parece ser um sujeito contemplativo.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por acréscimo: prefere isolar-se dos demais sobreviventes.
- Mudança por acréscimo: contemplativo.

Trecho 3

[Noite. Um barulho estranho e amedrontador aparece na direção da floresta. Locke, sentado, de frente para o mar, (1)ainda sozinho, (2)vira-se para ver o que é. A câmera vai se aproximando até um close parcial em seu rosto olhando para o lado de onde veio o barulho. Todos olham enquanto uma palmeira, de repente, é afastada, como se algo gigantesco, para se movimentar, precisasse deslocá-la. Muitos se aproximam para ver do que se trata. (3)Vemos Locke já levantado, também se encaminhando em direção ao fenômeno. Outras palmeiras também se afastam.]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 confirma que Locke isola-se dos demais sobreviventes.
- As descrições 2 e 3 informam que Locke se interessa (ou se preocupa) com o fenômeno estranho da ilha.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: isolado dos demais sobreviventes.
- Mudança por acréscimo: preocupado/interessado no fenômeno estranho da ilha.

Trecho 4

[Flashback. No avião, durante o voo. Jack levanta-se para ir ao banheiro, mas Charlie passa apressado pra ir antes.]

Charlie [passando por Jack]: Com licença!

[Uma mulher (Rose, a que Jack salvou com respiração boca a boca), sentada na mesma fila de Jack, do outro lado, vê a cena. Câmera nela. Escutamos a voz da aeromoça.]

Aeromoça: Senhor, com licença!

Rose: Ele deve estar mesmo apertado.

[Volta para Jack, ainda em pé. Passa uma aeromoça por ele, com certa pressa.]

Aeromoça: Senhor, com licença!

[Enquanto Jack se senta, passa um comissário. Jack e Rose olham para frente. Num momento em que a câmera corta para Rose, (1)vemos, rapidamente, uma parte do corpo de Locke (braços cruzados, cabeça sobre o encosto), numa poltrona atrás da de Rose. Corte para Jack, já sentado. O avião começa a balançar fortemente. Corte para plano amplo. No que o avião curva para a esquerda, a cabeça de Locke acompanha; quando o avião volta ao eixo, seu corpo volta também. Ele parece acordar, mas ainda está de olhos fechados. Locke acorda, e se mexe, como para se ajeitar na cadeira. Cruza os braços novamente, enquanto ouvimos a aeromoça falar (no sistema de som)]

Aeromoça: Senhoras e senhores [câmera corta para perfil de Rose e Jack], O capitão ligou sinal de afivelar cintos de segurança. [Depois de um diálogo entre Jack e Rose (close em um e em outro), câmera corta para plano aberto, nova turbulência. Locke continua de olhos fechados, atrás de Rose. Novo diálogo entre Jack e Rose; a turbulência aumenta. Vemos um corpo no ar (ligeiro relance de Locke sentado). As máscaras de oxigênio caem; vemos Locke olhando para sua (plano aberto ainda)]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 confirma que Locke é um dos passageiros do avião que caiu.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: sobrevivente do desastre do avião.

Trecho 5

[Ilha. Luz do sol. Enquanto Kate tira os sapatos de um cadáver (para, junto com Jack, ir à procura da cabine do piloto), (1)Locke a encara (acima e abaixo do seu olho direito, um traço vertical – (2)um corte; suas bochechas estão salientes); a câmera volta para Kate (olhar angustiada). Corte para Locke (close no rosto), que abre a boca e, em vez dos dentes, vemos algo laranja, e (3)ele parece esboçar um sorriso (que, por conta do objeto laranja, parece uma boca de palhaço); volta para (4)Kate (close nela), que acha a cena asquerosa; volta para (5)Locke (close), que aparece sério, e sua boca faz um movimento de mastigação (o que ele tem na boca é uma fruta – parece uma tangerina); enquanto mastiga, corta para meio plano do corpo dele; volta para (6)Kate (close), ainda com cara de desgosto.]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 informa que Locke observa as ações de Kate.
- A descrição 2 informa que Locke tem um corte em decorrência do acidente.
- A descrição 3 informa que Locke quer tentar um contato amigável com Kate.
- As descrições 4 e 6 informam que o senso de humor de Locke é reprovável.
- A descrição 5 informa que, talvez, Locke não estivesse pretendendo fazer graça com Kate, mas estava apenas mastigando uma fruta.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por acréscimo: observador.
- Mudança por acréscimo: machucado em decorrência do acidente.
- Mudança por acréscimo: senso de humor inadequado;
- Mudança por correção: dubiedade quanto a sua disposição para interagir com os outros sobreviventes.

Trecho 6

[Ilha. Tempo nublado. Locke é visto de costas (um pouco do perfil esquerdo), (1)na areia, sozinho, (2)fitando o mar (mesma roupa); a câmera vai se aproximando

lentamente, e (3)vemos com mais nitidez seu semblante contemplativo. Ouve-se um barulho de chuva.]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 confirma que Locke se isola dos demais sobreviventes.
- As descrições 2 e 3 confirmam que Locke está contemplativo.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: isolado.
- Mudança por confirmação: contemplativo.

Trecho 7

[Depois de mostrar Jack, Kate e Charley caminhando na floresta (em direção ao local onde supostamente está a cabine do piloto), volta para a ilha; quase close em Locke, ainda chovendo, (1)ele sentado (uma respiração mais profunda), um vulto passa em sua frente. Corta para plano aberto, (2)enquanto Locke ainda está sentado, pessoas correm para se proteger da chuva. Corta para a agitação das pessoas procurando proteção; volta para Locke, plano aberto, sentado no meio da chuva, destroços ao redor. (3)Sentado, de pernas cruzadas e mãos estendidas (como na posição de meditação), ele levanta a cabeça para olhar para cima; close em seu rosto, olhando para cima, boca aberta como num sorriso. Fecha os olhos e levanta as mãos, como em agradecimento. Parece que está sentindo a chuva.]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 confirma que Locke se isola dos demais sobreviventes.
- A descrição 2 informa que Locke está tranquilo em relação à chuva.
- **Movimento não linear:** na verdade, além do isolamento, as outras cenas também mostram a passividade de Locke, o que está relacionado à tranquilidade.
- A descrição 3 mostra que Locke está satisfeito/feliz na ilha.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: isolado.
- Mudança por acréscimo: tranquilo em relação ao acidente.
- Mudança por acréscimo: satisfeito/feliz.

EPISÓDIO 2

Trecho 1

[A mesma cena do avião é apresentada, agora sob a perspectiva de Charley. Quando ele se dirige ao banheiro, (1)vemos Locke na poltrona (mais uma vez, no plano periférico), na mesma posição de antes.]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 confirma que Locke é um dos sobreviventes do acidente.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: sobrevivente do acidente de avião.

Trecho 2

[Praia. Close num tabuleiro de gamão; duas mãos organizando as fichas. Câmera sobe, vemos (1)Locke sentado na areia (ainda com o corte em torno do olho direito), pernas cruzadas, olhando para o tabuleiro. Câmera vai se afastando, Locke olha para o lado. Por trás, uns três metros, entra em cena, pela direita, Walt. Ele para, observa Locke arrumando as peças.]

Walt: O que é isso? É que nem jogo de damas?

Locke [ainda olhando para o tabuleiro]: (1)Não. Na verdade, é *um jogo melhor que damas*.

[Close em Walt, que olha intrigado e vem se aproximando. Corta para plano aberto, mostrando Walt chegando por trás de Locke. Enquanto ele vai se aproximando, (2)Locke dá uma ligeira olhada de soslaio, e volta a ver as peças. Walt para, ainda atrás de Locke. Este fala, enquanto arruma o tabuleiro.]

Locke: Você joga damas com o seu pai?

Walt: Não. Eu morava na Austrália com a minha mãe.

Locke [(3)levantando o olhar do tabuleiro, mas olhando pra frente]: (2)Você não tem sotaque.

Walt: É, eu sei, a gente se muda muito.

[Corta para close em Walt.]

Walt: Ela ficou doente. Ela morreu há uns quinze dias.

[Câmera em Locke (mais próxima) – Aparece por trás Walt – do joelho até o tronco. (4)Locke dá uma ligeira virada no rosto, mas ainda não olha para Walt. Volta a olhar para as peças.]

Locke: (3)Você está tendo um mês ruim.

[Close em Walt.]

Walt: Concordo.

[Walt fica parado, olhando para Locke e se movimenta para ficar de frente para Locke. Corta para Locke (quase close), que olha para Walt quando este fica na sua frente e se senta.]

Locke: (4)Gamão é *o jogo mais antigo do mundo*. [corta para quase close em Walt] Os arqueólogos encontraram tabuleiros [corta para quase close em Locke] quando estavam escavando ruínas na antiga Mesopotâmia. [corta para quase close em Walt] Cinco mil anos de idade. [volta para Locke] É mais velho que Jesus Cristo [volta para Walt]

Walt: Eles tinham dados e essas coisas?

[Locke balança a cabeça afirmando que sim.]

Locke: (5)Mas eles não eram feitos de plástico. Eles eram feitos de ossos.

[Corta para Walt.]

Walt: Maneiro.

[Corta para close em Locke. Abaixa os olhos, para o tabuleiro.]

Locke: (6)Dois jogadores. [corta para o tabuleiro, Locke pega duas peças] Dois lados. [corta para close em Walt, que olha Locke pegando as peças. Depois corta para close maior em Locke] Um é claro. [a mão esquerda de Locke se levanta à altura de seu rosto; ele mostra, para Walt, a peça branca, que está segura entre o polegar e o indicador; ele levanta a mão direita (mesma altura), em que se encontra a peça preta, segura do mesmo jeito]. Outro é escuro. [a câmera fica fixa nessa cena por uns dois segundos; depois, Locke faz um movimento de fechar as duas mãos, e as abaixa, com um meio sorriso. Corta para close em Walt. Volta para close em Locke.]

Locke: Walt... [ele aproxima seu rosto de Walt, enquanto a câmera aumenta o close] (7)você quer saber um segredo? [close grande em Walt, olhando sério para Locke]

Análise da construção referencial

- As descrições 1 e 2 confirmam que Locke se mantém isolado dos demais.
- A construção 1 informa que o isolamento de Locke não o impede de dialogar com os outros.
- As expressões “um jogo melhor que damas” e “o jogo mais antigo do mundo” e as construções 4, 5 e 6 informam que Locke aprecia o jogo de gamão.
- A descrição 3 e a construção 2 confirmam que Locke é observador.
- As descrições 3 e 4 e as construções 1 e 2 informam que Locke se interessa com o que está a sua volta.
- **Movimento não linear:** o interesse de Locke pelo fenômeno estranho da ilha e pelo que Kate fazia (no episódio 1) mostra que, embora procure se manter isolado, ele não está alheio ao que o circunda.
- As construções 2 e 7 confirmam que ele Locke é solidário.
- A construção 7 informa que Locke tem um segredo.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: isolado.
- Mudança por confirmação: observador.
- Mudança por confirmação: solidário.
- Mudança por acréscimo: disposto a dialogar com os outros.
- Mudança por acréscimo: apreciador do jogo de gamão.
- Mudança por acréscimo: interessado pelo que o circunda.
- Mudança por acréscimo: tem um segredo.

EPISÓDIO 3**Trecho 1**

[Praia. Sayid explica ao grupo de sobreviventes que não conseguiu enviar um sinal de resgate e lidera a organização de grupos para realizar tarefas essenciais. (1)Enquanto Sayid fala, mostra um quase close em Locke, prestando atenção.]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 confirma que Locke é observador e se interessa pelo que acontece na ilha.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: observador.
- Mudança por confirmação: interessado pelo que o circunda.

Trecho 2

[(1)Charley está com uma cadeira de rodas (assento e encosto azuis). Ele ajuda Claire com uma mala de viagens; coloca a mala na cadeira para ela não ter que carregar.]

Charley: Bem, olhe pelo lado bom. (1)Quem quer que seja o dono disso, está provavelmente melhor que nós.

Análise da construção referencial

- A descrição 1 informa que um dos passageiros do avião era paralítico.
- A construção 1 informa que o dono da cadeira de rodas não está na ilha.

Etapa(s) da construção referencial

A cena não informa nada específico sobre Locke, no momento, mas será recategorizada posteriormente.

Trecho 3

[(1)Charley carrega uma quantidade de bagagem na cadeira de rodas, para levar a um certo local, enquanto conversa com Claire. A cadeira de rodas azul aparece algumas vezes na cena.]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 confirma que um dos passageiros do avião era paralítico.

Etapa(s) da construção referencial

A cena não informa nada específico sobre Locke, no momento, mas será recategorizada posteriormente.

Trecho 4

[Praia. Walt está embaixo de uma coberta (protegendo-se da chuva), brincando com uma peça de plástico. Michael está amarrando a coberta. Plano aberto.]

Michael: (1)E quem é **aquele cara com quem você estava**?

Walt: Que **cara**?

Michael: Você sabe, **aquele cara careca** [levanta-se, para ajeitar a tenda em cima]

Walt: Ah, **o senhor Locke**? [passa a olhar para Michael]

Michael: **senhor Locke**. [dirige-se para debaixo da coberta e se senta, câmera nele] (2)**O senhor Locke tem filhos?**

Walt: [câmera nele, olhando para a peça de plástico com que brincava] (3)**Ele não disse**. [Corta para Michael]

Michael: É? (4)**E o que ele disse?** [Corta para Walt]

Walt: [dando de ombros, ainda olhando para seu brinquedo] Eu não sei. [Corta para Michael]

Michael: [olhar inquisidor] Como assim você não sabe? [balançando as mãos] (5)**O que ele disse?**

[Corta para Walt (quase close)]

Walt: [ainda olhando para as peças] (6)**Uma parte disso é segredo** [levanta ligeiramente o olhar para o pai]

[Corta para Michael (quase close)]

Michael: **Ele** mandou você não me contar? [tom ligeiramente ofendido] [Corta para Walt (quase close)]

Walt [ainda olhando para o brinquedo, levanta o olhar]: **Não**. [balança a cabeça] [Corta para Michael (quase close)]

Michael: Então, qual é o **segredo**? [Corta para Walt (quase close)]

Walt: [está olhando para Michael, fica um tempo calado, depois baixa o olhar e baixa um pouco a cabeça] (7)**O senhor Locke disse que** [levanta a cabeça, para olhar novamente para o Michael] **um milagre aconteceu aqui**.

[Corta para Michael, quase close, olhando para Walt. Baixa a cabeça, vira um pouco o rosto para olhar a chuva, depois volta a cabeça, olha ligeiramente para Walt.]

Michael: É, bem um milagre aconteceu [olha para Walt] com todos nós, [baixa a cabeça novamente] Walt. [olha novamente para Walt] Nós sobrevivemos ao desastre do avião.

[Corta para Walt (quase close), que encara Michael com um olhar entre sério e raivoso. Ele baixa novamente o olhar para encarar seu brinquedo. Corta para Michael (quase close)]

Michael: Olhe, (8)eu não quero que você fique mais com ele [balança a cabeça em negação]

[Corta para Walt (quase close)]

Walt: [levanta a cabeça para olhar para Michael] Por que não? Ele é meu amigo [(1)expressão facial ligeiramente raivosa]

[Corta para Michael (close), encarando Walt por um momento. Corta para um plano mais aberto]

Michael: Ei, [se aproxima para sentar mais perto de Walt] eu também sou seu amigo.

[Corta para Walt (quase close, olhando para Michael)]

Walt: Se você fosse meu amigo, encontraria o Vincent.

[Corta para Michael (close)]

Michael: [baixa a cabeça] Walt... [passa um tempo calado] Olhe, [volta o olhar para Walt] eu não desisti do seu cachorro. Vou fazer tudo o que eu puder para encontrá-lo.

[Corta para Walt (close), olhando para Michael]

Walt: Não vai, não.

[Corta para Michael (close)]

Michael: É, Walt, eu vou.

[Corta para Walt (close)]

Walt: Você não se importa com o Vincent.

[Corta para Michael (close mais próximo)]

Michael: Eu vou trazer seu cachorro de volta assim que parar de chover [corta para Walt (close), que balança a cabeça como quem não acredita no que o pai disse] Me escute, eu vou trazer seu cachorro de volta.

[Corta para Walt (plano mais aberto), que encara Michael com raiva. Ao mesmo tempo, o barulho de chuva para. Corta para plano maior, dos dois juntos. Michael faz um cara de quem se vê numa enrascada.

Análise da construção referencial

- As construções 1, 2, 3, 4 e 5 informam que as características de Locke são pouco conhecidas.
- **Movimento não linear:** contrastando com outros personagens, conclui-se que o telespectador sabe muito pouco sobre Locke, pois ele falou muito pouco (apenas uma vez) e não interagiu com ninguém além de uma criança.
- A expressão “o senhor Locke” informa o sobrenome do personagem.
- A construção 6 confirma que Locke tem um segredo.
- A construção 7 informa que o segredo de Locke está relacionado a um milagre.
- A construção 8 informa que Locke é pouco confiável.
- O adjetivo “amigo” e a descrição 1 informam que Locke conquistou a amizade de Walt.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: tem um segredo.

- Mudança por acréscimo: pouco definido quanto as suas características e motivação.
- Mudança por acréscimo: seu sobrenome é Locke.
- Mudança por acréscimo: seu segredo está relacionado a um milagre.
- Mudança por acréscimo: pouco confiável, para Michael.
- Mudança por acréscimo: conquistou a amizade de Walt.

Trecho 5

[Praia. Plano aberto. (1)Locke, sozinho, sentado numa peça do avião (transformada em banco), (2)olhando para um pequeno pedaço de madeira em suas mãos. Também está com uma lâmina. Charley vem por trás, olhando para a barraca em que o homem moribundo está gritando de dor. (3)Locke examina o pedaço de madeira na altura dos olhos enquanto Charley se aproxima e vai sentar ao lado de Locke. Enquanto faz o movimento para sentar, (4)Locke olha para ele, como quem acha estranha essa aproximação. Quando Charley senta, Locke coça a careca. Charley olha curioso para o pedaço de madeira na mão de Locke.]

Charley: O que você está fazendo?

Locke: [(5)mexendo no pedaço de madeira com a lâmina] *Um apito.*

Charley: Hun. [se acomoda melhor no banco enquanto Locke ainda trabalha no apito] Eu usei umas flautas tribais uma vez, numa gravação. [para de falar um pouco, enquanto (6)Locke ainda trabalha no apito]. Eu tenho uma banda.

[(7)Locke parece não dar muita atenção ao que Charley diz, e (8)continua trabalhando no apito.]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 confirma que Locke se isola dos demais sobreviventes.
- As descrições 2, 3, 5, 6 e 8 e a expressão “Um apito” informam que Locke é habilidoso com as mãos.
- As descrições 4 e 7 informam que Locke se sente desconfortável com a presença de Charley.
- **Movimento não linear:** Locke se dispôs a conversar com Walt, mas não mostrou a mesma disposição para conversar com Charley. Isso informa que sua disposição para interagir depende de quem seja o interlocutor.
- A descrição 7 informa que Locke não se interessa pela vida de Charley.
- **Movimento não linear:** Locke prestou atenção na história de Walt e se solidarizou com o garoto. A mesma disposição não é percebida aqui. Isso informa que o interesse de Locke pela vida dos outros sobreviventes depende de quem seja o interlocutor.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: isola-se dos demais sobreviventes.
- Mudança por acréscimo: habilidoso com as mãos.
- Mudança por correção: se dispõe a dialogar com outros sobreviventes a depender de quem seja o interlocutor.
- Mudança por correção: interessa-se pela vida dos outros a depender de quem seja seu interlocutor.

Trecho 6

[Praia. Imagem das ondas batendo na areia. Câmera vai se abaixando para mostrar (1)Locke, sozinho, sentado na areia, apito na mão; (2)ele leva o apito à boca e dá um sopro. Tira o apito da boca, enquanto a câmera vai girando para mostrar o início da floresta que Locke vê a sua frente. Corta para plano aberto, Locke de frente, levando o apito à boca e soprando-o mais uma vez. Ele tira o apito da boca e olha para a floresta mais uma vez. Faz um

movimento de inclinação da cabeça, como quem observa algo de diferente no mato a sua frente. Corta para o mato (câmera em movimento). Corta para Locke (quase close), que leva o apito à boca e o assopra. Durante o sopro, ouve-se um latido. Corta para o mato, vemos um cachorro saindo de lá e vindo em direção à areia. Ele se deita.]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 confirma que Locke se isola dos demais.
- A descrição 2 informa que Locke pretende encontrar o cachorro perdido de Walt.
- **Movimento não linear:** a partir dessa cena, entendemos por que Locke estava construindo um apito.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: isola-se dos demais sobreviventes.
- Mudança por acréscimo: construiu o apito para encontrar o cachorro de Walt.
- Mudança por acréscimo: encontrou o cachorro de Walt.

Trecho 7 [logo após o anterior]

[Praia. Plano aberto. Luz do sol. Destroços do avião e algumas pessoas deitadas ou sentadas. Locke caminha da esquerda para a direita (câmera em movimento). Michael e Walt estão dormindo embaixo com um dos destroços como proteção. Locke se aproxima. Corta para Locke se ajoelhando ao lado de Michael. Locke pega no peito de Michael para acordá-lo. Corta para foco em Michael, acordando sobressaltado e olhando para Locke.]

Locke: [leva o dedo indicador à boca] Shh... [corta para foco em Locke, olhando para Michael deitado. Locke sussurra] (1) **Eu achei o cachorro do seu filho.**

[Corta para foco em Michael]

Michael: O quê?

Locke: Vincent? [corta para foco em Locke] Eu o amarrei numa árvore bem ali. [corta para close em Michael, que vira a cabeça na direção em que Locke apontou, cara de surpreso. Corta para close em Locke] **Eu sei que Walt perdeu sua mãe. (2) Eu achei que você deveria ser a pessoa que deveria trazer o cachorro de volta para ele.**

[Plano aberto. Locke vai se levantando e aponta mais uma vez para o local. Câmera em Michael, ainda deitado]

Michael: [olhando para Locke, que já está de pé e de costas para ele] Ei, (3) **obrigado.**

Locke: [virando-se para falar com Michael] (4) **De nada.**

[A câmera se movimenta para onde está Michael, que começa a se levantar.]

[(1) **Em toda a cena, a fisionomia de Locke apresenta-se bem amigável.**]

Análise da construção referencial

- A construção 1 confirma que Locke encontrou o cachorro de Walt.
- As construções 2 e 4 e a descrição 1 confirmam que Locke é solidário.
- A construção 3 informa que Locke pode ser uma pessoa confiável.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: encontrou o cachorro de Walt.
- Mudança por confirmação: solidário.
- Mudança por correção: alguém talvez confiável, para Michael.

Trecho 8

[Em uma conversa entre Jack e Kate, ele fala]:

Jack: Não importa, Kate, quem éramos, o que fazíamos antes do desastre. Não mesmo. Há três dias, todos nós morremos. (1)Todos nós devemos começar de novo.

Análise da construção referencial

- A construção 1 informa que os sobreviventes passaram a ser novas pessoas em decorrência do acidente de avião.

Etapa(s) da construção referencial

A cena não informa nada específico sobre Locke, no momento, mas será recategorizada posteriormente.

Trecho 9

Após a fala de Jack, música suave para mostrar os personagens da série em seus momentos de renascimento. Como último enfoque, vemos Walt sozinho quando Michael chega com o cachorro. Walt corre em direção a eles, alegre. Os dois (Michael e Walt) se cumprimentam em cumplicidade. Corta para plano aberto. Vemos a cabeça e o ombro esquerdo de Locke (de costas), observando a cena. Enquanto a câmera vai rodando vagarosamente para vermos Locke de frente (close bem próximo), a música suave vai acabando e dando lugar a uma música instrumental de suspense. Vemos Locke de perfil e depois o vemos bem de frente. (1)Semblante bastante sério e misterioso. O episódio acaba com essa cena.

Análise da construção referencial

- A descrição 1 informa que Locke é um homem misterioso.
- **Movimento não linear:** as poucas informações sobre Locke ajudam a perceber essa aura de mistério em torno do personagem.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por acréscimo: misterioso.

EPISÓDIO 4

Trecho 1

[Flashback. Grande close num olho fechado (acho que o direito), acima e abaixo, marcas de sangue. O olho abre (cor verde) e vemos o movimento da “pupila” para os lados; corta para uma visão de (1)Locke deitado, o pé direito em destaque na frente, mão direita sobre a barriga. Roupas: meia preta, calça bege, cinto preto, blusa de pano branca com listras azuis. Ele levanta a cabeça; corta para imagem da turbina do avião (plano aberto), ainda funcionando depois do acidente; vemos a praia, Charley está por trás da turbina. (2)Corta para imagem de Locke deitado, visto de cima, pernas um pouco afastadas uma da outra, braços um pouco afastados do tronco. A câmera se mexe um pouco. Corta para Sharon chorando desesperada (uma pessoa correndo atrás). Corta para grande close em Locke, que, ainda deitado, olha para a parte inferior do seu corpo, mexendo um pouco a cabeça. Corta para Jin, gritando para o lado. Volta para Locke, visto a partir do pé, cabeça ainda levantada. (3)Ele dá uma leve mexida no pé direito, e isso chama sua atenção; a câmera se aproxima do pé e focaliza essa parte do corpo (atrás fica embaçado). (4)Ele mexe novamente o pé. Corta para plano mais aberto. Locke continua na mesma posição (a câmera ainda focaliza o pé na frente);

vemos um par de pernas correndo na frente de Locke. Depois que essa pessoa passa, (5)Locke continua olhando para seu pé. A câmera se movimenta para a esquerda (enquanto isso, vemos, atrás da cabeça de Locke, alguns destroços, e pessoas correndo em desespero), destacando um sapato preto ao lado de Locke. (6)Locke começa a se levantar, apoia o cotovelo na areia e movimenta o tronco na direção do sapato. Com a mão esquerda, pega o sapato e volta o corpo à posição de eixo, na mesma hora em que fica sentado; olha para baixo. Ele movimenta um pouco a perna esquerda. Corta para close em Locke, olhando para cima e ao redor.

Momento atual. Corta para outro close em (7)Locke, sozinho, à noite, olhar fixo para frente, (8)fitando o nada. Ouvem-se uns latidos, e (9)Locke vira a cabeça nessa direção. Corta para plano aberto, muitos destroços, algumas pessoas deitadas dormindo. Locke ainda está com o rosto virado para o lado de onde ouviu o latido. Está sentado, joelhos na altura do tronco, braços sobre os joelhos. A câmera se movimenta para mostrar onde está o cachorro – Vincent. Michael e Walt estão abaixo de um destroço do avião. Michael está deitado e Walt está sentado, com o cachorro a sua frente.

Vincent late bastante e tenta sair de onde está, mas Walt (e depois Michael) o seguram. Boone e Shannon, que estão dormindo perto, se acordam. Michael pede desculpas. De repente, ouve-se um barulho diferente, de coisas caindo. Sun e Jin acordam. A câmera vai se movimentando, para mostrar que outras pessoas também acordam com o barulho (Sayid, Claire e Hurley). Ouve-se um barulho de uma fera. Corta para Charley, olhando em direção ao barulho. A câmera se movimenta para mostrar outros se acordando, inclusive Kate. Por trás, Jack vem correndo. Todos param, a uma certa distância. Corta para mostrar a peça maior do avião (uma grande parte da nave), com uma grande abertura. Charley está sentado bem de frente para ela. Escuta-se um barulho de coisas caindo (dentro da nave).

Corta para o grupo]

Kate: O que é isso?

Claire: Alguém está lá dentro.

Sayid: Todos que estão lá dentro estão mortos.

Jack: Sawyer.

Sawyer: Bem atrás de você, babaca.

[Jack pega uma lanterna do bolso da camisa e vai em direção à nave. Sawyer vai atrás (também com uma lanterna). Kate vem depois e Charley se levanta para acompanhar o grupo; durante essa movimentação, o barulho de coisas caindo continua. Corta para abertura da nave, ainda o barulho. Os quatro se aproximam da abertura, e ouvimos um rugido baixo. Quando estão na entrada, Jack ilumina o interior da nave com uma lanterna, e aparece uma forma de animal, como um grande cachorro. Sawyer ilumina com sua lanterna mais forte, e o animal se vira (na penumbra, vemos como se fosse um grande babuíno)].

Jack: [gritando] Corram! Saiam daqui.

[Os quatro correm em desespero e todos os que estão na praia começam a se movimentar também, bastante assustados. Vemos os animais rapidamente; eles também correm. São maiores que porcos. São três no total, e correm em direção à floresta.]

Sayid: Foram embora.

Sun diz alguma coisa em coreano.

Charley: O que diabo foi isso?

[Locke aparece na frente da câmera]

Locke: *Javalis*. [(10)Dá um meio sorriso com a boca, e seu olhar brilha]

[(11)Durante o corre-corre por conta dos javalis, Locke não aparece]

Análise da construção referencial

- As descrições 1, 2, 3, 4, 5 e 6, que mostram os primeiros momentos de Locke após o acidente, confirmam que ele foi um dos sobreviventes.

- A descrição 7 confirma que Locke se isola dos demais sobreviventes.
- A descrição 8 confirma que Locke é contemplativo.
- A descrição 9 confirma que Locke se interessa pelo que o cerca.
- A expressão “Javalis” e a descrição 10 informam que Locke está empolgado com a existência de javalis na ilha.
- **Movimento não linear:** essa empolgação de Locke contribui para confirmar a aura de mistério em torno do personagem.
- A descrição 11 informa que Locke não se amedrontou com o possível ataque dos animais.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: um dos sobreviventes da ilha.
- Mudança por confirmação: isola-se dos demais sobreviventes.
- Mudança por confirmação: contemplativo.
- Mudança por confirmação: interessado pelo que acontece na ilha.
- Mudança por confirmação: misterioso.
- Mudança por acréscimo: empolgado com a existência de javalis na ilha.
- Mudança por acréscimo: não se amedronta pelo mesmo motivo que os demais sobreviventes.

Trecho 2

[Entrada da floresta, luz do sol. Plano aberto. Michael vem caminhando em direção à praia, com dois pedaços de madeira, um em cada mão.]

Walt: [off] Pegue a bola. Pegue a bola, Vincent. Bom garoto. [corta para praia, plano aberto. (1)Locke está sentado em frente a uma mala prateada (ou de prata). Ele a abre e fica olhando o que tem dentro. Boa, Vincent.

[Corta para (2)Michael (andando), que está olhando para Locke; Michael joga os pedaços de madeira no chão (abaixa o olhar enquanto faz isso). Ele volta para entrar na floresta de novo (a câmera o acompanha). Por trás, aparece um homem carregando duas madeiras. Walt aparece no campo visual, agachado. Ele também está olhando na direção de Locke. Ele levanta e vemos que está segurando Vincent por uma corda presa à coleira, na mão direita; na mão esquerda, uma bola de tênis. Walt se dirige à praia, Michael vê o movimento, volta o corpo e para.

Michael: Ei, ei, [Walt para se vira na direção de Michael; Michael chega mais perto de Walt] aonde você vai, cara?

[Corta para Walt (plano aberto, cintura pra cima, braço de Michael à esquerda)]

Walt: Lugar nenhum. (1)Eu só pensei em ir ver [vira a cabeça na direção da praia e volta para olhar para Michael] o que o senhor Locke está fazendo.

[Corta para plano frontal em Michael, plano aberto. (3)Ele olha na direção de Locke. (4)Corta para Locke, ajoelhado de frente para a mala, mexendo em alguma coisa. Ele está começando a fechar a mala quando corta para (5)Michael (quase close), ainda olhando para Locke. Ele passa a olhar para Walt]

Michael: Então, por que você não ajuda seu pai com a madeira? (2)Eu tenho certeza que o senhor Locke não quer um garoto ao redor dele o dia todo, de qualquer forma.

[Corta para Walt (tórax pra cima), olhando para Michael.

Walt: [(6)semblante sério]: (3)Pelo menos ele fala comigo. [Corta para Michael (quase close), olhando para Walt. A câmera mostra Walt se afastando na direção da praia, enquanto Michael fica olhando] Vamos, Vincent.

[Ainda com a câmera em Michael, escuta-se uma voz em off]

Análise da construção referencial

- As descrições 1 e 4 informam que Locke procura algo em uma mala.
- As descrições 2, 3 e 5 e a construção 2 confirmam que Locke pode não ser alguém confiável.
- As construções 1 e 3 e a descrição 6 confirmam que Locke tem a amizade de Walt.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: pouco confiável, para Michael.
- Mudança por confirmação: tem a amizade de Walt.
- Mudança por acréscimo: procura algo em uma mala.

Trecho 3 [imediatamente depois do anterior]

Hurley [off]: Qual o seu problema? [Corta para outra cena. Foco numa mochila; duas pessoas estão brigando; vemos apenas as pernas dos dois e uma delas tira a mochila das mãos da outra pessoa.]

Sawyer: Que tal não?

[A câmera sobe e vemos que Hurley e Sawyer são as pessoas que brigam pela mochila]

Hurley: [tentando pegar a mochila das mãos de Sawyer] Há outras pessoas aqui [Sawyer protege-se com o braço esquerdo] e você não tá nem aí.

[Quando Sawyer tenta ficar de costas para Hurley, a câmera corta para mostrar o lado inverso, plano mais aberto. Pessoas mais afastadas veem a briga e se aproximam. Hurley agarra Sawyer pelas costas]

Sawyer: [tentando se desvencilhar] É? Se um de nós não comesse mais que sua parte!

Hurley: Ah, isso é mentira e você sabe. [Sawyer se solta]

Sawyer: Corta essa.

Boone [em off]: Pessoal, parem com isso!

[Hurley se aproxima de Sawyer para tentar pegar a bolsa mais uma vez. Sawyer se protege com braço. Corta para outro ângulo – close em Sawyer, Hurley ainda está o puxando; pessoas atrás veem a briga]

Hurley: Você só fica feliz quando está ferrando com os outros.

Sawyer: Gracinha!

[A câmera se movimenta para focalizar Boone]

Boone: Pessoal, parem com isso.

[A câmera volta para Sawyer e Hurley]

Sawyer: [olhando para Boone] Fica fora disso, bonito.

[Corta para Sayid e Jack se aproximando da briga.]

Jack: Ei! [Jack afasta os dois, Sayid se aproxima de Hurley. Corta para plano mais aberto, Kate se aproximando da briga. Corta para Sayid e Jack no centro, Hurley à esquerda] O que está acontecendo?

[Corta para Hurley]

Hurley: O Jettho ali [aponta para Sawyer] está comendo os últimos amendoins.

[Corta para Sawyer (close de perfil direito)]

Sawyer: Minhas próprias coisas. Eu encontrei lá dentro [aponta para a fuselagem da nave]

[Corta para plano aberto, Sawyer, Jack e Sayid no foco. A câmera se move para a esquerda, focalizando Jack e Sayid. Os dois olham para Hurley]

Jack: E o resto da comida?

[Corta para close em Hurley]

Hurley: Não tem mais resto da comida, cara. Nós tipo... comemos tudo.

[Corta para close em Shannon]

Shannon: [surpresa] O quê?

[Corta para close em Jack (Kate está atrás). Corta para Michael, olhando para Sawyer. (escutam-se murmúrios das pessoas). Corta para plano mais aberto, com algumas pessoas murmurando. Corta para close em Sayid, observando a cena (Kate está atrás). Corta para close em Jack (Kate atrás)]

Jack: Ok, pessoal, se acalmem.

[Corta para plano mais aberto (Hurley, Sayid e Jack). Sayid se movimenta em direção a um grupo maior (a câmera se movimenta junto)]

Sayid: Nós podemos encontrar comida. [ele para na frente de algumas pessoas] Há muitas coisas nessa ilha que podemos usar para nos nutrir.

Sawyer: [em off] E como é exatamente [corta para Sawyer, sentando-se numa das poltronas do avião que estão como destroços – a poltrona está pregada a outra poltrona vazia] que vamos encontrar essa nutrição?

[Escuta-se um barulho de algo sendo lançado de forma rápida. (1)Uma faca atinge a poltrona vazia ao lado de Sawyer. Corta para close em Sawyer, a faca a sua frente, ele a olhando. Corta para plano aberto, a câmera se movimenta de Sawyer para (2)Jack e Kate, que se viram para olhar de onde a faca veio. (3)Corta para close em Michael, que também se vira na mesma direção. Corta para plano aberto. (4)Locke bem no meio. (5)Boone está à esquerda, de costas para a câmera, olhando para Locke.]

Locke: (1)Nós caçamos.

[Volta para close em (6)Sawyer, que desvia o olhar da faca para olhar para Locke. Corta para plano aberto. Sawyer sentado, Jack e Kate próximos a Sawyer, Locke de costas (apenas parte do tórax direito, o ombro e parte da cabeça). Jack se aproxima da faca para tirá-la da poltrona. Enquanto isso, Kate fala]

Kate: Como **você** conseguiu levar aquela faca no avião?

[Corta para plano aberto, Locke no centro]

Locke: (2)Na bagagem de mão.

[Corta para plano aberto, foco em Jack, Locke de costas. Jack se aproxima de Locke para entregar-lhe a faca]

Jack: Ou (3)**você** tem uma pontaria muito boa ou... [olhando para a poltrona] uma pontaria [entrega a faca a Locke, que a recebe] muito ruim, **senhor**...

Michael [em off]: **Locke** [Jack vira o rosto da direção de Michael. Corta para close em Michael – (7)olhar sério] O nome dele é **Locke**. [(8)tom desafiador]

[Corta para close em Jack, voltando a olhar para Locke (Sawyer atrás, desfocado).

Jack: Ok, **senhor Locke**, e o que nós vamos caçar?

Corta para Locke (coxa para cima), câmera se aproximando dele.

Locke: (4)Nós sabemos que há javalis selvagens na ilha. [câmera continua se aproximando] (5)Razorback, pela aparência deles. [câmera continua se aproximando] (6)Os que vieram ao acampamento na última noite são filhotes, uns 50 ou 60 quilos cada. [câmera continua se aproximando] (7)O que significa que tem uma mãe por perto. [câmera continua se aproximando] (8)Uma ratazana com mais de 100 kg, [(9)corta para close em Boone, Sayid atrás desfocado, câmera se movimenta para mostrar Sayid em foco, Boone na frente desfocado, e Hurley um

pouco atrás, também desfocado] com presas de sabre e péssimo humor, [(10)corta para quase close em Jack, câmera se movimenta para mostrar Kate] que adoraria nada mais que eviscerar qualquer coisa que chegue perto dela. [corta para Locke, close] (9)O modo de ataque usual dos javalis é cercar e atacar por trás, então **eu** acho que é necessário pelo menos três de nós para distraí-la o tempo suficiente para eu pegar um dos filhotes, agarrá-lo [(11)enquanto fala, Locke pisca o olho direito (como se tivesse um tique), duas ou três vezes] e cortar sua garganta.

[Corta para plano fechado, Jack e Sawyer (um pouco atrás de Jack)]

Sawyer: E você vai devolver [Jack se vira na direção de Sawyer] a faca **dele**?

[Corta para close em Jack, olhando para Sawyer]

Jack: Bem, se você tiver uma ideia melhor...

[Corta para Sawyer, plano fechado, Jack um pouco à frente, desfocado]

Sawyer: Melhor do que três de vocês [corta para Kate] entrando na floresta mágica [volta para Sawyer, Jack na frente desfocado] para enfrentar um presunto com nada mais que *uma faquinha de caça*? Caraca, não. É a melhor ideia que eu já ouvi.

[Corta para Jack (close de perfil). Corta para plano fechado em Locke (Jack um pouco à frente, desfocado; atrás, uma grande peça do avião). Locke se movimenta para trás e abaixa a cabeça, olhando para baixo. Ele movimenta a perna direita. A câmera se movimenta para mostrar que seu pé direito está mexendo numa mala. (12)Corta para close na mala, o pé de Locke a abrindo. Dentro há um conjunto de seis facas “estilizadas” Corta para plano fechado em (13)Jack, que muda o olhar da mala para Locke, olhando-o admirado. Corta para quase close em Locke, que volta o rosto para as pessoas. (14)Corta para close em Michael, boquiaberto. (15)Corta para plano fechado em Sawyer, olhando as facas. (16)Corta para plano fechado em Hurley (Sayid à frente, desfocado, ambos olhando para as facas)]

Hurley: (10)Quem é **esse cara**? [Em off, ouve-se um barulho de telefone tocando]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 e a construção 3 informam que Locke é habilidoso com facas.
- A descrição 1 e as construções 3, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 informam que Locke é um caçador competente.
- As descrições 1 e 4 e as construções 1, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 informam que Locke é bastante confiante em relação a seus conhecimentos e habilidades.
- As descrições 2, 3, 5, 6, 9, 10, 13, 14, 15 e 16 e a construção 10 confirmam que Locke é misterioso.
- As descrições 2, 3, 5, 6, 9, 10, 13, 14, 15 e 16 e a construção 10 informam que Locke causa espanto/admiração nos demais sobreviventes.
- As descrições 4 e 12, as construções 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8 e 9 e a expressão “uma faquinha de caça” informam que Locke é um caçador.
- **Movimento não linear:** explica-se por que fica empolgado ao saber que há javalis na ilha.
- As construções 1 e 9 informam que Locke é corajoso/destemido.
- As descrições 7 e 8 confirmam que Locke é pouco confiável.
- A descrição 11 informa que Locke está parcialmente inseguro enquanto fala com os demais.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: misterioso.
- Mudança por confirmação: pouco confiável, para Michael.
- Mudança por acréscimo: habilidoso com facas.

- Modificação por acréscimo: caçador competente.
- Modificação por acréscimo: confiante em relação a seus conhecimentos e habilidades.
- Mudança por acréscimo: desperta espanto/admiração nos demais sobreviventes.
- Mudança por acréscimo: caçador.
- Mudança por acréscimo: corajoso/destemido.
- Mudança por acréscimo: parcialmente inseguro enquanto fala com o grupo.

Trecho 4

[Flashback. Grande close em Locke (atrás dele, desfocado, vemos algumas pastas de arquivos). Ele atende ao telefone]

Locke: Sim?

Voz ao telefone: (1) **Coronel Locke**, essa linha é segura?

[Locke tira o fone do ouvido e (1)olha primeiro para sua esquerda, depois para sua direita]

Locke: (2)Linha segura. GL-12, prossiga.

Voz ao telefone: (3)A área do alvo foi obtida. Manobras confirmadas para as treze cem horas. Repetindo, sinal verde.

Locke: (4)Câmbio. Nos encontraremos no local de sempre às treze cem horas.

Randy [em off]: **Locke**, [(2)Locke toma um ligeiro susto e olha de soslaio para o lado de onde vem o chamado] eu **te** disse, [corta para plano aberto, vemos (3)uma grande sala, provavelmente de uma empresa, com divisórias em PVC; além de Locke, alguns outros funcionários estão em seus “compartimentos”. Locke está sentado, uma mesa a sua frente, com um monitor de computador. A cor das paredes, das colunas e das divisórias é branca. A pessoa que estava falando com Locke se aproxima dele; enquanto ele vem chegando, (4)Locke põe o telefone no gancho] (5)a gente precisa dos relatórios TPS prontos ao meio dia de hoje. [corta para plano fechado na pessoa que fala; vemos uma parte de Locke de costas, metade do tórax pra cima; apenas o ombro esquerdo e a parte esquerda da cabeça] (6)Nem doze e meia, nem doze e quinze. [corta para Locke] Meio dia.

Locke: (7)Eu lhe ouvi da primeira vez, [(5)balança a cabeça mais de uma vez, afirmativamente] Randy.

[Volta para o mesmo plano fechado em Randy]

Randy: (8)É nada de chamadas pessoais durante o expediente, **coronel**.

[Corta para grande close em Locke. (6)Ao ouvir Randy chamá-lo de coronel, ele desvia o olhar rapidamente para Randy, como se tivesse sido pego de surpresa, um pouco raivoso. Volta para plano fechado em (7)Randy, um pequeno sorriso de escárnio no rosto. Ele sai (bem cheio de si). Corta para plano mais aberto, Randy continua saindo. Corta para plano fechado em (8)Locke, que tem em sua mesa de trabalho um monitor de computador (plasma) e uma máquina registradora. (9)Ele digita alguns números na máquina registradora (10)enquanto olha na direção em que Randy foi (olhar sério). Corta para grande close em Locke (barulho de máquina registradora), (11)ele desvia o olhar da máquina para cima, como se ainda estivesse a olhar para onde Randy foi]

Análise da construção referencial

- A expressão “Coronel Locke” informa que Locke é um coronel.
- As construções 1, 2 3 e 4 e a descrição 1 informam que Locke está no meio de uma operação.
- As descrições 2 e 4 e a construção 8 informam que Locke usa o horário de serviço para tratar de assuntos pessoais.

- As descrições 2, 4, 5, 6, 10 e 11 e a construção 7 informam que Locke não tem coragem de confrontar seu superior.
- As descrições 3, 8 e 9 e as construções 5 e 8 informam que Locke é um funcionário subalterno num escritório comercial.
- **Movimento não linear:** a ligação de Locke, ao tratar de uma fictícia operação de batalha, informa o interesse do personagem por assuntos que envolvam o combate e a guerra. Isso coaduna com seu interesse pelo jogo de gamão e com seu espírito de caçador.
- As construções 6 e 8, a expressão “coronel” (em (8), usada ironicamente) e a descrição 7 informam que Locke tem um superior que gosta de humilhá-lo.
- A construção 7 e as descrições 6, 10 e 11 informam que Locke desaprova as intromissões indevidas de Randy.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por acréscimo: coronel.
- Mudança por acréscimo: encontra-se no meio de uma operação.
- Mudança por acréscimo: usa o horário de serviço para tratar de assuntos pessoais.
- Mudança por acréscimo: medo de confrontar seu superior.
- Mudança por correção: funcionário subalterno num escritório comercial.
- Mudança por acréscimo: interessado pelo universo do combate, da guerra.
- Mudança por acréscimo: tem um superior que gosta de humilhá-lo.
- Mudança por acréscimo: desaprova as intromissões indevidas de Randy.

Trecho 5

[Praia, luz do sol. Plano fechado, focalizando o abdome e a pélvis de uma mulher segurando uma faca. Enquanto a mulher coloca a faca na algibeira, a câmera sobe e vemos que é Kate. Jack vem chegando para falar com ela]

Jack: Então, você caça javalis agora, hein?

[Corta para plano aberto, os dois começam a caminhar na direção da câmera, que caminha junto com eles]

Kate: Quem disse que essa é a minha primeira vez na caça a javalis?

Jack: Me diz uma coisa. Por que sempre que tem uma excursão ao coração da selva, você se inscreve? [Kate faz uma cara de surpresa] Você sabe o que tem lá.

Kate: Na verdade eu não sei. [corta para foco em Jack, parando e jogando alguma coisa no chão] E nem você. [ele olha para Kate]

Jack: (1)Qual sua sensação sobre o nosso novo amigo?

[A câmera se movimenta para mostrar Kate, que desvia o olhar para observar Locke]

Kate: (2)Ele parece saber o que está fazendo.

[Corta para plano aberto em Locke, coxa para cima, colocando uma faca na sua algibeira, a mala a sua frente. Corta para foco em Jack]

Jack: (3)Pode me chamar de paranoico, mas qualquer um que viaja com uma mala cheia de facas...

[Corta para foco em Kate, sorriso no rosto]

Kate: Eu não te conheço muito bem, mas eu diria que você está preocupado comigo, Jack.

[Corta para foco em Jack]

Jack: Eu também não te conheço muito bem, mas eu diria que você tem problemas de ficar num só lugar por muito tempo, ok?

[Corta para close em Kate, que faz uma cara séria]

Análise da construção referencial

- As construções 1 e 3 e as expressões “o nosso novo amigo” e “qualquer um que viaja com a mala cheia de facas” confirmam que Locke é considerado pouco confiável/misterioso.
- A construção 2 confirma que Locke é um caçador competente.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: pouco confiável.
- Mudança por confirmação: misterioso.
- Mudança por confirmação: caçador competente.

Trecho 6

[Na praia, Michael tenta se comunicar com Sun, para que ela cuide de Walt enquanto ele participa da caçada. Sun concorda]

[Plano fechado em Walt]

Walt: Eu não preciso de uma babá.

[Corta para plano fechado em Michael]

Michael: Qualé, cara? Vincent precisa de você aqui. [ele começa a se movimentar, afastando-se dos dois. Ele se vira para os dois] E (1)isso me dará a chance de conhecer seu amigo, o senhor Locke, um pouco melhor.

[Michael se afasta ainda mais e Sun e Walt ficam sós]

Análise da construção referencial

- A construção 1 confirma que Locke é um homem misterioso.
- A expressão “amigo” confirma que Locke é amigo de Walt.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: misterioso.
- Mudança por confirmação: amigo de Walt.

Trecho 7

[Plano bem fechado. (1)Vemos a parte do corpo de um homem. Ele está com uma faca, removendo a terra, plantas ao redor. A câmera se movimenta para vermos Locke acororado. Ele tira a faca da terra e a observa. Atrás, vemos parte do corpo de Kate e de Michael. A câmera continua se movimentando. Locke sai da cena, foco em Kate e Michael, plano fechado]

Kate: Encontrou alguma coisa?

[Locke se levanta, e volta a aparecer no campo visual, em destaque, na frente]

Locke: (1)A terra aqui foi remexida. (2)É assim que os javalis conseguem a maior parte da sua comida. (3)Eles cavam. [(2)ele não olha para Kate e Michael, continua olhando para o local onde estava a faca] (4)Depois eles normalmente rolam no chão [ele se movimenta para ficar bem perto de uma árvore, a câmera o acompanha em seu movimento] e se esfregam nas árvores [ele encosta na árvore, a câmera volta a se movimentar para focalizar Kate e Michael], marcando-as com suas presas.

Michael: Ok. Então, o que tudo isso significa?

[Corta para plano fechado em Locke, olhando para Kate e Michael]

Locke: (5)Significa que estamos perto.

[(3)Locke se vira para continuar caminhando. Corta para Kate e Michael. Kate começa a caminhar na direção em que Locke foi, Michael vem depois]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 e as construções 1, 2, 3, 4 e 5 confirmam que Locke é um caçador competente.
- As construções 1, 2, 3 e 4 e a descrição 3 informam que Locke é o líder do grupo de caça ao javali.
- As descrições 2 e 3 confirmam que Locke só se interessa pelas reações dos sobreviventes a depender de quem sejam seus interlocutores.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: caçador competente.
- Mudança por confirmação: interessa-se pela vida dos outros a depender de quem seja seu interlocutor.
- Mudança por acréscimo: líder do grupo de caça ao javali.

Trecho 8

[Praia, luz do sol. Os sobreviventes estão juntando madeira para, à noite, fazer fogueira para queimar os cadáveres. Alguém se aproxima do lugar com uma cadeira de rodas e joga pedaços de madeira. A cena passa a focalizar Boone chegando para falar com Jack]

Análise da construção referencial

- A presença da cadeira de rodas confirma que um dos passageiros do avião era paraplégico.

Etapa(s) da construção referencial

- A cena não informa nada específico sobre Locke, no momento, mas será recategorizada posteriormente.

Trecho 9

[Plano fechado, Locke Kate e Michael caminhando na floresta. Eles se aproximam um pouco da câmera, o plano vai se fechando enquanto Kate e Michael conversam. (1)Locke fica olhando para os lados]

Kate: Como está o seu filho? Como ele está lidando com tudo isso?

Michael: Muito melhor do que eu.

Kate: Você deve estar orgulhoso. Ele é um garoto corajoso.

Michael: É, [Locke sai do campo visual] mas eu não posso levar os créditos por isso. Eu não fazia parte da vida dele até a mãe morrer, [corta para foco em (2)Locke, olhando para os lados] duas semanas atrás. [(3)Locke muda ligeiramente o olhar, como quem prestou atenção no que Michael acabou de dizer].

Kate: Eu sinto muito, [corta para Kate e Michael] eu, eu não sabia.

Michael: Não, tudo bem. Eles estavam morando em Sidney nos últimos dois anos. [corta para quase close em (4)Locke, que voltou a olhar para o lado, ouve-se, ainda baixo, um rugido. Locke passa a prestar mais atenção] Eu voei até lá na semana passada, para pegá-lo. [corta para quase close em Michael] E você, o que fazia na Austrália? [corta para quase close em Kate. Kate vai começar a falar, ouve-se mais um rugido – baixo. (5)Corta para quase close em Locke, que para de repente]

Locke: (1)Shh!

[Corta para foco em Kate, a sua frente vemos (6)o braço de Locke estendido, indicando que todos devem parar naquele momento. Corta para quase close em Michael, já parado, olhando meio assustado para Locke. O rugido aumenta. (7)Corta para Locke, ainda parado, olhando na direção de onde vem o rugido. Ele começa a andar vagarosamente, ainda

olhando na direção do rugido. Corta para Kate e Michael, caminhando atrás de Locke. Corta para plano fechado em um tronco de árvore com marcas. (8)Vemos o braço de Locke, com uma faca, se aproximar e tocar na árvore. Ele faz um movimento na faca, como se analisasse as marcas deixadas. Corta para mostrar Locke, acocorado perto da árvore. Ele desvia o olhar da árvore para Kate e Michael e aponta com o dedo, para mostrar aonde o javali foi. Corta para Kate e Michael, que começam a caminhar. Corta para plano aberto, os três de costas para a câmera, andando, (9)Locke na frente, depois Kate, depois Michael. Corta para plano frontal de Locke. Corta para mostrar o que eles veem: uma espécie de vala, muita planta ao redor. Volta para foco em (10)Locke, que olha atentamente para a vala. Volta para a vala. Corta para Kate, que olha o local apreensiva. Volta para a vala. A câmera se movimenta. Corta para Michael, também olhando o local. Corta para foco em Locke e Kate. (11)Locke olha para Kate e Michael e faz sinal para que os dois peguem suas facas. Corta para plano aberto, Kate e Michael fazem movimentos de preparação. Corta para plano fechado, Kate pega sua faca e Michael ajeita uma pochete na cintura. Corta para foco em Locke e Kate. Ele toca no ombro dela com o indicador, e ela passa a prestar atenção nele. (12)Com a mão direita, sem falar, ele explica para Kate a direção aonde ela deve ir. Depois ele faz gestos para explicar a Michael aonde ele deve ir e o que deve fazer. Corta para Michael]

Michael: [falando bem baixo] Ei, pare de nos dar sinais de beisebol.

[Corta para (13)Locke, que está fazendo um novo sinal a Michael quando se ouve um feroz rugido. Locke olha na direção do rugido. Corta para plano fechado; a câmera mostra o “olhar” do javali: ele vê muita grama e, mais à frente, um vislumbre dos corpos de Kate e Michael. A câmera se movimenta rapidamente, como se o javali estivesse indo na direção dos dois. Corta para plano fechado em (14)Locke, que vê o javali se aproximando e joga seu corpo em cima de Kate para tirá-la da rota do animal. Corta para plano aberto, em que vemos, rapidamente, uma parte do javali, passando rente a Kate e Locke. Corta para visão do javali, olhando Michael logo a sua frente. Michael dá passos para trás. Corta para foco em Michael, se afastando ligeiramente para o lado quando o javali ataca. Corta para Michael caindo no chão, dando um grito de dor. Corta para Kate e Locke deitados na grama, Kate se levantando. Volta para Michael, gritando ainda mais e se contorcendo. Volta para plano fechado em Kate, pegando na cabeça. Ela olha para o lado. (15)Corta para Locke deitado, olhos fechados, aparecendo da cintura para cima. Volta para Kate (mas vemos Locke, ainda deitado, da barriga pra baixo, com sua faca na mão esquerda). Kate se levanta para se aproximar de Michael.

Kate: Oh, Deus. Michael.

[Corta para plano fechado no joelho de Michael (sob a calça); vemos uma mancha de sangue na calça, da qual a mão de Kate se aproxima. Michael dá um novo gemido de dor, enquanto a câmera se movimenta para mostrar seu rosto. (16)Corta para Locke deitado, abrindo os olhos, respiração ofegante. Ele levanta sua cabeça. Corta para plano em que vemos Locke deitado, pé direito na frente. Locke está olhando para esse pé]

Michael: [em off] Oh, Deus.

[Locke vira a cabeça na direção de Michael e Kate. Corta para Michael, gemendo de dor. Volta para grande close em Locke, ainda olhando na direção dos colegas.

Kate: [em off] Está feio.

[Locke volta o olhar para seu pé. Escuta-se uma voz em off]

GL-12: Mova-se. [Locke abaixa cabeça, olhar perdido] Você tem que se mover, coronel.

Corta para próxima cena.

Análise da construção referencial

- As descrições 1 e 2 confirmam que Locke só se interessa pela vida dos outros a depender de quem sejam os interlocutores.
- A descrição 3 informa que o desinteresse de Locke a respeito da vida dos outros pode ser apenas aparente; isso confirma que ele é observador em relação ao que o cerca.
- As descrições 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13 e 14 e a construção 1 confirmam que Locke é um caçador competente.
- A construção 1 e as descrições 9, 11 e 12 confirmam que Locke é o líder da caça ao javali.
- As descrições 15 e 16 informam que Locke ficou abalado com a queda ao desviar-se do ataque do javali.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: interessa-se pela vida dos outros a depender de quem seja o interlocutor.
- Mudança por confirmação: observador em relação ao que o cerca.
- Mudança por confirmação: caçador competente.
- Mudança por confirmação: líder da caça ao javali.
- Mudança por acréscimo: abalado com a queda que levou para se desviar do ataque do javali.
- Mudança por correção: mais interessado na vida e reação dos outros do que se supunha inicialmente.

Trecho 10

[Flashback. (1)Plano fechado em um tabuleiro com soldados de plástico. Três dados.]

GL-12: [em off] (1)Suas tropas cruzaram as linhas inimigas.

[Corta para Locke, sentado em frente à mesa onde se encontra o tabuleiro, cotovelos sobre a mesa, queixo apoiado sobre as mãos]

Locke: (2)Paciência, [passa a olhar para alguém que está a sua frente] a qualidade que lhe falta [aponta o indicador esquerdo para a pessoa a sua frente], GL-12, [corta para mostrar GL-12, provavelmente, um colega de trabalho, sentado no outro lado da mesa, olhando para Locke] é a [corta para plano aberto. (2)Locke e GL-12 estão numa copa; por trás vemos Randy chegar, com papéis na mão, e se dirigir a uma máquina eletrônica com produtos comestíveis] marca do líder.

Randy [(3)tom de deboche]: (3)Marca, né? [Randy coloca uma moeda na máquina, ouve-se um barulho e Randy se abaixa para pegar algo. Corta para GL-12, dando uma grande mordida em um grande sanduíche. Corta para plano fechado em Locke, olhando para o tabuleiro. Randy chega e se senta numa cadeira ao lado de Locke] (4)Me conta mais sobre ser um líder, Locke. E aproveitando, [Randy abre o pacote que está em suas mãos – uma barra de cereal. Corta para plano fechado, perfil esquerdo de Locke, ainda olhando para o tabuleiro, sem querer encarar Randy] (5)me conta sobre essa coisa de coronel. [volta para foco em Randy] Eu olhei os seus arquivos nos recursos humanos. [(4)tom de crítica] (6)Você nunca esteve em nenhuma das forças armadas.

[Volta para perfil esquerdo de Locke]

Locke: (7)Eu só estou jogando um jogo, Randy. [Locke volta a cabeça para o lado de Randy, (5)mas ainda não o encara] (8)É... é (9)minha hora de almoço. (10)Eu posso jogar. [Locke pega um copo para beber algo]

[Corta para foco em Randy. Mais próximo da câmera, desfocado, vemos o perfil direito de Locke]

Randy: É. [Ele dá uma ligeira olhada nos papéis que tem na mão] Me diz, o que é uma "andança"? [(6)ainda o tom de deboche] [corta para close em (7)Locke, que se vira

abruptamente para olhar para Randy, olhar surpreso] (11) “Experimente a jornada de sonhos [corta para foco em Randy, lendo o papel que tem nas mãos; (8)ainda vemos o perfil de Locke, só que agora ele está olhando para Randy] da *lendária Austrália*”.

[Ao terminar de ler, (9)Randy lança um olhar sarcástico para Locke. Corta para foco em (10)Locke, que tira rapidamente os papéis da mão de Randy]

Locke: (12)Você não tem o direito de pegar isso na minha mesa.

[Corta para foco em Randy]

Randy: (13)Então **você**... fica andando por lá [faz movimentos com a mão, como se quisesse indicar um caminhar errático], **caçando e arrumando comida, certo?** (14)A pé?

[Corta para quase close em Locke]

Locke: [(11)fala para Randy, sem olhar para ele] Não é algo para você entender, mas uma andança... é (15)*uma jornada de renovação espiritual*, quando **nós** tiramos força da terra e **nos** tornamos inseparáveis dela. [corta para quase close em Randy, (12)olhar de deboche] (16)Eu tenho uns dias de férias. (17)Estou indo, [corta para quase close em (13)Locke, que agora olha para Randy] Randy. (18)Já fiz as reservas.

[Corta para quase close em GL-12]

GL-12: (19)Uau, **John, você** vai mesmo, hein? [corta para quase close em Locke, que faz um ligeiro movimento de confirmação com a cabeça e volta a olhar para o tabuleiro] **Você** já falou com *a Helen*? [(14)Ao ouvir o nome de Helen, Locke volta a olhar para GL-12, encarando-o seriamente]

[Corta para foco em Randy, olhando na direção de GL-12. Vemos à frente o perfil direito de Locke, também olhando para GL-12]

Randy: [(15)dando uma risadinha debochada e olhando para Locke] Helen? O que é isso, **Locke**? (20)**Você** de fato tem uma mulher na **sua vida**.

[Corta para foco em Locke, perfil esquerdo, plano fechado; Randy de costas para a câmera, aparecendo apenas parte da cabeça e o ombro direito]

Locke: (21)Isso não é da sua conta.

Randy: Qual é a sua, **Locke**? [corta para foco em Randy, perfil direito de Locke à frente, desfocado] (22)Por que **você** se tortura? [(16)Locke põe as mãos na cabeça] Imaginando [corta para quase close em (17)Locke, ainda com as mãos na cabeça, aparentando impaciência] que **você** é... tipo... **um caçador**. E *andanças*? (23)Acorda. [volta para foco em Randy, que, enquanto fala, vai aproximando seu rosto do rosto de Locke] (24)**Você** não pode fazer nada disso.

[Randy se levanta. Corta para foco em Locke, ainda com as mãos na cabeça. Randy vai pegar um copo de água]

Locke: *Norman Croucher*.

[Randy se vira para olhar para Locke]

Randy: O quê? Norman o quê?

Locke: *Norman Croucher. Norman Croucher*. [Locke tira as mãos da cabeça e as põe sobre a mesa] (25)Amputado duplamente. Sem pernas. [atrás, Randy balança a cabeça em confirmação, [(18)como sinal de ironia] (26)Escalou até o topo do Monte Everest. [Randy se aproxima de Locke novamente, ainda em pé] Por quê? Era seu destino.

Randy: É isso o que **você** acha que tem, **velho**? [pequeno bufo de deboche] [corta para Randy, em pé, olhando para Locke, sentado; vemos apenas a careca dele] *Um destino*? [(19)Randy balança a cabeça em desaprovação e sai]

[Corta para quase close em Locke]

Locke: (27)Só... [olhando de soslaio para aonde Randy se dirigiu] (28)não me diga o que não posso fazer. [(20)pouco de raiva na voz ao final dessa frase]

Kate: [em off] John... ele está ferido.

Análise da construção referencial

- A expressão “coronel”, em off na cena anterior, abre essa cena. Essa expressão, a descrição 1 e as construções 1, 2 e 7 confirmam que Locke se interessa pelo universo dos combates, das batalhas.
- A construção 2 informa que Locke valoriza a paciência.
- **Movimento não linear:** as cenas mostradas nos episódios 1, 2 e 3 mostram que Locke foi paciente.
- A construção 2 informa que Locke gosta de ser líder.
- As construções 3 e 4 confirmam que, no passado, Locke não tinha perfil de líder.
- **Movimento não linear:** o papel de líder que Locke passa a assumir na ilha é redimensionado, porque, para ele, é a primeira vez em que isso acontece de fato.
- A descrição 2 e as construções 9, 10 e 16 confirmam que Locke é funcionário de um escritório.
- As descrições 3, 4, 6, 9, 12, 15, 18 e 19, as construções 3, 5, 6, 11, 13, 14, 20, 22, 23, 24 e a expressão “velho” confirmam que Locke tem um superior que gosta de humilhá-lo.
- As descrições 5, 7, 8, 10, 11, 16, 17 e 20 e as construções 8, 10, 27 e 28 confirmam que Locke tem medo de confrontar seu superior.
- As expressões “uma andança” e “uma jornada de renovação espiritual” e as construções 11 e 15 informam que Locke se interessa por aventuras em ambientes selvagens.
- **Movimento não linear:** o interesse de Locke por aventuras radicais se coaduna a seu papel de caçador competente e líder destemido.
- As expressões “uma andança” e “uma jornada de renovação espiritual” e as construções 11, 15, 17 e 18 informam o motivo por que Locke estava no avião.
- As construções 7, 10, 12, 21 e 28 e as descrições 7, 8, 10, 14, 16 e 17 confirmam que Locke desaprova as intromissões indevidas de Randy.
- **Movimento não linear:** apesar de insatisfeito, Locke não consegue confrontar o superior
- As construções 13, 14, 22, 23 e 24 e as expressões “um caçador”, “andanças” e “velho” informam que Locke é considerado, por Randy, um incapaz.
- As construções 17, 25 e 26, a descrição 13 e a expressão “Norman Croucher” informam que Locke tem necessidade de dar satisfações a Randy para mostrar sua superioridade.
- A construção 19 informa que Locke é admirado por seu colega GL-12.
- A expressão “John” informa o primeiro nome do personagem.
- A expressão “A Helen” e a construção 20 informam que Locke tem um relacionamento com uma mulher.
- A expressão “um destino” informa que Locke acredita que tem uma missão importante a cumprir.
- **Movimento não linear:** a vida de Locke a partir do momento em que ele está na ilha mostra que ele tem uma missão importante a cumprir.
- A construção 28 informa que Locke não aceita que o impeçam de exercer sua autonomia.
- **Movimento não linear:** o contraste entre as cenas de flashback e as cenas da ilha informa que Locke é um homem bem diferente numa e noutra situação.
- **Movimento não linear:** a satisfação de Locke por estar na ilha decorre de ele assumir o papel de líder e de caçador, algo que sempre desejou.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: se interessa pelo universo das batalhas, dos combates.
- Mudança por confirmação: funcionário subalterno.
- Mudança por confirmação: humilhado pelo superior.
- Mudança por confirmação: medo de confrontar seu superior.
- Mudança por confirmação: desaprova as intromissões de Randy.
- Mudança por acréscimo: valoriza a paciência.
- Mudança por acréscimo: gosta de ser líder.
- Mudança por acréscimo: perfil de líder não reconhecido por seu superior.
- Mudança por acréscimo: o papel de líder de fato é uma novidade.
- Mudança por acréscimo: interesse por aventuras selvagens.
- Mudança por acréscimo: estava no avião porque retornava de uma viagem à Austrália.
- Mudança por acréscimo: considerado por seu superior como um incapaz.
- Mudança por acréscimo: necessidade de mostrar indícios de sua superioridade a Randy.
- Mudança por acréscimo: admirado por seu colega de trabalho.
- Mudança por acréscimo: seu primeiro nome é John.
- Mudança por acréscimo: tem um relacionamento com uma mulher.
- Mudança por acréscimo: acredita, antes do acidente, que está destinado a realizar uma importante missão.
- Mudança por acréscimo: realiza seu destino na ilha.
- Mudança por acréscimo: não admite que interfiram em sua autonomia.
- Mudança por acréscimo: feliz na ilha porque passou a ser caçador e líder.
- Mudança por correção: uma pessoa diferente depois que chegou à ilha – de funcionário medíocre a caçador; de subalterno a líder; de medroso a corajoso; de fraco a forte.

Trecho 11

[Corta para floresta, close em (1)Locke, ainda deitado]

Kate: (1)Locke? Pode me ouvir? Locke. [corta para plano fechado, Kate e Michael ainda na grama, ela acorçada, ele deitado tentando se levantar; aparece, na frente, o corpo de Locke da cintura para baixo] (2)John, você está bem? [corta para close em (2)Locke, ainda deitado, olhar como quem acaba de sair de um transe. Ele levanta a cabeça. Corta para vermos o ângulo do pé direito de Locke; (3)ele olha para o pé; enquanto começa a mexer as pernas, ouve-se um gemido de dor de Michael] Locke?

Locke: (3)Estou bem [(4)voz falha], estou bem. (4)Eu estou bem, Helen. [começa a se mexer para se levantar] (5)Só perdi as forças por um instante, só isso.

[Corta para foco em Kate e Michael. Kate está mexendo no ombro de Michael]

Kate: [virando o rosto para olhar para Locke] Helen?

[Corta para foco em Michael, cara de dor; Kate ainda está mexendo no ombro dele]

Michael: Deus!

[Corta para foco em (5)Locke, colocando o tronco ereto. À frente, desfocada, Kate mexe faz algum movimento sobre Michael]

Locke: O quê?

Kate: (6)Você me chamou de Helen.

[Corta para foco em Kate. Vemos o ombro de Michael. Ela rasga um pedaço da blusa dele, na altura do braço. Michael geme de dor. Corta para foco em (6)Locke, sentado]

Locke: Foi? [corta para plano fechado. As mãos de Kate fazem um torniquete na perna de Michael. Volta para foco em Locke, parte do rosto de Kate à frente, desfocado. (7)Locke respira ofegante; ele começa a se levantar] (7)Pra que lado aquele javali foi?

[Corta para foco em Kate e Michael]

Kate: Uhn Uhn. [Kate vira o olhar para Locke] Michael está ferido. Nós temos que [a câmera se movimenta para mostrar Michael gritando de dor] levá-lo de volta ao acampamento.

[Volta para foco em Locke, parte do rosto de Kate à frente, desfocado]

Locke: É, você o leva de volta ao acampamento. (8)Eu vou pegar aquele javali. [(8)Locke fica completamente em pé]

[Corta para foco em Kate e Michael, olhando surpresos para Locke]

Kate: O que **você** tá dizendo?

[Corta para foco em Locke, andando, (9)olhar procurando algo ao redor. Ele para de repente, faz um movimento como que vai voltar, (10)mas continua]

Locke: (9)Eu estou bem. Eu posso fazer isso.

[Corta para foco em Kate]

Kate: [quase gritando] **John**, (10)você não pode.

[Corta para Locke, andando com ar decidido]

Locke: (11)Não **me** diga o que **eu** não posso fazer.

Análise da construção referencial

- As descrições 1, 2, 3 e 4 e as construções 1, 2, 4, 5 e 6 confirmam que Locke ficou abalado com a queda sofrida para desviar-se do ataque do javali.
- A expressão “Helen” e a construção 6 informam que Locke tem fortes sentimentos por Helen.
- As construções 3, 4 e 5 e as descrições 5, 6 e 7 informam que Locke não teve a recuperação imediata que pretendeu aparentar.
- As construções 7 e 8 e 9 e as descrições 9 e 10 informam que, mesmo após o acidente, Locke ainda pretende caçar o javali.
- As construções 8 e 9 confirmam que Locke é confiante em suas habilidades.
- As descrições 8, 9 e 10 informam que Locke se recupera-se da queda.
- As construções 10 e 11 confirmam que Locke não admite que o impeçam de exercer sua autonomia.
- **Movimento não linear:** na ilha, a não aceitação de limites a sua autonomia é expressa de forma mais veemente que a vista na cena de flashback.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: abalado em decorrência da queda que sofreu.
- Mudança por confirmação: confia em suas habilidades.
- Mudança por confirmação: não admite que interfiram em sua autonomia.
- Mudança por acréscimo: tem fortes sentimentos por Helen.
- Mudança por acréscimo: não se recuperou tão rapidamente como pensou ou quis aparentar.
- Mudança por acréscimo: pretende continuar a caça ao javali mesmo após o acidente.
- Mudança por acréscimo: recupera-se da queda.
- Mudança por acréscimo: mais enfático em não aceitar interferências em sua autonomia.

Trecho 12

[Luz do sol. Vemos uma imagem de morros altos. A câmera vai baixando para mostrar a floresta e chega em (1)Locke, andando com a faca na mão, olhando para um lado e outro, a câmera se aproximando, tornando menor a parte de seu corpo que é visualizada. Escutamos sua própria voz em off]

Locke: (1)Eu nunca tinha **me** sentido tão **vivo**.

[Corta para cena de flashback. Plano fechado. Locke aparece do abdome para cima, perfil esquerdo, com um telefone no ouvido direito. Parece que está sentado numa cama, as costas encostadas no espaldar. Ao seu lado, uma mesa com um abajur ligado]

Locke: [(2)empolgado] (2)Conseguir finalmente calar o Randy foi... transformador. Isso mesmo. [corta para plano aberto. Locke está num quarto, com muitos móveis ao redor. Ele está numa cama de solteiro, pernas estendidas, costas no espaldar; enquanto fala ao telefone, ele gesticula os braços] Agora (3)eu estou livre para fazer todas aquelas coisas que eu sempre quis fazer, [corta para plano menos fechado que o anterior, perfil esquerdo – vemos o corpo todo de Locke na cama, ainda gesticula os braços] coisas que eu sei que fui destinado a fazer, como nós conversamos, Helen.

Voz de Helen [ao telefone]: (4)É maravilhoso, John. [Locke se move para desligar um aparelho na mesa de cabeceira] (5)Eu estou feliz por você, de verdade.

Locke: Eu ainda nem lhe contei a melhor parte. [corta para plano frontal de Locke, ainda o corpo todo] Você se lembra [ele pega um papel, que estava entre suas pernas] da andança aborígene autêntica?

Voz de Helen: Claro. (6)Isso foi tudo o que você conversou por semanas.

Locke: É, pois eu vou fazer isso. (7)Eu estou voando para a Austrália no final da semana. E eu... [ele olha para o papel e o abre – vemos que são dois papeis, na verdade. Corta para o plano inicial da cena – fechado, Locke da cintura para cima, perfil esquerdo] (8)eu comprei duas passagens. [pausa de alguns segundos, como se Locke estivesse esperando Helen falar, meio sorriso no rosto] Helen?

Voz de Helen: John, (9)nós conversamos sobre isso.

Locke: É, eu sei.

Voz de Helen: (10)Eu gosto de você, e eu gostei de conversar com você nos últimos meses.

[Corta para quase close frontal de Locke]

Locke: Oito meses.

Voz de Helen: (11)Não é permitido eu me encontrar com clientes. [(3)Locke faz um olhar de espanto/decepção]

Locke: Um cliente? É... [(4)Ele passa a mão na cabeça] é... é (12)isso o que sou pra você?

Voz de Helen: (13)Isso não é mesmo normal. Quer dizer, isso não é o que faço. Eu não... talvez você devesse procurar, sei lá, um terapeuta.

Locke: (14)Eu tenho uma terapeuta.

Helen: John...

[Corta para quase close em perfil esquerdo, Locke tira a mão da cabeça]

Locke: [nervoso] Eh, eu pensei que você entenderia, Helen. Você, (15)você me conhece melhor que ninguém.

[Corta para close frontal de Locke]

Voz de Helen: John, (16)se a gente continuar a conversar, eu vou ter que cobrar por mais uma hora. (17)São mais \$ 88,95. Nós podemos...

[Corta para close em perfil frontal esquerdo de Locke]

Locke: [(5)mais nervoso] Olhe, eu não me importo com o dinheiro. Eu só...

Voz de Helen: (18)Eu sinto muito, John. Eu tenho que ir.

Locke: Hel, Helen. [(6)gritando] Helen! [corta para close frontal de Locke] Helen! Hel...

[Ouve-se o barulho de ligação telefônica finalizada. (7)Locke põe o telefone no gancho com raiva, passa a mão na cabeça. Corta para plano fechado frontal. (8)Locke bate o telefone no gancho com raiva duas vezes]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 confirma que Locke é um caçador.
- A descrição 1 confirma que Locke continua à procura do javali.
- As construções 1 e 2, o adjetivo “vivo” e a descrição 2 informam que Locke está bastante satisfeito por ter confrontado seu superior.
- A expressão “coisas que eu sei que fui destinado a fazer” confirma que John acredita ter uma missão importante.
- As construções 4, 5 e 10 informam que Locke tem um relacionamento com uma mulher que gosta dele.
- As expressões “a andança aborígene autêntica” e “tudo o que você conversou por semanas” confirmam que Locke se interessa por aventuras selvagens.
- A construção 6 informa que Locke conversa muito com Helen.
- A construção 7 confirma o motivo por que Locke estava no avião.
- A construção 8 informa que Locke quer que Helen viaje com ele.
- As construções 9 e 18 informam que Locke tem seu convite rejeitado.
- A expressão “Oito meses” informa a duração do relacionamento de Locke.
- A construção 11 informa que a relação entre Locke e Helen é a de um cliente e uma prestadora de serviços.
- As descrições 3 e 4 e a construção 12 informam que Locke pensava que a relação com Helen era mais pessoal.
- A construção 13 informa que a relação entre os dois é diferente do usual.
- As construções 14, 16 e 17 informam que Locke passa por tratamento psicológico.
- **Movimento não linear:** quando GL-12 pergunta para Locke se ele já falou com Helen sobre sua decisão de participar da andança, ele pode estar querendo saber o que sua terapeuta acha disso.
- A construção 15 informa que Locke confia bastante em Helen.
- As descrições 5, 6, 7 e 8 informam que Locke fica transtornado com o fim do relacionamento com Helen.
- A construção 18 informa que o relacionamento com Helen chega ao fim.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: caçador.
- Mudança por confirmação: continua caçando o javali.
- Mudança por confirmação: acredita ter uma missão importante.
- Mudança por confirmação: interesse por aventuras selvagens.
- Mudança por confirmação: estava no avião porque retornava de uma viagem à Austrália.
- Mudança por acréscimo: satisfeito por ter confrontado seu superior.
- Mudança por acréscimo: relaciona-se com uma mulher que gosta dele.
- Mudança por acréscimo: conversa muito com Helen.
- Mudança por acréscimo: quer que Helen o acompanhe em sua viagem.
- Mudança por acréscimo: convite rejeitado.
- Mudança por acréscimo: oito meses de relacionamento.
- Mudança por acréscimo: bastante confiança em Helen.
- Mudança por acréscimo: transtornado com o fim do relacionamento.
- Mudança por acréscimo: relacionamento terminado.
- Mudança por correção: relaciona-se com uma prestadora de serviços.

- Mudança por acréscimo: considerava ter uma relação mais pessoal com Helen.
- Mudança por acréscimo: participa de uma relação de prestação de serviço diferente do usual.
- Mudança por acréscimo: tratamento psicológico.

Trecho 13

[Kate e Michael estão voltando ao acampamento. Kate apoia Michael, pois ele não tem como andar direito, já que está machucado. Kate para e pede que Michael a espere. Ela vai tentar colocar uma antena numa árvore alta, para amplificar o sinal do transmissor. Kate sobe na árvore e Michael senta na terra, para esperá-la.

Corta para Locke (plano fechado, tórax pra cima), (1)caminhando por entre o mato, passos vagarosos e longos, procurando o javali. Corta para um plano aberto, mostrando a mesma cena.

Corta para Michael sentado, esperando Kate.

Corta para Kate em cima da árvore, instalando a antena. Corta para quase close em Michael, olhando para baixo (vendo sua perna). Ouve-se um barulho estranho, Michael levanta a cabeça assustado; corta para Kate, que se assusta e deixa cair a antena. A antena cai com força ao lado de Michael, que dá um grito. Corta para quase close em Kate, na árvore, bastante assustada.

Corta para a parte da floresta para onde Kate está olhando, de cima da árvore. (2)Ela vê que algo está se movimentando por entre o mato, e fazendo muito barulho. Por onde esse algo passa, ele movimenta as árvores com ferocidade.

Volta para quase close em Kate, muito assustada]

Kate: Locke!

[Corta para uma vista de cima da floresta. A câmera vai descendo; vemos (2)Locke por entre as plantas, caminhando sorrateiramente e olhando para os lados. Ele escuta grunhidos do javali e logo depois ouve passadas como um galope. Ele vai correndo na direção dos sons, (3)mas escuta um barulho diferente e para de repente, olhando para de onde vem esse barulho. A câmera se aproxima de seu rosto. Corta para uma visão por trás. Vemos Locke de costas (do joelho até o tórax), árvores bem altas à sua frente. (4)Uma parte dessas árvores começa a se mexer violentamente, e o barulho estranho aumenta. Corta para plano fechado em (5)Locke, que engole em seco. (6)Ele começa a respirar ofegante, (7)e continua olhando para a direção do barulho e do movimento, parece que esperando o que vai sair dali. Locke caminha para trás. Corta para plano aberto, mostrando o campo visual na perspectiva do “monstro”, que afasta alguns galhos e vê Locke (um tanto abaixo da altura de sua visão). Locke está olhando para cima. Conforme o monstro vai se aproximando, (8)Locke caminha um pouco para trás, mas ainda fitando o monstro. (9)Locke para, e a câmera se aproxima um pouco, como se o monstro estivesse chegando perto. Corta para quase close em (10)Locke, ainda olhando para o que vê em sua frente. A câmera se aproxima para um close grande e (11)Locke parece nervoso, mas, ao mesmo tempo, um quase início de sorriso aparece em sua face]

Análise da construção referencial

- As descrições 1 e 2 confirmam que Locke é um caçador competente.
- A descrição 1 confirma que Locke continua à procura do javali.
- A expressão “Locke” informa que Locke está em perigo em virtude do iminente ataque do “monstro”.
- A descrição 3 informa que Locke percebe algo diferente.
- A descrição 4 informa que Locke reconhece o “monstro” que rondou a praia na primeira noite passada na ilha.

- As descrições 5 e 6 informam que Locke ficou apreensivo com a presença do “monstro”.
- As descrições 7, 8, 9 e 10 informam que Locke decidiu não fugir do “monstro”.
- **Movimento não linear:** a opção por não fugir condiz com o caráter de destemido que Locke passou a assumir na ilha.
- As descrições 7, 8 e 10 informam que Locke visualizou a forma do monstro.
- A descrição 11 informa que Locke apresenta sensações contraditórias em relação ao que vê: nervosismo e um esboço de satisfação.
- O final da cena deixa em aberto o resultado desse encontro.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: caçador competente.
- Mudança por confirmação: continua caçando o javali.
- Mudança por confirmação: destemido.
- Mudança por acréscimo: perigo em decorrência do ataque do possível ataque do “monstro”.
- Mudança por acréscimo: percepção de algo diferente.
- Mudança por acréscimo: reconhecimento do “monstro”.
- Mudança por acréscimo: apreensão com a presença do “monstro”.
- Mudança por acréscimo: não foge do monstro.
- Mudança por acréscimo: visualização da forma do monstro.
- Mudança por acréscimo: nervosismo e satisfação simultâneos em uma situação extremamente perigosa.
- Mudança por acréscimo: situação indefinida.

Trecho 14

[Kate e Michael voltam ao acampamento. Kate apoia Michael. Hurley chega junto para ajudar. Walt vê o pai chegando e corre para falar com ele. Corta para plano aberto, Hurley apoiando Michael, Kate do lado, Walt chegando]

Walt: Pai!

Michael: Ei!

Walt: Sua perna está toda ferrada. [Kate se afasta do grupo] Dói?

[Corta para foco em Michael]

Michael: Tá ok. Não está tão ruim quanto parece.

[Corta para foco em Kate, se afastando. Ela tem um ligeiro diálogo com Sawyer. Corta para Walt]

Walt: Então foi como um luta com javali?

[Corta para Michael e Hurley]

Michael: Não tanto uma luta. Foi mais tipo eu levando uma chifrada.

[Corta para foco em Walt]

Walt: (1)Então, cadê o senhor Locke?

[Corta para foco em Hurley e Michael. (1)Michael olha para Walt, com um semblante preocupado. Corta para Walt, olhando para Michael, esperando uma resposta]

Análise da construção referencial

- A construção 1 e a descrição 1 informam que Locke é considerado morto.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por acréscimo: considerado morto.

Trecho 15

[Plano aberto. Praia. Luz do dia. Algumas pessoas conversando. Boone caminha em direção a Shannon]

Boone: Eu não acho que a caçada tenha ido bem. [Shannon olha para trás, na direção em que Boone vinha vindo] (1) **Aquele cara careca não voltou.**

Shannon: Eles não trouxeram [volta a olhar para Boone] nenhuma comida?

Boone: Você ouviu o que eu acabei de dizer? (2) **Alguém pode ter morrido lá.**

Shannon: Bem, nós todos vamos morrer se alguém não fizer algo.

Análise da construção referencial

- As construções 1 e 2 confirmam que Locke é considerado morto.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: considerado morto.

Trecho 16

[Plano aberto. Jack chega para conversar com Kate. Corta para plano fechado. Ele observa o rosto de Kate, machucado.

Jack: Está tudo bem?

Kate: Essa é a parte em que você diz "Eu te avisei"?

Jack: Não. Não sou de fazer cobranças.

[Jack vai se afastando quando Kate (1) **(semblante sério)** pega em seu braço e ele para. Corta para quase close em Kate]

Kate: (1) **Locke... Locke se foi.** [corta para foco em Jack, semblante sério] (2) **Aquela coisa estava se movendo na direção dele.** [Jack e Kate andam um pouco; eles param] (3) **Não havia tempo.** [os dois ficam calados por um tempo. Kate olha para o lado e pergunta] O que está havendo? [Jack se vira para ver do que ela está falando]

[Corta para plano aberto. Pessoas perto da fuselagem]

Jack: A fuselagem está pronta pra ir. [corta para foco em Jack] Algumas pessoas decidiram... Eu acho que vão dizer algumas palavras junto com o fogo.

[Corta para foco em Kate]

Kate: Isso é bom.

Jack: Lerão nomes, eu acho.

[Corta para foco em Jack. Ele olha para a entrada da floresta e vê um homem de paletó, entrando na floresta. Jack já havia visto esse homem antes, na mesma situação (homem de paletó, na entrada da floresta, Jack vendo de longe), e isso o tinha deixado bastante intrigado]

Kate: Eu só acho que [corta para foco em Kate] eles ainda não estão prontos para ouvir sobre algumas coisas... [corta para foco em Jack, que começa a correr em direção à entrada da floresta. Kate vai atrás] Jack? [corta para plano aberto, entrada da floresta, Jack chegando, Kate atrás] Jack?

[Corta para quase close em Jack, rosto sério, olhando como quem procura algo. Jack caminha mais um pouco para adentrar na floresta. A câmera se movimenta para mostrar uma trilha que faz uma curva por trás de um arbusto. Alguém vem saindo detrás desse arbusto. (2) **É Locke,** que aparece segurando uma corda. Corta para plano fechado em (3) Locke (bastante sangue no rosto, ofegante). Ele olha na direção da entrada da floresta e vê Kate e

Jack. Corta para close em Jack, que ainda parece estar procurando pelo homem de paletó. Ele olha para Locke

Jack: [meio sorriso no rosto, representando a satisfação de ver o colega vivo] **Locke**.

Corta para quase close em Locke. Ele caminha um pouco, a câmera se aproxima de seu rosto. Ouve-se um barulho; Locke deixa cair algo no chão. Corta para close em Jack. A câmera se move para mostrar Kate olhando para baixo. (3)Corta para mostrar o javali no chão, amarrado à corda. Corta para quase close em (4)Locke (ofegante, semblante satisfeito)]

Análise da construção referencial

- A descrição 1 e as construções 1, 2 e 3 confirmam que Locke é considerado morto.
- A descrição 2 informa que Locke está vivo.
- A descrição 2 informa que Locke sobreviveu ao encontro com o “monstro”.
- A descrição 3 informa que Locke conseguiu matar o javali.
- A descrição 3 confirma que Locke é um caçador competente.
- A descrição 4 informa que Locke está satisfeito com o resultado de sua missão.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: considerado morto.
- Mudança por confirmação: caçador competente.
- Mudança por acréscimo: matou o javali.
- Mudança por acréscimo: satisfeito com a conclusão de sua missão.
- Mudança por correção: está vivo.
- Mudança por correção: sobreviveu ao encontro com o monstro.

Trecho 17

[Noite. (1)Locke participa da queima da fuselagem, enquanto Claire lê alguma coisa sobre os finados. Michael está ao lado de Locke. Plano fechado nos dois]

Michael: [sem olhar para Locke] (1)Bom trabalho.

[Locke vira-se para Michael]

Locke: O quê?

Michael: [vira-se para Locke] O javali. [desvia o olhar e volta a olhar para Locke novamente] (2)Bom trabalho, entende? Matá-lo. [volta a olhar para frente] (3)Eu só pensei que devia dizer alguma coisa. [corta para close em Michael] Então aquela coisa, o... monstro, o que for, ela disse que estava indo direto pra onde **você** estava. [corta para close em Locke, olhando para Michael] **Você** viu alguma coisa? Conseguiu dar uma olhada?

[Locke demora uns dois segundos para responder]

Locke: (4)Não.

[Corta para quase close em Michael, olhando para Locke. A câmera se move até chegar em Locke, olhar perdido para frente. Ouve-se o som de início de flashback]

Análise da construção referencial

- As construções 1, 2 e 3 informam que Locke conquistou a confiança de Michael.
- A construção 4 informa que Locke mentiu sobre seu encontro com o “monstro”.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por acréscimo: conquista da confiança de Michael.
- Mudança por acréscimo: mentira quanto ao encontro com o “monstro”.

Trecho 18

[Flashback. Plano fechado. Um homem de aparência forte, rabo de cavalo, está sentado atrás de uma mesa, em um escritório, com alguns quadros coloridos na parede. Ao lado, um armário de ferro com muitas gavetas e umas caixas de papelão]

Instrutor: *As andanças* que organizamos *aqui* não são um passeio no parque. São *caminhadas por desertos, descidas de balsas por águas perigosas...*

[Corta para plano fechado em (1)Locke, sentado de frente para o homem, roupa esportiva. Atrás dele, pelo vidro, vê-se uma rua]

Locke: Olhe, (1)você não tem nenhuma ideia de com **quem** está falando. [enquanto fala, (2)ele gesticula com as mãos] **Eu** estou bem consciente sobre o que isso envolve, acredite. (2)**Eu** provavelmente sei mais que você **nessa matéria**.

[Corta para instrutor, mesmo plano de antes]

Instrutor: Em todo caso, é *um baita desafio até pra alguém no auge da forma física*.

[Corta para plano aberto. (3)Locke e o instrutor estão num escritório, provavelmente, uma agência de turismo. No fundo, temos uma visão mais ampla da rua. Do lado direito, um ônibus de turismo e algumas pessoas nele, bem alegres]

Locke: Olhe, **eu** agendei esse passeio há mais de um mês. Vocês já receberam **meu** dinheiro. [corta para plano fechado em Locke, perfil direito, imagem do ônibus ao fundo] Agora, (3)**eu** exijo um lugar naquele ônibus. [aponta, com a mão esquerda para o ônibus]

[Corta para plano fechado no instrutor, perfil esquerdo]

Instrutor: (4)**Você** se descreveu erroneamente.

[Corta para quase close em Locke]

Locke: **Eu** nunca menti.

[Corta para quase close no instrutor]

Instrutor: *Uma grande omissão, senhor Locke*. (5)**Você** negou-se a nos contar sobre **sua condição física**.

[Corta para quase close em Locke]

Locke: (6)**Minha condição** não é problema. (7)**Eu** vivo com ela há **quatro anos** [corta para plano aberto, Locke e instrutor no escritório, o ônibus atrás] e ela nunca **me impediu** [escuta-se o som de um motor de automóvel sendo ligado] **de fazer nada**.

Instrutor: Infelizmente, é *um problema para nossa companhia de seguro*. [ouve-se uma buzina; corta para plano fechado no instrutor] **Eu não** [o instrutor levanta o braço] **posso** deixar o ônibus esperar mais. Não é justo com os outros...

[Corta para quase close em Locke]

Locke: (8)**Não me fale de** [(4)com raiva] **justiça!** [(5)bate com força na mesa]

[Corta para quase close no instrutor, que olha para Locke com um pouco de raiva. Ele começa a se levantar da cadeira. Corta para plano aberto, o instrutor em pé]

Instrutor: (9)**Vou lhe** colocar [corta para plano fechado no instrutor, em pé, falando bem sério] **num avião de volta para Sydney** por nossa conta. É o melhor que posso fazer.

[Corta para quase close em Locke, ainda sentado]

Locke: [sem olhar para o instrutor] Não, não, (10)**eu** não quero voltar para **Sydney**. [passa a olhar para o instrutor, ainda sentado] Olhe, (11)**eu** venho **me**

preparando para isso por anos. Apenas **me** coloque no ônibus agora. (12) **Eu** posso fazer isso.

[Corta para quase close no instrutor, olhando para Locke, ainda sentado]

Instrutor: (13) **Não, não pode.**

[O instrutor começa a sair da frente de Locke. Corta para quase close em Locke]

Locke: Ei, ei, [corta para plano aberto. (6) **Vemos o instrutor se afastando.** Quando ele sai do campo visual, (7) **vemos Locke em uma cadeira de rodas**] não saia, não se afaste.

[Locke mexe nas rodas da cadeira para ir em direção ao (8) **instrutor, que sai do escritório para a rua**] (14) **Você não sabe com quem** está lidando. [(9) **gritando e apontando com o**

indicador direito na direção do instrutor] (15) **Nunca me diga o que não posso fazer.** (16) **Nunca.** [(10) **Ele mexe de novo nas rodas e se dirige para a outra ponta do**

escritório, onde fica a visão para o ônibus; nessa hora, fica de costas para a câmera] **É o destino.** **É o destino.** [corta para plano fechado frontal; Locke para em frente ao vidro] **É o meu destino.** [corta para plano fechado no (11) **instrutor, cintura para cima, por trás do**

vidro; lança um olhar sério para Locke enquanto se encaminha para entrar no ônibus]

Escuta. [o instrutor desvia o olhar de Locke e fala com um passageiro; dá um tapinha amigável nas costas dele e indica que entre no ônibus] (17) **Eu devia fazer isso,** [(12) **o**

instrutor olha uma última vez para Locke, antes de entrar no ônibus] **droga!** [corta para close em Locke] [(13) **gritando mais**] (18) **Não me diga o que eu não posso fazer.**

(19) **Não me diga o que não posso...** [corta para plano fechado do ônibus se deslocando, passageiros alegres; a câmera se movimenta para mostrar Locke, de costas, Corta para close em (14) **Locke, olhando o ônibus partir**]

Análise da construção referencial

- As expressões “As andanças”, “aqui”, “caminhadas por desertos” e “descidas de barco por águas perigosas” e as descrições 1 e 3 informam que Locke está na Austrália.

- As expressões “As andanças”, “aqui”, “caminhadas por desertos” e “descidas de barco por águas perigosas” e as descrições 1 e 3 informam que Locke está prestes a iniciar sua missão.

- As expressões “caminhadas por desertos”, “descidas de barco por águas perigosas” e “uma baita desafio até pra alguém no auge da forma física” informam que o instrutor coloca ressalvas para Locke participar da andança.

- As construções 1, 2 e 3 e a descrição 2 mostra que Locke se recusa a aceitar os argumentos do instrutor.

- As construções 2, 11 e 12 e a expressão “essa matéria” confirmam o interesse de Locke pelas aventuras selvagens.

- As construções 4 e 5 e as expressões “uma grande omissão”, “condição física” e “condição” informam que Locke tem uma condição física limitante.

- As construções 6 e 7 informam que Locke tem uma vida “normal” apesar de sua limitação física.

- A expressão “quatro anos” informa a duração de tempo por que Locke vive com sua limitação física.

- A expressão “um problema para nossa companhia de seguro” e a construção 13 informam que a limitação física de Locke o impede de participar da andança.

- As construções 8, 10, 11 e 12 e as descrições 4 e 5 informam que Locke não se conforma com a decisão do instrutor.

- A construção 9 informa que Locke estará no avião do acidente porque não permitiram que ele participasse da andança.

- As descrições 6, 8, 11, 12 e 14 informam que Locke não participará da andança.

- As descrições 7 e 10 informam que Locke é paralítico.

- **Movimento não linear:** em todas as cenas de flashback, Locke aparece sentado; isso confirma que ele é paralítico.
- **Movimento não linear:** Locke é considerado incapaz pelo seu superior não apenas porque leva uma vida medíocre, mas porque tem uma limitação física que o impediria de participar da andança e ter um relacionamento amoroso satisfatório.
- **Movimento não linear:** quando GL-12 pergunta se Locke já contou a Helen sobre sua intenção de participar da andança, ele pode querer saber o que sua terapeuta acha de um paralítico ter um objetivo tão difícil de ser atingido.
- **Movimento não linear:** a admiração de Locke pela realização de Norman Croucher também tem um caráter de identificação, já que ambos têm limitações físicas.
- **Movimento não linear:** a satisfação de Locke por estar na ilha decorre de ele ter voltado a andar.
- **Movimento não linear:** o isolamento e o estado contemplativo de Locke e a sua atitude de agradecimento durante a chuva (episódio 1) são decorrentes de ter voltado a andar na ilha.
- **Movimento não linear:** Locke está feliz na ilha porque conquistou sua autonomia plena.
- As construções 14, 15, 16, 17 18 e 19 e as descrições 9, 10 e 13 informam que Locke está bastante insatisfeito por não poder participar da andança.
- As construções 15, 16 e 19 confirmam que Locke não admite interferir em sua autonomia.
- **Movimento não linear:** a não aceitação de limites a sua autonomia é expressa de forma mais enfática que quando dita a Randy (trecho 10), mas ainda é pouco produtiva, já que ele não participará da andança.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: interesse em aventuras selvagens.
- Mudança por confirmação: não admite interferências em sua autonomia.
- Mudança por acréscimo: está na Austrália.
- Mudança por acréscimo: prestes a realizar sua missão.
- Mudança por acréscimo: informado das ressalvas para que participe da andança.
- Mudança por acréscimo: recusa em aceitar os argumentos do instrutor.
- Mudança por acréscimo: condição física limitante.
- Mudança por acréscimo: vida normal apesar da limitação física.
- Mudança por acréscimo: limitação física por quatro anos.
- Mudança por acréscimo: impedido de participar da andança devido à limitação física.
- Modificação por acréscimo: inconformado com a decisão do instrutor de não levá-lo para a andança.
- Modificação por acréscimo: presença no avião do acidente em decorrência da não participação na andança.
- Modificação por acréscimo: não participará da andança
- Modificação por correção: paralítico.
- Mudança por acréscimo: considerado incapaz por seu superior porque é paralítico.
- Mudança por acréscimo: admiração por Norman Croucher decorrente de identificação.
- Mudança por acréscimo: feliz na ilha porque voltou a andar.
- Mudança por acréscimo: isolamento, agradecimento e estado contemplativo decorrentes de ter voltado a andar.
- Mudança por acréscimo: feliz na ilha porque conquistou sua autonomia plena.
- Mudança por acréscimo: grande insatisfação por não poder participar da andança.
- Mudança por acréscimo: não aceitação das interferências em sua autonomia mais enfática, mas pouco produtiva.

Trecho 19 (imediatamente após o trecho anterior - a música de fundo se mantém)

[Flashback na ilha. Os momentos iniciais do desastre, como no início desse episódio. Plano (1)focalizando o pé direito de Locke (meia preta, cor creme na ponta), ele deitado, cabeça levantada olhando para o pé. (1)Mexe o pé para um lado e para o outro; (2)olhar espantado, (3)levanta um pouco o tronco, apoiando-se nos cotovelos. Corta para foco no sapato direito, Locke calçando-o; câmera se movimenta para cima, dando close em Locke, que olha ao redor, (4)cara de admirado, movimento de pessoas na frente e atrás dele. Corta para plano fechado; (5)Locke está sentado e tenta se levantar (intenso movimento de pessoas ao redor, a câmera acompanha esse movimento caótico, não focaliza fixo em Locke). Primeiro (6)Locke gira o corpo para a esquerda e apoia as mãos na terra; (7)depois encosta os dois joelhos no chão, ficando em posição de quatro. (8)Em seguida, levanta o joelho e o braço direitos até encostar o pé direito no chão; se equilibra um pouco e volta a encostar a mão direita no chão. Corta para outro ângulo. A câmera está abaixo de (9)Locke, que aparece curvado, mas já com o pé esquerdo também no chão (os pés, não aparecem, mas sabemos que estão tocando o chão, por conta da posição das pernas); (10)ele tira a mão esquerda do chão com certa dificuldade e começa a ficar completamente ereto, com uma certa dificuldade. Corta para plano fechado (Locke da cintura pra cima), muito movimento ao redor, e (11)Locke esboça um sorriso. Corta para close em (12)Locke, ainda o tímido sorriso no rosto. Ele gira para olhar ao seu redor, a câmera acompanha o movimento. Corta para plano fechado nas pernas de Locke, (13)ele tira a perna direita do chão, ficando apoiado apenas na esquerda. A câmera se movimenta para cima, enquanto ouvimos Jack gritar, chamando por ajuda. Quase close em (14)Locke, que corre para ajudar]

[Corta para momento atual. Close em Locke, rosto sério. Corta para plano aberto. Pessoas na praia escutando Claire, enquanto a fuselagem queima atrás. Volta para close em Locke, que dá um pequeno desvio do olhar. Corta para plano fechado de algo pegando fogo. A câmera se movimenta para o lado, e (15)vemos a cadeira de rodas de Locke próxima ao fogo. Volta para close em (16)Locke, que esboça um sorriso de boca fechada]

Análise da construção referencial

- **Movimento não linear:** as descrições 1, 2 e 4 informam que Locke está espantado por conseguir mexer o pé. Na primeira vez em que essa cena apareceu (trecho 1), a cena foi interpretada apenas como os primeiros momentos de Locke depois da queda do avião. Aqui, mostra-se o verdadeiro efeito: o espanto pelo milagre.
- **Movimento não linear:** o milagre sobre o qual Locke comentou com Walt é a sua possibilidade de voltar a andar.
- **Movimento não linear:** a perda de sentidos sofrida por Locke logo após desviar-se do ataque do javali não foi decorrente apenas da queda, mas, também, do medo de, uma vez que estava novamente caído no chão, perder novamente a capacidade de andar. Confirma isso o mesmo plano de filmagem usado na cena inicial.
- As descrições 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 13 informam que Locke apresentou certa dificuldade para ficar em pé, resultado da falta de prática nos últimos quatro anos.
- As descrições 11 e 12 confirmam a felicidade de Locke na ilha.
- A descrição 14 confirma que Locke é solidário.
- **Movimento não linear:** Locke está feliz porque é capaz (literalmente) de ajudar.
- A descrição 15 informa que a cadeira de rodas utilizada para carregar alguns destroços pertence a Locke.
- **Movimento não linear:** quando Charley diz que o dono da cadeira de rodas provavelmente está melhor que eles (episódio 3), ele está sendo mais verdadeiro do que pensa. Charley diz isso considerando que o usuário da cadeira deve ter morrido no acidente, e por isso está melhor, pois não precisa passar pelas mesmas dificuldades que os sobreviventes. Contudo, a verdade é que o dono da cadeira está na ilha e muito melhor mesmo.

- A descrição 16 confirma que Locke está feliz na ilha.
- **Movimento não linear:** no final do episódio 3, Jack diz que, na ilha, todos devem começar de novo. Na cena, apresentam-se vários personagens em situações que dão certa ideia quanto a seus recomeços. Locke só aparece no final da cena, em close, semblante sério. Aqui, somos informados de que o maior dos recomeços aconteceu com ele.
- **Movimento não linear:** Locke, na ilha, está vivendo tudo o que sempre sonhou: é o grande guerreiro que estava destinado a ser.
- **Movimento não linear:** a permanência na ilha é a oportunidade de fazer uma andança ainda maior que a que lhe foi negada.

Etapa(s) da construção referencial

- Mudança por confirmação: feliz na ilha.
- Mudança por confirmação: solidário.
- Mudança por acréscimo: esclarecido o milagre – possibilidade de andar novamente.
- Mudança por acréscimo: dificuldade em ficar em pé decorrente da limitação física vivida nos últimos quatro anos.
- Mudança por acréscimo: feliz por ser literalmente capaz de ajudar.
- Mudança por acréscimo: é sua a cadeira de rodas presente na ilha.
- Mudança por acréscimo: o usuário da cadeira de rodas está muito melhor agora.
- Mudança por acréscimo: a grande mudança de vida da ilha.
- Mudança por acréscimo: grande guerreiro que estava destinado a ser.
- Mudança por acréscimo: participação numa andança ainda maior que a que lhe foi negada.
- Mudança por correção: sobrevivente do acidente que passou a andar após chegar à ilha.
- Mudança por correção: atordoamento após o ataque do javali decorrente do medo de perder novamente a capacidade de andar.